

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



N. 34 - Vol. 46 Julho/2005

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS

Nº 34 – VOL. 46
Janeiro / Junho – 2005

PROJETO GRÁFICO:

Edenildo Simões

REVISÃO:

Os Autores

ARTE DA CAPA

Edenildo Simões

FOTO DA CAPA:

João Maria Alves

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Edenildo Simões

COORDENAÇÃO GRÁFICA

Willams Laurentino

IMPRESSÃO:

Departamento Estadual de Imprensa - DEI

Catálogo da Publicação na Fonte. Departamento Estadual
de Imprensa - DEI - Editorial "A República"

Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras - Nº 34 (Junho/2005). -.- Natal(RN)

Publicada pela Gráfica do DEI

ISSN 0667-5995

1. Leitura brasileira 2. Poesia 3. Cultura 4. Ensaios 5. Ficção
6. Artigos 7. Periódicos.

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS
PATRONOS E ACADÊMICOS
Situação em abril de 2005

Cadeira	Patrono	1º Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Junior
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antonio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januario Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto (eleito)
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire,
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antônio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira (eleita)
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro

29	Armando Seabra	Esmeralda Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluizio Azevedo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine
34	José da Penha	Alvarar Furtado	
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte (eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes (eleito)
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-Un Rosado
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

DIRETORIA DA ANRL

Presidente

Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente

Paulo Macedo

1º Secretário

Nilson Patriota

2º Secretário

João Batista Pinheiro Cabral

Tesoureiro

Enélio Lima Petrovich

Diretor da Biblioteca

Jurandyr Navarro

Diretor da Revista

Manoel Onofre Jr.

Comissão de Contas

Sanderson Negreiros, Maria Eugênia Montenegro e Paulo de Tarso Correia de Melo

Comissão de Sindicância

Pedro Vicente, Olavo de Medeiros Filho e José de Anchieta Ferreria

SUMÁRIO

A Revolução Pacífica - Diógenes da Cunha Lima	07
À Mesa com Cascudo - Pedro Vicente Costa Sobrinho	11
Natal e Palmares - Juarez Correira	21
Dois Livros - Nilson Patriota	25
Filme: "Em Cada Coração um Pecado" - João Wilson Mendes Melo	33
POESIA	
Quatro Poemas para Cinco Poetas - Marcelo Navarro R. Dantas	39
Um Soneto para Luis Carlos Guimarães - Jarbas Martins	47
Êxtase - Alice Spíndola	48
OSWALDO LAMARTINE DE FARIA, PESQUISADOR EMÉRITO	49

NOVOS ACADÊMICOS

Discurso do acadêmico Armando Negreiros	65
Saudação ao acadêmico Armando Negreiros - Sanderson Negreiros	95
Discurso do acadêmico Cláudio Emerenciano	102
Saudação ao acadêmico Cláudio Emerenciano - Valério Mesquita	120

Discurso do acadêmico	
Ernani Rosado	132
Saudação ao acadêmico	
Ernani Rosado - Cláudio Emerenciano	180
Discurso do acadêmico	
Iaperi Araújo	188
Saudação ao acadêmico	
Iaperi Araújo - Armando Negreiros	208
Discurso do acadêmico	
Con. José Mário de Medeiros.....	225
Saudação ao acadêmico Con. José Mário	
de Medeiros – Jurandyr Navarro.....	254
Discurso do acadêmico	
Lenine Pinto	263
Saudação ao acadêmico	
Lenine Pinto - Nilson Patriota	278
Discurso do acadêmico	
Paulo de Tarso Correia de Melo	294
Saudação ao acadêmico	
Paulo de Tarso - Manoel Onofre Jr.	328
Discurso do acadêmico	
Pedro Vicente Costa Sobrinho	339
Saudação ao Acadêmico	
Pedro Vicente - Manoel Onofre Jr.	361

GALERIA ACADÊMICA

Gilberto Avelino - Jurandyr Navarro	369
Palavras de Agradecimento - Gilda Avelino	373
José Melquíades - João Batista Pinheiro Cabral	379
Tarcisio Medeiros - João Wilson Mendes Melo.....	399

A REVOLUÇÃO PACÍFICA

* Diógenes da Cunha Lima

Revolução pacífica não é coisa nova. A maior de todas, de efeitos benéficos e duradouros, aconteceu há dois mil anos, sob a liderança de Jesus Cristo. No século passado, Mahatma Ghandi liderou outra na sua populosa Índia. Delas somos beneficiários, devedores. Em verdade, somos herdeiros de grandes homens e mulheres que, por pensamentos, palavras e obras, ajudam a nossa vivência e convivência. Devemos, coletivamente à nações cujos filhos nos beneficiaram.

Há, pois, revoluções sangrentas e revoluções que provocam mudanças rápidas e profundas, sem violência, das instituições políticas, sociais e econômicas.

A humanidade muito deve à Polônia, talvez até a sua própria sobrevivência. Na época da chamada Guerra das Estrelas, por muito pouco a URSS e os Estados Unidos não anteciparam o Apocalipse. Nesse tempo, sob a liderança de um electricista e de um religioso, os poloneses Lech Walesa, Prêmio Nobel da Paz em 1983, e João Paulo II, o primeiro Papa não Italiano em quase 500 anos, operou-se a mais famosa Revolução Pacífica do planeta. Os dois eram líderes de um país da Europa Central, com históricas cicatrizes de dominações estrangeiras.

Pedi licença ao inteligente e culto embaixador Jasek Hinz e ao Primeiro Secretário Econômico-Comercial Leszek Wegrzyn, em sua visita a Natal, para afirmar que a Polônia não tem recebido o prêmio devido por seu crédito

no pioneirismo na busca de **peace-mir** entre as grandes potências nucleares.

Lembrei, no encontro, que o nosso acadêmico Oriano de Almeida, considerado o melhor intérprete brasileiro da Polonaise, das valsas e noturnos, ganhou prêmio em Varsóvia interpretando o romantismo de Chopin (1810-1849). Aliás, o compositor holandês é capaz de fazer pacíficas mudanças nas pessoas: nenhuma irritação resiste a três valsas de Chopin.

A Revolução Pacífica entre as potências teve início na Polônia, sob a liderança política de Lech Walesa e a diplomacia da fé do Papa João Paulo II. De fato, os poloneses estavam bem lembrados do que poderia acontecer-lhes em caso de rebeldia contra as regras da poderosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas: a invasão da Hungria e a da Tchecoslováquia, com nomes que parecem ironias do destino: *Primavera* de Praga e Pacto de *Varsóvia*. Não lhes foi fácil fazer greves de operários e unir sindicatos que pretendiam livres. Ainda que contando com o apoio da Igreja Católica, quase um poder paralelo, foi difícil fazer ação compartilhada, pretender a liberdade de expressão, criar o sindicato Solidariedade, uma espécie de federação de sindicatos independentes.

A milenar sabedoria da Igreja identificará Karol Wojtyla no mundo comunista. Menino, ficou órfão de pai e mãe e do único irmão. Rapaz, carregou pedra em campo de concentração nazista. Fez poesia e teatro e adotou o sacerdócio para expandir as idéias de paz e liberdade.

Como fora vítima do nazismo e do facismo, pode

afirmar a sua convicção de que: “o homem é sumamente soberano”. Dizem que teve uma aliança secreta com o presidente Regan. O certo é que depois da eleição do senado polonês em que a oposição à URSS obteve 261 votos contra 1, em junho de 1989, falida a economia do sistema, operou-se a queda de um regime que não respeitava os direitos humanos.

É também certo que a chegada de Mikhail Gorbatchov à presidência do PCUS, criando a Perestroika (reestruturação) e Glasnost (transparência), foi decisiva para a mudança e a liberdade de expressão.

A Polônia fez a primeira privatização da economia do mundo comunista, a revolução para a paz no nosso tempo.

** Diógenes da Cunha Lima é advogado
e Presidente da Academia Norte-rio-
grandense de Letras*

À MESA COM CASCUDO: da água, do pasto, da horta e do pomar à cozinha como fábrica de sonhos

Pedro Vicente Costa Sobrinho

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO confessava-se um provinciano incurável. De sua aldeia Natal, de modo solitário, varava noites em sua biblioteca, no velho casarão da Junqueira Aires, de onde construiu uma das mais significativas obras do pensamento brasileiro. O volume, a densidade e diversidade de assuntos e interesses de sua produção intelectual causam espanto e admiração a qualquer um que se aventure a navegar o mar imenso de sua bibliografia.

O poeta Carlos Drummond de Andrade desse modo se referiu à obra e a Cascudo: "Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo. O Cascudo aparece, e decide a parada. Todos o respeitam e vão por ele. Não é propriamente uma pessoa, ou outra, é uma pessoa em dois grossos volumes, em forma de dicionário que convém ter sempre à mão, para quando surgir uma dúvida sobre costumes, festas, artes do nosso povo. Em vez de falar Dicionário Brasileiro, poupa-se tempo falando "O Cascudo seu autor.../... e sua vasta bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de trabalho inserido na preocupação de viver o Brasil./... em sua contínua investigação de um sentido,

uma expressão nacional que nos caracterize e nos fundamente na espécie humana”(PROVÍNCIA 2 , 15).

O universo de preocupações de Cascudo desde cedo ultrapassou de longe o ambiente restrito do folclore. Em entrevista ao poeta Lêdo Ivo para revista *Manchete*, assim se explicou: “A cultura popular é o complexo. Representa a totalidade das atividades normais do povo, do artesanato ao mito, da alimentação ao gesto. Ora, a mim interessa tudo o que é do povo, até o que ele faz no banheiro ou no mato.” Com seu perfil de intelectual de corte renascentista, em mais de uma centena de livros publicados, soube transitar com mestria e genialidade nas artes e ciências: o historiador, o antropólogo, o etnógrafo, o sociólogo, o biógrafo, o memorialista, o crítico, o musicólogo, o tradutor, o romancista, o ensaísta, entre outros, e mais que tudo o escritor. Dele assim falou Paulo Rónai: “É essa visão plástica que lhe permite dar a suas afirmações, além do apoio de provas pesquisadas, a persuasiva densidade do lirismo.../ Nisto reside talvez a maior originalidade de mestre Câmara Cascudo, poeta ousado e pesquisador cauteloso./... a quem sua intuição de artista e seus excepcionais dotes de escritor permitem dominar do alto uma disciplina na qual.../... a honesta e minuciosa pesquisa da realidade ambiente e a capacidade de enquadrar os fenômenos dentro de uma perspectiva universal são inseparáveis”(PROVÍNCIA 2, 71 e 72).

ESBOÇO DE UM PERFIL - Cascudo (1898-1986) fez seus estudos secundários no Atheneu Norte-rio-grandense. Confessa ter tido uma infância isolada e doente, cerca-

do de brinquedos mas sem companheiros de folias. Iniciou-se no jornalismo aos 19 anos. Aos 21 anos publicou o seu primeiro livro. Cursou Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro sem concluir. Em Recife diplomou-se em Direito. Foi professor de História do Brasil em escolas secundárias. E de Etnografia Geral na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte. Aposentou-se como professor de Direito Internacional da Faculdade de Direito da UFRN, pela qual recebeu os títulos de “Professor Emérito” e “Doutor Honoris Causa”. Recebeu os prêmios nacionais João Ribeiro e Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, e o troféu “Juca Pato” pelo conjunto de obras; e o nacional Henning Albert Boilesen. A sua contribuição ao jornalismo diário no jornal A Republica, coluna Acta Diurna, reunida até agora já perfaz oito volumes. Realizou viagens de estudos a Portugal e África. O grosso de sua obra de mais de uma centena de títulos foi publicado principalmente pela José Olympio, Companhia Editora Nacional e Itatiaia. A Global Editora vem reeditando seus livros, já lançou 15 títulos e anunciou para logo: História dos Nossos Gestos e a monumental História da Alimentação no Brasil. (BARRETO , 2003).

CASCUDO, O HISTORIADOR DA COMIDA – Cascudo e Gilberto Freyre são os pensadores brasileiros que de modo primeiro e inovador trataram a questão da comida e da cozinha com ciência e arte. Em Gilberto pode-se com segurança até afirmar que a comida e a cozinha perpassam toda sua obra; desde sua preocupação inicial no Manifesto Regionalista (1926), e mais contundentemente em Casa Grande & Senzala (1933), Nordeste (1937) e Açú-

car (1939). De Cascudo diga-se o mesmo e ainda mais, pois desde sua veemente defesa da cozinha sertaneja, em *Viajando o Sertão* (1934), e daí em todo percurso de sua obra tratou sempre a comida e a cozinha como indissociáveis valores da cultura de um povo. É de bom grado citar o que diz na abertura de sua *História da Alimentação*: “Toda existência humana decorre do binômio estômago e sexo. A fome e o amor governam o mundo, afirmava Schiller” (CASCUDO, 1983, 21).

Em Cascudo o estudo da cozinha cobre décadas. Saudara Gilberto Freyre pelo seu “Açúcar”. Publicou diversos artigos sobre comida e bebida: *Folk-lores da cachaça* (1943); *O coquetel do Visconde de Mauá* (1943); *Doces de tabuleiro* (1944); *Um rito da cachaça* (1949); *Comendo formigas* (1954); *O bom paladar é dos ricos ou dos pobres?* (1964). E livros: *Dante Alighieri e a tradição Popular* (onde se examina a evolução teológica sobre a gula) (1963); *A Cozinha Africana no Brasil* (1964); *Made in África* (1965); *História da Alimentação no Brasil* (1.ª edição: 1967/68); *Prelúdio da Cachaça* (1968); *Sociologia do Açúcar* (1971); *Civilização e Cultura* (1973) e *Antologia da Alimentação no Brasil* (1977). Neste último livro, Cascudo afirmou que completara e fechava tudo que havia estudado sobre alimentação (SEREJO).

O LIVRO HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO – Cascudo conta que por mais de vinte anos coletou informações sobre o assunto. O projeto era desenvolver trabalho que tratasse da alimentação de modo diferenciado do problema da nutrição, isto é, fora do ângulo restrito da dietética. Daí o comentário que fez quanto à parceria frus-

trada com Josué de Castro: "O Anjo da Guarda de Josué afastou-o da tentação diabólica. Não daria certo. Josué pesquisava a fome e eu a comida. Depois de anos de busca de financiador para o projeto, concluíra: "Acabei sem pensar no sonho teimoso e perseguidor, guardando em gaveta tranqüila as notas adormecidas." Em 1962, o jornalista Assis Chateaubriand chama Cascudo a São Paulo para discutir o assunto. Aprovado o tema, o plano, e assegurados os recursos, Cascudo pôs as mãos à obra: "Sacudi as primeiras cartas perguntadeiras para Norte, Centro e Sul. Para Europa e África. Espaneei os cadernos. Reavivei as marcas nos livros abandonados. Mobilizei o sabido, deduzível e provável. A viagem começou" (CASCUDO, 1983, 16 e 17).

Em pouco menos de dois anos, o primeiro volume da obra foi entregue ao editor e publicado na Coleção Brasileira. A Companhia Editora Nacional lançou o livro em 1967, e no ano de 1968 saiu o segundo volume. O projeto estava concluído em seis anos: pesquisa, texto e publicação. Cabe realçar que uma versão certamente inconclusa da obra foi publicada em Portugal, 1963 (MARINHO, 1998, 9).

ESTRUTURA DA OBRA – Os dois volumes da obra de conformidade com sua segunda edição, ITATIAIA/EDUSP, 1983, 926 páginas estão deste modo dispostos: prefácio, dois estudos introdutórios (Todo trabalho do homem é para sua boca e Sociologia da alimentação), e treze secções ou capítulos: Cardápio indígena, Dieta africana, Ementa portuguesa, Adendo, Elementos básicos, Técnicas culinárias, O ritmo da refeição, Farnel de trabalho e viagem,

Superstições alimentares, As bebidas no Brasil, Comida de esteira e mesa, Mitos e realidades da cozinha Africana no Brasil, Folclore da alimentação. E mais a extensa bibliografia e notas.

No primeiro volume da História da Alimentação, Cascudo discorre sobre os fundamentos e as contribuições mais importantes dos cardápios indígena, africano e português, inclusive suas técnicas de manuseio e preparo dos alimentos.

Do cardápio indígena são realçadas as técnicas de cultivo, aproveitamento e transformação culinária da mandioca sob as formas de farinha, pirão, mingau, beijus, tapiocas e bebidas. E mais a manipueira que sangrava do tipiti, usada pela cunhã para o manipói, que até hoje se constitui em ingrediente básico para o tucupi e o tacacá. Além disso, o milho, a batata, abóboras, feijão, palmitos, o mate chimarrão, a pimenta essencialmente como tempero, o pescado, a frutaria e caça (de pena e pata) silvestres; e técnicas como o moquém e o forno subterrâneo. Para Cascudo, herdamos do indígena as bases da nutrição popular, os complexos alimentares decisivos na predileção cotidiana brasileira. Acrescentando ainda que as moças indígenas foram as primeiras cozinheiras de que o português dispôs. E além disso, no que se relaciona às técnicas, a culinária africana não vencera a indígena na feitura, extensão dos elementos disponíveis e aproveitamento.

No que diz respeito à dieta africana, Cascudo estuda e informa sobre o padrão alimentar na África negra, principalmente nas áreas fornecedoras de braços para a

empreitada colonial. No Brasil, a comida do escravo era a mesma das classes mais humildes e pobres. Segundo o autor, era até mais regular, diária, segura em sua limitação e com possibilidade de melhorias festivas. As trocas alimentares têm tratamento particular, com destaque para o que veio da África: o azeite-de-dendê, inhame, melancia, galinha-de-angola, a banana que considera a maior contribuição africana para a alimentação dos brasileiros. Adiante Cascudo destaca: "A mucama cozinheira aproveitou os elementos próximos. Comer camarão, lagosta, caranguejo, com molho seco de pimentas é tanto do gosto indígena quanto do apetite africano. Reunem-se, numa nacionalização gustativa elementos indígenas e portugueses, tornados africanos pelo batismo do dendê e alguns amerabas, como moqueca e o caruru, ganham forma e viço na incessante adição dos novos componentes"(CASCUDO, 1983).

Ao tratar da instalação da cozinha portuguesa no Brasil, Cascudo pesquisou e resgatou de modo abrangente o que se comia em Portugal no século da colonização. Os fundamentos básicos para o estudo foram a farta documentação colhida de sua viagem a Portugal, os textos de Gil Vicente e outros escritores, e mais Domingos Rodrigues. Este último, autor de "Arte de cozinha", considerado o mais antigo tratado de cozinha em português. A partir daí, recuperou e delineou de modo exaustivo todo o processo de transferência da cultura culinária do português, (alimentos e técnicas), e também a incorporação e a adaptação desta aos recursos alimentares locais, inclusive técnicas. O português é considera-

do o mestre e organizador da cozinha brasileira. Pelas suas mãos os africanos e indígenas dosaram os seus temperos; tiveram seus cardápios re-elaborados e marcados por duas presenças definidoras do paladar nacional: o sal e o açúcar.

No segundo volume, ao esboçar uma sociologia da alimentação, Cascudo viaja continentes descrevendo costumes e preferências culinárias. Comenta e critica o embuste dos cardápios e pratos servidos pelos grandes restaurantes: "O paladar, não tem quem o defenda naqueles que o perderam, no embotamento mecânico das refeições distraídas, no automatismo displicente e diário" (CASCUDO, 1983).

Nos fundamentos da cozinha brasileira descreve os elementos básicos que a constituíram e lhe deram personalidade. As técnicas culinárias: assado, cozido, guizado e frito; os molhos e a doçaria. Os recursos locais, mais as trocas africanas e preponderantemente portuguesas deram-lhe corpo e alma. As influências culinárias de outras nacionalidades são consideradas inexpressivas com relevância apenas para os alemães e, principalmente, italianos que, no entanto, são postos no seu devido lugar. E afirma: "O português deu-nos o fundamento de nossa cozinha graças à maleabilidade da adaptação inicial. O italiano portou-se como um aliado comandando tropas pessoais sem miscigenação na panela brasileira" (CASCUDO, 1983).

O monumental livro encerra-se com um conjunto de artigos que, num arranjo original, complementam a mais vasta pesquisa até hoje realizada sobre a alimenta-

ção no Brasil. Pode-se então concluir que as obras de Câmara Cascudo em especial, Gilberto Freyre, Josué de Castro, A. da Silva Melo, Nunes Pereira e secundariamente Eduardo Frieiro, A. J. de Sampaio, Osvaldo Orico, Darwin Brandão e Manoel Quirino fecham o ciclo clássico de estudos sobre os hábitos alimentares e a Arte da Cozinha dos brasileiros.

* Sócio- efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do RN, professor aposentado da UFRN e Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP).

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Anna Maria Cascudo. O colecionador de crepúsculos (Fotobiografia de Luis da Câmara Cascudo). Brasília(DF):(s.n.) , 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara.História da alimentação no Brasil, vol. 1 e 2. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983.

MARINHO, Francisco Fernandes. A bibliografia cascudiana.Natal:(s.n.),1998.

PROVINCIA 2. Edição fac-similar da revista publicada no ano de 1968. Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto e Instituto Histórico e Geográfico do RN, 1998.

SEREJO,Vicente.A bibliografia referente aos temas

alimentação e culinária em Luis da Câmara Cascudo foi compulsada como fonte para o artigo que foi publicado, em parte, na Revista Continente Multicultural, ano III, n.32, p.20/23, ago. 2003, Recife(PE).Na realização do trabalho de levantamento da bibliografia contei com o apoio inestimável do professor Vicente Serejo. Cabe realçar que esse apoio não se limitou a indicação e fornecimento de parte da bibliografia, pois veio provido de comentários valiosos e que foram incorporados ao texto.

NATAL E PALMARES

1.

Quando promovemos o lançamento da antologia POESIA VIVA DE NATAL, organizada por Manoel Onofre Jr., no ano do quarto centenário (1999) da capital potiguar, coeditada pela Nordestal Editora e Fundação Capitania das Artes, da Prefeitura de Natal, encontrei, finalmente, a poetisa Clotilde Tavares. Eu só a conhecia de referências muito agradáveis - particularmente para mim - feitas pela minha amiga recifense Andréa Mota, que era amiga do seu irmão, também poeta, Bráulio Tavares. É que, segundo Andréa, Clotilde havia se apaixonado pela minha poesia, quando conheceu o meu livro AMERICANTO AMAR AMÉRICA (1982), e falava abertamente de sua admiração e mesmo do seu desejo de me conhecer pessoalmente nas muitas vezes em que visitara o Recife. Isso nunca havia acontecido, embora, ainda por informação de Andréa, elas tivessem tentado esse encontro.

Finalmente, na noite do lançamento da antologia organizada carinhosamente por Manuel Onofre Jr., com a participação de 25 poetas natalenses, inclusive Clotilde, encontro a poetisa, na sede da Fundação Capitania das Artes. Eu estava em companhia de João Guarani, meu segundo filho, ela veio ao meu encontro, nos apresentamos, e ela, visivelmente emocionada, retirou da bolsa um exemplar do livreto AMERICANTO, publicado em 1975, do livreto O AMOR É UMA CANÇÃO PROIBIDA, publicado em 1979, e do livro AMERICANTO AMAR AMÉRICA, publicado

em 1982, todos muito amassados, repuxados, meio desmontados, quase rasgados.. .

- Está vendo? Estão assim de tanto uso. Eu uso mesmo, sempre usei. Já disse os teus poemas até em vôo de avião... É, você mexeu muito comigo. Eu já fiz cada uma por causa da tua poesia... E quando eu bebia então era um caso sério. Em todo bar que eu chegava, em qualquer lugar, tinha que dizer tua poesia. Aqui em Natal mesmo os meus amigos já não agüentavam mais e diziam: lá vem Clotilde declamar de novo aquele poeta que só ela conhece!!!

2

No lançamento da primeira edição do meu livro ASCENSO, O NORDESTE EM CARNE E OSSO, em Natal, no ano de 1998, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o poeta e pintor Dorian Gray Caldas me procurou para fazer uma revelação: o pintor palmarense Murillo La Greca era, segundo suas pesquisas, uma presença pioneira na história das artes plásticas do Rio Grande do Norte. Eu não sabia. E, em companhia do contista, memorialista e poeta Manoel Onofre Jr. e do poeta e dramaturgo Racine Santos, lembramos as figuras do poeta Ascenso Ferreira e do romancista, dramaturgo e diretor teatral Hermilo Borba Filho, também palmarense, que haviam trilhado caminho idêntico ao de Murillo La Greca: nasceram na cidade pernambucana dos Palmares, se projetaram no Recife e participaram da vida das artes plásticas, da poesia e do teatro, da cidade de Natal, em décadas

distintas do século 20. Está mais do que provado na documentação existente sobre a relação de Murillo La Greca com os artistas plásticos natalenses, na década de 20, de Ascenso Ferreira com Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo, nas décadas de 40 e de 50, e de Hermilo Borba Filho com o grupo do Teatro Escola de Natal e com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na implantação do Curso de Teatro, na década de 60.

Também palmarense, nos anos 90 do século passado tive a oportunidade de promover, em Natal, lançamentos de livros de e sobre Ascenso, e coordenei a edição da antologia POESIA VIVA DE NATAL, organizada por Manuel Onofre Jr., publicada pela Fundação Capitania das Artes, de Natal, e pela Nordestal Editora, do Recife, em homenagem ao 400º aniversário da cidade. Deve existir ainda muita coisa entre Palmares e Natal que não conhecemos.

3

Enviei, em julho deste ano, cópia dos dois registros anteriores ao escritor e amigo potiguar Manoel Onofre Jr, que reside em Natal. Ele me escreveu imediatamente, no mesmo mês: "Outras afinidades entre Palmares e o Rio Grande do Norte: a) Dom José Pereira Alves, terceiro bispo de Natal, é palmarense. Intelectual, fundou o jornal católico "Diário de Natal"; b) Joaquim Ferreira Chaves Filho, recifense, deixou a Promotoria Pública de Palmares (1874) para ser promotor no Rio Grande do Norte, exatamente na Comarca de Martins (minha terra!). Ferreira

Chaves foi depois Desembargador, Senador, Governador do Estado (duas vezes) e Ministro da Justiça.”

E, agora, para cimentar ainda mais esses laços de irmandade, leio, na coluna JC Negócios, de Fernando Castilho (“Jornal do Commercio”, Recife, 19/08/2003), o seguinte comentário: “Embora o Governo que lançou, ontem, seu programa de recuperação de quase 10 mil quilômetros de estradas esteja falando na duplicação da BR-101 no trecho Salvador (BA) - Natal (RN), convém lembrar que hoje, no Ministério dos Transportes, só existe projeto para o trecho Natal até Palmares (PE), ainda assim dependente de autorização para a conclusão da licitação para o projeto de engenharia. (...) **A duplicação entre Natal e Palmares reduziria o tempo de ligação entre os três Estados...** (grifo meu).

Juarez Correia
(do livro em preparo
MELHOR É VIVER
- Pequenas Histórias Reais -)

DOIS LIVROS

Nilson Patriota*

ANNA MARIA E SEU COLECIONADOR

Anna Maria Cascudo Barreto acaba de escrever e de lançar um livro, suponho, imperecível, a que intitulou de O Colecionar de Crepúsculos. Nele estuda, com madura sensibilidade, a figura grandemente estimada e reconhecida de seu pai, o mestre Luís da Câmara Cascudo, a quem o mundo inteligente reverencia, e a quem, para citar apenas uma pessoa próxima, Roberto Magalhães – político, advogado e homem de letras do Nordeste – considera “um dos grandes brasileiros deste século” – coisa, aliás, que não constitui novidade, valendo, porém, pela clara verdade que expressa enquanto corrobora o conceito borgeano de que, mesmo ainda descarregada da irretocável força dos séculos, uma palavra é com que começamos uma página em branco que tem o poder de comprometer, segundo sua síntese ou simbolismo, presente e futuro.

Não será sobre o livro de Anna Maria Cascudo Barreto que nesta ocasião pretendemos falar, mas sobre sua autora, por razões que dispensam explicações e nos advertem de que, mesmo sendo seu livro um dos mais completos, como de fato é, dentre os que têm sido escritos sobre a intimidade de Cascudo, por mais infinito que seja em sua serena abordagem e filial amor, não pode e não tem como explorar toda a vasta e profunda versatili-

dade do cabedal humanístico que, partindo da inteligência e da erudição de Cascudo, de quem fui discípulo e amigo ao longo de tantos e tantos anos, deságua numa obra no mínimo imensurável e ainda por demais desconhecida, tanto dentro de nossas fronteiras quanto fora delas. Mesmo assim o livro de Anna Maria ganha em importância – e a tendência será sempre ganhar – caso adivinhemos que ele resulta não só da manifestação filial e emotiva da autora mas também da precisão narrativa dos fatos que marcaram e ainda circundam a singela (embora também estupenda) história de um homem para o qual o espaço e o tempo de que dispusemos ainda não nos permitiram medir o peso e a densidade de sua grandeza.

E eis que aqui nos encontramos, cara amiga Anny, a sopesar e a medir a importância de seu livro, cuja primeira edição contou com ensaio de abertura do acadêmico José Sarney, atual presidente do Senado Federal, e com o prefácio do não menos acadêmico e escritor Murilo Melo Filho, ambos da Academia Brasileira de Letras. Já se vê que o meu lugar não é nesse seletto palco, mas na plateia, onde ficam os simples, aqueles que abraçam e batem palmas, que se emocionam e se sentem até glorificados com a importância e o sucesso dos amigos que se vão elevando aos primeiros lugares dos patamares mais privilegiados e visíveis sucessos. Por isso o que me compete fazer é lembrar com carinho – e bota carinho nisso, e ainda mais emoção! – aquela moçoila que conheci tão querida, amada e desejada, distribuindo inteligência e simpatia entre seus colegas de trabalho na redação de A República, que foi, se não me engano, nossa escola de

jornalismo. Deixei A República e lá você continuou. Anos depois, regressando do tumulto da vida, da azáfama de outras experiências e trabalhos, subo novamente a escadaria do velho hebdomadário das lutas republicanas de Pedro Velho, e, já então na condição de seu diretor, prazerosamente a encontro doutora, mestra e ocupante de alta e definida posição na imprensa e nos centros de convivência da cidade. E, como não poderia deixar de ser, pertencendo aos quadros de A República, onde sua coluna havia se transformado em atração e brilho do órgão tradicional da história política e social do Rio Grande do Norte, conceituado e lido em Natal e na maioria dos municípios do Estado no final dos anos Setenta e início dos Oitenta.

A ventura de a ter conhecido tão jovem, no amigável convívio do jornal e da respeitável casa de seus pais, possibilitou-me acompanhar de perto sua vida. Esta, como outra vida humana qualquer, não se pode querer que tenha sido fácil. Você muito lutou, e desse fato sou testemunha. Você cumpriu seu papel nas letras, na sociedade e na família, estudando, formando-se, pesquisando, ocupando relevantes funções públicas, amando seus pais e por eles sendo amada, casando, por sinal duas vezes, tendo filhos e festejando netos que são a garantia genética de sua eternidade como ser humano civilizado e pensante. Quero continuar a bater palmas para você, não apenas pelo que você representa como escritora, filha, esposa, mãe, etc., etc., mas também pelo fato de você haver tomado na mão a bandeira da causa de sua principal devoção: a divulgação da obra de seu pai. Erguen-

do esse pavilhão, você não pretende – e com toda a razão – apenas sustentar Cascudo, seu talentoso progenitor, nas alturas que ele por si já conquistou como homem, gênio e escritor, mas soerguê-lo ainda mais, como ele merece, acima do ponto mais elevado em que se acha, e daí o conduzir para o pico da glória imortal do consenso dos que o conhecem e dos que não o conhecem e precisam informar-se do valor de sua obra incrivelmente pura, direta, universal e clara como a chuva.

Se assim é que penso, só uma palavra poderia dizer-lhe, minha amiga: parabéns por seu livro, parabéns por você!

O LIVRO DE BERILO

Este livro de crônicas, que Maria Emília digitou, ilustrou e organizou com ternura, levando-o à publicação através do *Sebo Vermelho*, não pode ser visto tão-só como uma homenagem que marca o septuagésimo aniversário do poeta Berilo Wanderley, esposo e companheiro, falecido em julho de 1979. Este livro é também uma reverência e um agradecimento de Maria Emília aos amigos que, laborando em vários campos de atividade, especialmente na Imprensa, jamais olvidaram a figura simpática e carismática de Berilo, sobre ele escrevendo e falando como de um irmão com o qual confraternizaram nos memoráveis dias da transitória vida.

Berilo foi poeta, cronista e boêmio de alma leve e viajeira, uma espécie de símbolo atenuado de sua geração. Admirado e querido por todos com os que se relaci-

onava no cotidiano da vida e dos jornais, viveu com simplicidade e inteireza a Natal de seu tempo. Como homem de letras, fez com esforço sua própria biblioteca em que se deliciava na leitura de seus autores prediletos. Desse modo, viveu calmamente, aproveitando boa parte do tempo que lhe sobrava da faina diária nos jornais em que trabalhava, na função pública de promotor que ocupava, na cátedra da faculdade em que ensinava, na tarefa de criar e educar, ao lado de Maria Emília, os quatro filhos do casal. Mesmo assim não descurou de participar com singular presteza e regularidade do que se conhece por vida boêmia natalense de seu tempo, que foi também vivida por Newton Navarro, Zila Mamede, Dorian Gray, Luís Carlos Guimarães, Ticiano Duarte, Sânderso Negreiros, Diógenes da Cunha Lima, Rubens Lemos, Miriam Coeli de Araújo, Celso da Silveira e muitos outros que deixaram o testemunho da grandeza e bondade do Poeta em poemas e crônicas admiráveis, algumas antológicas, como *Dia de Domingo* de Dorian Jorge Freire. Homem que cultivava, acima de tudo, os bons princípios e a lealdade, Berilo encantava sem pretender ser querido ou admirado, mas apenas por sua verve suave, inteligente, irônica. Era um espírito apurado e cheio de cultura e que não descurava de erguer com freqüência um brinde de voluptuoso vinho aos momentos alegres da existência, embora fosse com ceticismo que costumava ver a humanidade da qual sonhava se isolar numa ilha ideal, espécie de escudo contra o interveniente assédio das coisas indesejáveis deste mundo.

Berilo como que passou rapidamente pelo rádio

natalense, mas dedicou-se, de fato, à imprensa, desenvolvendo sua atividade jornalística em jornais como *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal* e *A República*, nos quais deixou o registro indelével de sua passagem em crônicas de superior qualidade como as que constam de *Revista da Cidade* e *Coluna de BW*. Nelas o Poetinha desenvolveu os mais variados temas sobre as atividades artísticas e literárias, comentando autores e livros, firmando sua opinião de conhecedor de assuntos em crônicas que eram o retrato do cotidiano de uma época.

Grande parte dessa produção foi dedicada ao cinema. Nela se retrata com exatidão o tempo em que a Sétima Arte, na plenitude de sua capacidade de entreter e fascinar, revela-se aos olhos de nossa geração com o encanto e a sensualidade que haveria de nos conduzir aos confins da realidade ideal, aquela que é capaz de transformar em idílio, em sonho e em ilusão possíveis a rasteirice e o prosaico da vida.

Em Natal, Berilo Wanderley foi um dos primeiros a entender a mensagem cinematográfica projetada na tela. Era no cinema, já então transformado em objeto de diversão, mas também de estudo e de culto, que íamos buscar inspiração para aceitar as transformações que nos chegavam através de filmes, fator principal de influência na mudança de hábitos e renovação de costumes. Sem que com isso queiramos fazer comparação ou desmerecer os demais, pensamos que são de Berilo as melhores crônicas sobre cinema publicadas em Natal nos Anos Sessenta e Setenta.

De cinema trata este oportuno livro organizado por

Maria Emília, mas seu aparecimento não estaria devidamente explicado se aqui omitíssemos o fato de que *Cine Lembrança* também se constitui em obra que visa revelar com inteireza um avô a seus netos. Estes, como sabemos, não o conheceram em vida e por isso não tiveram a ventura de gozar do afeto e da cordialidade que marcam e efetivam as relações entre ascendentes e descendentes. Nascido em 1934, Berilo, se assim podemos dizer, prematuramente faleceu, pois tinha apenas quarenta e cinco anos ao partir. Seus próprios filhos Alexandre, Rômulo, Henrique e Milena mal tiveram tempo de o conhecer na inteireza de suas qualidades, já que se achavam na pré-adolescência e na infância. Só bem depois formariam suas próprias famílias e, por sua vez, dotariam o Poeta de novos descendentes.

Há uma idéia geral sobre Berilo Wanderley: a de que a obra que deixou está aquém da dimensão cultural que ele possuía. Berilo, como sabemos, foi homem lido e corrido, de lúcida inteligência e especiosa erudição. Escreveu muito e publicou pouco. Mesmo assim não comungo desta opinião. Para mim Berilo é autor de obra relevante e suficiente para marcar a contribuição por ele dada a nossa Literatura. Sua obra não reside apenas naquilo que o poeta/cronista escreveu, mas também na oralidade que expressou e na lição de vida que nos deu, lição bastante afirmativa e que parece expressar que devemos nos limitar a reconhecer a nossa própria voz.

Berilo foi poeta, cronista, mas também filósofo. Sua grande preocupação filosófica foi sua vida e a vida em si mesma. Este o lúcido sonho no qual a poesia e a razão

abriam espaço para uma descida ao último degrau da singeleza para que confraternizasse com os simples a hora contingente da boêmia, conquanto jamais se esquecesse de voltar ao mais sério dos textos a sua espera nos volumes que lia e que analisava ao longo das formalizações filosóficas de Unamuno e da vasta literatura de Cervantes.

Com este livro belo e restaurador do fausto e da magia, dos sonhos de uma época, Maria Emília resgata, para usar de um termo instigante e ao mesmo tempo intrigante, a figura de poeta e de crítico que foi Berilo, cuja memória está sendo reverenciada nesta hora.

Parabéns.

*Membro da Academia Norte-rio-grandense
de Letras,

UM FILME

Em cada coração um pecado, o máximo de arte em preto-e-branco

João Wilson MENDES MELO*

Foi no tempo da juventude em que o cinema teve a força de marcar muitos aspectos da nossa vida. Levados a ele por dois motivos principais: o gosto pela arte cinematográfica e a escassez de opções no campo do entretenimento.

Se, através das artes plásticas, víamos nos artistas o recurso voluntário e eficiente às cores, o que proporcionava uma verdadeira linguagem para a expressão do gênio, nas grandes telas iluminadas o engenho e a técnica ainda não haviam chegado para colaborar com o homem em um dos seus dons de construir belezas.

O cinema, pois, era objeto de cultura desde então e soube aproveitar, como vemos hoje, a diversidade colorida do arco-íris e o pincel de Deus no amanhecer e no entardecer de cada dia.

No início, o talento para esse tipo de expressão requeria um pouco mais de esforço e inspiração num trabalho que se iniciava com o escritor, o roteirista, e se transferia daí em diante ao labor principal de um diretor e de figurantes de quem era preciso exigir todos os requisitos da representação-interpretação, de um número maior de figurantes e de um trabalho de bastidores maior que o do

teatro, sem dispensar um aparato notável de máquinas. Tudo que se deslocava para a variedade de cenários que a história, com seus máximos e mínimos acontecimentos, requeria.

No filme **Em cada Coração um Pecado**, seus produtores conseguiram o uso aperfeiçoado de todas essas exigências e realizaram um dos maiores filmes dessa fase da arte cênica, que se pode dizer insuperável em muitos dos seus aspectos. Teve como diretor Sam Wood e como artistas que faziam a primeira linha dos personagens Ann Sheridan, Robert Cummings, Ronald Reagan e Claude Rains.

Surgido em 1942, não foi possível ausentá-lo das telas nem, modernamente, dos vídeos de televisão. Em meio àquela profusão de cores que a tevê proporciona em seus programas de toda a natureza, as cenas em preto-e-branco continuam a prender espectadores em igualdade de condições e, muitas vezes, mesmo por uma preferência, dada a sensibilidade do homem afortunado deste tempo pelas múltiplas e diversas manifestações de prazer intelectual ao seu dispor.

O tema central da história que se desenrola por cerca de duas horas é a de um homem – um cirurgião – que se arvora do direito de punir as pessoas de sua comunidade, pelas faltas e pecados cometidos.

Sobressai-se o episódio em que um paciente e vítima desse falso justiceiro, voltando à consciência pelo término da anestesia, percebe que lhe haviam cortado as pernas. Cena dramática, em que seu intérprete demonstra um talento incomum, transmitindo ao mais insensível

dos homens e mulheres toda a dor e sofrimento humano pela experiência e consequência da mutilação desnecessária.

Cada quadro do filme demonstra a superioridade de toda a grande equipe que nele colaborou, do que escreveu os dramas semelhantes no seu horror e perversidade – dos simples arranjadores do ambiente, na escolha e localização de tudo que o compõe, até de um modesto jarro de flores e das luzes que o iluminam.

Em cada Coração um Pecado é filme que não se pode esquecer e tem afirmações eloqüentes do valor da arte cinematográfica e das qualidades superiores de interpretação de tipos humanos, ou seja, na capacidade dos artistas de viverem outros homens e mulheres que não possuem sua bondade ou sua maldade, mas que estão presentes em todas as comunidades do mundo e alegram ou angustiam os que procuram as salas de projeção para contemplar todas as manifestações da cultura.

*Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

POESIA

AL24511

QUATRO POEMAS: PARA CINCO POETAS

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

ESPECULAÇÕES EM TORNO DO POETA

Em memória de *Luís Carlos Guimarães*

O poeta é um aprendiz
da vida. Às vezes, só vê o próprio nariz
e duvida.

O poeta é um professor
de si mesmo. Dá aulas pelo corredor,
a esmo.

O poeta é um fingidor
de fachada. Finge tão completamente a dor,
que não sente nada.

O poeta é um *bon vivant*
de terceira. Vive a aurora de cada manhã
fazendo a feira.

O poeta é um palhaço
do cotidiano. Mas não tem nervos de aço
— são de pano.

O poeta é um ator
doado à sua arte. Pode ser um sonhador,
nunca um covarde.

O poeta é um operário
da escrita. Que lhe paga de salário
a desdita.

O poeta é um milionário
do verbo. Porém, é bem menos solitário
que soberbo.

O poeta é um cidadão
da verdade. Exilá-lo de sua Nação,
quem há de?

O poeta é um viajante
do verso. Cavaleiro andante
do universo.

O poeta é um sacerdote
do amor. Com seu fogo apaga o archote
do pudor.

O poeta é um guerreiro
sem fama: só luta em seu terreiro
— a cama.

O poeta é um ladrão
do tempo. A ampulheta em sua mão
não tem pó.

O poeta é um atleta
da sorte. Corre para sua meta
— a morte.

O poeta é um cirurgião
do segredo. Extirpa-o sem incisão,
mas com medo.

O poeta é um boticário
da alma. Cura, com calmo herbanário,
seu trauma.

O poeta é um engenheiro
da rima. Se arrima o metro linheiro,
obra-prima!

O poeta é um *office-boy*
da saudade. Faz de tudo, só lhe dói
a maldade.

O poeta é um caixeiro-viajante
das emoções. Se está perto, parece distante
dos padrões.

O poeta é um advogado
do sonho. Mesmo se está cansado
e tristonho.

O poeta é um vagabundo
— embora digno. Em cada rua está seu mundo
e seu signo.

O poeta é um jornalista
do eu. Notícia, em tom intimista,
o que não aconteceu.

O poeta é um gari
do passado. Recolhe, aqui e ali,
seu legado.

O poeta é um gigolô
da palavra. Até mesmo da que não for
sua lavra.

O poeta é um homem triste
feliz. Não vive, apenas resiste
— por um triz.

O poeta não é um só
— é um múltiplo. E fecha dos seus eus a mó
sendo o último.

POÉTICA — ÉTICA CÉTICA

A *João Cabral de Melo Neto***“Ética e estética são um só”***Ludwig Wittgenstein*

A poesia não tem de ser necessariamente lírica
A poesia não tem de ser necessariamente bela
A poesia não tem de ser necessariamente engajada
A poesia não tem de ser necessariamente correta

A poesia tem de ser necessariamente poesia
— Uma instalação verbal feita de força e pensamento

A razão da poesia pode ser a dor
Até porque envolve quase sempre dor o parto da poesia
Mas há poesia também de amor
De alegria de orgulho de tristeza até ódio pode existir na
poesia

A forma da poesia é a forma que a poesia tiver
Qualquer que seja a forma da poesia

A poesia tem de ser necessariamente poética
Essa há de ser a única ética da poesia.

Os Três e o Quarto

À moda do incomensurável *Manoel de Barros*

A parede brejava a musgo
e tinha a cor da golda.

Tresandava a cal esfarinhada
— era uma parede
mui desconfiada.

Vocacionada a estremecimentos
tendia a rachaduras
e era aparelhada de teias
de aranhas.

Sofria de uma certa segura
e angustiava de sol nos dias quentes
em que o da tarde lhe queimava as costas.

O teto, de um mau-caratismo evidente
lançava-lhe olhares enviesados
debruçando-se sobre ela,
como que para ver-lhe a curva dos seios
de por cima do decote vasto.

O teto era cambeta,
torto,
penso,
rengo

e rangia nas noites ventarosas,
era resmungão e friorento.
Sabia a navios

e muito amiúde era atacado de assobios.
Era estranho e convencido a mar:
sonhava de caranguejos, e sargaços
faziam a matéria-prima do pó
que despejava
no chão.

Esse, coitado, era humilíssimo.
Fedia a mijó de menino novo, entranhado
na aridez plácida da sua fácies serena
de nobilíssimo cimento vermelho alisado.
Pejado de formigas operosas
que o engravidavam de areinhas
e ciscos, e mais cacos e bostas de rola-bostas.
O chão era ali o que de melhor havia
e a todos sustentava — a si próprio
ao teto
e à parede.
E sobretudo, ao ar.

Ao ar, que ali — ai! —
que ali se metia, entre os três...

VIA PERSONARUM

Para **Alex Nascimento**

Ora bolas, Bilac, ouvir estrelas!
Hoje isso não é mais contra-senso;
Com o radiotelescópio, ouvido imenso,
Pode-se ouvi-las e até entendê-las.

Não fique pálido de espanto, certo?
O caso agora é outro: facilmente
Ouvem-se os astros - anos-luz da gente;
Difícil é escutar a quem está perto.

Você dirá que eu estou tresloucado:
"Ouvir pessoas não é tão complicado!"
Mas o é compreendê-las e aceitá-las

Como são, com facetas ruins e boas.
Só quem tem coração para amá-las
Vai mesmo ouvir e entender pessoas.

(*) Os poemas aqui reproduzidos fazem parte do livro
O Olhar e a Sombra, inédito.

UM SONETO PARA LUÍS CARLOS GUIMARÃES

parecia estar sempre chegando / com ar de novidade descuidada / de seu horizonte breve de cortina / currais novos madri paris redinha / trazia em seu olhar um verso oblíquo / e chuvoso e incompleto / à maneira de juan gelman ou baudelaire / ó morte velha capitã / conversava novembros com navarro / escorado em um serviçal balcão / e leve mergulhou nos destroços de uma tarde / em seu bairro em um soneto / nessas suaves quedas na segunda-feira / na morte esse riacho raso.

Jarbas Martins

ÊXTASE

Alice Spíndola*

mesmo que seja imprescindível chorar
guardarei comigo a marca do sorriso
registrada no sonho
para que o choro seja inaudível

mesmo que seja inaudível o riso
guardarei comigo o timbre do choro
na internet da memória
para que a tristeza seja invisível

mesmo que seja inevitável ouvir
guardarei comigo o silêncio das horas
retendo no imenso de mim
porta-jóias de intensa saudade

mesmo que seja inesquecível o teu amor
farei de conta que nada existe
mas cá dentro guardarei
palavras gestos carinhos e desejos

no êxtase da palavra lembrada
flutuo nas ondas do som
dimensão mística me transcende
ouço o inaudível apesar de tudo

.....e além de mim

*Poetisa mineira, radicada em Goiânia. Prêmio Auta de Souza, de poesia.

**OSWALDO LAMARTINE DE FARIA:
PESQUISADOR EMÉRITO**

TÍTULO

FERNANDO LUIZ DE OLIVEIRA
 FERNANDO LUIZ DE OLIVEIRA

Em dias mais antigos, o Conselho Diretor da Fundação Joaquim Nabuco, sob a presidência de Gilberto Freyre, nos deu a honra de viajar a esta cidade de Natal para fazer entrega a Luiz da Câmara Cascudo, da *Medalha Massangana*, através da qual a instituição vem homenageando ao longo do tempo homens de estudo e homens de ação que, amando o que criam e fazem, parecem anunciar, desde a sua origem, que aquilo que constroem tem o destino de transcender o tempo. Sabemos o quanto pessoas assim, com as suas ações e as suas obras, contribuem para a valorização e engrandecimento da vida. Era esse o sentimento que nos movia ao chegarmos em Natal naquela época, para cumprirmos, felizes, a tarefa de homenagear um autor e um cidadão do mundo em todos os aspectos admirável. E conscientes, por isso mesmo, que ao visitar e homenagear Câmara Cascudo no seu célebre casarão da Junqueira Ayres, onde se recolhia com Dhalia, os seus livros e com o seu charuto, nós é que éramos, de certa maneira, homenageados, por tudo que ele transmitia ao mesmo tempo de grandeza, simplicidade e amorosa devoção pela sua terra e pela sua gente. Pelo seu país e o seu povo.

Hoje, mais uma vez, chegamos em Natal com o propósito, igualmente feliz, além de honroso de conceder em nome da Fundação Joaquim Nabuco o título de *Pesquisador Emérito* a um dos seus mais ilustres cidadãos. Talvez seja natural, portanto, que em nós se repitam, embora o tempo e a idade sejam outros, a mesma alegria e emoção das quais fui tomado naqueles dias antigos. Porque para nós, da **Fundação Joaquim Nabuco**, sempre consti-

tuirá razão e motivo de alegria homenagear aqueles que de uma maneira ou de outra, individual ou coletivamente, contribuem com suas obras e ações para dar à sociedade e ao homem um melhor destino. O que ocorre no caso de pesquisadores e estudiosos que, identificados com os seus objetivos, têm contribuído com obras e estudos relevantes para o desenvolvimento da sociedade brasileira em áreas diversas do conhecimento, principalmente no que se refere ao Norte e Nordeste do Brasil, área de atuação legal da instituição.

Esse, permitam-nos dizer, é o espírito que orienta e fundamenta a concessão do título de *Pesquisador Emérito*, desde a sua criação em 1986, concedido pela Fundação Joaquim Nabuco. E sob esse espírito e orientação, a indicação do pesquisador e historiador Frederico Pernambucano de Mello, que teve reconhecimento unânime pelo corpo de pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais, do nome do pesquisador Oswaldo Lamartine de Faria, foi aceita e homologada pela Presidência da Fundação Joaquim Nabuco diante da importância da sua contribuição para a cultura do seu Estado, do seu Povo, da sua Região, do seu País.

Aqueles que conhecem a obra e a vida do homenageado afirmam que a sua obra e a sua vida, desde os caminhos iniciais da infância, têm sido como que uma coisa só: uma entranhada na outra, uma decifrando a outra, definindo os limites de uma geografia particular e um modo pessoal de estar no mundo em que tudo é Sertão. Essa a possível razão pela qual o jornalista e acadêmico Vicente Serejo, no discurso com o qual o recebeu na Academia

Norte-Riograndense de Letras, ressaltou, considerando a sua obra, que tudo que Oswaldo Lamartine aprendeu, “aprendeu na Escola do Sertão”. Afirmção reiterada por todos que o conhecem e que se debruçam sobre o universo por ele pesquisado. Porque todas as opiniões sobre a sua obra são convergentes. As opiniões e, naturalmente, as admirações. É o caso do seu amigo Francisco das Chagas Pereira, que o vê dissecando as “condições especiais de vida, as peculiaridades dos sertões seridoense, solo, flora, fauna, bicho-homem e o que ele cria, sua cultura, tudo historiado tim-tim-por tim-tim, porque tudo estava ali encasquetado lá nele, no saber de experiência feito”. Ou o caso de Gilberto Freyre, nos idos de 50, que afirmou ser ele “o maior etnógrafo brasileiro” Ou, entre outros, o escritor José Lins do Rego, que seduzido pela obra de um Oswaldo Lamartine ainda jovem, confessou em letra de forma, através de artigo de jornal, que “muito teria que aprender com o jovem ensaísta riograndense do norte, e desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possua em folhetos e ABC’s sobre o nosso tema.”

Considerando tudo isso, talvez pudéssemos dizer que habitando o Sertão e sabendo de cor e salteado o seu alfabeto, tão grande é a empatia de Oswaldo Lamartine de Faria com a sua paisagem, os seus hábitos, os seus costumes, a sua gente, que o Sertão não só nele faz pouso como o habita. Daí a grandeza dos seus ensaios e a construção de uma linguagem, a sua, que faz dele um estilista, além de um mestre na sua especialidade. Assim, saudando os Presidentes da Academia Norte-Riograndense de

Letras, Diógenes da Cunha Lima, da Fundação José Augusto, Woden Madruga, os presentes e tornando pública nossa admiração, em nome dos que fazem a instituição aqui representada pelos Superintendentes do Instituto de Pesquisas Sociais, Clóvis Cavalcanti e do Instituto de Documentação, Frederico Pernambucano de Mello, abrimos os trabalhos desta solenidade, na qual, com justiça, Oswaldo Lamartine de Faria é declarado, neste momento, Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco.

Discurso proferido no salão nobre da Academia Norte-Riograndense de Letras, em Natal, Rio Grande do Norte, pelo Dr. Fernando de Mello Freyre, Presidente da fundação Joaquim Nabuco, na abertura da solenidade de entrega do título de Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco a Oswaldo Lamartine de Faria, em 16 de dezembro de 2002.

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA: PESQUISADOR MÉRITO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - 2002*

Frederico Pernambucano de Mello

Foi no ano difícil de 1935 que se reuniram no Recife quatro jovens intelectuais, de saberes distintos, irmanados pela preocupação comum de que o Brasil se conhecesse a si mesmo, de maneira confiável, é dizer, com aquele grau de agudeza e isenção que alonga fatos em ciência. Incomodava-os informação que a imprensa acabava de estampar dando conta de condições idílicas sob as quais estariam vivendo os chamados cassacos da palha da cana nas usinas de açúcar da região. Sabiam não estar diante da verdade mas daquele ativismo em causa própria de que se servem vez em quando, as classes dominantes com uma desfaçatez oceânica. Mas como contestar? Como enfrentar a montagem retórica, fruto de jornalismo brilhante e muito bem pago, sem cair numa daquelas polêmicas à Sílvio Romero de cujo desserviço intelectual o País ainda não se recuperara de todo, na ocasião? Faltavam os inquêritos científicos dignos do nome, os levantamentos sumariantes propiciadores de abordagem segura, a observação participante, a coleta oral de informações de vida, a estatística, tudo, enfim, que se mostrasse capaz de nos dar os níveis social e individual de satisfação, para além dos dados de quantidade.

A década de 30 digladiava-se entre ideologias. Entre a Ação Integralista e a Aliança Libertadora, entre a direita e a esquerda, reeditando dias finais do Império, em

que ou se estava com Eduardo Prado ou com Raul Pompéia. Dias a tal ponto imantados pelas correntes políticas daqui, sorrindo com dentadura postiça trazida do além mar, sobre os quais disse um dia Alceu Amoroso Lima, um vivente do período, não haver heroísmo maior que o da não-opção.

Períodos assim são difíceis para a ciência, notadamente quanto aos ramos que se voltam para o homem isolado ou em relação. E era no auge de um desses momentos que se entreolhavam o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, o psiquiatra social Ulysses Pernambucano, o crítico literário Olívio Montenegro e o pedagogo Silvio Rabelo, todos pesquisadores militantes em seus campos, todos procurando converter o pessimismo em combustível de luta em favor da geração do mínimo de conhecimento científico verde-amarelo. Procurando passar, como gostava de dizer Nilo Pereira sobre a obra de Gilberto Freyre, do preconceito ao conceito. Ou, como recomendava o próprio Gilberto, já nos anos 20, para os estudos necessários a tal passagem: que se fizessem, estes, com mais pontos de interrogação e menos pontos de exclamação...

Vacinados, assim, contra a retórica que ainda dominava boa parte das mentes no Brasil, os quatro jovens de 1935 partem para uma pesquisa na área da cana. Chegam a elaborar questionário, a versar questões como alimentação, saúde, habitação, endemias, tradições, amparo funcional etc. O assunto chega aos jornais. Os jovens ultimavam a teoria. Cedo iriam a campo. Os usineiros, surpresos, reagem bem. A pesquisa continuaria os relató-

rios cor-de-rosa que vinham apresentando. Reúnem-se para discutir o assunto. A bisbilhotice daqueles rapazes em seus campos patriarcais, vergados ao peso de séculos de dominação. E a máscara cai aos pés. Usando a linguagem corrente no período, revelam o propósito de não permitir a instalação de qualquer soviete nos engenhos de açúcar. A imprensa divulga. A pesquisa morria ali.

Com a dispersão do grupo, sobretudo com a ida de Gilberto Freyre para o Rio de Janeiro a convite de Anísio Teixeira, com vistas à criação de curso superior de sociologia, caberá a Ulysses Pernambucano pagar pela ousadia tomada à conta de delito ideológico gravíssimo após o Levante Comunista daquele ano. O Natal de 1935 encontrará o mestre de psiquiatria social e de lógica, o reformador do Hospício da Tamarineira, da Escola Normal e do Ginásio Pernambucano, o criador das revistas Arquivo da Assistência a Psicopatas e Neurobiologia, esta última, ativa até hoje, recolhido à (Casa de Detenção do Recife, onde ficará em cela batida, incomunicável, por 45 dias. Morrerá nove anos depois, aos 51 anos de idade, vítima de perseguições que jamais cessaram, mesmo após sua absolvição liminar pelo Tribunal de Segurança Nacional.

Na queda do Estado Novo, dez anos depois, a mocidade estudantil de Pernambuco elege Gilberto Freyre deputado federal, dando a este o poder de recuperar o sonho de 1935, através da criação, por lei do Congresso Nacional e com a sanção do presidente Dutra, do Instituto de Pesquisas Sociais que receberia o nome de Joaquim Nabuco, no ano do Centenário de Nascimento deste: 1949.

A Fundação Joaquim Nabuco, que hoje aqui se acha em reverência a quem considera um de seus pares mais ilustres, cabendo a nós tão somente dar forma legal ao que o próprio Gilberto Freyre já reconhecera de longa data, é Casa, como vimos, filha de um momento de ruptura em favor do conhecimento científico mais idôneo, mais verde-amarelo, mais comprometido com tudo quanto a cultura foi capaz de criar neste Brasil setentrional. E Casa que teve por si a fortuna florentina do bom governo até os dias que correm, nas mãos dedicadas de Fernando de Mello Freyre, que deveria estar aqui falando, não fora a generosidade de querer dar evidência a um seu velho auxiliar.

Quando nos debruçamos sobre os trabalhos *Notas sobre a pescaria de açude no Seridó*, de 1950; *A caça nos sertões do Seridó*, de 1961; *Algumas abelhas dos sertões do Seridó*, de 1964, em co-autoria com Hipérides Lamartine; *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó*, de 1965; *Vocabulário do criatório noroeste-riograndense*, de 1966 e segunda edição em 1997, em co-autoria com Guilherme de Azevedo; *Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó*, de 1969; *Silo-família no Seridó*, de 1980; *Algumas peças líricas do Museu Municipal de Mossoró*, de 1982; *Ferros de ribeiras do Rio Grande do Norte*, de 1984; *Pseudônimos & iniciais potiguares*, de 1985, em co-autoria com Raimundo Nonato da Silva; *Seridó, Séc. XIX: fazendas e livros*, de 1987, em co-autoria com o padre João Medeiros; *Apontamentos sobre a faca de ponta*, de 1988; *Alguns escritos da agricultura no Império do Brasil*, de 1998, ou esse delicioso *Notas de carregaço*,

de 2001, o que primeiro nos acode à observação é que todos os títulos se quedam aquém do alcance do conteúdo, a revelar a modéstia do autor, Ou que, em medida largamente majoritária, contêm conhecimento inédito ou levantado à base de fonte de primeira mão. Ou, ainda, que todas as assertivas podem ser confirmadas com base nos procedimentos usuais de ciência, e que todo o vasto cabedal de conhecimento veiculado, sobretudo no plano etnológico, tem por si a flor da linguagem mais escorreita, animada pela seiva espontânea do classicismo vocabular sertanejo, estudado um dia por Câmara Cascudo, por Virgílio de Lemos ou por Mário Marroquim entre os maiores, mas que no autor a que estamos aludindo alcança elevação insuspeitada, de par com a genuinidade de quem pôde dizer dos pastos da infância estas palavras definitivas:

...o sertão é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-homem, tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos. O cheiro da água que nos desertos também cheira. O da terra molhada, do curral, da lenha queimada e de cada flor. O belo- horrível-cinzento dos chãos esturricados, o arrepio-verde da babugem, a explosão em ouro das craibeiras em flor. Os ruídos dos ventos, das goteiras, do armador de rede, o balido das ovelhas, o canto do galo, o estalo do chicote dos matutos, o ganido do cachorros em noite de lua, os tetéus, o dueto das casacas de couro, os gritos do socó a martelar silêncios, os aboios, o bater dos chocalhos, o mugido do gado e tantos outros que ferem nas ouças da saudade.

Oswaldo Lamartine de Faria,

Pela força germinal da vossa obra de escritor e etnólogo, abstraímos a linearidade do tempo para vos proclamar um daqueles homens de 1935, porque contribuístes para a formação do conhecimento mais completo e confiável sobre a vossa região, que abençoadamente é nossa também. Recebei, pois, com todo mérito, os símbolos que cristalizam essa verdade.

* Discurso de saudação a Oswaldo Lamartine de Faria, na solenidade de outorga do título de Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco, a 16 de dezembro de 2002, na Academia Norte-Riograndense de Letras, Natal, Rio Grande do Norte.

DISCURSO DE OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

Caí nessa tocaia

Conspiração de amigos encabeçada pelo prof. Fernando Freire, gente das ribeiras do Capiberibe. Herdeiro ele é da sabença do pai que espiava pelos buracos – das – fechaduras a vida nas casas grandes & senzalas – e filho de maracajá já nasce pintado... É que ali havia um rei do saber, do dizer e do escrever. Sombra de gameleira que açoitava e sombreava o relento da nossa ignorância.

Lá naqueles Apipucos se arranchou o filho: entre livros, memórias e professores, gente que envelhece entre amarelados papéis arrebanhando e repartindo sabedoria. Daí, esse meu gaguejar de agrado em mote de cantador: Quem beija a boca do filho / adoça a boca do pai.

E tanto tem engehado essa gente por esse mundão de meu Deus, que, inda agora, foi conceida a Fundação Joaquim Nabuco o prêmio multicultural do jornal o Estado de São Paulo.

Veio com eles esse guerreiro do sol, Frederico Pernambucano de Mello – moço fidalgo que se fez douto e escriba em rastejar, saber e compreender os heróis e bandidos da caatinga sertaneja.

E de tanto engeharem me botaram agora essa tocaia: um título que é muito mais dos que me desasnaram das coisas que escrevi, do que meu: do finado Pedro Ourives e do seu filho Chico Lins – nas artes do couro; do mestre Zé Lourenço em açudar águas; de Chico Julião em rastejar abelhas; de Bonato Liberato Dantas e seu irmão Ramiro nas pescarias de açude; e do vaqueiro maior do Camaragibe, Olintho Ignácio.

Já estou velho, mouco, de vista curta e de passada miúda. Daí me rendo e entrego a VMC Frederico Pernambucano de Mello, esse rifle 44, que foi de Pilão Deitado, cangaceiro do Antônio Silvino, finado no fogo da Fz. Pedreira em 1901.

É agrado de meu sobrinho Pery Lamartine e dele eu sou apenas estropiado portador. Tome! Receba pelo coice! E venha de lá um abraço.

Obrigado c: VMCs.

NOVOS ACADÊMICOS

INSTITUTO DE QUÍMICA

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ARMANDO NEGREIROS

PÓRTICO DE ENTRADA

Logo após a minha eleição, no final do ano passado, para a Academia Norte-rio-grandense de Medicina, onde tomei posse na cadeira de número 36, cujo Patrono é João Cabral Neto, alguns colegas médicos começaram a dizer que o meu próximo passo seria a Academia Norte-rio-grandense de Letras, para atingir a bi-imortalidade.

Por mais enfático que eu fosse, tentando dissuadi-los do que eu julgava ser uma ironia socrática, eles insistiam com uma persistência que me deixava preocupado, pois jamais havia pensado em tão ousada pretensão.

Até que um dia o assunto veio à baila na presença de um acadêmico que, de pronto, apoiou a idéia, estimulando-me a inscrever-me na cadeira 14, que fora ocupada por Raul Fernandes. Encaminhou-me a Sônia Cavalcanti, competente secretária da Academia Norte-rio-grandense de Letras e amiga *in corde*.

Aceitei o desafio, e hoje, neste momento magno, desejo iniciar este breve discurso agradecendo aos amigos, Araken Irerê Pinto, Expedito Fernandes Gurgel, falecido precocemente aos 43 anos em 8 de março passado, e Kleber de Melo Moraes. Agradeço ao acadêmico Hypérides Lamartine, meu querido e leptossômico amigo, magro de alma gorda, por ter deflagrado a minha inscrição e posterior eleição.

MÉDICOS NA ACADEMIA

Meus Senhores, minhas Senhoras,

Dos 40 patronos desta Academia apenas 4 eram médicos: **Luiz Carlos Lins Wanderley** – cadeira 6; **Pedro Velho** – cadeira 15; **Segundo Wanderley** – cadeira 16; **Luiz Antonio Ferreira Souto dos Santos Lima** – cadeira 38.

Entre os fundadores e demais ocupantes, incluindo os que faltam tomar posse, temos um total de 106 acadêmicos, dos quais dez médicos, o que mantém a proporção em torno de dez por cento da nossa Academia ocupada por médicos.

A saber: **Januário Cicco** – cadeira 11; **Esmeraldo Siqueira** – cadeira 29; **José Tavares** – cadeira 38 (**Fundadores**); **Mariano Coelho** – cadeira 07; **Onofre Lopes da Silva** – cadeira 11; **Raul Fernandes** – cadeira 14; **Grácio Barbalho** – cadeira 02; **José de Anchieta Ferreira** – cadeira 03; **Iaperi Araújo**, cadeira 23; **Armando Negreiros**, cadeira 14.

Podemos observar que médico sucedendo a médico tivemos: Onofre Lopes na cadeira 11, a Januário Cicco e Armando Negreiros na cadeira 14, a Raul Fernandes.

A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA

Luís da Câmara Cascudo foi o criador da nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras. Reproduzo as suas próprias palavras, no ano de 1949:

“Há treze anos, 9 de agosto de 1936, Aderbal de França e eu ficamos o domingo juntos, debatendo, escrevendo nomes dos futuros imortais e seus padroeiros. Acertamos mais ou menos a lista, original pela letra de Aderbal, em meu poder. Fui começando a conversar com as minhas vítimas. Umas riam. Pilheriavam outras. Um deles, humorista nato, perguntou se já havíamos contado com o testamento de Fortunato de Aranha, o nosso maior livreiro, e cujas iniciais coincidiam com as de Francisco Alves, padrinho da Academia Brasileira. Aceitavam, entretanto, a imortalidade que lhes oferecia. Todos os acadêmicos fundadores foram, sem exceção, convidados por mim. Em nossa casa, ou melhor, na sala e alpendre, fizemos as primeiras sessões preparatórias, acertando dois pontos iniciais e definitivos. Primeiro: eu jamais seria presidente da Academia; segundo: aceitaria a secretaria geral na primeira diretoria. ... Finalmente, na noite de um sábado, 15 de maio de 1937, no Instituto de Música, declarou-se a Academia instalada regularmente e fiz as comunicações, desafogado da missão”.

Dessa forma o seu primeiro Presidente foi Henrique Castriciano, que tem como patrono Nísia Floresta. A cadeira número um coube a Adauto Câmara, patrono Padre Miguelinho. Cascudo ficou com a cadeira número treze, cujo patrono é Luís Fernandes.

OS FUNDADORES

O Fundador da cadeira número quatorze foi Anto-

nio Fagundes, que vemos nesta foto acompanhado por (da esquerda para a direita e de cima para baixo)

1. **Virgílio Trindade, Oto Guerra, Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa;**
2. **Onofre Lopes, Edgar Barbosa, Nestor Lima, Francisco Ivo Cavalcante, Raimundo Nonato da Silva;**
3. **Hélio Galvão, Antonio Fagundes, Manuel Rodrigues de Melo, Aderbal de França, Eutiquiano Garcia Reis;**
4. **Floriano Cavalcanti, Bruno Pereira, Palmira Wanderley, Carolina Wanderley;**

Sabemos que o conceito da imortalidade se fundamenta na lembrança sempre renovada daqueles que um dia ocuparam aquela cadeira. Isso nos remete a algumas citações:

“A imortalidade é certamente um sentimento agradável, especialmente enquanto a gente está viva.” - **Theodor Herzl (1860 - 1904).**

“Se a mortalidade da alma pode ser terrível, não menos terrível pode ser a sua imortalidade.” - **Unamuno (1864 - 1936).**

“A vida é pobre demais para não ser também imortal.” - **Jorge Luis Borges.**

“A imortalidade é a arte de se morrer em tempo.” – **Sofocleto.**

“Juro que nunca a honra acadêmica esteve entre os meus sonhos e propósitos” – **Dorian Jorge Freire.**

“E assim, graças à generosidade dos senhores acadêmicos, hoje tenho a honra e a alegria imensa de me tornar um dos integrantes da associação mais prestigiosa das letras potiguares”. – **Fagundes de Meneses.**

“A láurea que hoje recebo é de estar nesta Casa, nesta Academia, à qual cheguei sem alarde, embora sentindo a mesma emoção de quem entra pela primeira vez em uma grande catedral, mas com a plena convicção de que farei o que for possível por ela e por merecê-la”. – **Valério Mesquita.**

“Agradeço aos ilustres acadêmicos o sufrágio do meu nome cuja votação muito me honra e desvanece, por conferir-me o privilégio de pertencer a esta Casa de Cultura, e de conviver com a elite intelectual do Rio Grande do Norte. Não me considero merecedor desta distinção máxima...” – **José de Anchieta Ferreira da Silva.**

“Agora, mercê de vossa generosidade, vim para ficar. Para integrar-me de vez no convívio dos mais altos expoentes da inteligência do Rio Grande do Nor-

te, guardiões e continuadores do imenso patrimônio da cultura, de que se orgulha a nossa terra.” – **Sylvio Piza Pedroza**.

“Na verdade é um raro privilégio, concedido a um feliz cidadão – o de se tornar imortal... antes de ser mortal”. – **Oriano de Almeida**.

“A verdadeira generosidade dos integrantes desta Casa da Cultura e da inteligência traz-me hoje, ainda atônito pela distinção, a ocupar uma de suas cadeiras... Confesso, nesta ocasião, que tive receio em transpor os umbrais desta Casa, em virtude de minhas próprias limitações.” – **Aluízio Azevedo**.

“A qualificação da imortalidade acadêmica, ironizada por tantos, atesta apenas a permanência da instituição, sua atividade e contribuição intelectual, significando motivação cultural na consciência de sua época vivida por seus integrantes. ... Enfim, o cumprimento da vida humana no que ela tem de passageira, efêmera, transitória.” – **Luis Carlos Guimarães**.

“Eu de mim repetiria: a cadeira se preenche mas o lugar continua devoluto” – **Mário Moacyr Porto**.

“Sinto-me envaidecido em pertencer a este templo que mantém aceso o fogo sagrado da cultura, em cujas labaredas é queimado o incenso à musa Calíope e à deusa Minerva”. – **Jurandy Navarro**.

“Jamais imaginei em pertencer a mais alta Casa de nossa cultura. Título dignificante que muito me sensibilizou, em particular ao ver-me envolvido numa seara diversa do meu labor cotidiano”. – **Raul Fernandes**.

“É este, sem dúvida, um grande momento para mim. E até mais que isto: um dignificante e comovente júbilo, um superlativo prazer”. **Nilson Patriota**.

“Jamais se inseriu entre as minhas aspirações a magnificência deste momento, até porque elas não têm sido muitas nem ousadas.” – **Miguel Seabra Fagundes**.

“Nesta noite memorável vivo um dos momentos culminantes da minha existência!” – **Olavo de Medeiros Filho**.

“Parece que chego tão cedo, com esse resto de juventude que ainda trago no rosto; no entanto, é tão tarde. Demorei pelos caminhos.” – **Vicente Serejo**.

“Sou grato aos que, em eleição democrática, sufragaram o meu nome, ..., nunca pelo valor pessoal que se possa atribuir ao eleito.” - **Paulo Macedo**.

“Ao penetrar nos propileus da Acrópole das letras potiguaras assomam ao painel da minha lembrança pessoas queridas às quais, nesta hora de júbilo e emoção, quero agradecer o muito que fizeram por mim.” – **Itamar de Souza**.

“Desprovido de eloqüência, devo ser breve, para não cansar os presentes.” – **Manoel Onofre Júnior.**

“Tenho a felicidade de proclamar, inicialmente, que estou transpondo os umbrais deste Teatro e desta Academia com 33 votos a favor e nenhum contra, dados pela generosa unanimidade dos acadêmicos. ... Verifico e reconheço hoje que a vida me deu muito mais do que mereço” – **Murilo Melo Filho.**

“Cheguei. ... Não porque tivesse eu o projeto, muito honroso, de participar desta instituição, como um de seus membros efetivos.” – **Aluisio Alves.**

“Ao transpor os umbrais desta Colenda Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ..., o faço com imenso gáudio e em presença das mais dignas, honradas e cultas figuras que simbolizam e representam o talento, a cultura e a respeitabilidade nas múltiplas funções que exercem nessa terra potiguar.” – **João Batista Pinheiro Cabral.**

“_Despem-se e despedem-se de mim, nesta hora, todos os títulos, honras, glórias e lauréis que porventura esta hora carregue consigo, emparedada de emoções.” – **Sanderson Negreiros.**

O PATRONO, JOAQUIM FAGUNDES

O Professor Antonio Fagundes escolheu para

patrono da cadeira quatorze, Joaquim Fagundes. Filho de um vigário, o Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes que, no dizer de José Melquíades, **“deixou uma prole robusta, catolicamente veneranda, maçonicamente venerável.”** Fundador da Maçonaria no Rio Grande do Norte foi, juntamente com o Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, suspenso das ordens sacras por suas atitudes firmes e independentes.

Joaquim Fagundes, adolescente, precoce, era jornalista, dramaturgo, advogado e poeta, nasceu no dia 19 de março de 1856 e morreu em 21 de agosto de 1877 com 20 anos, 5 meses e dois dias de idade, o que levou o Dr. Moreira Brandão, patrono da cadeira de número cinco, seu amigo íntimo e admirador, a afirmar: **“Joaquim Fagundes não teve tempo de passar de uma grande esperança”**.

Autodidata, primava pelo convívio entre os intelectuais, se destacando como líder do seu tempo, fundando sociedades literárias, revistas e jornais, como “O Eco Miguelino”, órgão literário, filosófico, educativo e polêmico; “Íris”, revista bimensal, feminista, que batalhava pelos direitos da mulher; “Luz”, periódico maçônico.

Pronunciou conferências e escreveu artigos de crítica social, onde, devido aos arroubos próprios da juventude, atacava a tudo e a todos que julgava responsáveis pelas injustiças sociais.

Conforme consta no livro de Veríssimo de Melo: “Era temperamento violento, arrogante, não poupando ninguém na defesa dos seus pontos de vista. Fez críticas ter-

ríveis à sociedade do seu tempo, insurgindo-se até mesmo contra o governo e a igreja. Foi maçom exaltado e participou ativamente da questão entre a Igreja e a Maçonaria. Em certas áreas do estado, apesar de suas manifestações como abolicionista e republicano, era tido como agitador, individuo perigoso e agressivo”.

Foi advogado provisionado, participando de sessões do júri na capital e no interior. Compôs o hino Miguelino, musicado por dona Joana Carolina Seabra de Melo. Teatrólogo, escreveu e levou à cena os dramas “A mão de Deus”, “A queda de um anjo” e “A queda de Lusbel”.

Vejam os senhores a atualidade de alguns trechos de um artigo de Joaquim Fagundes intitulado “O povo tem nobres e gigantescas aspirações...”

- “O povo tem nobres e gigantescas aspirações, que não consegue realizá-las pela barreira ingente que encontra no governo.

- Não há progresso na indústria, na agricultura e na ciência; de tudo é falto o Brasil; seus filhos adormecidos no remanso da ociosidade vão se afogar no oceano da estupidez.

- Quem tem meios bastantes, compra à custa de ouro um título e, se é diligente, instrui-se; ... mas a pobreza, os esquecidos talvez da Providência são condenados a sepultar-se no abatimento da estupidez e, debalde, na aridez dos arábicos desertos da ignorância, imploram uma gota d’água, instrução, sem que haja outro Moisés que a faça brotar da pedra.

- Despreza-se o povo, não se cuida da sua educação; depois, quando ele se torna intratável pelas maneiras bruscas, é atirado à lama do aviltamento.

- Querem o povo para degrau, somente; todos os direitos lhe roubam; e fazem-se seus intérpretes e advogados!

Joaquim Fagundes, com enormes dificuldades financeiras, era uma personalidade ímpar. Adoeceu de Beribéri - doença decorrente da deficiência de vitamina B1 (tiamina), e que apresenta polineurite, edema e cardiopatia -. Compôs a seguinte elegia:

“Já pressinto da morte a negra sombra
A seguir pressurosa os passos meus!
Mas, é tão cedo ainda! Sinto na alma
Tanto fogo e amor! Tanta esperança!”

Pelo seu temperamento agitado e radical a sua morte provocou tumulto na cidade do Natal, pois as autoridades negavam autorização para o seu sepultamento no Cemitério do Alecrim.

Ainda em Veríssimo: “Amigos, revoltados, queriam demolir o muro da necrópole, para que passasse o cortejo fúnebre. O Vigário Bartolomeu pensou na solução de levar o corpo para a Redinha, sepultando-o ali, no velho cemitério dos ingleses. Afinal, cederam as autoridades às pressões populares, indo Joaquim Fagundes repousar no Campo Santo do Alecrim”.

Armando de Lima Fagundes, bisneto do Vigário Bartolomeu, ofertou-me gentilmente um livro de autoria

de Antonio Fagundes, intitulado “O Vigário Bartolomeu – Traços Biográficos”, onde o autor se refere a Joaquim Fagundes: “jovem de 17 anos, de rara inteligência, alma ardente, amante das tragédias em cena, ..., espírito combativo, desassombrado, atrevido, que chamou a si a defesa da causa do Vigário Bartolomeu, de quem era descendente perfilhado.”

O FUNDADOR, PROFESSOR ANTONIO GOMES DA ROCHA FAGUNDES

Nasceu no dia 09 de dezembro de 1896, no sítio Paul, um engenho de açúcar, no sítio de Vila Flor, nas proximidades de Canguaretama. Filho de Pedro Regalado da Rocha Fagundes e Leonor Miquilina da Rocha Fagundes. Começou a trabalhar em Natal como escrevente, no cartório do tabelião Salustiano Peregrino da Rocha Fagundes, seu tio. Estudou no Colégio Santo Antonio, dirigido pelo Padre Irineu Joffly, em seguida no Atheneu fez o curso de Madureza. Insatisfeito com a Reforma Rivadávia ingressou na Escola de Aprendizes Artífices (CEFET), diplomando-se em Alfaiate. Na Escola Normal de Natal, recebeu o diploma de Professor Primário.

Destacou-se trabalhando à maneira de alfaiataria inglesa, recebendo o título de Oficial de Alfaiate. Mas foi como o Professor Fagundes que ele levou a vida, iniciando no Grupo Escolar Tenente José Correia, na cidade do Açu, entre 1916 e 1923, onde escreveu “História e Geografia do Município de Açu”, publicado em 1923, ano em que foi transferido para o Grupo Escolar Frei Miguelinho,

em Natal e no ano seguinte para o Grupo Escolar Augusto Severo.

Casou-se com a prima Maria de Almeida Fagundes, Maroquinha, não teve filhos, mas adotou três sobrinhos, órfãos de pai, José Waldenício, advogado e Gilvan, comerciante, que o chamavam de *Padrinho* e Terezinha, funcionária da UFRN, que o chamava de *papai*, acolhendo sua cunhada, Antonia de Almeida Fagundes, Nazinha, que enviudara de José de Sá Leitão. Educou também a afilhada Maria da Graça Guanabara.

Em 1927 foi nomeado diretor da Escola Normal de Mossoró, assumindo também a cadeira de Francês e as classes do Grupo Escolar 30 de Setembro. Em 1930 assumiu a Escola Normal de Natal, regendo a cadeira de Português até 1935. Ministrou aulas particulares, voltando à direção da Escola Normal em 1937 até assumir o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação em 1939. Na Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, instituição mantenedora da Escola Doméstica, participou do Conselho Administrativo e passou a reger a cadeira de Matemática, em 1933. Ocupou a cadeira de Português no Atheneu por dez anos.

De outubro de 1943 a fevereiro de 1959 dirigiu o Ginásio Sete de Setembro, que foi transferido da Princesa Isabel para a rua Seridó, para prédio projetado e administrado por ele, sendo inaugurado no dia 12 de outubro de 1944.

Militou na imprensa de Mossoró e Natal, foi fotógrafo e marceneiro amador. Escreveu vários livros didáticos. "História e Geografia do Município de Açú", o

credenciou para esta Academia, tendo sido o fundador da cadeira de número catorze. "Leituras Potiguaras", 1935, "Educação e Ensino", "O Cruzeiro", "Os Símbolos Nacionais", "O Rio Grande do Norte".

Faleceu no dia 10 de outubro de 1982, aos 86 anos de idade, deixando a publicar "Notas sobre Canguaretama", "Vigário Bartolomeu", "Cento e vinte crônicas sobre educação", "Marcelo e sua casa", "Dúvidas e dificuldades da língua vernácula". Costumava afirmar "os livros que estão inéditos ficarão aguardando o tempo que tudo destrói".

Agradeço a José Waldenício, a Mário e a Aldenita de Sá Leitão, poeta, cronista e membro da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte, as fotos e os dados biográficos aqui relatados.

A DIALÉTICA

Meus Senhores, minhas Senhoras,

Neste momento me ocorre uma indagação que deve também estar na mente de cada um dos senhores:

- O que levou o Professor Antonio Fagundes a escolher como seu Patrono uma personalidade tão distinta da sua?

Inspiro-me no mundo grego, isto é, no período pré-socrático, época em que o gênio grego migrou da submissão mítico-religiosa da cosmogonia e despertou para o entendimento da natureza através da cosmologia, com

uma visão teórico-filosófico-científica postulada pela razão.

Desse modo, entre tantas teorias explicativas para entender o homem e a natureza dos pensadores pré-socráticos, ancoro-me na doutrina de Heráclito, no sentido de que esta possibilitara um diálogo que levara a rupturas e novas conexões do pensamento.

Segundo o grande filósofo alemão Hegel, foi Heráclito o pai da dialética. Foi ele que nos mostrou que ***tudo muda, tudo flui, nada é fixo ou eterno***. Heráclito mostrou que a natureza é um ***vir-a-ser contínuo*** e que o homem é também natureza. A doutrina de Heráclito teve muita influência na antiguidade e vem a ser retomada na metafísica de Platão.

Platão compreendeu a dialética como sendo a saída do homem da ignorância para o iluminismo, metaforicamente mostrada na alegoria da caverna. Em sendo assim, a saída da caverna – terra da ignorância e do senso comum – para o sol que representa a região da luz, ou esclarecimento, dá-se pelo processo da **Dialética Ascendente** e o retorno do homem iluminado à caverna para resgatar os outros que estão na ignorância, é concebido como **Dialética Descendente**.

A visão filosófica de Platão foi a que mais influenciou o pensamento ocidental, chegando até nossos dias. Na modernidade, há o renascimento da dialética heraclitiana à luz do sistema filosófico de Hegel.

Na **Fenomenologia do Espírito**, Hegel vem nos ensinar que a razão é possuidora de um movimento dialético, compreendida a partir de três momentos:

A tese, que equivale ao espírito subjetivo – antropologia, razão e psicologia;

A antítese, o espírito objetivo – o Estado, o Direito e a Ética;

A síntese, o espírito absoluto – a religião revelada, a arte estética e os conceitos filosóficos.

Dessa forma, a Razão efetiva um movimento triádico: tese, antítese e síntese, onde o real é obra da razão, a história da humanidade é a história da razão.

Após Hegel a dialética foi rediscutida magistralmente por Karl Marx, ao escrever **A Ideologia Alemã**, permitindo um exame profundo da sociedade, ao longo dos tempos, concluindo ser a história dos homens **a história das lutas de classes**.

Retorno a Hegel para utilizar a lógica dialética que possibilita diálogo e conexões entre o novo e o velho, entre o morto e o vivo, para retroceder no tempo e unir **os elos da cadeira catorze**.

Ouso descrever o Patrono, Joaquim Fagundes, como a **Tese**, por se tratar de um ser social portador da transgressão, por ter uma história singular.

O seu contrário, Antonio Fagundes, que aqui eu trato como a **Antítese**, cuja história de sua vida, conservadora e formal, bem o revela.

Na seqüência, vem a cadeira a ser ocupada por Raul Fernandes, que eu nomeio como **Síntese** e cujas características acoplam a permanente inquietude sonhadora, com realizações palpáveis, inimagináveis para uma época.

E, hoje, seguem-se novas **teses**, como é o caso de eu ter sido escolhido para ocupar esta cadeira, que serão seqüenciadas por novas **antíteses** e **sínteses**.

A lógica dialética hegeliana vem nos mostrar que é a Razão que cria os conceitos numa posição subjetiva e que os consolida no meio social. Portanto, a criação de uma Academia de Imortais é obra da Razão que os categorizou como intelectuais portadores do espírito de um tempo.

Entretanto, todos morrem, e, ao morrerem, novos intelectuais aparecerão para efetivar, mais uma vez, o princípio de que o real é **o vir-a-ser** do velho Heráclito.

RAUL FERNANDES

RESUMO BIOGRÁFICO

Raimundo e Vicente Fernandes, prósperos empresários da cidade de Mossoró, com filiais de suas firmas no Rio de Janeiro, se preocuparam com trazer para essa cidade os parentes mais pobres, principalmente de Pau dos Ferros.

Dessa forma, chegaram a Mossoró os pais de Raul Fernandes, depois de terem se aventurado por quatro anos tentando a vida nos seringais amazonenses, o que era comum naquela época e aconteceu, também, com os meus avós.

Raul Fernandes, filho de Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins e Isaura Fernandes Pessoa, nasceu em Mossoró aos nove de setembro de 1908 e faleceu em 14

de agosto de 1998, próximo de completar 90 anos de idade. Estudou interno no Colégio Nóbrega, em Recife, onde fez, com os Jesuítas, o Curso Preparatório.

Podemos observar a vida de Raul Fernandes de três ângulos distintos.

Do ponto de vista **profissional** preferiu exercer a medicina, embora fosse graduado também em Direito. Especializou-se em otorrino-oftalmo-laringologia na Alemanha, na Áustria e nos Estados Unidos, onde chegou a ser Professor de medicina. Um verdadeiro pioneiro, introduziu novos métodos e técnicas no Brasil, publicou inúmeros trabalhos e é citado em vários tratados médicos.

No **aspecto cultural**, Raul interessou-se pelos assuntos mais diversos. Escreveu sobre suas inúmeras viagens à Europa, Estados Unidos, Jerusalém, Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia, Grécia e Egito. Relatou minuciosamente as visitas ao vulcão Vesúvio, à prisão Sing-Sing e a travessia do atlântico no dirigível Hindenburg. É referência obrigatória na história do cangaço, com dois livros definitivos: *A marcha de Lampião* e *Antonio Silvino no RN*.

O terceiro e principal ângulo, onde Raul atinge a maior dimensão e o maior destaque é como **humanista**. Cultivador dos valores morais, que se definem a partir das exigências concretas, psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionam a vida humana. Todos que conviveram com Raul atestam os seus valores ético-deontológicos, a solidariedade humana e o saber filosófico-existencial.

Encontrou em Maria Fernandes, Lilia, sua prima e esposa durante 54 anos - de 1944 a 1998 -, uma compa-

nheira culta, amiga e co-responsável por tudo que ele produziu. Lília era interessada em astronomia, cultura afro-brasileira, parapsicologia e malacologia, ou seja, conchilologia – estudo de conchas e moluscos.

Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins, de Portalegre, prefeito de Mossoró em 1927, foi um dos poucos a acreditar no ataque de Lampião àquela cidade, ainda que muitos o considerassem impossível. Diligentemente organizou a defesa, com bravura e sacrifício pessoal, tendo como pontos estratégicos as torres das igrejas, principalmente a de São Vicente. Empresários, funcionários, homens de todos os credos e raças ombream-se nessa missão histórica de resistência cívica que emocionou todo o país.

No dizer de Vingt-un Rosado, “este episódio da resistência à investida de Lampião, nos idos de 1927, pode ser classificado como a Saga Heróica da Família Fernandes, tão numerosos foram os seus participantes na defesa da cidade.”

Raul Fernandes fez na Bahia o curso de Direito, tendo se formado em 1930, quando declinou o convite do Ministro do Exterior, Otávio Mangabeira, para seguir a carreira diplomática. Paralelamente cursava Medicina que concluiu no Rio de Janeiro em 1932. Especializou-se em otorrinolaringologia e oftalmologia o que era comum na época, tendo, posteriormente, optado apenas por otorrinolaringologia.

No ano de 1936 foi para a Europa, onde fez cursos de aperfeiçoamento nas Universidades de Berlim e Viena. Voltou para o Brasil no mesmo ano, numa memorável

viagem no Zepelim Hindenburg, que descreveremos adiante.

Em 1939 a convite da Academia Ibero-americana de Berlim, visitou, juntamente com outros brasileiros, entre eles o médico natalense José Tavares, os mais adiantados centros médicos da Alemanha e da Áustria.

O seu regresso ao Brasil foi dramático, em pleno início da Segunda Grande Guerra Mundial, com as fronteiras fechadas por Hitler após a invasão da Polônia e a declaração de guerra pela Inglaterra. Transcreveremos mais na frente as próprias palavras de Raul Fernandes.

No Brasil chefiou em Natal, no Hospital Miguel Couto, hoje Hospital Universitário Onofre Lopes e que antes se chamara Juvino Barreto, o serviço de sua especialidade.

Em 1940, fez pós-graduação na Universidade de Temple, na Filadélfia, onde chegou a Professor Assistente. O ilustre mossoroense proferiu, em 1942, na Associação Pan-Americana de Filadélfia, a conferência com o título: "Some Brazilian Contributions to Medicine". No Hospital Policlínico de Nova Iorque serviu ao esforço de guerra dos americanos.

Voltou ao Brasil em 1944, fixando-se no Rio de Janeiro, onde chefiou o serviço de Broncologia e esofagologia do Hospital Miguel Pereira, dirigido pelo Professor Fernando Paulino. Raul foi o primeiro a realizar broncoscopia com retirada de material para diagnóstico de patologias pulmonares, principalmente o câncer, tendo sido citado em vários compêndios médicos como pioneiro na técnica em toda a América do Sul.

Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde 1954, tornou-se o seu Titular, então Professor Catedrático, em 1961, aposentando-se em 1978.

Raul Fernandes foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e tomou posse nesta Academia Norte-rio-grandense de Letras no dia 05 de agosto de 1983, sendo saudado por Veríssimo de Melo. Pertenceu, também, à Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Um homem além do seu tempo, Raul Fernandes foi advogado, tendo exercido a profissão uma única vez para fazer uma defesa em Mossoró.

Como médico otorrinolaringologista e oftalmologista, realizou cirurgias com técnica e habilidade, difundiu métodos e procedimentos, obteve renome internacional.

Viajante corajoso com acurado senso de observação, memorialista cuidadoso, dedicou-se à tarefa de pesquisa na área do cangaço, publicando dois livros de suma importância.

Sobre "**A Marcha de Lampião**", alguns depoimentos:

"Este é livro de investigação e ternura, raciocínio e entendimento sociológico. Um livro de quem sabe olhar e ver." Câmara Cascudo.

"... o livro é interessantíssimo." Carlos Drummond de Andrade.

"... depoimento imprescindível ao conhecimento de

um homem e de uma época, tanto quanto do fenômeno do cangaço.” Edson Nery da Fonseca.

“Com *A Marcha de Lampião*, Raul Fernandes contribui, de modo decisivo, para um conhecimento melhor do banditismo no Nordeste e acredito que, a partir de agora, não se poderá escrever sobre o assunto sem recorrer a essa obra.” Fran Martins.

“Raul é um historiador que o Brasil inteiro respeita e admira, tudo é narrado pelo autor como uma saga, uma epopéia.”

Veríssimo de Melo destaca o rigoroso fundamento histórico do livro; Dorian Jorge Freire projeta o valor literário e histórico, da sua obra; Ascendino Leite ressalta a veracidade do depoimento de Raul.

Enumeramos algumas conferências e trabalhos publicados no Brasil e nos Estados Unidos:

1. Considerações sobre o tratamento do estrabismo, Rio de Janeiro, 1946;

Nos Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia do RN, entre 1939 e 1941:

2. Limpeza da câmara anterior pela insuflação de ar;
3. Difteria nasal primitiva;
4. Etmoidectomia pela via maxilar;
5. Cisto folicular paradentário do maxilar superior

Na Revista Brasileira de Medicina, nº 9, 1944, Rio de Janeiro:

6. Indicações de Broncoscopia em Cirurgia Torácica;

Na Revista Brasileira de Odontologia, 1944, Rio de Janeiro:

7. Mixocarcinoma do palato mole, em co-autoria com o cirurgião dentista José Bicudo Júnior;
8. **Capítulo do Livro** "Cirurgia Torácica" do Professor Fernando Paulino, 1947.
9. **Colaboração ao Livro** "Manual de Oftalmologia" do Professor Paiva Gonçalves, 1960.

Escreveu artigos e realizou palestras sobre os temas mais diversos:

10. "Hindenburg, a Aeronave Monumental";
11. "Sing-Sing", a Penitenciária Famosa";
12. "Vesúvio, o Vulcão Traíçoeiro";
13. "A terra Santa";
14. "Riquezas Arqueológicas do Egito";
15. "Lampião na Fazenda Veneza".

Livros escritos:

16. "A Marcha de Lampião - assalto a Mossoró", Coleção Mossoroense, Editora Universitária, 2ª edição, 1985;
17. "Antonio Silvino no RN", Clima, 1990.

Transcrevemos do livro **MEMÓRIAS**, de Raul Fernandes, gentilmente cedido por Gley Nogueira:

DA ALEMANHA AO BRASIL NO MAIOR DIRIGÍVEL (1936):

Em 1929, o Graf Zepelin deu a primeira volta ao mundo. façanha memorável. Iniciava suas viagens, conduzindo 25 passageiros.

Em 1936, construíram o superdirigível Hindenburg. Jamais superado até nossos dias. Além da tripulação, transportava de 50 a 100 passageiros. Capacidade para 20 toneladas de carga. Navegava entre 200 a 600 metros de altitude, numa velocidade média de 130 quilômetros por hora. Parado, flutuava no ar quase indefinidamente. Parecia um charuto prateado com 246 metros de comprimento.

Estava em Berlim e trabalhava no Hospital Universitário. Em 21.10.1936, em Frankfurt-am-Main, tomei o superdirigível que, num vôo direto, alcançaria o Rio em 3 dias. Para decolar, abriram uma grande torneira, que lançava água no solo. A medida que perdia peso o balão elevava-se na vertical, em silêncio. Através das janelas de vidro observávamos as pessoas em terra, diminuindo de tamanho. Todos a bordo sentiam mal estar, devido a vertigem das alturas. Ouviu-se um grande estrondo seguido de outros, com estremecimentos. Eram os motores a óleo diesel funcionando, dos lados, girando enormes hélices. Sobrevoou o Reno em direção à Holanda e ao canal da Mancha. A França não permitia vôos em seu território.

...

Dois andares da nave serviam de alojamento aos passageiros. No primeiro havia camarotes para duas pessoas.

...

Viajavam 56 passageiros, sendo 5 brasileiros, 13 tripulantes e o comandante, Capitão Max Pruss.

...

Em 1937, o Hindenburg fazia a linha dos Estados Unidos. A seis de maio, em uma noite tempestuosa, aterrissava em Lakehurst, quando se incendiou com 97 pessoas a bordo. 37 morreram. Atribui-se a catástrofe ao santelmo.

Cerca de 1.200 pessoas tiveram o privilégio de viajar no Hindenburg. No Graf, umas 18.000, em mais de 650 vôos normais, durante oito anos. Após esse desastre, deixaram de navegar, sendo desmontados em 1940.

Terminaram assim as viagens de luxo, conforto e romantismo. Encerrou-se o ciclo dos dirigíveis.

Mais alguns trechos de Raul Fernandes:

“VESÚVIO, O VULCAO TRAIÇOEIRO”

“Em 1936, parti de Nápoles com destino ao Vesúvio.

...

Da borda da cratera do antigo Vesúvio, a pouca profundidade, extenso vale circular, de uns 600 metros de diâmetro. Longas e profundas rachaduras de onde emanavam línguas de fogo e de vapor d'água. Fumarolas em profusão. Montículos de terra incandescentes. Reboavam estrondos, como trovoadas. Céu nublado de fumaça e cinza. Na cratera semimorta destacava-se o cone do jovem vulcão, em atividade. Fumegava e arremessava lavas ao ar. Espetáculo dantesco, inesquecível. Lembrei-me do inferno descrito pelos jesuítas, em suas pregações na minha juventude escolar.

...

De súbito ouviu-se o estrondo, semelhante a atroa-

da de canhão. O topo da cratera voou pelos ares, com violência incomum. A terra estremeceu. O céu tornou-se escuro.

...

Muitas vidas sucumbiram dessa maneira. Em 1891, o brasileiro, escritor e político, Antonio da Silva Jardim, aos trinta e um anos de idade, visitou o Vesúvio. Estava na caldeira da velha cratera. Teve morte instantânea quando a terra abriu-se a seus pés."

"Em 1939 fui convidado juntamente com outros médicos brasileiros pela Deustch Ibero-American Academy a fazer um novo estágio na Alemanha.

...

Foram do Brasil diversos médicos famosos, como Abreu Fialho, Lutero Vargas... Daqui eu levei José Tavares. Eu saí disposto a passar seis meses na Alemanha. Quando eu cheguei em Berlim, via passar todos os dias pela manhã pela avenida Kursfurstendamm aqueles batalhões enormes, armados até os dentes, acompanhados pelos tanques... E Hitler dizendo que não ia haver guerra!

...

José Tavares por exemplo saiu muito antes da guerra começar... Eu me vi numa situação muito difícil, pois com a declaração de guerra não se vendiam mais passagens, e as fronteiras do país foram todas fechadas.

Em entrevista a Marcos Aurélio de Sá, no Jornal Dois Pontos nº 52, abril de 1984:

- Como o senhor conseguiu sair da Alemanha com a Guerra declarada?

- Eu procurei a embaixada da Holanda, tentando viajar para aquele país. Informaram-me que era impossível. Com ajuda do embaixador terminei conseguindo autorização para entrar na Suécia, que era o único país ainda aberto.

O problema era conseguir passagem, pois não existia linha regular. Eu fiz o seguinte: me dirigi para o campo de aviação de Berlim, levando a minha maleta, e fiquei ali esperando que passasse algum avião a caminho da Suécia com lugar disponível.

Eu só via sair avião carregado de bombas para bombardear a Polônia! Terminei conseguindo lugar num avião, sendo antes alertado que poderíamos ser derrubados...

Mas eu queria era sair do país. Viajamos a pouca altura, sobrevoando as tropas alemães, num vôo totalmente controlado pelo pessoal da terra, para não sermos abatidos. Assim eu cheguei na Suécia que, também, estava em pé de guerra, adotando medidas como o black-out...

Passei uma semana procurando sair da Suécia, sem conseguir. Navio não tinha. Eu lutava para conseguir um vôo para a Holanda, pois de lá havia navio saindo para o Brasil. Lá no aeroporto me diziam: "Todos os aviões que saem daqui são abatidos. As pessoas não querem mais viajar, com medo."

Aí eu disse: "O avião em que eu for, não vai ser derrubado, não. Eu aceito seguir no primeiro que aparecer."

...

O fato é que fomos desviados para a Dinamarca.

...

Nisso apareceu um avião vindo da Polônia, trazendo um ministro daquele país e sua família, que fugiam da guerra.

...

Aí um camarada me disse: "Esse avião vai para a Holanda. Se vocês quiserem ir, tem lugar." Eu imaginei: se os alemães deixaram esse avião vir da Polônia até aqui, é sinal de que eu posso viajar nele, pois ele não foi abatido porque não quiseram... Foi assim que eu cheguei à Holanda.

Lá chegando, hospedei-me no Paland Hotel. As ruas estavam cheias de canhões, baterias anti-aéreas ... O fato é que chegou um navio brasileiro em Rotterdam. ... Procurei o comissário e falei: "Sou Raul Fernandes. Gostaria que o senhor me encaminhasse ao meu camarote." Ele olhou para mim, achou graça, e disse: "Camarote, coisa nenhuma! Os milionários do Rio de Janeiro estão todos aí deitados no convés, no porão... Só médicos existem seis no porão do navio!"

...

Quando expliquei ao Comandante que o Embaixador da Suécia reservara um camarote para mim, ele pensou e disse: "É verdade. Eu tenho um telegrama pedindo reserva para o Embaixador Raul Fernandes." Eu disse: "É meu esse camarote!" Eles pensavam que a reserva era para um embaixador que tinha o mesmo nome que eu!

...

Os ingleses prenderam o navio. A rota era toda mi-

nada e tínhamos que seguir fielmente a orientação dos ingleses para escaparmos de ir a pique. O navio transportava uma carga muito grande de armamentos, encomendada pelo general Cordeiro de Farias. Os ingleses resolveram tomá-la. ... Terminamos na Bélgica, trocando a carga de armamentos por carvão, pois de qualquer maneira ela seria tomada pelos ingleses. ... Os ingleses prendem a gente de novo e nos levam para o porto de Havre. Lá os alemães do navio foram todos presos e todos os passageiros do navio foram minuciosamente interrogados.

O fato é que passamos quinze dias para atravessar o Canal da Mancha. Só tivemos sossego quando o navio chegou em Lisboa, onde passamos uma semana. Tínhamos notícias de outros navios torpedeados, alguns até bem perto de nós. Mas não podíamos fazer nada...

Raul faleceu aos 14 de agosto de 1998, há exatos quatro anos, antes de completar 90 anos de idade, deixando viúva Dona Lilia, que hoje, enferma, vive sob os cuidados da sua sobrinha, a senhora Elizabeth Fernandes, em sua residência de Ponta Negra.

HOMENAGEM À FAMÍLIA

Desejo homenagear a minha mãe, aqui presente e que hoje completa 72 anos. São 51 anos de convivência e cada dia admiro mais essa figura bondosa, líder carismática, enérgica e afetiva. Prima legítima de Rafael Bruno que, se não houvesse partido em 4 de abril de 1994, completaria 78 anos em 15 outubro.

Seu Rafael, como eu o chamava, era um homem

de uma memória prodigiosa e tinha uma verdadeira compulsão pela leitura. Excelente datilógrafo, do que muito se orgulhava, escrevia e conversava, simultaneamente. Quando viajava deixava cerca de quarenta artigos prontos, para serem publicados em jornal, abordando desde a política local até a internacional, passando por crítica literária, cinema, teatro, segunda guerra mundial, enfim, escrevia sobre tudo. O colega acadêmico Vingt-un Rosado publicou em livro uma coletânea de artigos de seu Rafael com o título "Retratos de amigos".

Escreveu diariamente durante mais de cinquenta anos, muitas vezes publicando em mais de um jornal, artigos diferentes.

Temperamentos completamente díspares, foram casados 46 anos quando, bíblicamente, a morte os separou. Solon, pai da minha mãe, era irmão de Manuel, meu avô paterno. Sinhá e Julinha, minhas avós, eram primas, de forma que posso me considerar, juntamente com meus irmãos, produtos de um quase incesto.

Da prole, o mais velho, Paulo Eduardo, é dermatologista; o segundo sou eu; o terceiro, Ricardo Rômulo, nos deixou aos quase 18 anos e levou uma parte do coração de cada um da família; o quarto, Rafael Filho, cardiologista; o quinto Fernando Gabriel, patologista e, finalmente, Glenda Elizabeth, assistente social, é a caçula de 37 anos que, também, está aniversariando hoje. Homenageio, aqui, o genro, as noras e os netos de Rafael e Elizabeth, todos muito queridos.

Como já referi, o conceito da imortalidade nas academias se fundamenta na lembrança dos que já se

foram, sempre renovada pelos sucessores. Por isso quero dividir com Rafael Negreiros, imortal pela academia mossoroense, a imortalidade na Academia Norte-riograndense de Letras, de vez que a sua produção literária ultrapassa em muito, tanto em quantidade como em qualidade, a do acadêmico que hoje toma posse como titular da cadeira de número quatorze.

Finalmente desejo homenagear Kátia – lá se vão trinta anos entre namoro e casamento -, Carla – essa jovem advogada de 23 anos de idade e Bruna, minha colega no primeiro ano do Curso de Direito, pela paciência com que exercitam a difícil tarefa de me aturarem. Esse núcleo familiar mais próximo é o responsável pelo humor, às vezes insuportável – nem eu mesmo agüento -, deste que vos fala. Não sei fazer poesia, embora, por aqui, quem escreve qualquer coisa é chamado de poeta, e eu, também, o sou, indevidamente, mas se soubesse faria um belo poema para essas três pérolas. Fico devendo.

Muito Obrigado pela paciência que tiveram em me ouvir.

SAUDAÇÃO DE SANDERSON NEGREIROS
A ARMANDO NEGREIROS

Sempre é lembrado o nome do artigo de Tristão de Athayde, nos fins dos anos vinte, saudando a aparição do romance “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida. Em tom de entusiasmo, dizia o grande crítico a frase que ficou famosa: “São os do norte que

vêm”. Nesta noite, a noite populosa e densa do Tirol, em uma Natal que nasceu na grande festa noturna e cristã, exclamemos até como se fora uma elegia: “São os de Mossoró que chegam, que vêm e que enriquecem nosso destino cultural”.

À frente, sob o comando generalíssimo de Vingt-Un Rosado, a essa altura verdadeiro patriarca de nossa cultura, potiguar e nordestina, chega também o jornalista Dorian Jorge Freire, que se tivesse tido tempo para escrever tudo o que sabe e pode — tempo que foi roubado na sobrevivência das redações de jornal —, poderia ter construído uma obra de memorialista à altura de um Pedro Nava ou de um Afonso Arinos de Melo Franco. Sem esquecer João Batista Cascudo Rodrigues, que se exilou em Brasília, no momento em que o Rio Grande do Norte mais precisava de sua exemplar capacidade de semear e colher, plantando limites e inaugurando espaços de ação na área cultural. Ele e seu irmão, Jorge Ivan, devolveram à história de sua geração o prestígio da palavra decência, hoje tão menosprezada e descabida. Depois, vem Hélder Heronildes, dono de simpatia circulante e um caráter de bondade, que ainda não vestiu as chamadas vestes talares desta Academia e, agora, a vez é de Armando Negreiros, o mais jovem dos acadêmicos e o mais anti-acadêmico até por sua juventude militante.

Eu sou o último dos que entraram nesta Academia por ordem de escolha, e não por eleição. Eu e Newton Navarro. Certa vez, quando ainda vaquejava a vida, sendo repórter do Diário de Natal, na velha avenida Rio Bran-

co, exatamente na ladeira que se entrega à Ribeira libérrima, Manuel Rodrigues de Melo e Veríssimo de Melo procuraram-me na redação e me intimaram: “Por sistema de escolha, você, a partir deste instante, é imortal por nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras”. Eu tinha 27 anos. Lembrei-me da *boutade* de Olavo Bilac: “É-se imortal porque não se tem onde cair morto”. Passei dez anos para tomar posse e, usando como hoje uso, esta beca azul com imenso medalhão medieval, tenho sido talvez o que mais tenha feito desta tribuna discursos de saudação, recepcionando os imortais que chegam, até que Vicente Serejo — conforme sua promessa a mim feita — faça o discurso de despedida.

Agora, tenho que empregar, em meio à prática estatutária e sentencional desta Casa, uma maneira menos convencional possível: saúdo um primo em segundo grau, filho de dois primos legítimos, raiz do meu chão mais verdadeiro, filho de um Rafael, numeroso de idéias e rasgos de inteligência, e de Elizabeth, madona de ternura e priora de santidade comum e cotidiana. O que me lembra o verso famoso de um poeta potiguar que devia ser famoso no mundo inteiro, chamado João Lins Caldas, que sentenciava: “Eu tenho um mundo de primos no mundo”. Todos nós somos descendentes de um tio que eu muito amei, avô de Armando. Seu nome era Manuel, que nunca foi aluno sequer do curso primário, mas era capaz de recitar “Os Lusíadas”, de maneira tão encantatória e eloqüente, como se estivesse apostrofando de uma tribuna de júri. Vi-o, inesquecivelmente, quando eu era menino, e minha mãe me levou de Ceará-Mirim para passear

em Mossoró, recitando poemas para um passarinho de sua criação e estima, parece que um concriz; recitando e dialogando como um devoto reza a Oração da Manhã. Tenho a impressão que aquela visão me encaminhou definitivamente para a Poesia.

Manuel Fernandes de Negreiros era seu nome todo; vivia como uma dessas árvores, poderosas e solitárias, que aparecem em meio ao deserto, capazes de receber tempestades e devolver raios. Era um homem de temperamento forte como só se via antigamente nos Negreiros, misturados aos Maia e Fernandes. Morreu de uma doença violenta, mas ele, com coragem e paciência, já doado pela prática habitual da Yoga, suavizava tudo e todos com encantamento, tanto foi que se tornou exemplar registro do grande mestre espiritualista José Hermógenes de Andrade, em um seu livro de testemunhos sobre os que mudaram a vida através da prática de paz e saúde que o Oriente tanto nos tem ensinado.

Armando é filho de Rafael Negreiros, a mais infatigável memória que conheci — tudo que lia, retinha para a posteridade. Possuía, como era de se esperar, uma voracidade incrível de leituras. Aliás, os três maiores leitores que conheci são mossoroenses: Rafael Negreiros, Dorian Jorge Freire e Joaquim Silveira Borges Júnior, meu sempre lembrado e fraternal amigo Borginho. Os dois últimos foram as únicas pessoas, que conheci, capazes de ler, como realmente leram, os doze volumes inteiros das memórias de Casanova. Rafael, certa vez, para surpresa de Grácio Barbalho, foi capaz de dizer, na sala de música do bravo Grácio, o nome de mais de cem filmes, seus diretores,

atores, e títulos das músicas, para espanto de todos nós. Aliás, bem cabia em Rafael o nome de “o homem do espanto”.

Perdoem-me esta crônica familiar. Mas o que é a vida se não a crônica do dia-a-dia, dos que conhecemos e que tantas vezes passam a nos desconhecer; dos parentes que se foram e dos que se tornaram para nós distantes pontos de exclamação; dos amigos que se ausentaram de nosso convívio, amigos que eram confidentes e se tornaram inconfidentes; de pais e irmãos que já saíram desta romagem terrena, hoje tão inóspita e chata em sua curvatura, que quer à força tornar a vida uma resultante de geometria anti-euclidiana, na oscilação das ações de dois entes que residem no empíreo ou em um trono, chamados Nasdaq ou Dow Jones, figuras típicas de minha antipatia pessoal. A vida deixou de pertencer aos desígnios de Deus; ao humor dos comediantes gregos e latinos; aos versos de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira; às orações de João Paulo II e Chico Xavier; ao encanto dos ventos nordestinos e às auroras boreais; ao sorriso de Irmã Dulce e do amor aos leprosos, no quente coração da África, de Albert Schweitzer — a Vida deixou tudo isso, para pertencer unicamente a um senhor que ninguém vê nem pode tocar, intangível e incorpóreo, chamado Mercado. Esse Mercado tem uma filha chamada globalização e uma neta apelidada de corrupção, ou hedonismo, ou desaparecimento de valores antigamente chamados altruístas. Hoje, é conhecida apenas pela designação de “ausência total de todo valor que inspire e engrandeça o homem”. O resto é literatura. Literatura que pode ser defi-

nida também como cultura literária, escondida sob os arcanos desta Academia, construída com invencível amor, pedra sobre pedra, pedidos de humildade e fortaleza de sertanejo, de seu grande presidente, escritor Manuel Rodrigues de Melo, por quem e para quem, com saudade e reverência multiplicadoras, enviamos nosso mais puro pensamento de gratidão.

Senhoras e senhores, ainda há quem mereça — não sejamos pessimistas —, alvíssaras e entusiasmos, neste planeta que os grandes físicos descobriram, agora, que diminuiu um milionésimo de segundo em sua rotação. Mas que não despencará no espaço eterno. Tenhamos confiança e paciência.

Meu caro acadêmico Armando Negreiros: Só existe um caminho, eu sei, e o resto são veredas. Estava andando pelas veredas para chegar até você, na celebração deste instante que tanto o engrandece. Quando você sucede ao também médico, Raul Fernandes, que não só atravessou o Oceano Atlântico em um zepelim, como teve uma vida de riquezas pioneiras, desde sua especialidade clínica, trazida da Alemanha para o Brasil — citado em obras científicas do mundo inteiro, mas do escritor e humanista inegáveis, a partir de seus livros sobre o cangaço, que os especialistas consideram insuperáveis, até a conversa cordial, pitoresca, memorialística, mesclados ao prazer e ao conteúdo de transformarem a realidade em objeto de sonho. Esta Academia teve e tem grandes médicos, desde Onofre Lopes e José Tavares — daquele tempo luminoso em que o médico tinha o chamado “olho clínico”, a intuição devassadora, a sensibili-

dade de urgência como se tivesse nos olhos um permanente aparelho de radiografia.

Você, como médico anesthesiologista, não tem apenas uma visão especialista e especializada, mas pelos manuais e livros que publicou e vai publicar ainda, revela-se uma inteligência aberta à curiosidade de tudo que na vida palpita como indagação, dúvida, interesse filosófico. É uma sensibilidade profundamente aberta aos acontecimentos do dia-a-dia, professor de amizades e amigo e estudioso dos mais diversos saberes que tocam o destino do homem. De onde vem a palavra filósofo? Vem do grego *filos*, que significa amigo, e *sofia*, que é sabedoria. Portanto, diríamos: Infeliz do homem que não seja um filósofo.

Esta noite sutilizou-se, rarefez-se, com a presença de tantas gerações, visíveis e invisíveis. Mas que tem, principalmente, a presença daquele que você chamava de “seu Rafael”. Chame-o agora. E peça que ele lhe vista a toga azul dos imortais. Ele, o menos imortal, e o mais generoso dos homens, sob o olhar diáfano de Elizabeth, do amor de Kátia, Carla e Bruna, da amizade dos seus irmãos, da ternura de suas tias Ivy e Maria Luzia, e do mundo de primos e amigos que você tem neste mundo.

E, ao final de tudo, senhor Presidente Diógenes da Cunha Lima: se real e belamente é como dissestes — de que só o que passa, permanece —, pelo menos permaneça a alegria desta minha crônica familiar, menos discurso possível, e mais afetividade transbordante. E que o resto passe, passe mesmo.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO CLÁUDIO EMERENCIANO

Cultura. Espiritualidade. Ideais permanentes. Utopia real. O primado da condição humana. Os sentimentos que dão dimensão infinita às relações sociais. Sonhos e esperanças renovados. O templo de fé e de amor no qual pode converter-se cada pessoa. O mundo, complexo, contraditório, que manifesta seus contrapontos a cada momento, em cada circunstância, numa interdependência crescente e incontrolável. As perplexidades, as angústias, as dramáticas transformações de valores, conceitos, padrões de comportamento e de atitudes. Mas também a infinita lição de vida, que, aqui e ali, em qualquer lugar, país, cultura, exhibe a poderosa e inigualável força do sentimento da solidariedade, do compromisso da justiça e do exercício da liberdade. A criatividade e inventividade do homem, conferindo-lhe poder e energia para ascender sempre, crescer sempre, elevar-se para Deus, no infinito, e, nisso tudo, arrebatando os grilhões que aprisionam a humanidade.

Estou aqui, Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos, como Péguy ao adentrar na Catedral de Chartres. A ser invadido e possuído pela percepção do infinito amor de Deus pelos homens. Ao ser elevado àquele momento excepcional de êxtase, no qual se identificou e se misturou como mais um pedaço de argila, com o sentido de ser parte de uma ode ao amor e à Criação. Chego aqui com o manto protetor da generosidade de todos os membros da Academia, que,

por unanimidade, acolheram-me para participar de uma instituição guardiã e promotora da cultura, dos valores e dos ideais que aprimoram a vida e os homens.

Não chego como Ulisses, após uma odisséia de sofrimentos, lutas e desafios. Não trago as incertezas de Jean Barrois. Sou redimido como Fabiano, pela paz de espírito e pela crença de que, sempre e sempre, o mundo será melhor. Por isso, Fabiano conseguiu sobreviver numa terra esturricada pelo sol e pela injustiça dos homens. E, além disso, construiu dentro de si aquele paraíso de paz e de respeito a cada um e a todos. Sou fruto da minha circunstância. A circunstância da minha vida. Que tomou forma e adquiriu substância por dádiva de Deus. A fé cristã me fez o que sou. Ela é a janela, o portal e o mirante pelos quais eu vejo o mundo. O sentido da vida foi assimilado em termos vivenciais. Pela possibilidade, em cada ação, em cada relação, em cada sentimento, em cada instante, de amálgama do meu ser, do meu espírito e do meu corpo com a própria vida. A minha estrada de Damasco não se finda. É a minha busca incessante. Interminável. Desde a infância. Maurice DRUON dizia que os olhos de uma criança fixam e documentam, como ninguém, fatos e acontecimentos. Sentem puramente o peso das relações humanas.

Esta Academia definiu seu compromisso humanista, sua postura diante do mundo e da vida, desde sua criação. O mestre Cascudo, como ninguém, em sua ampla e complexa obra, revelou a dimensão desse humanismo. Sua fidelidade foi com o homem. Não possuía preconceitos, tabus, restrições ou limitações. Era um erudito com lingua-

gem simples, concisa, lúcida e objetiva. Em sua visão, o homem excede infinitamente o próprio homem. A gênese de sua obra não se esgotou. Está viva. Acompanha a vida do nosso povo. Porque o que ele cultivou, amou, valorizou e desvendou, está em cada um de nós, em qualquer cultura, país ou região. Na erudição e universalidade dos “Cinco Livros do Povo”, ele estabeleceu essa fantástica e admirável fusão entre a cultura universal e a regional: “Todas essas novelas refletem o trabalho pessoal, mas o enredo, os fios do tema, a maneira de situar as soluções, levarão o pesquisador para os domínios da universalidade. Será sempre o universal no regional”. Assim Cascudo realizou uma simbiose inimaginável. Misturou no seu modo de ser tudo quanto, como povo, somos capazes de aspirar, sonhar, imaginar, descobrir, criar e amar.

Não posso deixar de testificar a influência do mestre Cascudo em minha vida. Desde a infância. Num sentimento de admiração, respeito, evocação e saudade. No ano de 1951, na bucólica e verdejante Natal, na Avenida Rio Branco, na casa do meu padrinho, médico humanitário, líder católico e patrimônio moral da cidade, José Ivo Moreira Cavalcanti, reuniam-se amigos, diariamente, entre as 16 e as 18:00 horas. Refletiam as mais diversas tendências políticas, filosóficas e intelectuais. Ali estavam, diariamente, Luis da Câmara Cascudo, Clóvis Travassos Sarinho, José Tavares da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Ulisses de Góis, Amaro Mesquita, Gentil Nesi, Esmeraldo Siqueira, Eutiquiano Reis, José Carlos Leite, Ulisses Cavalcanti, Antídio Azevedo e seus filhos Alínio e Max Azevedo, Luiz Maranhão, Teodomiro Sá, monsenhores João

da Mata e Adelino Dantas, padres Raimundo Brasil, Luiz Wanderley e Eugenio Sales. Eventualmente Onofre Lopes, Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Djalma Maranhão, Monsenhor Paulo Heroncio, Murilo Carvalho e José Reis. Eu tinha 7 anos. Ocorre o meu primeiro encontro com o mestre. Eu fora alfabetizado por uma senhora baixinha, gentil, abnegada e firme, professora Beatriz Cortez. Sua escola funcionava, pela manhã, na sede da antiga Escola do Comércio, onde, em 1954, Dinarte Mariz construiu a sede, com auditório, da Rádio Nordeste, e também a sorveteria Oásis. Posteriormente Cinema Nordeste. Marca-me, também, a presença da professora em minha vida, pois a ela devo a circunstância de ler e escrever aos seis anos de idade. Num dia, à tarde, em dezembro de 1951, entro na casa de José Ivo levado por meu pai, o qual era amigo do mestre há anos e de quem fora aluno no Atheneu. Ao ver tantas pessoas, indaguei-lhe sobre quem mais me impressionara: - Quem é aquele ali? Meu pai se dirige a Cascudo: - Mestre, aqui está meu filho que, como o senhor, alfabetizou-se cedo. E ele replica: "Meu filho, eu tive o privilegio de me alfabetizar aos 4 anos por seu bisavô, o professor Zuza". Essa circunstância se gravou indefinidamente em minha memória. Adquiriu o sentimento de perenidade.

Três anos mais tarde, numa noite de São João, chegam em São José de Mipibu, em carro de linha da Sampaio Correia, Cascudo, Afonso dos Santos Lima, casado com nossa prima Alvina, Evaristo de Souza e Carlos Siqueira. São hóspedes do meu avô João Evangelista Emerenciano. E lá estou eu. Curioso e feliz. O mestre irrompe na grande

sala de visita daquela casa de estilo colonial. Abre os braços para acolher as saudações de todos nós. Sempre elegante e com seu vozeirão inconfundível. Percorre a casa e se desloca para a grande cozinha. Quería contemplar as iguarias feitas à base de milho. Depois, prometendo voltar mais tarde para a janta, sai com seus amigos e meu tio João Emerenciano para ver, anotar, documentar, registrar e dançar os folguedos populares que emolduravam aquela noite de São João no interior. E assim êle vive na minha afeição e na minha saudade. Como professor na Faculdade de Direito e no Atheneu. Mestre de todos nós e edificante exemplo de vida, cultura e saber. Seu legado se estende ao estilo. Cascudo, Eloy de Souza, Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa e Helio Galvão são estilistas modelares. São universais. No Brasil, integram aquela constelação de Machado de Assis, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Gilberto Amado, Afonso Arinos e Josué Montello.

Nenhum povo sobrevive sem seus heróis. São modelos a inspirar as novas gerações. A "Oração sobre a Acrópole". Renan. A versão de André Malraux. O Parthenon e sua dedicação à deusa da Razão, da Inteligência e da Sabedoria. O Pantheon e sua dedicação ao heroísmo. À doação, da própria vida, em defesa da pátria, da cultura, dos valores espirituais e morais.

Temos, no Rio Grande do Norte, os nossos heróis. Mas, de todos eles, o maior, sem dúvida alguma, foi Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o Padre Miguelinho, anteriormente Frei Miguel de São Bonifácio, da Ordem dos Frades Carmelitas. É o patrono da Cadeira Nº 01 da Academia

Norte-Rio-Grandense de Letras. Seu legado não se restringe ao seu holocausto em defesa dos ideais que inspiraram a Revolução Pernambucana de 6 de março de 1817. Acima de tudo estava sua fé cristã. Entendia que o ser cristão renova seus deveres com a sociedade. Especialmente em defesa dos mais fracos, vítimas da prepotência e da crueldade de governantes. Em 1834, 17 anos após seu suplício e morte, o governo da Província do Rio Grande do Norte, em atitude vigorosa e patriótica, divulgou a seguinte proclamação: "Riograndenses! Imitai sua coragem. Jurai uma guerra eterna ao despotismo. Ah! Se tendes um dia de mantê-lo, lisonjeá-lo, invocá-lo, servi-lo, que a morte vos arrebate antes dessa miséria!

Amai vossos deveres. Amai vossos concidadãos. Amai vossos semelhantes. Amai, se quereis ser amados.

E respondamos uníssonos ao ensinamento paternal com a voz enternecida e pura de um coração agradecido:

Herói, saberemos honrar tua memória.

Patriota, imitaremos teu exemplo...

Mestre, seguiremos tua lição fecunda.

Quando murchar dentro d'alma a flor das nossas esperanças, como se crestam no estio nossos campos exauridos, dá-nos o orvalho vivificante da fé em Deus, na Pátria e na Liberdade".

Miguel Joaquim de Almeida e Castro nasceu em 17 de setembro de 1768, numa casa no bairro da Ribeira em Natal. Era filho do português Manoel Pinto de Castro, proprietário e agricultor, e Da. Francisca Antonia Teixeira. Tinha oito irmãos, dos quais dois também foram padres:

Inácio e Manuel. Aos 16 anos foi para o Recife, ingressando na Ordem dos Frades Carmelitas. No convento, deram-lhe o apelido de Miguelinho. Destacou-se nos estudos, revelando sua inteligência e arrebatada curiosidade intelectual. Eis por que seus superiores o mandam para Portugal, onde realizou seus estudos universitários em teologia, letras, ciências e filosofia.

Em Portugal Miguelinho, preferencialmente, estuda a obra de São Tomás de Aquino e os documentos básicos da Revolução Americana. Sensibiliza-se, profundamente, com o conceito de "pecado social", constante da Suma Teológica. A vocação do homem não é ser infeliz nem ser infelicitado. É amar a Deus e aos semelhantes. O amor constrói a verdadeira felicidade. O preâmbulo da Declaração de Independência dos Estados Unidos, escrita por Thomas Jefferson, fornece-lhe as bases para o convencimento de que o Direito de Rebelião contra governos arbitrários, ilegítimos e injustos, é um dever indeclinável.

Em 1800 volta ao Brasil. Como não tinha temperamento para a vida monástica, requereu e obteve sua secularização. A convite do Bispo Azeredo Coutinho, ensina no Seminário de Olinda a cadeira de Retórica. Torna-se orador brilhante e pregador eloqüente. Alunos e paroquianos não escondem o respeito e a admiração por sua atuação como padre e professor. Passa a ser convidado para expor suas idéias nas lojas maçônicas, nos quartéis e nos centros literários.

A Revolução irrompeu em 6 de março de 1817. Organiza-se o Governo Provisório. Miguelinho foi o pregador no "Te Deum" em louvor pela vitória. Dias depois o movi-

mento se expande pela Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Miguelinho é o Secretário do Interior no Governo Provisório e guardião dos seus documentos.

A reação portuguesa foi violenta e implacável. O Conde dos Arcos foi o algoz dos revoltosos. Miguelinho, antes de ser preso, vai a casa da irmã e lhe pede ajuda para destruir todos os documentos que pudessem incriminar seus companheiros. Menos a si. Anos mais tarde, a irmã transmite a amigos e familiares suas palavras: “Mana, nada de choros. Entrego-me à vontade de Deus. Nele te dou um pai que não morre. Mas, aproveitemos a noite. Imita-me: ajuda-me a salvar a vida a milhares de desgraçados”.

Preso, foi interrogado em 10 de junho. Emudeceu. Entretanto, quando o Conde dos Arcos sugeriu, maldosamente, que alguém poderia ter falsificado suas assinaturas, ele afirmou categoricamente: “Não, senhor, não são contrafeitas; as minhas firmas nestes papéis são todas autênticas e, por sinal, em um deles o “O” de Castro ficou metade por acabar porque faltou papel”. É o que consta dos autos de sua condenação, cuja sentença é de 11 de junho, no mesmo dia em que foi executado com tiros de arcabuzes.

Adauto Miranda Raposo da Câmara foi o primeiro ocupante da cadeira Nº 01 desta Academia. Nasceu em Mossoró, em 14 de Março de 1898. Seus pais eram Teódulo Adolfo Soares da Câmara e D. Áurea Augusta Miranda da Câmara.

Passou sua infância e adolescência em Mossoró, São José de Mipibu e Natal. Realizou, com brilhantismo, o cur-

so do Atheneu. Aos 22 anos já era, por concurso, professor catedrático de História do Brasil no Atheneu. Três anos depois se forma pela Faculdade de Direito do Recife. Integrou sociedades literárias e, juntamente com Floriano Cavalcanti, Bruno Pereira e Galdino Lima, foi um dos redatores da revista "1920". Participou de diversos jornais. Seu estilo era conciso e elegante. Influenciou Edgar Barbosa e Nilo Pereira. Serviu no Governo de José Augusto, do qual foi seu líder na Câmara Estadual, para a qual foi eleito duas vezes. Ocupou o cargo de Chefe de Polícia no Governo de Juvenal Lamartine, de quem era amigo pessoal. Em 1928 se casa, em Natal, com Da. Wanda Zaremba, de ascendência polonesa, que lhe deu dois filhos: Mário e Henrique. Com a revolução de 1930, afasta-se do Estado. Vai morar no Rio de Janeiro, onde enfrenta dificuldades, sem amigos influentes. Mesmo assim, obstinadamente, adquire um colégio à beira da falência, no Mêier, transformando-o num dos melhores do Rio de Janeiro: o Colégio Metropolitano. Sobre ele assim se manifestou Nilo Pereira: "De Aduino Câmara guardei a impressão do historiador, do humanista, do escritor, do jornalista. Sabíamos que ia ser o sucessor do Presidente Lamartine no Governo do Estado. A revolução de 30 interrompeu a sua brilhante carreira de homem publico. Na antiga capital da República, exilado da sua terra e de sua gente, se revelou o que era substancialmente: o educador, o diretor do Colégio Metropolitano, com o impulso do seu belo espírito".

Aduino Câmara foi o autor, por solicitação do então senador Juvenal Lamartine, da emenda à Constituição do

Estado que instituiu, pela primeira vez, em 1927, o voto feminino no Brasil: “No Rio Grande do Norte, poderão votar e ser votados, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por esta lei” (Art. 77 das Disposições Gerais).

O historiador foi inovador. Aplicou o método de estudo e análise que, a partir dos anos sessenta, foi adotado na França e, especialmente, por Eric Hobsbawn na Inglaterra. É a inserção do fato histórico em sua época, detectando a influência da conjuntura sobre o mesmo. Suas principais obras são: “História da Revolução de 1817 no Rio Grande do Norte”, “História de Nísia Floresta”, “O Culto de Baraúna”, “Amaro Cavalcanti, esteio da ordem”, “O RN na guerra do Paraguai”, “Henrique Castriciano” e “O Ocaso da República Velha no RN”.

Plutarco desvendou a Antiguidade com estudos biográficos. Adauto Câmara também o fez no Rio Grande do Norte, conferindo novas dimensões à sua história. Obteve reconhecimento nacional de autores como Oliveira Lima, João Ribeiro, Gilberto Freire e Gustavo Barroso. Morreu precocemente no Rio de Janeiro aos 54 anos de idade, em 17 de outubro de 1952.

Machado de Assis é a maior expressão de cultura adquirida solitariamente no Brasil. Filho de uma lavadeira, mulato, foi, até hoje, o nosso maior romancista. João Gaspar Simões, biógrafo de Eça de Queiroz, reconhece a influência de Machado sobre o grande Eça. Machado foi um exemplo universal como autodidata. Falava e escrevia em 9 idiomas, incluindo o grego e o latim. Tivemos alguém assim nesta Academia; que superou adversida-

des com destemor e determinação. Foi Raimundo Nonato da Silva. Nasceu em Martins, em 18 de agosto de 1907, filho de João Cardoso da Silva e Da. Ana de Lima e Silva. Sua família enfrentava grandes dificuldades para sobreviver. Em 1917, Raimundo Nonato chega a Mossoró como retirante da sêca e passa a trabalhar como engraxate. Mesmo assim, tenazmente, estuda em escola noturna, trabalha no comércio, faz o curso da Escola Normal, e, em 1925, obtém o diploma de professor primário.

Poucos têm, neste Estado, uma história de vida tão edificante quanto à realização pessoal através do trabalho e da obstinação. Lecionou em Mossoró, São Miguel, Serra Negra, onde conheceu e se tornou amigo de Dinarte Mariz, Apodi e Açu. Em 1933 foi ao Rio de Janeiro para estudar educação física em escola especializada da Marinha. Em 1950 concluiu o curso clássico do Atheneu e se forma em 1955 pela Faculdade de Direito de Alagoas aos 48 anos de idade. Memorialista e historiador, Raimundo Nonato colaborou em jornais e revistas do Recife, Natal e Mossoró. Escreveu romances, redescobrimdo e divulgando lendas, figuras e episódios da zona oeste do Estado. Foi fundador das Faculdades de Ciências Econômicas em Mossoró e em Natal. Como Coordenador do Ensino Comercial no Rio Grande do Norte, organizou e instalou mais de trinta escolas de comércio em todas as regiões do Estado.

Raimundo Nonato da Silva sucedeu a Adauto Câmara na Cadeira Nº 01 desta Academia. Foi saudado por Paulo Viveiros que, invocando depoimento de Gilberto Freire sobre o empossado, assim se expressou: "Para mim,

como diz Gilberto Freire, o valor intelectual desse apaixonado da terra é escrever apaixonadamente, sentindo a emoção do quadro que descreve, empregando a força de expressão suficiente a convencer os outros da verdade que descreve: "Velho passado de Mossoró. Perdido nas eras. Sombreado de saudades. Romântico, como todos os passados". Nesta frase, o intelectual revê com olhares de ternura um passado, como se o vivesse à época em que escreve, sentindo a amargura romântica de todo passado que existe no presente como cruz a crucificar um coração".

A obra de Raimundo Nonato foi fecunda. Mais de 40 títulos, abrangendo romances, biografias, ensaios, folclore, história e crítica literária. Era amigo pessoal de Eloy de Souza, Câmara Cascudo, Américo de Oliveira Costa, Gilberto Freire e Mauro Mota. Sem dúvida alguma, dignificou e opulentou a cultura do Rio Grande do Norte.

Há uma qualidade que não tem nome. É um atributo de Deus. Confere ao homem aquela satisfação que lhe dá uma percepção de eternidade. Porque essa qualidade coexiste com a alegria. Mas é algo mais. Imaterial. É um passo a mais para a completa felicidade. É, por exemplo, a qualidade do carpinteiro, que se planta diante do seu pedaço de madeira, palpando-o e medindo-o. Longe de tratá-lo às pressas, instantaneamente, reúne todas suas virtudes para trabalhá-lo. É Miguel Ângelo diante de um bloco compacto de mármore, prestes a convertê-lo na "Pietà". Ou Mozart, menino prodígio, revelando a transcendência de sua criação e dos seus sentimentos. O que dizer do êxtase diante da terra comum e dos homens

que a fazem? Dessa mistura entre o corpo, a alma, o espírito de alguém, e a manifestação da beleza natural, insuperável, indescritível e imutável? Ou a tentativa, estóica e silenciosa, de mudar práticas políticas, de modo a tornar a comunidade menos dependente, mais livre, com usos civilizados e impessoais? Ou confiar que a educação e a cultura difundam aquela “qualidade” em cada um e em todos, gerando transformações irreversíveis? Ou esperar que aquele toque de “Midas” não transforme pessoas e objetos em ouro, mas que suscite em cada ser humano suas sensibilidades para o belo e o verdadeiramente perene?

Sylvio Pizza Pedroza, antes de um Mecenas, foi um humanista. O humanista incorporou o Mecenas. Se ser poeta é cantar, exaltar, descrever e evocar a vida no que ela tem de mais belo, mais fulgurante, mais arrebatador, Sylvio Pedroza foi um poeta na sua melhor expressão e na sua mais notável extensão. O político apenas tentou, de todos os modos, tornar realidade o humanista, o Mecenas e o poeta. E tudo ele foi com autenticidade. Originalidade que surpreendia e impactava seus coestaduanos.

Mermoz, em carta a Saint-Exupéry, afirmava que, ao longo da vida, vira manifestações sublimes da natureza. Nos desertos da África, na Cordilheira dos Andes, nos pampas argentinos e gaúchos. Todavia, o que mais o encantara, pela beleza intransponível e enigmática, fora o pôr do sol no estuário do rio Potengi em Natal. Era esse crepúsculo que subtraía o governador Sylvio Pedroza de suas funções administrativas, em Palácio, para contem-

plar, com o inseparável amigo Câmara Cascudo, aquêl momento eterno de explosão de beleza. Era um instante inexcédível, privilegiado, por oferecer a possibilidade de desfrutar de uma manifestação ilimitadamente fascinante e bela da Criação.

Alvamar Furtado e Murilo Melo Filho, o primeiro ao saudá-lo nesta Academia, o segundo em seu necrológio, revelaram, estudaram, analisaram e avaliaram, em todos os seus limites, a vida e a obra de Sylvio Pedroza. O jovem que, da Ribeira, onde nasceu, filho de Fernando Gomes Pedroza e Da. Branca Toledo Pizza Pedroza, viajou para fazer seus estudos secundário e pré-universitário na Monclair School, na Inglaterra, e no Colégio Santo Inácio no Rio de Janeiro. Tornou-se, desde então, cidadão do mundo. Com esse espírito, graduou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil no Rio e na Universidade de Princeton, Estados Unidos. Direito e Ciências Sociais. Volta para o seu Estado. O Senador João Câmara detecou suas potencialidades e admirou sua visão inovadora. Indicou-o para o cargo de Prefeito de Natal. Revolucionou a cidade. Redescobriu o Plano Palumbo. Construiu a Avenida Circular, hoje Presidente Café Filho. Urbanizou as Rocas. Incorporou a Limpa, bairro de Santos Reis. Levou cultura a todos os bairros de Natal. Especialmente aos mais pobres e carentes. Oriano de Almeida realizava concertos populares com o piano instalado num estrado em cima de um caminhão. Construiu praças modernas, como a da Jangada. Preservou o meio ambiente. Saneou e iluminou a periferia da época. Instalou bibliotecas em quase todos os bairros. Incentivou o teatro com isenção de impostos.

Enfim, deu aquele toque de “Midas” na cidade. Não transformava pedra em ouro. Porém mudou sua face humana e urbanística.

Deputado constituinte em 1946. Foi o mais votado do Estado e em Natal. Editou livros. Decidiu, por convite do então governador José Varela, permanecer na Prefeitura. Designou Câmara Cascudo historiador oficial da cidade, com a remuneração de 1 cruzeiro por ano. Dos 50 livros que editou, o primeiro foi “História da Cidade do Natal”, de Câmara Cascudo. Posteriormente, como governador, editou a “História do Rio Grande do Norte”, também de Cascudo. Como governador, editou número insuperável de títulos. Às vésperas de deixar o governo, foi homenageado por esta Academia, que lhe conferiu o título de sócio honorário pelos serviços prestados à cultura do Rio Grande do Norte. Foi saudado pelo inesquecível Otto de Brito Guerra. Suas idéias estão consubstanciadas no livro “Pensamento e Ação”, editado pela Fundação José Augusto sob a presidência de Valério Mesquita.

Em 1950 foi eleito vice-governador juntamente com Dix-Sept Rosado. Assumiu o cargo de governador em face da tragédia do rio do sal. Realizou um governo de paz, fecundo em realizações em todos os campos de atuação do Poder público. O governador dinâmico era o mesmo que aceitava desafios em vaquejadas. Desportista até morrer, em 19 de agosto de 1998, aos oitenta anos de idade, preservou, em todas as circunstâncias da vida, o temperamento conciliador e a postura serena.

O que dizer sobre a substância do ser humano Sylvio Pizza Pedroza, último ocupante da cadeira Nº 01 desta

Academia? Ele pertencia àquela estirpe do herói de Sófocles na Antígona: “não veio para partilhar o ódio, mas para distribuir a paz”. Possuía a altivez de um Cícero. Dele se pode dizer: “Dos nobres era o mais nobre”. Sua vida foi uma ode à condição de Ser. Foi assim que ele se tornou parte desta cidade e deste Estado. Buscou vivenciar com todos uma idéia de civilização. Fundamentou nele próprio, no seu existir, o sentimento atávico de amor à terra comum e ao seu povo. E legou aos membros da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras a convicção de que o Ser, que se reivindica como instituição, emerge dos atos de cada um e de todos. Enfim, ele eternizou o homem que foi. Pelos valores que consolidou, edificou e defendeu.

Este é um momento de emoção e saudade. Minha vida se constituiu de circunstâncias. A circunstância de ter sido amado, como fui, por meus pais. Que me abriram as portas do amor. O conhecimento do amor. A vivência do amor. Do meu pai, que, com sua paciente bondade, seus sonhos renovados, estimulou minha intelectualidade. Ele está aqui no meu amor, na minha gratidão e na minha saudade. Da minha mãe, octogenária, frágil, que ainda hoje acalenta os filhos como se fossem crianças a ninar. Da minha esposa, que ampliou, numa vida em comum, o conhecimento e a vivência do amor. Dos meus filhos Cláudio Roberto, Carlos Eduardo e Luzia e dos netos João Paulo e Gabriel, dádivas de Deus e sementes do meu amor e de Dadaça. Dos meus irmãos, que viveram um passado que nos fez o que hoje somos. Dos meus sogros Vanice e Garibaldi, que me acolheram como mais um filho.

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos. A minha

oração já vai longa. Perdoem-me. Mas não poderia concluir sem algumas outras referências que explicam, de certo modo, a minha presença nesta Casa. Porque compuseram, também, de alguma maneira, a minha circunstância. A solidariedade de amigos, entre tantos, que plantaram em mim o peso de sua estima. De amigos de infância como Ivoncísio Medeiros, Lúcio Cavalcanti e Valério Mesquita. Valério Mesquita que, por generosidade, dividiu comigo questionamentos literários e filosóficos. De uma amizade da adolescência, que se converteu em irmandade: Garibaldi Alves Filho. De um amigo mais velho a quem estimo e admiro, que sempre me estimulou. Desde quando eu escrevia, a partir de 1963, as "NOTAS DE PALÁCIO". Abriu-me as portas de sua biblioteca para ler autores como André Maurois, Gilberto Amado, Renan e Anatole France. Exemplo incomum de vocação pública e testemunho de dignidade: Aluizio Alves. Alvamar Furtado, meu mestre, meu amigo, meu incentivador. Articulador, juntamente com Valério Mesquita, da minha postulação nesta Academia. Aos meus amigos, saudosos e inesquecíveis, Varela Barca, Carlos Lima e Crisan Siminéa. Ivan Maciel, Wodem Madruga, Sanderson Negreiros, Ticiano Duarte e Ernani Rosado, que sempre estiveram presentes, cada um a seu modo, em meus caminhos e minhas vertentes culturais. Aos meus amigos Onofre Lopes Júnior, Eudes Moura, Araken Pinto, Dalton Melo e Afonso Laurentino, que partilham sonhos, esperanças e aspirações.

Manoel Rodrigues de Melo e Onofre Lopes da Silva foram amizades que herdei do meu pai. A idade não foi obstáculo ao nosso relacionamento. Cada um, à sua ma-

neira, incentivou-me em momentos distintos de minha vida profissional. Como jornalista e como professor da Universidade. Ambos presidiram e honraram esta Casa. Aos dois o meu preito de gratidão e a minha saudade.

Diógenes da Cunha Lima, Enélio Petrovich, Vingt-Un Rosado e Murilo Melo Filho corporificam, em nome de todos os acadêmicos, o espírito desta Academia. Sua determinação e seu idealismo pelo aprimoramento da cultura. Pela renovação dos seus compromissos com o Rio Grande do Norte e o Brasil. Mencionando-os, reverencio cada um dos senhores acadêmicos.

O meu tio-avô Gotardo Neto é um dos patronos desta Casa. Evoco-o para dizer, em tom de oração: “zelai por todos nós. Pedi a Deus que inspire os nosso sonhos e os nossos atos, sempre comprometidos com a elevação cultural e espiritual do Rio Grande do Norte”.

Para mim, peço a Deus que renove minhas circunstâncias e que, ao final de tudo, possa eu dizer como São Paulo: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o senhor, justo Juiz, naquele Dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua Aparição”.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO CLÁUDIO EMERENCIANO

Valério Mesquita.

A noite acadêmica, vivenciada através do tempo e da liturgia das regras e regulamentos, desfaz-se, nesta hora, para assumir poderes diferenciadores, ritmos previsíveis e imprevisíveis, limites inaugurais modeladores de feição muito humana e visível. Esta noite é, sobretudo, a grande noite natalense – bela, vasta e evocativa, que não se veste apenas nas indumentárias talares do repetitivo, mas se acrescenta, momentosa, na grande e geral noite que se abate sobre Natal, nos seus momentos mais líricos, culturalmente indelével; na calma brisa que os sons de sinos ocultos do Tirol fazem ressoar em ouvidos que verdadeiramente ouvem a beleza, e são capazes de verem a beleza talentosa que nos envolve e protege. Tudo isso lembra o poeta maior: “tudo parece impregnado de eternidade”. Sim, o mistério, fulgurante de tudo que é invisível.

É à noite, neste salão, de tantos que falaram e decantaram a oratória dos jardins de Academias, mas que guarda este - salão silencioso – a palavra solta e sábia de um Cascudo; o improvisado de humor riquíssimo de um Nilo Pereira; as vertentes poéticas de um Navarro, falando sobre Jorge Fernandes; a palavra exemplar do talento de dizer de um Alvarado Furtado ou a revelação da herança cultural francesa de um Américo de Oliveira Costa. Esta é a noite múltipla e multiplicada, pletórica, engrandecida de outras homenagens e outros símbolos, desde o tom

ameno do grande construtor, material e espiritual deste prédio, com suas paredes ressoando, ainda, a poesia lírica de um Luis Carlos Guimarães até a cadência sábia do saber dizer de um Mário Moacir Porto.

Todas as noites, nesta Casa, serão, portanto, insubstituíveis. Pois nada mais grato e revelador é fazer acordar, nesta hora e no palpitar que este momento freme e oferece, do que saudar uma amizade fraterna, humana e compassiva, que Cláudio José Freire Emerenciano conduz como troféu, no pórtico do templo de Delfos; ele, um erudito leitor e estudioso da história do homem e sua aventura terrena e espiritual. A condição humana, carregada de simpatia pelo que é permanente. Percorremos os mesmos caminhos. Desde o longínquo primeiro ano básico do Colégio Santo Antônio, onde cursamos o primário, o ginásio e o secundário, sempre juntos, na mesma sala de aula. O que nos lembra Joaquim Nabuco: *“O traço da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem”*.

Depois o curso de bacharel em Direito da antiga Faculdade da Ribeira, onde nos formamos em 1968. E juntos continuamos, como se fosse um determinismo intemporal, no Conselho Estadual de Cultura, sucedendo-o na Presidência da Fundação José Augusto; depois no Tribunal de Contas, onde cheguei em janeiro de 2002, e ele lá estava, como se me esperasse. Por último, aqui, nesta Casa, de Câmara Cascudo e Henrique Castriciano, sou eu quem o recebe, hoje, com as melhores luzes da minha emoção.

Saudá-lo é reviver a trajetória de duas vidas,

comungadas nos mesmos sentimentos cristãos, nas idênticas aspirações pelo ideal de servir, conforme a máxima de Jean Paul Sartre “*de que nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos*”. E aquele universo mágico e mítico, dos anos cinqüenta e sessenta, ainda permanece em nós, intacto, pela força da recordação como se o tempo tivesse parado um pouco para nos homenagear. As jovens tardes de domingo do cinema Rio Grande e do Cinema Rex; a vida que escorria devagar e contemplativa pelas trilhas do bonde da Avenida Rio Branco ou pelos sítios do Tirol e Petrópolis. Naquele tempo ainda se podia contemplar a eternidade da janelinha aberta sobre as árvores da aldeia, hoje tecida de concreto e cimento armado. As muralhas da nova civilização.

Rua Voluntários da Pátria, número 722, e rua Santo Antônio, número 651, Cidade Alta, são endereços inesquecíveis, de onde morávamos, nas cercanias da Igreja do Galo, da Praça Padre João Maria, do Velho Instituto Histórico e da antiga Catedral, construindo, juntos, nossos ideais de infantes e adolescentes, que desaguavam no Grande Ponto, caixa de ressonância de tantas gerações, de uma Natal libertária e sonhadora.

Havia outro traço inconfundível que nos unia mais ainda: as raízes pessedistas dos nossos pais, Alfredo Mesquita Filho e José Batista Emerenciano. Sementes ainda do processo de redemocratização do Rio Grande do Norte dos governos de José Varela e Sylvio Pizza Pedroza. Nas lides políticas de Macaíba, o Dr. José Batista Emerenciano era o advogado do Deputado Alfredo

Mesquita, na defesa dos postulados democráticos e do espaço vital do partido majoritário, o velho PSD. E quantas emoções, Cláudio, idas e vividas, poderiam agora reviver. Desde as tardes de estudo de História do Brasil e História Geral, na casa do colega José Agripino, onde o Secretário de Educação Tarcísio Maia, de suspensórios à moda Ticiano Duarte, discorria sobre as matérias, com fluência e sotaque característico; as domingueiras no Juvenal Lamartine, para assistir o ABC x América e, depois, o vespéral de brotos, no Aero Clube; como é gostoso lembrar a Arcádia Natalense das tertúlias literárias, onde já pontificávamos no gosto pelos clássicos, influenciados pelos anjos tutelares do Colégio Marista; destacar aquela noite, no aceso da luta política de 1965, nas ruas de Macaíba, vestidas de vermelho e verde, quando atravessamos a linha delimitória, que separava os gladiadores, e fomos nos cumprimentar, após concluídos os nossos discursos: o meu em louvor ao velho Dinarte Mariz e o seu, em tributo ao Monsenhor Walfredo Gurgel, sob os olhares estarecidos dos circunstantes. Foi a única trégua da noite. O equilíbrio dos contrários.

Naqueles tempos, ainda jovens, assumíamos, Cláudio e eu, posturas de cavaleiros andantes. Inspiravam-nos sonhos e ideais eternos, que nunca morrem, nunca envelhecem. Estabelecemos, assim, uma convergência de ideais e atitudes que caminhou com nossas vidas. O estudo em comum do que se convencionou chamar de humanidades, apenas, ampliou a convicção de que a dimensão humana é universal. Conhecemos a dúvida sobre a existência e o existir. E, curiosamente,

individualmente encontramos as respostas. Vimos o desabrochar da luz, constatando, mais uma vez, as semelhanças de percepção e entendimento sobre a vida. Mas, acima de tudo, professamos, espontaneamente, um humanismo que reconhece e consagra a supremacia da condição humana em qualquer situação histórica e política, quaisquer que sejam as adversidades e os constrangimentos. Nada nos demoveu, até hoje, em acreditar no homem e em sua vocação como ser criado à imagem e semelhança de Deus.

Cláudio José Freire Emerenciano nasceu em Natal, no dia 10 de novembro de 1944. É o primogênito de quatro irmãos, filhos de José Batista Emerenciano e Jurandi Freire Emerenciano. Casou-se com Maria das Graças Alves Emerenciano, tendo nascido, dessa união, três filhos: Cláudio Roberto, Carlos Eduardo e Luzia Maria. Ingressou na UFRN como professor adjunto, já aposentado, e exerce o cargo de Auditor do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte. Iniciou os seus estudos básicos no Colégio Santo Antônio (Marista) e os concluiu no Atheneu Norte-Riograndense. Bacharelou-se em Direito, pela UFRN, em 1968. Dentro de sua formação acadêmica, fez curso complementar de ciências sociais e políticas no Instituto Superior e na Universidade Técnica de Lisboa, em 1968/1969, e em 1969/1970 com titulação de mestre. Participou ao longo de sua vida acadêmica de inúmeros cursos de especialização, atualização e aperfeiçoamento profissional, além de seminários, congressos e encontros no Brasil e no exterior.

Na carreira universitária as suas atividades de ensino

e pesquisa revelaram a sua grande vocação humanista, sempre voltada para a formação da juventude, como professor de várias disciplinas da área social na UFRN, na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza e na Faculdade de Sociologia da Fundação José Augusto.

O trabalho intelectual do novo acadêmico não está apenas ligado ao magistério superior, ao estudo e à pesquisa. Mas, também à administração universitária e às atividades de planejamento, como 'pró-reitor para Assuntos de Extensão Universitária da UFRN durante quatro anos; Diretor da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza; Chefe do Departamento de Sociologia Política; Assessor Extraordinário para a Extensão Universitária do Ministro da Educação e Cultura, além de participação no Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRN, na Câmara de Extensão Universitária do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, além de membro do Conselho Universitário da UFRN.

Orador e conferencista, Cláudio Emerenciano sempre se destacou pela eloqüência e profundo conhecimento temático, fruto de suas longas leituras, de suas pesquisas e da larga cultura humanística. Guardo na memória seus brilhantes improvisos no Conselho Estadual de Cultura, no Tribunal de Contas e na Fundação José Augusto.

Homem social e de destaque na Província, as comendas e distinções que recebeu expressam o seu valor intelectual e a sua atuação em favor da educação e da cultura do Estado, ao longo do tempo.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:

Sua atividade literária assinala uma produção

jornalística diária e permanente entre 1985 e 1988, escrevendo no Jornal "Tribuna do Norte" com mais de quatrocentas crônicas publicadas. Escreveu ainda em outros jornais e através da Editora Universitária inúmeros trabalhos versando sobre a conjuntura internacional e a problemática universitária.

Em 1998 escreveu "Casquedo - Da Província ao Infinito". Ano seguinte publicou o livro "A Rendição do Tempo". À época, escrevi e publiquei na imprensa a seguinte apreciação sobre sua vocação literária:

"Finalmente Cláudio Emerenciano sai das páginas dos jornais quotidianos para a organizada forma do livro, com capa, título e índice, dando, assim, definitivamente aos leitores a dimensão que o define como escritor dos mais atentos e sensíveis de nossa província.

Em *A Rendição do Tempo*, onde reúne crônicas escritas num passado recente, durante um curto período, percebe-se claramente o escritor preocupado, sempre, com o destino do homem, demônio e arcanjo. Anjo caído, demônio em busca da salvação, como esperava e acreditava que acontecesse Giovanni Papini.

A visão guiada pela inteligência e pela cuidadosa observação do circundante produziu crônicas a que o Tempo se rendeu e ao mesmo tempo revelou e deu solidez de estrutura inabalável.

Como São Francisco de Assis, Cláudio sabe que ser cristão é, acima de tudo, agir e pensar como tal, mais do que observar regras.

Senhor Presidente, Autoridades, minhas senhoras, meus senhores:

O saudoso mestre e acadêmico Alvamar Furtado de Mendonça, que lançou o nome de Cláudio Emerenciano para ocupar a cadeira deixada por Sylvio Pedroza, em memorável tarde no Conselho Estadual de Cultura, vale lembrar, assim falou sobre o seu ex-aluno da Faculdade de Direito e colega. E ninguém melhor do que um professor da estirpe de Alvamar, para emitir juízo de valor com quem privou de estreita amizade. Se estivesse em nosso convívio, com certeza saudaria o novo acadêmico. Deixo agora, que o seu espírito fale livre sobre Cláudio.

“Um homem alegre, inquieto, de espírito aberto aos bons momentos. Sempre nos prendeu por essa permanente alegria de viver. Nunca se deteve ao lado amargo das coisas.

Em nosso caso particular, o desencontro etário não perturba esse companheirismo. Nosso convívio fraterno é intemporal, não contabiliza os hiatos do tempo. Não se finca apenas na observação de seu lado intelectual e bem humorado, abrange também o seu lado profissional competente, a sua maneira de liderar instituições culturais, o bom professor que ocupou uma das cátedras de nossa Universidade, onde sua voz, pela aposentadoria, silenciou. A sua fé sente a presença de Deus nos Cantos Gregorianos. É a sua face religiosa.

Seu comportamento emocional não perde a curiosidade pelos filmes do neo-realismo italiano. Não se ausenta das audições em que se programa a polifonia de um Johann Sebastian Bach. Detém pontes de acesso comum às várias gerações. As evocações que lhe acodem no momento de escrever não se restringem ao

que colheu nas páginas de suas leituras, se arrimam também em seus passos pelos caminhos centenários da cultura ocidental, demarcados pela presença dos museus, das dimensões do gótico que o fascinaram na mesma linha de espiritualidade que extasiou Péguy diante da catedral de Chartres.

No que escreve, pressente-se a variedade de suas leituras, indo dos clássicos, passando pelos autores latino-americanos e se detendo nos brilhantes escritores da "geração perdida", como batizou Gertrude Stein os rapazes americanos que sobraram das trincheiras e agitaram, intelectualmente, Paris, no primeiro pós-guerra.

E prossegue o saudoso mestre Alvimar Furtado como se ocupasse agora essa tribuna: "É um dos poucos que deixam nos seus textos um saldo positivo, cooperando para deixar o leitor de olhos abertos para as ansiedades atuais.

A gente se detêm quando ele fala de sua cidade natal, onde sempre viveu, teve seus sonhos, constituiu sua bela família, vivendo seus contactos sociais, não se furtando às descontraídas gargalhadas ao escutar as "boutades" no cavaquear com amigos.

As suas páginas do "Grande Ponto", onde estava a crônica viva de Natal, sua maledicência, suas notícias, seu humor, seus boatos, seus comentários políticos, são marcantes. Gerações e gerações por lá passaram, à noite, sem hora de começar ou de terminar as conversas nos altos da madrugada, ou na convergência dos fins de tarde, quando os expedientes terminavam e os

consultórios soltavam seus clientes. Era a hora das "últimas".

E conclui o saudoso mestre Alvarar. "As crônicas e ensaios que deram corpo à A RENDIÇÃO DO TEMPO refletem a identidade de seu Autor. Assim, a sinopse de sua personalidade, do seu comportamento sócio-cultural, de sua maneira de olhar a vida, facilita sua leitura. Aliás, isso já está no conhecimento de todos pela forma expansiva e comunitária de sua presença."

Sr. Presidente. Senhores Acadêmicos. O que disse o poeta e escritor Sanderson Negreiros discorrendo sobre o novo acadêmico: *"Cláudio Emerenciano ingressou na vocação e função das quais sempre fugiu, comprometendo-se tão somente com a de leitor voraz e veraz. Assume a condição de autor. Ele sempre gostou de cumprir o conselho do velho bruxo da Rua Maipú, Jorge Luiz Borges: "ler é muito mais importante do que escrever"*.

Os perfis humanos, ditados pela memória viva e vocacionada de poesia e ternura pelo ser humano, forma o mural mais significativo deste livro. Cláudio tem o olhar, embora ferido por várias cirurgias oftalmológicas, altamente capaz de divisar as essências das estruturas relativas, ocasionais; e nomear, diante de tudo isso, o nome do Absoluto, que o comove e envolve tanto. Sua busca a Deus não o contenta em apenas soletrar o catecismo. Se pudesse, seria um teólogo em tempo integral. Contenta-se em ser um místico em estado selvagem, como diria Claudel.

Leitor maior, sua curiosidade envolve e evolui, além

da literatura e filosofia, para a música e o cinema – hoje, pode-se dizer que é um doutor conhecedor dessas artes.

E agora temos, sua aparição, como escritor maduro, inclusive no campo da ficção e do ensaio”, finaliza o acadêmico Sanderson Negreiros.

Senhor Presidente. Senhores Acadêmicos. Excelentíssimas autoridades, minhas senhoras, meus senhores:

Por tudo isso, julgo conhecer Cláudio Emerenciano na integridade dimensional do seu valor, do seu caráter e de sua própria vida. Gostaria de ter lido o tanto quanto ele já leu sobre escritores e mestres de todas as literaturas, mas as circunstâncias me desviaram para a lide política que me absorveu o tempo e o vento. Cláudio é um dos maiores habitantes de biblioteca dessa geração. Uma cultura humanística sólida advinda das leituras dos grandes autores e mestres universais.

A grande maioria da Academia que se incorpora ao desiderato de entroná-lo nessa Casa, reconhece que o intelectual vale não somente pelo número de livros que logrou publicar, mas, sobretudo, pela bagagem literária que detém, pelas ações administrativas em favor da cultura, pelo muito que escreveu nos jornais e periódicos e pela conduta de caráter que tem balizado a sua vida, desde a manhã daquele longínquo 1954, quando o conheci menino, com nove anos de idade, até hoje, homem simples, religioso, esposo e pai exemplar.

A trajetória de todo homem não se diferencia quando ele guarda, como titulação verdadeira, os caminhos exatos e insubstituíveis da bondade humana; bondade

que se expande pela inteligência do coração e pela sabedoria feita de experiência e erudição.

O acadêmico Cláudio José Freire Emerenciano, tem sido, em sua vocação, o guardião da única imortalidade que conta: a de sermos dignos de uma missão de grandeza neste mundo áspero e calcinante. O essencial, no entanto, é que numa noite como esta dá-se o milagre do compartilhamento da amizade, a proclamação justa e envolvente do mérito reconhecido, a identificação de valores culturais que transcendem a trágica finitude da condição humana.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ERNANI ROSADO

No momento em que sou acolhido nesta Academia pela comovedora generosidade dos seus membros são muitos os sentimentos que me envolvem.

Falarei primeiro da gratidão. Palavras não as encontraria na medida certa para dizer aos meus pares desse estado de espírito. Se aqui chego, é por única e exclusiva decisão carinhosa dessa Assembléia, movida por gesto da mais pura largueza, emoldurada, ademais, por cativante unanimidade.

A segunda sensação que me assalta é a da humildade de que me devo investir em fazer o retrospecto do que a Academia representa para o Rio Grande do Norte, e verificar minha responsabilidade ao integrar seus quadros. Por muitos e muitos anos, cá estive em ocasiões várias. Admirar seus integrantes e reverenciá-los quando nos deixavam — sempre foi para mim uma tônica através dos tempos. Laços de sangue me vinculam a membros atuais e passados desta Casa. Aqui luziram a fulgurante inteligência e excepcional modéstia de Tércio Rosado; sob esse mesmo teto, brilha na sua franciscana simplicidade a figura ímpar de Vingt-un Rosado.

Vi e ouvi nesta Casa figuras esplendorosas da nossa intelectualidade. Privei da amizade de tantos. Encantei-me com seu saber, tinha orgulho de me dedicarem tempo e comigo trocarem idéias. Não poderia mencioná-los todos, tantos foram por mais de quarenta anos. Reside aí, talvez, quem saiba, a explicação da generosidade dos que a fazem, ou seja, a pregressa existência de um liame

afetivo dos mais significativos para que me acolhessem como um de seus.

Confesso agora aos confrades e convidados que em todas as vezes que aqui estive em sessões semelhantes, uma outra disposição emocional me assaltava. E essa era a da Saudade. Ao lado do regozijo de cumprimentar o empossado ficava-me a recordação do que partira, e de outros que nos deixaram antes. Era uma saudade digamos que positiva, posto que enaltecedora. Reverberava nesta Casa o eco dos feitos dos grandes vultos do seu passado. Mais uma vez eram cultuados, e alvos de encantadoras lembranças.

Mas, agora, há uma saudade diferente, posto que não incluída e não declamada no protocolo acadêmico. É a saudade dos que não pertenceram à nossa Academia, porisso mesmo excluídos da ritualística. E falo sobretudo dos meus pais. Falo de Messias Soares que a dureza da vida impediu de concluir qualquer curso regular de aprendizado. Filho mais novo de numerosa prole de família de poucos recursos do interior do Ceará, muito cedo teve que enfrentar as vicissitudes e as dificuldades da pobreza. Trabalhou no comércio, foi tipógrafo, mourejou na fotografia, caixeiro viajante, vendedor, pequeno representante, fixando-se finalmente como funcionário do que seria (e rezemos para que continue sendo) a Previdência Social, onde cumpriu 38 anos de bons serviços, aposentando-se pela compulsória da idade. Não tendo podido seguir educação formal, aprendeu o pouco que lhe foi dado cursar, posto que inteligência não lhe faltava, e foi suplementando com a escola da vida. Tinha

a vocação musical da família materna, compunha, fazia paródias, teria sido o precursor dos jingles comerciais, trabalhou em teatro e chegou a escrever uma peça chamada "Doutor por acaso". Nesse viés musical, os fados o fariam cruzar seu destino tantas vezes com o de Grácio Barbalho. Nosso primo o acadêmico Dorian Jorge Freire o chamava "o poeta da amizade", pois nessa arte ele era insuperável. E assim foi por toda a vida: fraterno, alegre, bem humorado. Sua presença em qualquer ambiente dava a tônica do cidadão tranqüilo de quem seria impossível não se gostar. Cem anos completaria no próximo dia dez de janeiro, e esta é a homenagem que lhe presto nesta hora.

Já minha mãe Nelita também teve cerceadas suas possibilidades de um curso regular, e não concluiu nem o Curso Normal nem o Curso de Comércio, circunstâncias que sempre a deixavam triste. Memória excepcional, nunca vi nada igual em minha vida, procurava saber de tudo, e acumulou conhecimentos de Inglês e sobretudo de Francês, muito acima da média, vindo a receber no melhor grau o Diploma de Estudos Superiores de Francês da Universidade de Nancy. Ainda hoje, rebuscando seus papéis, encontro cadernos dessas matérias que mostram seu cabedal de aprendizado muito, mas muito mesmo acima de qualquer padrão que se estabeleça. De conhecimentos gerais, de poesia, por tudo ela se interessava e aprendia. Era capaz, coisa que jamais vi outra pessoa fazer, de dizer quantas letras tinha uma frase logo após pronunciada.

Não, não vou traçar suas biografias. A saudade de

ambos não diminui, se sublima. Quero, em passe de mágica, julgar vê-los comigo aqui. O orgulho que sentiriam do filho seria incomensurável, e, dentro do que é minha convicção religiosa, recebo suas bênçãos.

A eles se aplica de modo perfeito a síntese do escritor moçambicano Mia Couto quando diz: um morto amado nunca pára de morrer, e que “a vida é infinita, mas nada é tão enorme quanto a morte”, e completo com a síntese de Marcos Vilaça: no meu coração há um gemido do inacabado.

Cumpro o ritual acadêmico ao evocar sua estrela-guia: Luis da Câmara Cascudo. Que posso eu aduzir ao que já foi dito sobre o grande mestre? Orgulho maior da nossa intelectualidade, polimorfa cultura, astro mais luminoso na nossa constelação intelectual. Cascudo é uma lenda, e apesar de já cantado em verso e prosa, certamente faltará sempre algo, e disso temos provas freqüentes quando até de longínquas plagas nos chegam os ecos dos seus estudos. Mais que tudo isso, uma grande figura humana,

esplendidamente classificada pelo nosso Presidente, quando o define como “um brasileiro feliz”. O sábio, o filósofo pleno da compreensão e da bondade da vida, como referiu Américo de Oliveira Costa, e que assim sintetizava seu modo de viver: “Sou um homem que não desanimou de viver e para quem a vida é sempre uma experiência nova e uma revelação”. Todos relembram o Mestre no seu templo da Junqueira Aires. Menino ainda, 1941-42, recordo dele ainda morando à Praça 7 de setembro, 565, onde hoje se situa a Assembléia Legislativa,

entre Nestor Lima e meu tio Duodécimo – o Duó da Farmácia Maia que ficava na esquina quase em frente — por quem nutria grande afeição, e que ele considerava uma das melhores criaturas que conhecera neste mundo. Guardo sua figura amena para com as crianças, famoso que já era. Lá, ele residiu de 1937 a 47 quando se mudou pelo resto da vida para seu santuário. Das minhas lembranças, ficou que ele era tratado com carinho como Cascudinho. Dessa fase, e já aí, trago o depoimento do nosso primo Hélio Santiago que morou algum tempo em casa de Duó, e lembrava que do seu quarto, em noites tardias e madrugadas via o mestre debruçado entre pilhas de livros freqüentemente acompanhado do inevitável charuto! Cascudo, entre múltiplas e inúmeras brilhaturas, foi o autor da mais completa biografia do patriarca Jerônimo Rosado, meu bisavô. Recorro à excepcional síntese de Tarcisio Gurgel, quando falava que, em Cascudo havia o “saber com sabor”. Honra e glória ao nosso Patrono.

Com essa declarada profissão de fé, de reconhecimento e humildade, e de saudade, passo a sentir o peso da responsabilidade que me cabe, posto que tendo como paradigma Luis da Câmara Cascudo, ocupo na seqüência temporal a Cadeira número dois que tem como Patrono Nísia Floresta.

Sou de uma terra onde o papel preponderante da mulher na sociedade teve pioneiro reconhecimento. Em Mossoró, pela primeira vez no Brasil, uma mulher exerceu o soberano direito do voto. Daí, em via de conseqüência, o Rio Grande do Norte teve a primeira mulher deputada

e a primeira prefeita do Brasil. Aqui no pequeno estado, teria surgido a primeira feminista do Brasil, na pessoa de Clara Camarão, a esposa de Poty. Parece até um determinismo histórico que começa a despontar de modo singular com Nísia Floresta Brasileira Augusta, seguramente uma mulher além do seu tempo.

De Nísia Floresta, igualmente, já se procurou dizer quase tudo. Uma figura excepcional, marcante. Sempre que é lembrada, é envolta em halo de admiração não só pelo seu talento, mas, sobretudo por sua coragem e rebeldia em romper arraigadas e retrógradas tradições. Vendo do ponto de vista da modernidade, custa-nos crer que pudesse ter sido diferente. Peço vênia aos convidados para citar trecho, datado de 1878, valendo dizer já muitos anos depois de iniciada a cruzada de Nísia Floresta, de um relatório do Diretor Geral da Instrução Pública, Ignácio Tavares da Silva, localizado nos Actos e Falas dos Presidentes da Província, que o inimitável e incansável Vingt-un Rosado conseguiu resgatar. Preocupado, inicialmente, pela inexistência sequer da perspectiva do progresso intelectual da mulher, ele diz: “Descendo dessas considerações gerais à apreciação dos programas das matérias que se aprendem nas escolas primárias e no curso do Atheneu Riograndense, não posso deixar sem reparo a penúria da instrução feminina, que limita-se ao deficientíssimo que mal se ensina às alunas nos estabelecimentos de instrução primária. Já que para elas não há segundo grau na organização do ensino público desta província seria para desejar que se alargasse o quadro de seus estudos de modo que ocupasse nele maior

espaço o elemento moral e religioso, que mais que nenhum outro lhes resguarda, quando adultas, a pureza e inocência dos costumes e a regularidade da conduta. Desprendendo-se daqueles pontos de apoio é inevitável o desequilíbrio e infalível a queda.”

Até aí a louvável preocupação do Senhor Inspetor dá conta da precariedade do que era oferecido às mulheres em termos da instrução pública. O que vem a seguir complementa de modo definitivo a descrição da situação e do estado de espírito reinantes. Diz o Senhor Inspetor: “A instrução da mulher deve habilitá-la para o desempenho de sua missão que, a despeito de alguns inovadores modernos, que a querem colocar em pé de perfeita igualdade com o homem, só alcança diretamente a vida da família, onde pelas qualidades peculiares do seu sexo ela é a primeira instituidora da infância, encarregada de se lhe depor na alma e no coração os mais preciosos e fecundos germes das virtudes sociais”.

Diante de tal situação, a brilhante, inquieta e irredenta Nísia Floresta jamais poderia silenciar! E aí começa toda uma trajetória. Não me alongarei em repetir facetas de sua vida memorável, mas como deixar, por outro lado, de ressaltá-las? Educadora de melhor calibre, culta, erudita, já em 1832 está a traduzir “Direitos das mulheres e injustiças dos homens”, começando aí sua luta feminista. Segue-se uma longa série de trabalhos que são publicados em francês, inglês e italiano. Nísia Floresta foi libertária em todos os sentidos, profundamente identificada com todos os movimentos nessa direção. Ela dizia: “Lutar é viver, amar, aspirar, trabalhar, agir sem parar durante esse

período mais ou menos curto quando nos é permitido caminhar ou nos arrastar nesta terra de passagem onde cada um de nós tem uma missão a cumprir e onde devemos lutar para realizá-la dignamente” – “Justiça! Desinteresse! Liberdade! qual será o povo assaz feliz para saber compreender estas três palavras, e delas fazer o tríplice fundamento de todas as suas ações?”.

A lutadora idealista era singularmente versátil, e, seguindo em outra vertente, sua obra se vê marcada por clichês à moda romântica, como “abismos insondáveis”, “imagens vaporosas”, “sonhos fantásticos”, “brisas perfumadas”, falando de solidão, morte, noite, e do passado longínquo, observações muito bem colocadas em sua tese pela professora Zélia Bezerra Mariz. Conviveu com luminares intelectuais de sua época, e manteve correspondência regular e extensa com Augusto Comte, de quem era amiga, mas que só viria a conhecer pessoalmente em 1856, quando de sua segunda a viagem à Europa, um ano antes da morte do grande pensador. Havia uma admiração recíproca, posto que Paulo Carneiro relata ter encontrado na biblioteca de Comte exemplar do “Opúsculo Humanitário” de Nísia, com uma afetuosa dedicatória. E é na invocação desse singular relacionamento que a Academia encarna à perfeição a máxima comtiana de que “os mortos governam os vivos”. Nísia Floresta, descrita por Odilon Ribeiro Coutinho, como moça atrevida, de muito topete e picardia. Era a musa de Henrique Castriciano, de quem falaremos em seguida.

Henrique Castriciano de Souza foi o primeiro Presidente desta Casa. Natural de Macaíba, pertence a uma família

ímpar na vida intelectual desta província. Seu irmão Eloy foi reconhecidamente um dos maiores jornalistas do Estado, e que dizer de Auta de Souza, inesquecível através do “Horto”, e figura marcante na nossa paisagem literária? Certamente uma aura de excelência envolvia aquele lar. Ele entendeu e sentiu mais que ninguém a poesia de sua irmã. Henrique Castriciano deixou um legado imensurável a este estado. Poeta inspirado, com quatro livros publicados: o primeiro “Iriações” já aos dezoito anos, seria seguido por “Ruínas”, “Mãe” e “Vibrações”, sendo clássico o seu poema “Aboio”, de excepcionais ternura e beleza. E como esquecer o extraordinário “Monólogo de um bisturi” ? Sobre sua prosa, disse o imortal Cascudo: “A influência da transparente prosa francesa era uma confissão de Castriciano, notadamente, de Renan, Michelet e a musicalidade inimitável de Chateaubriand”, e completava “O estilo de Henrique Castriciano, na prosa alheia ao romance é claro, mantém-se ágil, de uma precisão segura, com uma elegância vivenciada, coloridos insuperáveis”. Quis o destino que a doença o levasse à busca de curas climáticas na Suíça, de onde voltou com a idéia elaborada, e que se tornou talvez seu maior marco: a instalação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, acontecida em 1911, que por quase um século tem registrada a marcante presença através da Escola Doméstica de Natal, orgulho perene de nós todos, uma jovem e pulsante instituição de 90 anos recentemente completados, já expandida e dinamizada pela figura ímpar de D. Noilde Ramalho, a quem tanto deve o Rio

Grande do Norte, e alargando horizontes, hoje se constitui em soberbo complexo educacional, inclusive com ensino superior. Foi notória sua influência sobre Cascudo, que dele disse: “foi o primeiro escritor, literato e poeta que conheci, e com quem mais longamente privei; ensinou-me a construir lentamente a cultura diária, pessoal, fontes e não antologias, degrau a degrau e não um elevador subitâneo”. Foi capital o levantamento feito pelo Professor Daladier Pessoa Cunha Lima para complementação do estudo da vida de Castriciano. Em ordem não cronológica, lembremos que foi ele o descobridor de Nísia Floresta, e também lhe deve ser creditada a criação do movimento escotista do Rio Grande do Norte. Teve atividade política, na lúcida definição de Cascudo “político por contágio”. Deputado e Vice-Governador do Estado, entre 1915 e 1924. Nada posso encontrar de mais definitivo que a brilhante síntese de Daladier: “Henrique Castriciano viveu em dois séculos, XIX e XX, e há de continuar no tempo porque o seu contributo, na educação e na cultura, se fez com a força e a paixão do idealismo puro, da paixão, da sabedoria e da sensibilidade”.

A Academia lhe rende permanente homenagem, calcada na missão de fazer ressurgir das cinzas do esquecimento o nome daquele que foi tudo no Rio Grande do Norte e morreu com as mãos limpas e vazias; poeta, ensaísta, historiador, dramaturgo, romancista, político, educador, comerciante, administrador, e, sobretudo uma grande pessoa humana, como explicitado em texto divulgado quando do seu centenário de nascimento em 1974.

Chego agora aos meus coevos. A excepcional honra que representa ocupar a Cadeira número Dois desta Academia me remete à figura do Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão. Desde muito tempo eu o conhecera, posto que morava à Avenida Deodoro, vizinho que era de dois tios meus, ensejando a minha convivência com vários dos seus filhos. E logo muito cedo também ficara a par da fama do respeitado causídico, como ainda de suas extraordinárias qualidades morais. Acompanhava seus escritos com razoável frequência. Foi a responsabilidade de traçar o perfil de sua figura no elogio acadêmico que me proporcionou a satisfação de mergulhar mais profundamente na sua obra literária. Hélio Galvão era um estilista, rico de imagens e preciso de linguagem. Suas “Cartas da Praia” representam notável estudo de antropologia cultural, de folclore, de geografia, de história. Ao lado de tudo isto, perpassadas de incrível ternura. Como é bonito vê-lo recordar tipos, costumes, tradições de sua Tibau do Sul! Fico a imaginar o que pensaria Hélio Galvão, tão tradicionalista, visceralmente preso à sua terra e sua gente, ao ver a transfiguração da região! Claro que não iria se insurgir contra o progresso e até se rejubilaria em ver Tibau do Sul, que ajudou a criar, hoje inserida em internacionais roteiros... Mas tenho certeza que sentiria falta dos hábitos e costumes tão singelos e espontâneos, tão arraigados e significativos das tradições que ele cultuava. Os pescadores e suas estórias, as danças típicas, os cantadores, certamente ele sentiria sua falta, tal o enorme carinho, calor humano e entusiasmo com que ele se dedicava aos mesmos. Seu busto lá está

hoje como que a pastorear seu rebanho e zelar por suas tradições.

O Hélio Galvão historiador se manifesta por inteiro na “História da Fortaleza dos Reis Magos”. O memorialista escreveu o mais completo roteiro da trajetória do seu amigo Dix-sept Rosado, tão trágica e prematuramente desaparecido. Não seria tão fácil imaginá-lo incursionando na poesia. Mas assim o fez, com versos manifestando amor à esposa, meigo para com a numerosa descendência, e religiosidade inabalável e contemplativa, na precisa análise de Antonio Soares Filho. Aí estão “A Rosa de Pentecostes” e “In finem dilexit”. O jurista esbanja conhecimento na “Responsabilidade penal de diretores de sociedade anônima criada pelo estado-caso BDRN”, ou “Dos efeitos patrimoniais em mandado de segurança”, “Revogação de isenção tributária”, e tantas outras peças obras primas de Direito tecidas com esmero literário invulgar. Comendador da Ordem de S. Gregório Magno, Hélio, em síntese era escritor, poeta, jurista, sociólogo, folclorista, etnógrafo e humanista. Ocupar uma Cadeira que ele anteriormente honrou aduz uma responsabilidade adicional a quem chega a esta Casa.

Quem poderia dizer melhor do advogado Hélio Galvão e do seu enorme talento que a luminar figura de Ivan Maciel de Andrade: “Fino estilista, poucos escreveram com tanta beleza literária sobre assuntos jurídicos. Uma petição sua valia não só pela substância jurídica como pela forma – de uma elegância límpida, sem prejuízo do rigor técnico, e de uma clareza, argúcia e

penetração raras em peças jurídicas, mesmo que escritas por grandes luminares do Direito. Foi um dos primeiros de quem ouvi elogiosas e entusiásticas referências aos ficcionistas latino-americanos numa época em que esses autores, hoje consagrados, mal eram conhecidos além das fronteiras dos seus países. Tinha as peculiares e inconfundíveis qualidades que caracterizam um grande advogado”.

Ao lado de tudo isso, Hélio Galvão era o cidadão íntegro, o pai de família exemplar, família que ele considerava “a maior obra de sua vida”, como relata seu filho José Arno: “Como um daqueles velhos patriarcas, presidia as reuniões familiares, trazendo-nos sempre um exemplo de vida religiosa ou uma citação do Livro Sagrado para apoiar-nos na tristeza, e por que não, também nas alegrias”.

Chego, por fim, ao nome que sucedo: meu querido, dileto e saudoso amigo Grácio Guerreiro Barbalho. Falar de Grácio é recordar mais de quarenta anos de fraterna e sadia convivência. Tantas foram nossas afinidades, tantos foram nossos encontros. Ouso dizer que minhas preocupações se minimizam ao sucedê-lo pelo mero convencimento que tenho de que tantos eram comuns gostos, interesses e pontos de convergência, que ele aprovaria essa sucessão, mesmo reconhecendo outros mais qualificados a exercê-la.

Quando do seu encantamento, várias pessoas se manifestaram, não só enaltecendo, como ainda esboçando seu perfil. Necessariamente, estarei incorrendo em repetições, mas estas não fazem mal

quando objetivam perenizar a grande figura que foi Grácio Barbalho.

Um dos artigos a seu respeito intitulou-se “O Adeus do Lorde”, da lavra do Acadêmico Armando Negreiros, e não precisaria nem o fraterno texto, o título já define o retratado, e aí estava talvez a grande síntese. Grácio era antes de mais nada um fidalgo. Não que fôssemos buscar raízes genealógicas de nobreza. Estamos nos referindo sobretudo é a dos sentimentos, do comportamento, da postura. O tipo físico o favorecia, posto que de estatura acima da média, seu porte retratava o atleta da juventude, integrante das seleções de basquetebol de sua Faculdade. Favorecido pelo biótipo, Grácio conjugava uma placidez de atitudes e comportamento. Falava baixo, e a maioria achava que ele falava pouco, e muitas são as histórias a esse respeito. Ele próprio confirmava o delicioso relato do médico mossoroense Filgueira Filho que, a pretexto de contestar a decantada falta de loquacidade de Grácio, alegava ser dele íntimo amigo; e, diante do descrédito do interlocutor, ele confirmava: pois todas as vezes que ele passa por mim faz um gesto com a mão direita e acrescenta Oh!... Não era bem assim. Ele era um excelente *causeur*, altamente sociável e polido, não poupava palavras quando era do seu gosto ou se fazia necessário. Não se esperasse dele as grandes efusões. Era discreto, moderado, o que não lhe tirava o calor humano. Extremamente educado não se conhece dele gesto mais brusco ou palavra ofensiva. Conciliador, prestável, jamais se negou a colaborar com as grandes iniciativas culturais da terra. Solícito, atendia

a todos com boa vontade e entusiasmo, e eram inúmeras as vezes em que era exigido seja em entrevistas, artigos, saraus ou até mesmo em casa para dirimir dúvidas, e enriquecer assuntos ligados à sua paixão: a música popular brasileira. Tantas vezes recorri a Grácio, e, com sua autorização, levei à sua casa estudiosos e pesquisadores. Ele jamais, mas jamais mesmo, punha qualquer dificuldade, pelo contrário estimulava o visitante e facilitava suas tarefas ou satisfazia suas dúvidas ou saudades musicais! Tomemos, por mais precisa e burilada a síntese que dele fez, com o brilhantismo costumeiro, o Acadêmico Valério Mesquita: “Ele foi um homem solidário, disponível, calmo e silente. Não tinha pressa de viver. Nem com o tempo. Agora não me recordo se usava relógio. Grácio era pontual e presente onde os amigos estivessem. Era uma característica sua prestigiar os amigos. Simples e até humilde não buscava os refletores da propaganda ou do elogio fácil”.

Não me pouparei de citar alguns dos que falaram sobre Grácio. Endosso totalmente a tese de Montaigne quando diz que a citação é um ato de humildade, diante do que considera o melhor dos outros, constituindo-se, pois, um ato de reverência à capacidade dos que a produziram.

Jahyr Navarro, seguidor da competente e correta linha de pesquisa tão bem representada nesta Casa por seu irmão Jurandy, dedicou-lhe belo artigo e, igualmente, foi o orador na homenagem que lhe foi prestada na Academia de Medicina, quando, entre outras coisas, disse: “Nos seus atos de adesão ou discordâncias, o

silêncio era o tom de sua retórica. De qualquer ângulo, visto de longe, ele parecia impenetrável, de perto, seus enigmas perdiam o segredo na transparência de suas verdades. Tudo nele era simples demais, sem ser vulgar. Seus espaços e seu tempo eram desprovidos de urgências, como se fossem uma contagem regressiva em evolução. O silêncio era a postura do seu diálogo e não uma transposição de sentimentos. Nada preocupava o Professor que afetasse o seu silêncio,

porque ele nem agredia nem invadia espaços. Hoje, no silêncio da sua vida é fácil descobrir a sua vida no silêncio de todos nós. Desse modo, evocar o Professor Grácio Barbalho é resgatar os valores humanos de nossa terra. É um ato de justiça e de reconhecimento a quem aceitou os seus desígnios com a tranqüila convicção dos seus limites, das suas urgências e das suas esperas. A história do nosso tempo, através dos ditos e escritos, certamente irá contar esta extraordinária proeza de um homem que compreendeu a vida sem tentar exorcizá-la.”

Com sua clássica elegância de linguagem, assim sentenciou o Professor Daladier Pessoa Cunha Lima: “A madrugada de 12 de fevereiro de 2003 foi uma madrugada de ocaso para a paisagem humana de Natal, com a partida de Dr. Grácio Barbalho. Sua presença nas reuniões relacionadas à cultura, nos eventos significativos da cidade, era sempre motivo de valorização e de simpatia. Falando pouco e com um ténue sorriso, ele sabia transmitir sua solidária amizade, demonstrando inteligência e bom humor, além da sábia compreensão orteguiana

das circunstâncias que acompanham a vida. Era um humanista, pela sua cultura universal e pela ênfase às lides valorizativas do potencial humano. Era discreto, sereno, paciente, saudosista; um fidalgo pela elegância no ser e no agir. Coerente na sua maneira de viver, prestigiando o que lhe parecia relevante, principalmente tudo relacionado com a inteligência e o espírito. Ético seja na profissão e no trabalho, seja no relacionamento com os amigos, ou na sua ampla participação na comunidade à qual pertenceu e com as gerações com quem conviveu”.

Suceder Grácio Barbalho não é tarefa fácil, somente amparada pela convicção de que uma grande afinidade de sentimentos me abriria essas portas, e quero crer, repito, contaria com seu beneplácito.

Nasceu a 6 de junho de 1917 em S. José de Mipibu. Sua casa era típica das moradias de então, e ainda hoje está lá, sem grandes alterações. Eram as construções clássicas da época. Uma infância feliz, despreocupada, já aí marcada pela tônica da música, pois havia um piano, onde pontificava inicialmente sua genitora. Ele recordava 1921, muito menino mesmo, ouvindo sua mãe a tocar. Certamente era o nascedouro do amor dele pela música. O garoto de S. José também colecionava selos, e com enorme gosto pela poesia, aos dez anos, já tinha arquivado mais de seiscentos sonetos, sobretudo parnasianos, com devoção integral a Bilac. Grácio era enfático quando dizia discordar de João Cabral de Melo Neto que afirmava ser a poesia brasileira antes de Mário de Andrade, em 1922, da pior qualidade. Logo para Grácio, um cultor apaixonado dos parnasianos!

Em 1929, vem estudar em Natal, no Ginásio do Professor Severino Bezerra, como interno. Colega de carteira, começa aí uma indissolúvel amizade com outra grande figura humana, Aldo Medeiros, com quem partilharia interesses comuns por toda uma vida. Aldo era aluno externo, e se encarregava de comprar cigarros “Trocadero” para Grácio, a 300 réis a carteira, proibidos que eram dentro do circuito interno. Desde agora, compreende-se quão difícil seria para ele abandonar o cigarro, o que aconteceria por razões médicas, muito, mas muito tempo mesmo depois. E fazia falta a imagem de Grácio com sua piteira, empunhada com a mais legítima categoria britânica do lorde que ele era! Desde já vai se caracterizando uma tônica na sua vida: a conservação das amizades e sua solidificação com o passar dos anos; amizade de Grácio não era uma chuva de verão: era perene, consistente, confiável.

Do Pedro II, passa Grácio ao Atheneu Norte-riograndense. Nessa época, foi aluno de Cascudo, Celestino Pimentel, Padre Luiz Monte, Padre Calazans, Dr. Luiz Antonio e tantos outros ilustres mestres. Foram seus colegas ainda Ascendino Almeida – que o recebeu nesta Academia – Alberto, Aliete e Anadil Roselli, Clovis Gentile, Morton e Francisco Bilac de Faria, Nadir Pereira, Newton de Paula, José Arnaud, Osman Capistrano, Ruy Lucena e Túlio Fernandes.

As férias traziam o retorno ao bucolismo de S. José, com todos os ingredientes da época: o jogo de sete e meio, os bailes improvisados, e a música que sempre o fascinava. Ele tinha na memória aquelas que ouvia então:

Francisco Alves interpretando “Meu Suquinho”, os tangos brasileiros de Ernesto Nazareth, Lamartine Babo, com os Calças Largas, de 1927, ironizando os tipos da época.

Plenamente manifesta a obsessão pela música, àquela altura revolucionada por três grandes adventos: o rádio, o cinema sonoro e a gravação elétrica, tudo implicando na sua competente análise, na valorização da melodia. Grácio achava que a MPB de hoje é uma miscigenação de música americana, italiana e outras do mundo ocidental. A melodia vai desaparecendo, e a mesma se calca na letra e no ritmo, adicionados ao trejeito do cantor, tudo isso com a contribuição substancial da televisão.

A associação da música com o cinema era flagrante. Tonheca Dantas compõe ROYAL CINEMA, exato para sua inauguração. Ernesto Nazareth, nosso imortal compositor, era pianista do Cine Odeon, no Rio de Janeiro. Perpetuando o fato, nomeia uma de suas inesquecíveis músicas com o nome de ODEON.

Os cinemas vão se multiplicando em Natal: o Carlos Gomes, o Politheama, o Royal, o S. Pedro. Era gostoso ouvir Grácio, e os nossos sempre lembrados e queridos amigos Alvarado Furtado e Aldo Medeiros trocarem farpas e lembranças dos filmes da época, com suas músicas. Tantos sonhos nascentes, tantas esperanças latentes deflagradas pelas lembranças dos filmes ou de suas músicas: O Sonho Que Vivi, Rio Rita, Rua 42, Como era verde meu vale, Balalaika, Volga, Volga.

A ida para estudar Medicina no Recife só fez aumentar em Grácio seus interesses musicais. Além do

cinema, a influência do rádio era notória, e lá estava a pioneira PRA-8, Rádio Clube de Pernambuco. A enciclopédica memória de Grácio nada deixava passar. Muitos anos depois, veio servir aqui no Hospital Naval de Natal, um colega hoje trabalhando em Brasília, e, pelo sobrenome, Grácio identificou que a genitora do próprio era uma cantora sua conhecida daquela emissora. Ele recordava, dessa fase da Mauriceia, a influência de um doutorando de Medicina, Newton Pinto, que lhe ensinava tangos argentinos, inclusive "La Cumparsita", cuja letra como a de tantos outros, ele ainda sabia de cor.

A passagem pernambucana vai de 1935 a 1940, ano de sua formatura. Sua turma era composta de grandes figuras que marcaram época. Daqui do Rio Grande do Norte, José Fernandes de Melo, que teve marcante atuação política, pai da Acadêmica Sonia Ferreira, e Iaponira Guck de Brito Guerra, primeira norte-riograndense a se formar em Medicina, e cujo diploma foi doado pela família através do seu irmão Iaperi Tupiassu de Brito Guerra à Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Do Recife, inúmeros vieram a ser professores assistentes e catedráticos, e tive oportunidade de ser seu aluno. Para o registro: Vanildo Batista (Anatomia Topográfica), Clovis Paiva (Oftalmologia), Djalma Vasconcelos (Gastroenterologia), João Marques de Sant'Ana, Beiró Uchoa (Clínica Cirúrgica), Bianor da Silva Teodosio, Alfredo Alves Junior, Tércio Bacelar e Silva, José Calheiros Nobre, Jaime Wanderley da Fonte, Newton Campos de Souza (Cardiologia), Roberto Salazar (Oftalmologia), e Fernando Figueira (Pediatria).

Grácio era muito estimado por seus colegas de Faculdade, que se encontravam a cada ano, encontros aos quais ele nunca faltava. Sempre me dava conta dessas reuniões. O papo seguia um roteiro quase pré-estabelecido. Por vezes, ele me anunciara antes e eu provocava: aí, Grácio, como é que foi a reunião? Ou então ele deflagrava o processo: Sabe, estive de novo na reunião da turma. Sabe quantos anos? Eu sabia, pois era fácil fazer a conta redonda de 1940 para a data em que se estava, mas fingia ignorar para que ele pudesse ter o prazer de anunciar: 30, 45, 50, 54, 60...

A sua vivência na Mauriceia é marcada —e como é marcada— pelo surgimento do grande amor de sua vida — Zuleide. Conheceram-se em 1939 em baile no Clube Português. A bela pernambucana atraiu de imediato a atenção do guapo potiguar. Caso típico de amor à primeira vista. Ela estava na companhia do seu primo, que também foi meu professor, Ivo Rabelo, e o conhecimento feito através do inesquecível cirurgião Cesar Montezuma. Namoro começado, encontros discretos nas festas, Grácio pela elegância ou timidez (será que ele era tímido ou apenas discreto?) quase perde a vez: é que ele queria tirar Zuleide para dançar, através de gestos cabalísticos feitos à distância, seguindo os preceitos e costumes da época, e o genitor da própria disse: não queira nada com esse rapaz que não tem coragem de se apresentar e fica gesticulando à distância... Felizmente, ela não seguiu a observação do pai, totalmente infundada no caso, movida somente pelo zelo característico de então.

As nuvens da guerra se adensavam sobre o Brasil,

falava-se em iminência de convocação, e, por precaução, eles casaram no civil em 1941, porque diziam à época que a guerra iria durar trinta anos, e só vieram a consumir o ato religioso em 27 de fevereiro de 1943. Poucos dias impediram que o distinto casal completasse sessenta anos de um feliz matrimônio! E aqui para simbolizá-lo estão Paulo Marcelo, Iris e Ceres que ao lado da digna e querida genitora tão bem prolongam a presença de Grácio.

Aí ele já estava atuando em Santana do Matos, e é um tremendo exercício de imaginação termos Grácio clinicando e fazendo partos, mas assim acontecia, nós que sempre nos acostumamos a vê-lo às voltas com instrumentos e técnicas de laboratório. Depois do casamento ainda passariam um ano em Santana do Matos. Posteriormente, Grácio fez os Cursos de Tracoma que o obrigaria a mudar de residência, e o de Higiene, no Dep. Nacional de Saúde Pública e que foi a porta de entrada para a sua opção definitiva pelo laboratório clínico que viria a ser instalado em 6 de dezembro de 1949, sendo por muitos e muitos anos um referencial na cidade. Paulo Marcelo conta que ele recordava, e guardou por toda a vida o primeiro exame que realizou: uma reação de Frei em um paciente do Dr. Sérgio Guedes. Na realidade, o jeito algo taciturno de Grácio se coadunava mais com a prática silenciosa e recatada das provetas e retortas do que com os estetoscópios e fórceps da vida... Em 1952, é nomeado pelo Dr. Januário Cicco para Analista da atual Maternidade-Escola. Já nessa época era Médico do Serviço de Epidemiologia do Centro de Saúde.

Passa a exercer funções didáticas como Assistente da Cadeira de Zoologia e Parasitologia da Faculdade de Odontologia.

Com o início do Curso de Medicina na nossa Universidade, Grácio assumiu como Catedrático a Cadeira de Bioquímica, que honrou por muitos anos, pela sua competência e dedicação, tendo sido homenageado por várias turmas, sendo Patrono da Turma de Médicos de 1965. Vice-Diretor e posteriormente Diretor da Faculdade de Medicina em 1968, ao deixar o cargo recebeu elogios tanto da Reitoria como do Centro Acadêmico.

1957 foi um ano marcante na vida de Grácio. Segundo seu próprio depoimento o ano em que surge o colecionador. Adquire duzentos discos usados, logo acrescidos de outra coleção indicada por Sandoval Wanderley, comprada de pessoa que tinha ponto na Av. Pres. Bandeira, com mais de 3.000 discos. As freqüentes viagens a Rio e S. Paulo aguçam mais ainda o inquieto pesquisador e ampliam seus horizontes. Sem falsa modéstia, ele confessava que das décadas de 1930 a 1950, certamente ele possuía o melhor acervo do Brasil. Essa azáfama de colecionador não reconhecia limites. Tem acesso à Ceará Rádio Clube por intermédio de Luiz Maria Alves e à Rádio Clube de Pernambuco através de Fernando Luiz Cascudo. Há uma história interessantíssima que ele me relatou mais de uma vez. Descobriu em Ribeirão Preto um material precioso sub ou não utilizado em estação de rádio daquele interior. Perdido sob uma escada um disco raro de Mário Reis- "Furrô" , empoeirado,

esquecido. Diz ele que a oferta partiu do próprio locutor ou apresentador. Eu quero crer que o poder de persuasão do colecionador deva ter jogado mais forte, inclusive com os atrativos financeiros. Afinal, os discos estavam destinados ao triste fado de serem quebrados ou jogados no lixo! O fato é que as transações se processavam na alta noite, valendo dizer onze horas, meia noite, perto do rio que dá nome à cidade. E assim a coleção foi sucessivamente enriquecida, com mais de cinquenta títulos, desprezados na emissora, mas que faziam a delícia do colecionador! Ficamos a imaginar a cena da furtiva transação, várias vezes repetida...

Essa extraordinária coleção que tem que ser preservada a todo custo pelo poder público é o maior acervo no Brasil, com mais de 5.000 títulos, incluindo 141 discos de Carmen Miranda, a discografia completa dela no Brasil; alguns do nosso conferrâneo Henrique Brito, figura singular que tendo ido às Olimpíadas de Los Angeles em 32, com um conjunto, conseguiu ficar nos Estados Unidos por dois anos, sem documentos e sem falar Inglês. Segundo Almirante, teria sido o precursor do violão elétrico.

Além da extraordinária coleção de discos, Grácio possuía mais de 1.000 partituras.

Ele jamais parava de ir à procura de discos. Em viagem à Europa, seus companheiros notam em Lisboa seu repentino desaparecimento: tinha ido atrás de umas lojas onde o Embaixador Fernando Abbott Galvão dissera existir discos brasileiros... Dessas viagens, seus companheiros guardam a lembrança de sua enorme

erudição, insuperável em ministrar preciosas lições de sabedoria, ditas sempre com sua costumeira elegância, sem pretensões ou jactâncias. Há notícia também de que teria subido em favelas no Rio de Janeiro, naturalmente em épocas menos conturbadas, à procura de material para sua coleção.

O esplendido acervo que tinha de Grácio todo o devotamento e domínio ensejou histórias das mais interessantes. Uma delas relatada em jornal da cidade dava conta que uma senhora de sua vizinhança ficou profundamente intrigada e preocupada até com a integridade mental do pesquisador quando o via sair de casa com um disco que ele molhava e vinha correndo para o meio da rua. Ela ignorava que certos discos velhos só podem ser identificados dessa maneira: úmidos, ao sol do meio dia para visualização dos rótulos. Outra deliciosa história envolve Grácio com nosso comum e muito querido amigo Fernando Caldas. Este, um notável conhecedor de músicas, ainda que fora do gênero de Grácio, mas realmente um perito em gravações e equipamentos. Era o mensageiro de Grácio para aquisição sobretudo de agulhas e cartuchos magnéticos no estrangeiro para onde viajava sempre em função de suas atividades. Certa vez, vindo a Natal, ouvindo música em companhia de Grácio, observou que a rotação do toca-discos dele devia estar com defeito, pois a voz de Francisco Alves estava menos grave que o conhecido. Grácio, talvez já começando a apresentar alguma deficiência auditiva, insistia que estava certo, e justificava alegando que contava as rotações com o relógio conferindo, certamente a

maneira menos exata de fazê-lo. Fernando então trouxe para ele um estroboscópio e provou a Grácio que a rotação do equipamento estava mais rápida que as especificações, no que foi muito difícil convencer o renitente Grácio, pois estava com 81 em vez das 78,34 do padrão. Para os não iniciados, o estroboscópio é um disco estriado que ao girar no prato, em função da ciclagem da corrente mostra com absoluta precisão o número de rotações. Explicado o mecanismo e o fundamento físico do procedimento, presenteou Grácio com o estroboscópio. Algum tempo depois, voltando a Natal, e cumprindo ritual tradicional de visitá-lo, recebe a seguinte informação: Fernando, aquele não sei que “cópio” quebrou! Fernando retruca: não pode, Grácio, estroboscópio pode rasgar, manchar, mas como quebrar, o que era muito lógico por serem estrias rigorosamente postas em papel especial. Responde Grácio: Pois é, deixou de marcar para qualquer velocidade, indica sempre a mesma, venha ver. Fernando comparece ao local, e verifica que a lâmpada de mesa que iluminava o toca-discos não estava mais lá, substituída que estava por uma pilha de discos. Grácio, e a lâmpada? Ah, essa eu retirei, estava ocupando muito espaço, estou usando agora esta superlanterna que dá mais luz que a lâmpada, E, orgulhoso, mostrou uma dessas lanternas enormes, de caminhoneiro. Ora, o estroboscópio funciona dentro do princípio da corrente alternada (sessenta ciclos), e a luz da lanterna é corrente contínua, ilumina seguramente, mas para os fins requeridos nada servia. Grácio não se convencia, apelando sempre para a intensidade da fonte.

Ao que Fernando, que entre outras coisas, tem um fino senso de humor, completou, e aqui eu sigo o exato relato do próprio: “Grácio, olhe, v. é meu amigo e esse é um segredo muito grande, não espalha, mas estroboscópio tem ódio mortal a coisas que funcionam com pilhas; até hoje a ciência não conseguiu explicar, nem Einstein! Nós engenheiros temos vergonha de admitir essa ignorância, e por isso inventam explicações idiotas. Meu conselho: deixa tua lanterna para caçar guabirús, volta a usar tua lâmpada, quer ver? Colocada a lâmpada, pronto estava consertado o estroboscópio. Grácio, radiante, diz, consoante ainda a narração: “Fernando, você é um gênio, por que não vem morar aqui em Natal? Te arranjo uma casa boa aqui perto – e foi servir o delicioso vinho branco alemão que sempre me oferecia, quando ia lá. Que saudade do velho Grácio, teimoso e encantador, com sua Zuleide tão suave e solidária, conclui assim Fernando Caldas o seu relato.

Como já disse anteriormente, ele tinha na cabeça, de modo prodigioso, o enorme material que compunha seu acervo. Sabia detalhes das gravações,

fatos que envolviam as mesmas, enfim o universo da música popular brasileira, em todos os seus meandros, não tinha mistérios para Grácio. Observador, meticuloso, ele acentuava particularidades e até erros. Ele sabia que Noel Rosa, no seu clássico “Último Desejo”, escrevera, com ênfase a frase “que meu lar é o botequim”, posteriormente mudado para “meu lar é um botequim”, certamente menos forte e imaginativo, atribuindo-se a seu parceiro Vadico a modificação tal qual seria cantada por Araci

de Almeida. Da mesma maneira, sabia que certa música cantada por Orlando Silva falava em “um trem que dobrava a esquina”, e o mestre sentenciava: trem faz curvas, mas não encontra esquinas, e que o fato seria corrigido. Era do seu conhecimento, por exemplo, que determinada música continha uma estrofe que falava de “fantasia de veado”, e que a censura converteu em “fantasia do diabo”, sendo que ele tinha as duas gravações com a primeira versão e a segunda já passada pela Censura... E tantas e tantas outras coisas Grácio dominava. Minúcias, fatos da vida pessoal, acasos e circunstâncias, tudo que dizia respeito à música popular brasileira passava no seu computador mental: paixões, deslizes sentimentais, dificuldades, acidentes com seus participantes eram sabidos pelo nosso ilustre pesquisador ou a ele confiados.

Nada melhor para ilustrar esse comentário que o registro de sua alma-irmã, o saudoso e excepcional Berilo Wanderley. Perenizada em crônica, a observação de Grácio que certo escritor e jornalista, em revista de circulação nacional escrevera sobre Ari Barroso, e Grácio detectou 25 incorreções em um só texto! E os apresentava um a um. O fato também foi repetido por outro profissional igualmente em jornal bastante conhecido.

E já que se fala em Berilo Wanderley por que não inserí-lo logo na trajetória de Grácio? Profundas afinidades os uniam. A música, a literatura, o cinema, a paixão pela Europa, a apreciação de vinhos e queijos. Inúmeras vezes Berilo, em deliciosos relatos cruzava seus caminhos com os de Grácio. Quando do seu encantamento precoce

que ainda hoje priva Natal de uma de suas melhores figuras, Grácio escreveu um belo texto, e aos dez anos do acontecimento, repetiu a dose com primoroso comentário, cujo final reproduzo: "Que me seja permitido encerrar este esboço de singela evocação, transcrevendo as palavras finais do que lhe dediquei nas páginas daquele livro editado em louvor de sua memória: Berilo partiu cedo. Se lá encontrou alguns dos seus amigos espirituais, certamente estará dialogando com eles. Argumentará com a mesma jovialidade com que, em vida, usava ora a sátira ora a rebeldia para livrar-se do que Eça definia como a "pardacenta rotina da cidade". Enquanto deste lado Berilo tornado água-marinha poderá fulgir ainda por muito tempo na lembrança dos seus verdadeiros amigos". Ah, meu caro Grácio - Quem saberia dizer tanto e tão bem com tanta economia de palavras! Quizera saber poder expressar da mesma maneira e com a mesma elegância a seu respeito!

Foi ainda Berilo que promoveu enquete sobre "os mais belos versos da poesia brasileira", quando recolheu os de Grácio: "sangrei meus lábios de beijar quimeras", de Augusto de Lima, escolha que é um retrato do sereno e idealista Grácio.

Em 1968, por ato do Governador Walfredo Gurgel passou a integrar o Conselho Estadual de Cultura, mandato que foi renovado por vários outros governadores incluindo Tarcisio Maia e Garibaldi Alves Filho.

Participa de vários congressos nacionais de sua especialidade, e examina concursos da área no âmbito

da Universidade. Em 72, recebe o Diploma de Consagração Cultural – Música Popular Brasileira, promovida por órgãos de imprensa escrita e televisada da cidade. Como convidado, participa em Recife, em 1975 do Congresso Brasileiro do Frevo.

Em dezembro de 1977, assume a Presidência da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos – Secção do RN, ocasião em que tive a honra de integrar a mesma, ao seu lado. Realizou paciente trabalho, que, infelizmente, teve solução de continuidade somente agora sendo retomado.

Neste mesmo ano, pronuncia importante palestra subordinada ao tema “História social da Música Popular Brasileira”, em ciclo de conferências na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No ano seguinte, é agraciado com o título de Cidadão Honorário de Santana do Matos, por proposta do Vereador Cícero Cavalcanti.

Participando ativamente da atividade da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, no Congresso de Recife, em 1982, apresenta um belo trabalho “Lembrando Vinicius de Moraes”. Nesse mesmo ano, é eleito por unanimidade para a Academia Norte-rio-grandense de Letras, na qual tomaria posse em 1985.

Recolho agora dois depoimentos da maior significação, exatamente de dois dos maiores pesquisadores da Música Popular Brasileira. Fala por meu intermédio Miguel Ângelo de Azevedo conhecido como Nirez, jornalista cearense: começara a colecionar discos e material literário de toda natureza desde 1954; em 70

recebeu a visita do Alcino Santos, e logo a seguir a de Grácio Barbalho, ambos com os mesmos interesses e material, completados quatro anos depois com Jairo Severiano, cearense radicado no Rio de Janeiro. Passaram a trocar informações de modo permanente. Foi no I Encontro de Pesquisadores⁰ realizado em Curitiba, que o material chegou ao conhecimento do Ministério da Educação e Cultura, que, em 1975, assinou o contrato para a realização da monumental pesquisa. No final de 1981, a Funarte publicou "Discografia Brasileira em 78 rpm - 1902-1964". Essa obra recebeu o Prêmio Almirante como a melhor obra daquele ano sobre Música Popular Brasileira. Conclui Nirez: Grácio foi um grande companheiro e participou comigo de todos os Encontros de Pesquisadores. É a vez de Jairo Severiano que assim me manda dizer, do Rio de Janeiro: "Pesquisador competente, conhecedor profundo e apaixonado de nossa música popular, criador de uma das mais importantes coleções de discos existentes no Brasil, o médico Grácio Barbalho aliava todas essas qualidades a uma personalidade bondosa, honesta, solidária e digna da estima e admiração dos muitos amigos que fez em sua existência. Sendo eu um desses amigos, tive o prazer de com ele conviver durante trinta anos, sempre trocando opiniões e informações sobre compositores, cantores e canções. Dessa convivência resultou na década de 70 o levantamento da Discografia Brasileira, editado pela Funarte e realizado com a participação dos também pesquisadores Miguel Angelo de Azevedo (Nirez) e Alcino Santos, uma contribuição que prestamos, modéstia à parte, à memória musical nacional".

Essa obra reúne mais de 40.000 títulos com insuperável minúcia de informações: autores, intérpretes, acompanhantes, gravadoras, tudo enfim.

Com tamanho acervo, era natural que tudo convergisse para seu trabalho-base: o livro O POPULAR EM 78 ROTAÇÕES, preciosa antologia e não menos rebuscada análise, onde ele nos brinda com apreciações e minúcias que somente um conhecedor do seu porte poderia dominar e comentar, o que é transmitido pelo escritor de texto leve e agradável.

Em 1983, um excepcional galardão: o Prêmio Almirante pelo melhor trabalho sobre a Música Popular Brasileira, outorgado pelo Museu da Imagem e do Som.

Estava escrito que 1983 seria um rico ano na sua fecunda existência. Em 3 de março daquele ano o casal Grácio-Zuleide comemora o que os cronistas amigos rotularam “Bodas de Ternura”, valendo dizer 40 anos de casados.

No dia 28 do mesmo mês toma posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a mais antiga instituição cultural do Estado. É ainda neste ano que se torna agraciado com o Diploma de “Amigo da Marinha”.

No ano seguinte, é a vez da Cidade do Natal, por proposta do Vereador Érico Hackradt homenagear seu filho adotivo, concedendo-lhe a cidadania honorária.

1985 vai encontrar Grácio como Membro Fundador da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

1988 marca uma grande honraria concedida ao Professor Grácio Barbalho: é escolhido Paraninfo Geral

das Turmas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para em 1993 emprestar seu nome à Musicoteca da UFRN.

Jornalistas, escritores, pesquisadores, artistas, musicólogos, médicos, todos procuravam Grácio e com ele se encantavam. Quanta gente de valor escreveu a seu respeito: Lena Frias, Tarik de Souza, Berilo Wanderley, Vicente Serejo, Rubens Lemos, Sanderson Negreiros, Mário Leônidas Casanova. Seus arquivos registram consultas de Almirante, Cascudo, Nilo Pereira, Henfil, Ayrton Pisco, Waldemar de Oliveira, Ricardo Cravo Albim, Hermínio Belo de Carvalho e José Ramos Tinhorão. Grandes revistas nacionais como VEJA, FATOS E FOTOS, além de diversos periódicos do sul do País renderam homenagem ao nosso extraordinário conterrâneo.

Seu estúdio, atelier, gabinete como queiram chamar, foi visitado por grandes nomes da música nacional: Carmélia Alves, Paulinho da Viola, Silvio Caldas, Orlando Silva, Miltoninho, Ângela Maria, Luiz Gonzaga, Chico Buarque de Holanda. Tinha amizade pessoal e estreita com vários deles. Uma vez perguntei a esse respeito, procurando estabelecer uma escala de valores afetivos, e ele me confessou que seu maior amigo fora Alcides Gerardi, cuja morte foi por ele muito sentida. Certa feita, acho que se não a única com certeza a última vez que Dick Farney se exibiu em Natal, fomos juntos procurá-lo logo após o espetáculo, tentando levá-lo ao estúdio. Ele conhecia Grácio de nome, mas polidamente teve que recusar o convite porque regressaria a João Pessoa, logo após o término do show. Esse templo—como eu assim o

considerava — que tive a ventura de freqüentar tantas vezes, em uma noite de 1978 recebeu dois Ministros de Estado, o da Educação e o da Saúde, o Governador do Estado e o Reitor.

Tudo isso acontecia com simplicidade e leveza, com o suave sorriso do anfitrião que encontrava na divulgação da música popular brasileira a sua maior recompensa.

A solicitude e a elegância de Grácio eram notórias. Eu mesmo servi de intermediário mais de uma vez para pessoas que desejavam informações

ou ter acesso ao acervo do mestre, e sempre encontrava a melhor disposição, e os néo-iniciados passavam a engrossar a fileira dos admiradores, pois era muito difícil deixar-se de querer bem a Grácio.

Ser apreciador da música era a única credencial requerida para se integrar na fraternidade. Essa característica traria inevitavelmente uma profunda afinidade dele com meu pai. Este, da velha guarda, conhecedor de muita coisa no assunto, se encontrava amiúde com Grácio no antigo Banco Bandeirantes, da Avenida João Pessoa. Havia uma sessão de recordação, e até mesmo, assim qualifiquemos, desafios musicais. Grácio se deleitava! Eu recebia os relatórios ora de um ora de outro. Lembro particularmente do entusiasmo de Grácio ao referir que trouxera à baila um tango (que viria a ser imortalizado no filme “Perfume de Mulher”), e que ninguém conhecia na roda em que estavam, exceto Messias, que inclusive lhe cantara, pois conhecia toda a letra. Era o clássico “Por una cabeza”. Isso despertou uma

euforia em Grácio que não cansava de repetir a história. O fato se deu com tantas e tantas melodias que os dois relembavam. Vez por outra, eu também os encontrava por lá. Numa dessas, Grácio me deu mais uma mostra de sua incrível memória. Havia certas tertúlias literárias em casa de Diógenes da Cunha Lima que resolveu instituir um prêmio de melhor poesia para iniciantes, chamemos assim. Chamado a integrar a Comissão Julgadora, houve um poema contendo algumas belas imagens, e que despertou unânime admiração. Seguramente, seria merecedor da láurea. Só que Grácio pede a palavra e diz: “É muito bonito, excepcional, só que essa imagem não é de quem envia: é do poema “Duas almas”, do poeta Alceu Wamosy, do ano de 1927, e ali mesmo declamou de cor!

Era inevitável que uma figura tão marcante merecesse habituais crônicas e comentários. Não poderia transcrevê-las todas, mas não posso me furtar ao dever de fazê-lo em parte até para me penitenciar pelas minhas limitações em abordar tão rica personalidade.

Dizia Sanderson Negreiros com suas costumeiras imaginação e sensibilidade quando ele recebeu o título de Cidadão Natalense, em belíssima criação onde imperam os neologismos: “Falei que era natalense de priscas eras porque você é natalense há várias gerações. Se ninguém vive uma vida somente, você é generoso até nisso: cantarolou modinhas ao som do violão de serenatas, foi íntimo dos luares de agosto, que, nesses curvos céus natalenses, têm um ar e hábito diferentes: vem límpido, de uma suavidade transfiguradora, clariaudiência de uma

luz etérea e inesquecível. Você foi mais em tanta vida: acompanhou a trajetória de cometas silenciosos nas noites de Petrópolis; amanheceu o som dos galos que trugalizam as manhãs nascituras do Tirol; percorreu a geografia dos mitos das ruas e becos de antigos subúrbios do tempo em que Natal se clarificava na lua cheia, segundo Jorge Fernandes, e que levou você a ver o crepúsculo do alto da torre da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

E mais adiante: “você fabricava sonetos ocultos e copiava abundantemente os sonetos de todos os poetas do mundo. Depois, a música invadiu a sua vida; e tanta música você guardou dentro de você que um ouvido quis falhar a bem da verdade. Por que ouvir mais se tanta coisa guardo na lembrança que dá para atravessar boa parte da eternidade?”

E é o jornalista e Acadêmico Vicente Serejo, com sua habitual inspiração, que faz esse primoroso esboço: “Há pessoas que nascem para viver eternamente de bem com a vida. Sem lixo interior que possa sair em forma de ódio ou de amargura. Sem traumas que se transformem em revolta e sem preocupações mesquinhas porque a grandeza ocupa todos os espaços e se projeta no semblante. Grácio Barbalho é assim. Um homem profundamente valente que não se cansa de enfrentar o automatismo do mundo porque faz de sua rotina uma forma agradável de convivência interior, pois os fantasmas de sua consciência são as vozes dos cantores dos seus seis mil discos... Honesto com ele mesmo, Grácio é incapaz de lutar por qualquer promoção pessoal. Se

desejasse conquistá-la, bastaria liberar para publicação as respostas que recebe às suas cartas para editoras e escritores, retificando erros ou complementando informações publicadas nacionalmente como verdadeiras e corretas. Não. Ele prefere prestar o serviço silenciosamente, porque é assim que também gosta de viver, tomando vinho e ouvindo velhas canções que na convivência mágica da memória se transformam nas ruas do Recife antigo”.

Ainda da lavra de Serejo a saudação que lhe fez quando da homenagem prestada pelos freqüentadores do velho Café Nice: “Ninguém tem falado tão pouco quanto o senhor, ninguém tem dito tanto e tantas vezes como seus estudos e pesquisas no silêncio expectante de suas descobertas. Queremos cantar em sua homenagem e a exemplo da Vila Isabel de Noel Rosa, não queremos abafar ninguém. Só queremos mostrar que temos alma também. Esta é a noite que escolhemos para ser sua, para encher suas mãos, para ocupar sua sensibilidade tão bonita e tão humana”

Além do nosso relacionamento profissional, estivemos juntos na Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, e na Academia de Medicina do Rio Grande do Norte. Guardo de Grácio a característica reação, quando indagado a respeito de alguma música. Ele respondia na ponta da língua, de quem era, quem cantava, qual a gravadora e o ano do lançamento, E agora, pasmem aqueles que não tiveram essa oportunidade, se estivéssemos em sua casa, ele ia diretamente na prateleira, e vinha com o disco na mão, um meio sorriso nos lábios—ah! o sorriso de Grácio

era típico do seu temperamento, seria um sorriso leve, um sorriso parcial, ou um sorriso enigmático, mas saído tão límpido de sua alma que valia por uma risada completa ou até mesmo a gargalhada— às vezes a piteira empunhada, apresentava o disco à guisa de um troféu, e dizia: será esse? Era simplesmente fantástico o fato dele saber, e nem de longe havia os computadores e seus programas, onde estavam seus discos em cada compartimento! Esse fato é registrado com precisão pelo nosso saudoso comum companheiro Augusto Severo Neto que acrescenta a respeito das estantes famosas: “ali você sonha, tem crises de saudade, de nostalgia, de vontade de regressar no tempo. Sei lá. À nossa escolha e sob a batuta de Grácio a gente volta a muitas idades”. Augusto dizia que Grácio era viajor, viajero, viajante, viandante, andarilho, mas nunca turista simplesmente. Caminhando com olhos de ver, com ouvidos de escutar e boca de falar e com as mãos de sentir. E muito corretamente sentenciava que o “studio” de sua residência era um santuário de música e de amizade, e que Grácio recebia seus amigos de uma maneira a fazer inveja a um par do Reino...

Tenho várias fitas gravadas por ele, de músicas do meu gosto, das quais fazia como que antologias. Ele gravava, e ainda rotulava na sua máquina o roteiro da gravação.

Em tantas reuniões e tertúlias, lembrávamos de várias músicas, e ele as cantava. Sim, senhoras e senhores, o pseudotaciturno Grácio cantava e era muito entoadado. Não se esperasse o vozeirão, mas talvez tenha sido um

precursor da interpretação intimista tão em moda. Quando me lembrava passagens de suas viagens, nunca deixava de falar no “La Bohème”, e como tinha se dado sua descoberta do local, onde aparece em imorredoura fotografia. Daí surgiu meu encanto pelo local e pela música. Fiz questão de conhecer e fazer pouso, e, mentalmente, homenageei meu amigo. A música ele sabia a original francesa e uma versão belíssima, de Raul Sampaio, o que não é tão próprio das versões. Guardo datilografadas por ele, como perene lembrança de uma situação tão agradavelmente repetida.

Já que se aborda o fato tido como improvável aparentemente do Grácio cantor, não posso deixar de mencionar o Grácio orador. Incrível que pareça em indivíduo dito lacônico, ele falava bem, e impressionava. Não era aquele exuberante, tonitruante, cheio de arroubos. Era a leitura calma, metódica, precisa e incisiva. Tive oportunidade de ouvi-lo algumas vezes e foi sempre a idéia que me ficou.

Os escritos de Grácio, se não foram muitos, foram todos da melhor qualidade. Escrevia com elegância e precisão de texto, por vezes eivados de muito sentimentalismo. O seu trabalho sobre o “Dia do Médico” é um marco inesquecível. Se não foi tão prolífico na sua escrita convencional, deixou uma enciclopédia de conhecimento, de cultura, de seriedade, de simplicidade e de fraternidade. As páginas que representam sua lição de vida são por si só tratado da melhor qualidade.

Por toda a sua existência, semeou o bem, e viu frutificar esse trabalho; cultivou as amizades como

poucos. Lembro a emoção com que ele me relatou mais de uma vez o fato de que, tendo encontrado no Rio um disco de uma música dos tempos de Recife, e que era a preferida do seu fraterno— como também era meu— colega Wilson Ramalho, ao chegar a Natal, soube da morte inesperada deste. O choque da notícia amplificava-se com o fato dele trazer exatamente para Wilson, como surpresa, a música de sua predileção.

Eu não poderia dizer tantos e quantos foram os amigos de Grácio em Natal. Talvez uma cidade inteira que o admirava e curtia! Sua simplicidade, sua distinção, sua elegância, era um homem cativante.

Daí porque um ano passado de sua morte, sua lembrança era feita de modo eloqüente pelo Acadêmico Enélio Petrovich: “Acima dos percalços e das atribuições do cotidiano, tão peculiares a todos nós, emergia o sentimento mais alto e mais nobre da fraternidade, da inteligência, e às vezes do silêncio que consola além das palavras. Já dizia o Mestre Cascudo: A morte existe. Os mortos não. Portanto, se o inolvidável Grácio Barbalho partiu de nossa convivência solidária e pacífica, como por encantamento, deixou, todavia, imperecível, o testemunho maior de seus ensinamentos e do seu bem querer, seguindo a lição de Gamaliel”.

A relação dos que escreveram sobre Grácio em vida e após seu falecimento é totalmente demonstrativa do seu prestígio e do reconhecimento dos que com que ele conviviam e partilhavam sentimentos e experiências. Escolhi como última citação essa pérola com que concluiu seu elogio fúnebre nesta Academia o inspirado

e inimitável Dorian Gray Caldas: “Amigos muitos, citados alguns, Dr. Wilson Ramalho, Raimundo Barros, Ney Marinho, Alcides Gerardi, nomes sonoros que ouvi tantas vezes quase como numa canção, citados por Grácio Barbalho. A partir desta noite, esses nomes nos soarão como madrigais de uma saudade que não morre nunca. Vai amigo, entre os astros, como no verso de Manoel Bandeira, e se existe um céu para os bons, você nem precisa, como era seu costume, pedir licença. Entra Grácio, diz São Pedro, a casa é sua”.

E agora, meu velho e bom amigo, a bela história terminava. Silentes estão seus equipamentos e seus discos choram a falta do carinho do manuseio cheio de devoção. Nas paredes do estúdio ainda ecoam os bons momentos do passado. E nós, órfãos de sua encantadora companhia, nada temos a fazer senão o que fazemos agora. Render a homenagem do nosso afeto e enorme admiração, deixando a mensagem de que sua semente frutificou. Seu interesse e dedicação pela cultura, e, sobretudo pela música popular brasileira já encontraram outros apóstolos para prosseguirem sua cruzada. Poderia ou saberia eu dizer algo mais e melhor sobre Grácio Barbalho? Não creio. Ele estava acima de opiniões ou julgamentos, posto que olímpica e modestamente se situava acima das condições menores. Não se esperasse de Grácio o gesto ou a palavra impensada, a atitude brusca, nada que fosse impulsivo ou indelicado. Por outro lado, sua moral era inatacável, e ele era intrinsecamente confiável, daí o encantamento e respeito que transmitia e magnetizava seus interlocutores. A exemplo do que ele

falou sobre Berilo, certamente na dimensão celestial já deve estar reunido com seus amigos do coração que o antecederam na grande viagem a recordarem tempos idos e vividos.

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Com certeza já vos cansei demais, mas pergunto poderia ser diferente ou mais sintético em falar de vidas tão ricas? Seria o mínimo permissível o mero cumprimento da praxe acadêmica, tentando resumir vultos da magnitude dos que me antecederam nesta Cadeira número 2. Sou consciente de minha responsabilidade, como também de minhas limitações em tentar cumprir a honrosa tarefa. Estou convicto, igualmente, de haver fugido aos cânones de excelência desta Academia, ao formular meu discurso de modo heterodoxo, mas não saberia nem poderia fazê-lo diferentemente, posto que ponho meu coração em minhas palavras, daí necessariamente simples e sinceras. Afinal, já sentenciava Buffon: "O Estilo é o homem".

As nuances da vida fizeram com que a Cadeira número 2 desta Academia tivesse seu fulcro geográfico na zona litorânea e agreste. Nísia Floresta hoje empresta o nome à sua Papary; Castriciano era de Macaíba; Hélio Galvão de Tibau do Sul e Grácio de S. José do Mipibu.

Era chegada a vez do oeste. Da minha Mossoró venho, com o mesmo espírito de fraternidade e de luta dos seus filhos. Sempre disposto a enfrentar o bom combate, solidário com os amigos, orgulhoso de minha terra e de sua gente. A cidade recebeu a lírica descrição de Ferreira Itajubá, patrono da nossa Cadeira 19, a qual

teve também a presença de Clementino Câmara, outro oriundo de Tibau do Sul. Itajubá, uma das preferências de Castriciano, o mesmo que dizia de Natal ser esta “um vale branco entre coqueiros”, e que teve seu melhor estudioso e cultor de sua memória na pessoa do infatigável e competente conterrâneo seu, o Acadêmico Nilson Patriota. Assim fala Itajubá sobre Mossoró:

Mossoró, o Rio, a Salina altaneira
 O carnaubal a farfalhar viril
 És talvez a única no Brasil
 Cheia de sol, de sal e de poeira.

Esses ingredientes vêm agora ao encontro das praias e dos verdes canaviais que marcaram a geografia física e afetiva dos meus antecessores.

Akadosmos foi um herói grego que ajudou os irmãos Castor e Pólux, filhos de Júpiter, no resgate de Helena, irmã destes, raptada por Teseu. Daí, ter tido suas terras preservadas quando da invasão da Ática, vindo a surgir os Jardins de Akadosmos, onde veio a ser enterrado. Mais tarde, edificado o templo em homenagem a Palas Atenas, deusa da Sabedoria e da Inteligência. Ali foram plantadas as doze oliveiras à sombra das quais ensinou Platão. Desde então, as Academias são abertas ao diálogo, à diversidade, à compreensão. Seu ecletismo se manifesta de mil maneiras. As recentes Olimpíadas tão bem retrataram a ambiência de tais fatos e nos impregnaram da misticidade de que se revestiam.

As Academias, na opinião de Carlos de Laet, são

como certos remédios que incorporam ingredientes heterogêneos, alguns que podem ser individualmente inócuos ou até deletérios, mas que, na mistura, se tornam benéficos e eficazes.

Por essa enorme abrangência, como disse ainda recentemente o Acadêmico Ivan Junqueira, na Academia Brasileira de Letras, e tão precisamente analisada pelo Acadêmico Paulo de Tarso na sua posse, não limitam seu escopo à simples produção literária, mas atrelam outros reconhecimentos que julgam garantir acesso aos seus quadros.

Nesta hora, em que atinjo culminâncias das quais jamais me julguei capaz, a elas levado pela única e exclusiva generosidade dos senhores acadêmicos, agradeço a todos pela confiança depositada e pelo carinho nunca negado. Sempre seu devotado frequentador e admirador, foi para mim a suprema distinção ser recebido como um dos seus pares. Meio século quase a esgrimir outras armas de combate, na realidade, não me eximi da palavra escrita ou falada. Através da mesma, procurei resgatar memória de vultos e fatos, como ainda transmitir normas de comportamento profissional. Acredito residir aí o meu salvo-conduto para a nova missão. Muitas vezes preferi e ainda prefiro não divulgar o que escrevo. Formo ao lado de Flaubert quando se dizia resignado a ser seu próprio público e gozar da delícias do inédito. Mais por temperamento que por virtude, o excesso de autocrítica me faz freqüentemente encasular e enclausurar o que produzo. Integro uma categoria profissional que, pelo seu

profundo conteúdo humanístico tem se prestado, através da História, ao surgimento de tantos talentos literários. Seria imprudente tentar enumerá-los tantos foram aqui e em outras terras, mas como deixar de lembrar Tchecov, Axel Munthe, Cronin, Carrell, Somerset Maughan, Conan Doyle, Miguel Torga, Joaquim Manoel de Macedo, Jorge de Lima, Afrânio Peixoto, Guimarães Rosa, Pedro Nava, como o fez outro grande nome da Medicina e Literatura de Pernambuco, Rostand Paraíso, ele próprio dizendo, ao ingressar na Academia Pernambucana de Letras ser aquela uma casa de literatos, profissionais e amadores, na condição única, assim entendia, de amarem as letras. A literatura profissional é uma opção particular de vida, e não um pré-requisito para se chegar a uma cadeira dita imortal. E conclui: quantos no Brasil, além de Jorge Amado e Paulo Coelho podem se intitular escritores profissionais?

A razão é simples, e magnificamente sintetizada pelo imortal médico e escritor Pedro Nava: "Medicina, antes de mais nada, é conhecimento humano. E este está tanto nos livros de patologia e clínica como nas obras de Proust, Flaubert, Balzac, Rabelais, poetas de hoje, de ontem, nos modernos como nos antigos".

Alguns anos atrás, era reproduzido no livro "Presença médica na Academia Pernambucana de Letras", o pensamento do prof. Ruy João Marques, que, entre outras coisas, dizia: " Ninguém conhece melhor a tessitura psíquica do homem, suas reações diante do cotidiano e do imprevisto, suas singularidades e suas aberrações, ninguém à exceção talvez dos padres que ainda ouvem confissões. Fecunda, de fato, é a prática médica em

assuntos para romancistas e poetas. Ciência e literatura não se acotovelam, não se entremachucam. Completam-se. Sobretudo medicina e literatura que caminham juntas desde tempos imemoriais. A propósito, disse certa vez Machado de Assis a Francisco Castro, médico famoso e grande poeta: “os antigos arranjaram bem as coisas; fizeram de Apolo deus da medicina e da poesia...”; na realidade, Apolo é em muitos aspectos o paradigma de um Deus freqüentemente associado com as artes cultivadas da Música e da Medicina, e seu papel de liderança o faz patrono dos assuntos intelectuais. A seu mérito, fica ademais a paternidade de Asklepios ou Esculápio...

Lembro que o professor Eudes Moura quando iniciava seus cursos na Faculdade de Medicina da UFRN recomendava a lista de livros para o aprendizado da matéria, e nela, além dos textos técnicos tradicionais, inseria a Bíblia, Platão, Shakespeare, Cervantes, Eça e Machado de Assis!!

Não existe, por conseguinte, qualquer antagonismo na procura ou no cultivo das letras e das ciências. Afinal, que diz o lema de nossa Academia: AD LUCEM VERSUS: Buscando a Luz! Repetindo o inesquecível Dom Adelino Dantas: buscamos essa luz, porque cremos nela. Cremos nela porque cremos numa outra que sobrepaira soberana muito acima das contingências terrenas. Cremos realmente numa Luz incriada que nos manda sua saudação das paragens eternas, enche o Universo e ilumina a todo homem que vem a este mundo.

Por via de consequência surge a receptividade

acadêmica que trouxe para o seio da Academia Brasileira de Letras nomes como Miguel Couto e Oswaldo Cruz, seguramente mais inseridos em outros contextos.

Nesta própria Academia, amparado nas companhias de Anchieta Ferreira, Armando Negreiros e Iaperi Araújo, invoco as memórias de Luiz Carlos Wanderley, Peregrino Junior, Januário Cicco, Mariano Coelho, Luiz Antonio, José Tavares, Raul Fernandes e daquele que, Presidente desta Casa, tanto significou para nosso estado, Onofre Lopes.

Registro, por oportuno, a correção e o desvelo com que a diuturna tarefa da Academia é conduzida por sua Secretária, D. Sonia Cavalcanti, sempre solícita na busca de solucionar problemas, com o auxílio de Marluce Ferreira.

Estendo a tantos amigos aqui presentes, a quem sou unido pelo sangue ou pelo convívio, a expressão de minha gratidão, muito particularmente ao Acadêmico Cláudio Emerenciano, que generosamente aquiesceu em me receber nesta Casa em nome dos seus pares, cuja amizade evidentemente prejudicou o sereno julgamento dos meus méritos.

Reservo para o final as palavras que mais me tocam o coração. Falo de minha esposa Madalena, a qual teve a paciência de quarenta anos vividos em comum, com toda uma existência partilhada de lutas, apreensões, alegrias, tristezas, vitórias, sem nunca me ter negado seu estímulo. Dessa união, resultaram meus preciosos filhos Lorena e Herman, que completaram o ciclo de minha vida, pelo qual só posso a Deus diariamente agradecer. Na saudade dos meus pais, eu os tenho aqui representados

por meu irmão Roberto, que esparge em um mundo tão áspero sua aura de bondade inesgotável.

A tantos que comigo estiveram na caminhada da vida e aos que nela comigo continuarão o meu muito obrigado e que Deus nos abençoe a todos.

Natal, 1º de dezembro de 2004.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO ERNANI ROSADO

Cláudio Emerenciano

A voz da cultura é silenciosa, pacífica, equilibrada, lúcida, sonhadora e eterna. Transpõe os tempos porque se projeta no infinito da elevação do gênero humano. Busca e caminho incessantes para o encontro com o Criador. Visão cósmica do padre, filósofo e cientista Pierre Teilhard de Chardin. A convergência entre o alfa, a origem, o beta, o caminho e o ômega, o fim. No começo e no fim sempre Deus. O gênio literário de André Malraux, inimitável e insuperável, em suas "Vozes do Silêncio", deslumbrante reflexão sobre a evolução e o fim da cultura, dizia que as catedrais medievais, expressão magnificente de uma época, não teriam sido construídas se a fé não movesse nem inspirasse seus construtores. Maior do que a obra de arte, em si mesma, era e é o seu sentido. Que extasiou Charles Péguy na Catedral de Chartres, transportando-o para o infinito e para Deus. Do mesmo modo, André Maurois, ao tomar posse na Academia Francesa, dimensionou o sentido das Academias em termos universais. Sua missão é intemporal, transcendental e imutável. Nela se conjugam passado, presente e futuro. Nada a subjuga. Seu legado se renova, porque os valores que a enfeixam sempre e sempre serão muralha intransponível do santuário da dignidade, do saber e do espírito da humanidade. Em qualquer lugar e em qualquer tempo nos quais se exercite sua irrenunciável destinação.

Realizamos, hoje, aqui, um ato de solene entrega. Muito mais do que se empossar, o novo acadêmico, Carlos Ernani Rosado Soares, ingressa nesta Academia aureolado por sua vida, seus valores morais e intelectuais, seu sacerdócio profissional, seu ideal de sempre servir à elevação de cada ser humano. Seus livros, seus trabalhos literários, suas conferências e seus artigos científicos no âmbito da medicina, tipificam-no como humanista, pensador, mestre e cidadão do mundo. Seu compromisso com a vida é modelar. A Academia o recebe da ilustre família Rosado, devotada por gerações à causa comum do Rio Grande do Norte. Seu bisavô, o patriarca Jerônimo Rosado, e sua bisavó Dona Isaura, constituíram uma família comprometida com o espírito de servir e a busca do bem comum nos mais diversos setores de atividade social. Seu avô Jerônimo Rosado Filho e seus tios Dix-Sept, Dix-Huit, Dix-Neuf, Vingt e Vingt-Un, cada um a seu modo e no seu tempo, moldaram exemplos dignos e altivos que pontificam em nossa História. Também o recebe da classe médica em nosso Estado. Ernani Rosado pertence àquela linhagem de médicos que se santificaram pelo exercício da profissão, visando, única e exclusivamente, preservar a vida humana. O juramento de Hipócrates, de conteúdo ético, moral, filosófico, cultural e espiritual, sublimou-se através de homens como Clóvis Travassos Sarinho, Onofre Lopes, José Tavares, José Ivo Cavalcanti, Mariano Coelho, Luiz Antonio dos Santos Lima, João Machado, Varela Santiago, Silvino Lamartine, com os quais Ernani compartilhou fase de suas atividades médicas. Deles se constituiu discípulo querido por sua indiscutível

qualificação profissional e sua postura ético-moral. Ato de entrega, também, do núcleo familiar, que ele constituiu com sua esposa, Maria Madalena Galvão Soares e seus filhos Lorena e Herman. Da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da qual é Professor Emérito e professor fundador do seu Curso de Medicina. Da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, onde organizou e estruturou o Curso de Medicina, e da qual é Doutor Honoris Causa. Formaliza-se, assim, a integração, nesta Academia, definitiva e irreversível, de um professor que honrou e opulentou o ensino superior em nosso Estado.

O mestre de todos nós, fundador desta Academia, Luiz da Câmara Cascudo, em obra erudita sobre as origens da literatura de cordel no Brasil, "Os cinco livros do povo", estuda a "Canção de Rolando", considerada o mais belo e famoso épico medieval francês. Que glorifica as proezas de Carlos Magno e dos doze pares de França. É a eterna luta entre o bem e o mal. O cancionero sobrevive, principalmente, nos cordéis do interior nordestino. A iniciação do cavaleiro Rolando é um ato de entrega. Sua família sabe que ele se devotará, definitiva e exclusivamente, ao ideal de pátria dos francos. Na entrega de Ernani Rosado há um componente afetivo e transcendental. Inesquecível. Emocionante. É a saudade dos seus queridos pais, Manoel Messias Soares e Maria de Melo Rosado Soares. Também do seu sogro e de sua sogra, Antonio de Vasconcelos Galvão e Ruth Bezerra Galvão, e dos tios Sétima Rosado Fernandes e Aldo Fernandes Raposo de Melo. O nosso Rolando se investe da dignidade acadêmica consciente da presença

espiritual dos que, com amor, são parte de sua vida, dos seus sonhos, esperanças e ideais. A eles também pertence este momento.

Sinto-me na condição de usurpador. Sou amigo e admirador de Ernani Rosado. Há muitos anos. Comungamos os mesmos ideais de vida. Professamos os mesmos valores. Exercitamos uma convergência espiritual e cultural. Que emerge, sobretudo e principalmente, da fé cristã e dos ideais de liberdade consubstanciados em profética máxima de Voltaire: “posso não concordar com nenhuma das vossas palavras, mas defenderei até a morte o vosso direito de pronunciá-las”. É um dogma de convivência social. Mas, sem dúvida alguma, aqui deveria estar o grande Jerônimo Vingt-Un Rosado, a quem o Rio Grande do Norte e esta Academia prestam merecidas homenagens e seu preito de gratidão. Não há, no Brasil, individualmente, ninguém com a obra editorial de Vingt-Un Rosado. Seu devotamento à cultura, ao estudo e ao desenvolvimento do nosso Estado, é um legado para as novas gerações. Modelo e lição de vida. Há outros que nos deixaram. Como os saudosos professores e acadêmicos Onofre Lopes, presidente desta Casa, Reitor fundador da UFRN, e Alvamar Furtado, que cultivaram estreitos laços de estima, amizade e admiração pelo novo acadêmico. Busco, entretanto, sob inspiração dos meus sentimentos, desempenhar a insigne honra de saudá-lo.

Ernani Rosado é um personagem orteguiano. Sua circunstância condicionou seus estudos. Seu pai, funcionário federal, serviu, entre outras cidades, em Manaus, Belém, Fortaleza e Maceió, além de Natal. O

menino, sempre primeiro da turma, realizou seus cursos primário, ginásial e científico nas cidades de Natal, Manaus, Belém, Fortaleza e Recife. Primeiro lugar no vestibular de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Foi o laureado e orador da turma concluinte em 1957. Obteve, em 1960, o certificado de Proficiência em Inglês pela Universidade de Michigan, Estados Unidos, e, em 1965, o diploma de Licenciado em Língua e Literatura Inglesas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, posteriormente incorporada à UFRN. Atuou como médico, em 1963, na Clínica Cirúrgica do Hospital Karolinska, em Estocolmo, Suécia, e, em 1968, na Clínica Cirúrgica do Maine Medical Center, Estados Unidos. Integra uma infinidade de instituições no exterior, de âmbito nacional e local. Entre elas se destacam: Société International de Chirurgie, International College of Surgeons, National Geographic Society, Corpo Editorial da International Surgery (Revista do International College of Surgeons), Colégio Brasileiro de Cirurgiões, fundador e membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, fundador e membro da Academia Norte-rio-Grandense de Ciências, Associação Médica do Rio Grande do Norte, Conselho Editorial da Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Apresentou 178 (cento e setenta e oito) trabalhos sobre temas médicos, incluindo-se conferencias proferidas em congressos e seminários nacionais.

Médico humanitário, professor idealista e abnegado, estudioso disciplinado e obstinado, Ernani Rosado foi homenageado inúmeras vezes em nosso Estado e em

eventos nacionais da medicina e do ensino médico. Entretanto, uma homenagem singela, autêntica e de insuperável conteúdo e significado humanos, dimensiona e patenteia sua missão sacerdotal como médico. É uma placa com a seguinte mensagem: "O Centro de Estudos Silvino Lamartine do Hospital Infantil Varela Santiago, querendo fixar no tempo e no espaço a importância das ações humanas, presta, no simbolismo desta placa, sua homenagem maior ao Dr. Carlos Ernani Rosado Soares, cuja grande parte de sua vida profissional foi dedicada ao serviço e alívio do sofrimento de milhares de crianças que passaram por este hospital". Em 12 de outubro de 1990.

O que dizer do escritor e intelectual Ernani Rosado? Seus livros "O tempo que não passou" e "A memória permanente" permitem-no associá-lo com outro médico e escritor: Axel Munthe. "O livro de San Michele" se harmoniza com as mensagens, os questionamentos, os sonhos e a poesia em prosa de Ernani Rosado. Seus artigos, discursos e conferencias são crônicas sobre a vida. Da vida que transforma o mundo. Da vida que não descansa e que não se imobiliza nunca. Sua percepção detecta em cada personagem biografado, em cada circunstância decantada, a manifestação do amor na humanidade. Amor ao próximo, cuja vivência foi revelada cada dia de sua vida. Especialmente no exercício de sua profissão. O temperamento conciliador, a fidalguia no relacionamento social, a generosidade e o desprendimento, manifestam inconformismo e intolerância ante os egoísmos, as injustiças e a violência. A essência do seu ser não pode coexistir com a mesquinha. A grandeza de sua alma inspira uma visão voltada para o

alto. A permanente contemplação da beleza infinita da Criação. A fé na vocação do ser humano. Consagrado como habitat do próprio Deus. Ernani pertence à rara estirpe do herói de Sófocles na Antígona: não veio para partilhar o ódio, mas para distribuir o amor. Dele se pode dizer: “Bem aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”.

Sentença universal se aplica a Ernani Rosado: “o estilo é o homem”. Seu estilo é simples, claro, preciso, coloquial e às vezes poético. Lembra-me o grande escritor José Lins do Rego. Suas observações são impregnadas de um conteúdo existencial. Sente-se, ainda hoje, em seus textos, a influência de sua terra natal, Mossoró, sua gente e sua cosmovisão. Certa vez, em plena madrugada de novembro, em Paris, vento solto e cortante, estávamos a contemplar o Sena, seus barcos e seus namorados. Era a visão descortinada da ponte Neuf. Perguntei-lhe o que pensava. A resposta foi dada incontinenti. De tão longe, recordava o rio Mossoró em sua infância e as fantasias concebidas naquele universo telúrico e sentimental. Não era em vão que a genialidade de Antoine de Saint-Exupéry identificava no íntimo do homem um infinito de percepções, alentos, sonhos, vontades, arrebatamentos, alegrias, saudades e tristezas. Tudo edificando o ser que nós somos.

Ernani Rosado convive mais estreitamente com um grupo de amigos. Que desfrutam da circunstância de sua amizade: seu irmão Roberto Rosado, Onofre Lopes Júnior, Araken Irerê Pinto, Eudes Moura, Dalton Melo, Sólon Galvão, Gilson Ramalho. Uma ausência sempre sentida: Alvamar Furtado de Mendonça. Eles, entre tantos que

honram com suas presenças neste ato solene, colhem nesses laços a certeza de que o homem se renova na consciência do que é grande, sublime, ascendendo à sua própria grandeza.

Ernani Rosado passa a ocupar a cadeira número 02 desta Academia, cujo patrono é Nísia Floresta. Foram seus ocupantes Henrique Castriciano, Hélio Galvão e Grácio Barbalho. O novo acadêmico fará a apologia de cada um. Permitam-me, brevemente, por razões pessoais, homenagear Hélio Galvão e Grácio Barbalho. Hélio Galvão, escritor, historiador, cronista, estilista, advogado notável, honrou-me com sua estima pessoal. Dele me lembro com saudade, reverência e inescondível admiração. Os mesmos sentimentos professo por Grácio Barbalho. Professor, médico, pesquisador e escritor. Amizade herdada do meu pai. Meu companheiro e amigo nos Conselhos da Universidade e no Conselho Estadual de Cultura. A saudade é um sentimento que eleva o homem ao transcendental. Nessa perspectiva cultivo sua memória e seu legado.

A minha oração já vai longa. Ernani Rosado, novo membro desta Academia, exalta, com seus atos, a gênese do sentido da vida. Esse sentido está na mistura do seu corpo e do seu espírito em cada ação, cada gesto, cada atitude. Sempre construindo o bem. Invoco frase magistral de Shakespeare, lançada na boca de Marco Antonio, para dizer-lhe: "Ernani, dos nobres você é o mais nobre. Sua vida é pura. Os elementos que compõem o seu ser de tal forma nele se conjugam, que a Natureza inteira pode levantar-se e bradar ao universo: aqui está um Homem".

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO IAPERI ARAUJO

Senhores Acadêmicos:

Chego a esta Casa imortal de Luis da Câmara Cascudo representando o povo da cidade de São Vicente, antigo povoado da Luiza, do município de Floranea, onde nasci, precedido por outro conterrâneo ilustre, um dos maiores latinistas potiguares, o bispo Dom José Adelino Dantas.

Pode parecer até incompreensível, haver a cidade de São Vicente, tão pequena e tão humilde, dado ao Rio Grande do Norte, proporcionalmente, uma grande quantidade de intelectuais e artistas, mercê de sua dimensão como urbe, espaiada nas faldas da serra da Senhora Santana em pleno sertão do Seridó.

Sobre minha pequena cidade, escreveu o ensaísta e crítico literário José Livio Dantas, autor de **Romaneios**, em texto do livro **Cidade de São Vicente, vida e memória**: “*Por contato direto e pessoal não sei com que se parece a cidade de São Vicente hoje. Já não vou lá há 40 anos. Mas a São Vicente do meu tempo, sublimada pela decantação de lustros e décadas, essa eu carrego inteirinha dentro de mim, por toda parte, nos sonhos, nas lembranças, nas impressões indeléveis. É meu shangri-lá e é minha **Pasárgada**. Se valeu ter vivido lá minha meninice? Só valeu.*”

Não fôra o bispo Dom Adelino, nascido no Saco da Luiza, bastaria pelo menos a naturalidade de uma Maria do Santíssimo, pintora primitiva nascida em 1890 e

que na singeleza dos seus trabalhos, cativou os mais importantes críticos de arte do país, sendo verbete de todos os dicionários de artistas do Brasil e do Exterior, expondo na trienal de pintura primitiva de Bratislava na Tchecoslovaquia, em 1973, ganhando o prêmio do Salão de Verão do Jornal do Brasil, no Museu de Artes Modernas do Rio de Janeiro em 1974, integrando a Collectio, uma exposição nacional que comemorou os 50 anos de arte moderna no Brasil e por fim, uma das biografadas no Dicionário de mulheres brasileiras, editado nas comemorações dos nosso 500 anos de descobrimento. Para ela, Walmir Ayala compôs uma "Canção ingênua " em

16 de agosto de 1969: " *O pavão grita de galo / o cravo briga com a rosa, / no altar de ervilha-de-cheiro / sobe incenso de mimosa. / Amor é brinco dourado / que sonha dependurado. / Um raminho pra direita, / outro igual vai pra esquerda / uma invasão de cajus / roçando um lago de seda. / Amor é baú forrado / de pranto cristalizado. / Quanto sertão de mortalha / quanta nuvem de poeira, / e ela só vendo o desenho / das flores de trepadeira. / Amor, és sobrevivência / sobre a morte da cegueira.*"

Iaponan Soares, meu irmão mais velho e primogênito do meu pai além de escritor e ensaista, com vários livros publicados dirige há alguns anos a Fundação Catarinense de Cultura e o Museu da Poesia Manuscrita que criou, integrando ainda a nossa co-irmã, Academia Catarinense de Letras.

Iaponi, que Cascudo denominou pintor dos sentimentos do povo pelos seus trabalhos profundamente integrados na cultura popular, pelo registro das imagens, do colorido e dos sonhos e que nos deixou aos 52 anos, legando um testemunho de profundo amor à criação e a inteligência populares, até artistas

como Irani e Iramar, os Is como chamava Newton Navarro, Madê Weiner, nascida Maria Madeleide Dantas, filha da finada Aniceta, morta de parto, Manxa, escultor e entalhador, como também Italo, Zilson, Guaracy, Sonia, Bertinho e Sebastião, todos filhos e aparentados com os estreitos laços de sangue dos Araújo, Soares, Dantas e Marias. Uma ruma de gente danada de inteligente, legítimos representantes dos mamelucos potiguaras, misturando o sangue do português do norte, com os xucurus tapuias do chefe Janduí.

É esta miscigenação que me envaidece e motiva a declaração pública da mistura de raças, como atestado da inteligência desses povos que a forjaram e é por eles e em seu nome que assumo a cadeira de numero 23 desta Academia Norte-riograndense de Letras.

Declaro que fui alfabetizado aos 5 anos de idade por minha mãe Milka, professora do Grupo Escolar Professor Vale de Miranda, para onde foi nomeada aos 20 anos de idade, indo da capital para uma pequena cidade do interior com todas as dificuldades, inclusive de acesso por estrada de barro. Mamãe era descendente dos Soares de São José de Mipibu que identifiquei como aparentada de Martim Soares Moreno, o colonizador do Ceará que

teve o privilégio de ser o amante da índia Iracema do romance de José de Alencar.

Casou-se com meu pai Quincas que trazia como herança ancestral os Lopes de Araújo, Cananéias, e Galvão que desbravaram os sertões do Seridó. Dessa união nasceram doze filhos, pela ordem e na ordem dos ls: Ilka, Iaponan, Iaponira Iara Iaponisa, Iaponi, Igara, Iaperi, Iran, Irani, Iramar e Ítalo. Vinte netos e 15 bisnetos.

DE CASCUDO

Cabe a mim a tarefa do registro imortal do meu patrono Antonio Glicério e meu antecessor Jayme dos Guimarães Wanderley.

Entretanto, peço vênica a tão egrégia Academia, para cumprir o que determinava o seu Estatuto quando fui eleito em 1992, também homenageando o ilustre fundador dessa Casa, o mestre Luis da Câmara Cascudo.

Multifacetário, professor, historiador, etnógrafo, antropólogo, sociólogo, ensaísta, poeta, escritor de estilo fácil e coloquial, sem comprometer a profunda erudição de sua cultura que trazia para a coetaneidade as raízes de nossa brasilidade, Cascudo representou a mais brilhante constelação da inteligência potiguar.

Se meu primeiro mestre foi o povo mais humilde, que o meu pai Quincas Araújo me ensinou a ouvir e respeitar, o mestre Cascudo foi o catalisador de todo meu trabalho pelo estímulo, pelo carinho e pelo apoio a curiosidade

de um jovem adolescente que muitas vezes em seu gabinete sentava-se no chão

quase aos seus pés para ouvir as lições de sabedoria que emanavam de sua profusa inteligência.

Ao mestre Cascudo devo a herança do amor à cultura popular. Os estudos da medicina do povo em letra e tela. Em tinta de caneta e em tinta de pincel.

Foi Cascudo o primeiro crítico de artes dessa província. Com sua capacidade de descobrir as virtudes das pessoas, deixava os defeitos para outros apontarem, fazendo sobressair alguma réstea de criatividade, nos trabalhos mais simplórios que levavam para sua apreciação crítica.

Foi essa lição de Cascudo que segui, buscando identificar o lado positivo das pessoas, dos artistas e dos artesãos.

Cascudo fez comentários críticos sobre as obras e apresentações de exposições de diversos artistas como Newton Navarro, Dorian Gray, Thomé Filgueira, Jussier Nagalhães, Iaponi Araújo, Iramar e para uma exposição que realizei quando lhe restava pouco mais de um ano de vida e que denominei **Viva o Nordeste brasileiro**.

Na época, dirigia o Teatro Alberto Maranhão e juntando meus quadros fui a casa do mestre, numa tarde especialmente quente, de Verão, juntamente com um funcionário da administração do Teatro para ligar o gravador e registrar as palavras de Cascudo.

O mestre estava sentado em sua cadeira de balanço, vendo uma televisão, na sala de jantar, com o som desligado, o que não fazia diferença para sua surdez. Com um pincel atômico, fui escrevendo num cartaz, o que eu

desejava dele: A apresentação para minha exposição. Ele reclamou do incômodo do pedido, o que não era seu habitual. Estava cansado. Tossia muito e se engasgava, mas fez uma das mais belas apresentações que já tive para meus trabalhos. Ele se derramou em elogios à temática que sempre esteve presente em sua vida e me colocou num elevado patamar, terminando por dizer: “*Quem pintou não foi laperi, quem pintou foi o povo brasileiro.*”

Aí me mandou baixar em outro terreiro, pois a tosse o sufocava. Juntei meus quadros e ainda no jardim, resolvi ouvir a gravação para checar se tudo estava bem. Qual não foi minha surpresa, ao constatar que nada fora gravado, pois o funcionário do Teatro, que não conhecia Cascudo, ficou tão emocionado em vê-lo pessoalmente que se esquecera de apertar a tecla play e tudo fora perdido.

Voltei triste para a sala. Cascudo reclamou muito por ter que repetir a apresentação, mas mesmo assim o fez. A réplica não foi tão boa quanto a principal. Não saiu com aquela ênfase, com os elogios rasgados que dera ao meu trabalho, mas mesmo assim, envaideceu-me, como ainda me envaidece o privilégio de ter convivido com um dos gênios da inteligência brasileira.

O PATRONO

O patrono da cadeira 23 é um homem humilde e simples. Antonio Glicério nasceu em 2 de julho de 1881 em Ceará Mirim. Foi poeta e boêmio, como seus

companheiros da Oficina Literária Lourival Açucena. Teve poucos estudos, talvez o que corresponde hoje somente ao primeiro grau, tendo como professores o Padre João Maria e o major Sinfrônio Barreto. Aos 9 anos, vindo do vale do Ceará Mirim, começou a trabalhar nas oficinas gráficas de A Republica, para sobreviver.

Depois, trabalhou ainda como simples funcionário do Grupo Escolar Padre Miguelinho. Todo seu aprendizado originou-se desse seu convívio na Tipografia d'A República e com os intelectuais da terra que acompanhava nas maratonas boêmicas.

Bezerra Junior, o primeiro ocupante dessa cadeira, descreveu-o como pálido, esguio e sempre com o semblante velado por uma sombra de melancolia, denotando sua precária saúde. É esse o retrato do meu patrono.

Foi poeta dos bons no estilo romântico do principio do século XX que o mesmo Bezerra Junior dizia ser um "poeta triste, amante das serestas e dos luares, rendendo um culto a cada ilusão que lhe acenava..."

Num dos seus sonetos, transcrito no livro **Patronos e Acadêmicos** de Verissimo de Melo, Antonio Glicério transparece esse tipo de poética: " Estes risos de amor, feitos de arminho / e esta essência finíssima de rosas / que desprendes das faces cetinosas / cheias de mocidade e de carinhos / (...) são predicados fúlgidos e nobres / que eu decanto sorrindo, ó minha amada / nos pobres ricos desses versos pobres."

Casou-se em 16 de maio de 1911 com Leopoldina Matos. Tinha uma coletânea de versos a publicar que denominou **Cantilenas**.

Em 5 de junho de 1921, antes de completar 40 anos de idade, como destino de todos os poetas românticos, faleceu em Santo Antonio do Salto da Onça, para onde fora em busca de melhores ares para sua saúde e onde foi sepultado.

Numa carta de Nilo Pereira que Veríssimo de Melo publicou em **Humanismo e Tradição** (Fundação José Augusto, 1982) ele lembra a vida humilde do poeta: “ O nome de Antonio Glicério me trouxe evocações. Minha mãe me falava muito dele. Era filho da escrava Sancha, mucama familiar muito querida. Nasceu como eu, no Engenho Verde-nasce, no vale do Ceará Mirim. Era um poeta, ao que penso, medíocre, mas se destacou entre os grandes das oficinas literárias do tempo. Minha mãe dizia que Sancha contava estórias

fabulosas que entretinham a imaginação dos meninos (...) talvez Antonio Glicério tenha sabido de tudo, mas não me conta que haja revelado o segredo”

O livro que nunca publicou foi citado num oferecimento à sua mãe, dona Sancha Conceição: “ Cantilenas... Meu livro. Minha vida / Em 29 páginas gravada... / Nele palpita meu coração, e, em cada / folha se vê uma ilusão perdida.”

O PRIMEIRO OCUPANTE

Joaquim Alves Bezerra Júnior, o primeiro ocupante dessa cadeira nasceu em Natal em 19 de maio de 1890, havendo aprendido as primeiras letras com o poeta Ferreira Itajubá. Foi carvoeiro nas obras do porto de Natal

e embarcação num navio mercante. Depois sentou praça no Exército, servindo na banda de música do Regimento. Estudou com o professor Clementino Câmara, colaborando com pequenos jornais literários, onde deixou sua marca como poeta. Foi funcionário da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas, transferindo-se depois para a Companhia de Melhoramentos do Porto de Natal onde terminou aposentando-se. Foi seresteiro e compôs letras de muitas valsinhas, algumas musicadas por Eduardo Medeiros, o compositor de Praieira, destacando-se algumas como “Natalia” “ Eugenia ” “ Tuas cartas ” “ Camponesa” e muitas obras que o tempo foi esquecendo na incrível amnésia cultural do nosso país. Sua bibliografia é pequena. Ubiratan Queiroz de Oliveira em artigo para a revista Século (vol. 2 numero 3 – dez. 1998), seu discurso de posse na Academia de Trovas do Rio Grande do Norte, cita os livros **Poemas das selvas** de 1929 e **Natureza** de 1935.

Bezerra Junior deixou inéditos dois livros de poemas : **Manacás** e **Placidez** e dois romances **Lírio Aldeão** e **Timbó**.

Faleceu em Natal em 18 de setembro de 1957 deixando vários filhos, pois se casara duas vezes. Seu elogio fúnebre foi feito pelo escritor Manoel Rodrigues de Melo que na ocasião declamou seu último soneto, escrito dias antes de sua morte e que denominou Finis: “ Velho e doente a procurar repouso / Neste vale tão cheio de lembranças... / aqui vivi na quadra das crianças, /na doce estância da ventura e gozo” e no último verso “O céu me

inspira salutar conselho: retorna à enxerga ! O campo é lindo / mas não dá vida a um coração já morto. “

O POETA OTONIEL

Otoniel Menezes sucedeu a Bezerra Junior, muito mais por imposição de amigos, mas nunca fez o elogio fúnebre do seu antecessor. Dizem que não tomou posse por não querer usar sapato. Foi considerado o príncipe dos poetas do Rio Grande do Norte, num concurso público da imprensa literária

do Estado o que não o envaidecia. Autodidata nos estudos, entretanto, era homem de vasta cultura literária, sendo versado em autores franceses, ingleses e portugueses. Além de jornalista e ensaísta de elevada categoria, era essencialmente um poeta ao ponto do também poeta Olegário Mariano que o conheceu em Natal, considerá-lo um dos poetas máximos do Brasil.

Otoniel Menezes nasceu em Natal em 10 de março de 1895, filho de João Felismino de Melo e Maria Clementina Menezes de Melo estudou no Colégio Santo Antonio e no Ateneu. Serviu no 29º BC, participando das tropas potiguares que perseguiram a coluna Prestes em 1926, quando perdeu quase todos os originais do seu livro **Ara de Fogo**, depois publicado postumamente o que pôde ser resgatado dos jornais da época. Publicou artigos e poemas em muitos dos jornais do Estado, sendo inclusive Secretário e redator d’A República, inclusive do número especial impresso durante o governo comunista da Intentona de 1935, pelo que foi preso e processado.

Publicou os livros **Gérmen** (1918), **Jardim Tropical** (1923), o ensaio **Ferreira Itajubá, o drama da vida de província** (1947), **Sertão de espinho e de flor** (1952) **A canção da montanha** (1955) reeditado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, deixando inéditos **A cidade perdida** e **Desenho animado**, mas sua obra mais conhecida popularmente foi sem dúvida alguma a letra da canção **Praieira**, no original Serenata do Pescador, para celebrar o raide marítimo Natal/Rio de Janeiro.

Nos últimos anos de vida foi para o Rio de Janeiro, onde acometido de mal de Parkinson faleceu em 19 de abril de 1969 aos 74 anos de idade.

Para o poeta pernambucano Mauro Motta, ele escreveu essa **Coroa de Beijos** no livro **A canção da montanha**: “ Com a rosa à mão direita, a esquerda ao peito / dorme lembrando os séculos sofridos / drama dos sete maternais sentidos / senhora dona a padecer no oito.” E no final: “ No sorriso, envolvendo o meu destino / toda a vida a seus olhos fui menino / bastou nascer como nasceu – Maria.”

MEU ANTECESSOR

Jayme dos Guimarães Wanderley nasceu em Natal em 16 de julho de 1897.

Era filho do dr. Celestino Wanderley, também poeta e de dona Ana dos Guimarães Wanderley. Estudou no Colégio Santo Antonio e no Atheneu Norte-rio-grandense, indo fazer o curso superior em Recife, graduando-se em Farmácia e Odontologia em 1921.

Em Natal, colaborou ativamente com artigos e poemas na imprensa literária, gostando da boemia, até seu casamento em 1932 com dona Raimunda de Vasconcelos Wanderley que lhe deu os filhos Miriam Celeste e Yedo.

Enviuvando, casou em segundas núpcias com dona Maria Torres Wanderley com quem teve os filhos Salete, Jaime e Ana Magali. Tem uma extensa biografia e seu primeiro livro **Fogo Sagrado** recebeu elogios de críticos como Agripino Grieco e João Ribeiro. Exerceu diversos cargos burocráticos havendo sido professor da primeira Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, fundada na década de vinte e que formou uma única turma. Homem de teatro, escreveu inúmeras peças como **O homem que perdeu a alma, Alguém chorou a perda**, e a opereta **Praieira dos meus amores**. Escreveu também novelas para rádio, destacando-se **Vingança que redime, Por que me fiz criminoso, O crime da rua sem nome**, e **Espinhos da encruzilhada**.

Em 1936, publicou **Espinho de Jurema** com nítida influência dos modernistas Mario de Andrade e Ascensão Ferreira.

De sua bibliografia constam: **Boneca de chocolate** (ensaio de 1927), **Perfis a carvão** (versos, 1932), **Bodas de ouro** (1935), **Perfis parlamentares** (1939), **Ipasíadas** (1954), **Natal, cidade presépio** (1957), **Ode ao sal** (1958), **Suplício de uma paixão** (novela, 1959), e **Meu canto verde-amarelo** (1972), além de muitos inéditos como os livros de poesias *Livro de Maria, Adoração, Homenagem ao infante, Melodias perdidas no crepúsculo, Caminhos sem*

rumo, Em louvor do café, Epopéia maruja e Brasília, rainha do planalto, as comédias Uma mulher só, Dinorá, O detento da ilha do diabo, e A que não perdoou, um livro de crônicas, Seara madura e dois romances, Maracajá e Madiam.

Cascudo em 1921 no seu livro de crítica literária Alma Patrícia dizia sobre o poeta: *"Jayme dos Guimarães Wanderley é o mais burilador dos nossos poetas. Atravessando o período de Antonio Nobre, Cesário Verde e Guilherme de Almeida, Jayme estaciona galhardamente nos versos cinzelados e marmóreos d'Heredia. Jyme é panteísta. Possui vigor, uma extraordinária vibração em cores, tons, nuances. É apaixonado pelas pedrarias, ocasos, manhãs, bichos raros, imagens estranhas que o simbolismo acata e respeita. Sonetos como " Vulcão " e " Sugestões do anoitecer " ainda não tiveram rivais. Existe na sua inspiração uma nota viva, forte, um colorido exagerado de naturalismo e rigor de técnica. Seu maior defeito é justamente oposto ao da maior parte dos novos: - Uso impróprio da linguagem. Retendo no espírito a mania de frases raras e lapidares, as rimas soam serem ásperas e difíceis. Dessa forma, o verso antes de ser emoção e graça é trabalho e esforço. Jayme, com a publicação de " Fogo Sagrado " terá um lugar ilustre entre os poetas do Brasil. O miopismo convencional do sul não enxerga pelo norte senão poetas de longas cabeleiras e inteligência exígua. Wanderley demonstrará o contrário com a sua individualidade poderosa, rimário próprio e acima de tudo, original e invulgar. O que precisa cuidar*

o jovem poeta é a exuberância do fraseado rompendo cintilancias e fulgores que não nos deixa ver a emoção e o sentimento, base lógica e única da poesia, na sua versão natural. "

Um dos seus mais belos poemas, fala de Natal do seu tempo: " Natal, boneca menina / foi, desde que nasceu / roubada de uma vitrina / de um magazine do céu. / Natal, dadivosa, arranca, / sugestões como não há / da paixão, Virgem de Branca / nos poemas de Itajubá. / Natal, que trouxestes um manto / azul e áureo capuz / é miss de grande encanto / em passarela da luz. / Minha Natal se espreguiça / numa indolência sem par / e inspira doida cobiça / seus seios furando o mar. / Natal, cofre de lembranças / dos terços, das ladainhas / do fandango, da chegada / dos reisados e das lapinhas. / (...) Quando a noite veste o espaço / de lantejoulas de luz / Natal, parece um pedaço / do presépio de Jesus. "

Jayme dos Guimarães Wanderley faleceu em Natal em 1992.

MEUS ÍCONES

Volto-me agora para os ícones de minha vida. Confesso minha admiração pela cadeira que tem Padre João Maria como patrono, pois nela sentaram-se Januário Cicco de quem sou biógrafo e Onofre Lopes de quem vou ser biógrafo. Do primeiro, no livro **Um homem além do seu tempo**. De Onofre chamando-o de **Homem incomum**. Nos três, a síntese mais forte do quão sólidas são as bases de nossas instituições culturais. Padre João

Maria apontado para a bem-aventurança. Apóstolo dos humildes, apoio dos doentes e descamisados. Januário Cicco organizou a assistência médico-hospitalar e

a base do ensino superior do Estado. Planejou a criação da Faculdade de Medicina e da Universidade que Onofre Lopes consolidou. Este o pai, o padrinho e o patrono da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Saio do Olimpo para a realidade profissional a fim de homenagear o meu ilustre Professor Leide Moraes, o terceiro nome da minha trilogia de biografias. A dele tem um sub-título: **Um homem de Élan**. Educador, administrador e também um visionário. Preparou a Maternidade-escola para este milênio, sendo o único dos fundadores da Faculdade de Medicina a constituir uma Escola num serviço que levou seu nome.

Trago para esta casa, além dos meus ícones, espelhos onde mergulho a sombra de minha alma, a benção dos meus pais, Quincas e Milka que me ensinaram o amor e o respeito à cultura do povo. Ela, como disciplinadora e essencialmente uma mestra da educação. Ele, na inteligência das poucas letras regulares dos bancos de Escola, descortinando para mim, os horizontes de um novo mundo, quando me trazia em todas suas viagens, livros para que eu aprendesse a amá-los. Através dele conheci todos os grandes autores da literatura infantil, apenas desasnado.

Trago minha profunda admiração pela obra de meus conterrâneos do Seridó e que se notabilizaram pela erudição, pela constância e pelo acirrado apego às coisas de nossa terra. José Augusto Bezerra de Medeiros,

Juvenal Lamartine de Faria, Osvaldo e Pery Lamartine, e Olavo Medeiros Filho e para homenageá-los desejaria ter a vocação amiga de Dinarte Mariz, a erudição fluente de riacho novo de Cortez Pereira e a vibração eloqüente de Joanilson de Paula Rego. Desejaria ter a sapiência natural e a sensibilidade do meu conterrâneo Agenor Maria que saiu da feira de Currais Novos para o Senado, defendendo a cultura do algodão potiguar. Desejaria ainda ter os conhecimentos de genealogia e heráldica do padre Antenor Salvino, a força e o vigor de Thomaz de Araújo, que foi o tronco da árvore familiar de todos nós, e a criatividade das telas de Iaponi, meu irmão que Cascudo chamou de “pintor dos sentimentos do povo.”

MEU ACERVO

Comigo trago um universo de 50 livros publicados, 30 artigos científicos em revistas médicas, 432 artigos em jornais, um cd-rom que transforma em imagem a música **Sá Marica parteira** que atuei e dirigi, uma suíte nordestina que faz parte do repertório da orquestra da Oficina de Música Garibaldi Romano, 211 exposições de pinturas entre individuais e coletivas, cinco prêmios literários, 7 prêmios de pinturas e a certeza de que ainda muito pouco contribui com a cultura do meu Estado.

Para sentir a grandiosidade do meu povo, convivi com eles na feira do Alecrim e suas bancas de mangaios, e plantas medicinais; com as loiceiras de Assu, Currais Novos, São Vicente, Redenção, São Antonio dos Barreiros,

Serra Negra do Norte e Caicó. Fui assíduo aos rituais de umbanda de Mãe Albina, Arimatéia, Nautilia e Carol, onde Sebastião Pedra-d'água era recebido pelas iaôs com cinzas e água de quartinha. Assisti as danças dos negros do Rosário de Caicó de Boa Vista e de Parelhas e o bailado sinuoso do Camaleão de Igapó. Ouvi os ritmos batidos do arco-e-flecha dos cabocolinhos de Ceará Mirim, a dança guerreira dos congos de calçola de Ponta Negra e dos congos de saio de Maracajaú. Vi a nau catarineta navegando pela avenida Rio Branco arrastando a Chegança que homenageava o Prefeito Djalma Maranhão e o pastoril Caldas Moreira cantando "ser o melhor de Natal". Fui ao gancho de Igapó para ver o boi de reis e na cruz da cabocla em Felipe Camarão, Manoel Marinheiro desenhava a coreografia do seu boi calemba, nas areias iluminadas pela lua de Natal. Na avenida dezesseis, o pastoril de Faísca entoava versos fesceninos.

Ouvi dona Militana entoando os romances ibéricos, e Sinhá Joana, qual Sherezade sertaneja, contando estórias de trancoso na porta de sua casa em São Vicente perante uma platéia de meninos que sonhava com os castelos, os reinos encantados e as assombrações. Vi a procissão dos navegantes de Touros e da Redinha e a lapinha do Areal homenageando os Santos Reis enquanto as pastoras choravam copiosamente a queima do presépio. Assisti na areia da praia do meio, o côco e o bambelô de Seu Guedes, e nas Rocas, as danças antigas de Cornélio Campina. Assisti Neném Felipe fazendo de um

bolo de barro, seus galos coloridos. Provei com o gosto da meninice, os presépios de alfenins de Assu e brinquei com o mobiliário de talos de capim das irmãs Soares .

MINHAS ALEGAÇÕES FINAIS

Sou nesta hora, apenas um menino de São Vicente. Nunca almejei a imortalidade. Minha obra toda foi voltada para as coisas mais simples do povo e a ele devo fidelidade. Como artista e como médico. Como pesquisador e como cientista. Segui os passos de Cascudo. Ele delineou o campo de meus estudos e pesquisas, apontando-me a Medicina Popular como minha vereda.

E se como disse La Fontaine, **a l'oeuvre on connaît l'artisan**, pela obra se conhece o artista, sou apenas um apropriador da inteligência do povo que refaço, enfeito e imito e nessa imitação eu dou uma boa noite meus senhores todos, boas noites, senhoras também. Muito Obrigado.

AGRADECIMENTOS

Esta solenidade foi possível graças ao apoio de amigos e de entidades que acreditam que a cultura é um meio de tornar mais livres as pessoas:

Ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte,
Casa Civil
Secretaria da Educação, Cultura e Desportos.

Laboratórios ACHE, ORGANON, WYETH, FQM, LIBBBS,
PHARMATON, ASTA MÉDICA, SINTOFARMA

A Prefeitura Municipal de Natal, Capitania das Artes

A UNIMED, UNICRED, PAPI, PROMATER, AMIL e
FEMINA.

Aos colegas médicos

Araken Irerê Pinto

Ivis Bezerra

Kleber Moraes

Maciel Matias e

Armando Negreiros.

A minha família,

aos meus colegas de trabalho,

a Sonia Cavalcanti,

Lourdinha Macedo, e

a Zuleika Romano.

A

Diógenes da Cunha Lima

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO IAPERI ARAUJO

Armando Negreiros

Hoje é um dia especial para esta Academia, pois ela completa 66 anos de existência. Numa homenagem aos seus criadores passarei a ler a ata da sua fundação:

Ata da 1ª sessão preparatória da ANL.

Aos 14 dias do mês de novembro de 1936, no edifício do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os senhores acadêmicos Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Antonio Soares, Juvenal Lamartine, Câmara Cascudo, Ivo Filho, Edgar Barbosa, Floriano Cavalcante, Otto Guerra, Matias Maciel, Waldemar de Almeida, Clementino Câmara, Bezerra Júnior e Adherbal França, foi aberta às 19h 30 minutos, a primeira sessão preparatória da Academia de Letras Norte-rio-grandense. Pelo acadêmico Câmara Cascudo foi lido o projeto de estatutos, do qual distribuiu cópias dactiloscópicas aos acadêmicos presentes. Esse projeto submetido à discussão e votação foi aprovado com algumas emendas. O mesmo consórcio leu uma carta da poetisa Palmyra Wanderley dirigida ao acadêmico Sebastião Fernandes, declinando de sua inclusão no quadro dos fundadores da academia. Esta, por unanimidade, resolveu não aceitar a renúncia, solicitando ao acadêmico Sebastião Fernandes que procurasse dissuadir a signatária, dando ciência à

Academia em sua próxima sessão. Em seguida, o acadêmico Câmara Cascudo declarou ter se desincumbido da missão que lhe havia confiado a Academia Carioca de Letras, pelo seu presidente, para assumir a fundação de uma associação de letras no Rio Grande do Norte. Considerando aquela sessão como sendo a da fundação, congratulou-se com os presentes e sugeriu a necessidade de eleger-se imediatamente a diretoria. Distribuídas as cédulas, foram eleitos, em escrutínio secreto: Presidente, Henrique Castriciano; Secretário Geral, Luís da Câmara Cascudo; 1º secretário, Edgar Barbosa; 2º secretário Adherbal França; Tesoureiro, Clementino Câmara. Para a comissão do Regimento Interno: Sebastião Fernandes, Matias Maciel e Otto Guerra. Para a Comissão de Contas: Francisco Ivo, Virgílio Trindade e Francisco Palma. Para a Comissão de Redação da Revista: Juvenal Lamartine, Floriano Cavalcante e Antonio Soares. Passando a presidência ao acadêmico Henrique Castriciano, este concordou com a deliberação da Academia de que a diretoria eleita visitasse o senhor Governador do Estado, cientificando-o da fundação da Academia e solicitando os auxílios necessários para a instalação e publicação da Revista. Nada mais havendo a tratar foi marcada nova reunião para o dia 18 às 19 horas, no mesmo local. E para constar, eu, Adherbal França, 2º secretário da Academia, lavrei a presente ata que vai assinada por todos os acadêmicos presentes.

Solicito uma salva de palmas por mais um aniversário da nossa Academia.

Minhas Senhoras, meus Senhores, meus Amigos.

Tenho hoje a subida honra de, em nome da Academia Norte-rio-grandense de Letras, saudar o colega e amigo Iaperi Soares de Araújo, que toma posse nesta casa.

Iaperi foi eleito para esta Academia Norte-rio-grandense de Letras em reunião realizada em 30 de janeiro de 1992, portanto há dez anos e dez meses, em reunião cuja ata foi lavrada por Jurandyr Navarro, sendo candidato único à cadeira 23, que tem como patrono Antonio Glicério, primeiro ocupante Bezerra Júnior e sucessores Othoniel Menezes e Jaime dos Guimarães Wanderley.

Com o intuito de relembrar as mudanças ocorridas em apenas dez anos, passarei a ler os nomes dos ilustres Acadêmicos que votaram à época de sua eleição: Diógenes da Cunha Lima, Jurandyr Navarro, Enélio Petrovich, Paulo Macedo, João Wilson Mendes Melo, Olavo Medeiros Filho, Nilson Patriota, Grácio Barbalho, Dom Nivaldo Monte, Raimundo Nonato Fernandes, Dorian Gray Caldas, Vingt-un Rosado, João Batista Cascudo Rodrigues, Umberto Peregrino, Sanderson Negreiros, Maria Eugênia Montenegro, além de dez saudosos Acadêmicos que já deixaram o nosso convívio, **Veríssimo de Melo, Antonio Soares Filho, Mário Moacir Porto, Alvamar Furtado, Américo de Oliveira Costa, Otto Guerra, Manoel Rodrigues de Melo, José Melquíades, Gilberto Avelino e Raimundo Nonato da Silva.**

Há exatos vinte e cinco anos, precisamente em outubro de 1977, conheci Iaperi Soares de Araújo, então um jovem de 32 anos de idade. Nessa época a

Universidade Federal do Rio Grande do Norte acolhia uma nova geração de **Professores**, rotulados de **Colaboradores**, para iniciar a carreira docente na Maternidade Escola Januário Cicco.

Os novos professores eram: Tereza Cristina Rebelo, citologista, Tânia Negreiros Rosado Lopes, endocrinologista, Ilana Boucinhas, ginecologista pediátrica, Marcos Tassino de Araújo, urologista, Maciel Matias, mastologista e o mais moço do grupo, anesthesiologista, então com 26 anos, este que lhes fala.

Na apresentação formal, feita pelo Professor Leide Morais, da equipe mais *moderna* - como se diz na linguagem militar -, aos docentes seniores, a atitude de laperi não foi das mais receptivas. Carrancudo, agastado, amuado. Depois descobri o motivo: laperi sentia-se como aquela criança que perde as benesses de ser o caçula com a chegada de um irmão mais novo - enjeitado, no canto, no caritó.

Com o tempo o lundu passou, pois laperi, homem de sete instrumentos que é, nunca perdeu o seu posto na hierarquia preferencial do Coronel Leide Morais, o seu compreensivo e flexível tutor, por escolha recíproca. Tenho certeza absoluta de que laperi deseja dividir essa imortalidade, que hoje lhe é conferida, com a figura do seu mestre maior, motivo pelo qual prestarei uma homenagem ao saudoso amigo, Professor Leide Morais.

Rígido no cumprimento dos horários, o Professor Catedrático Leide Morais era o primeiro a dar o exemplo. Às sete horas da manhã já estava de terno branco,

gravata borboleta, bem penteado e perfumado, “afetado”, como gostava de dizer.

Rigoroso, cobrava, individualmente, o eventual atraso de um professor, sem deixar resquícios de queixas em nenhuma das partes. A não ser que se repetisse amiúde, o que aconteceu comigo. Parou de reclamar e dizia apenas:

- Esse rapaz está ficando dormente... dormente!

E os colegas admiravam-se da complacência do Professor, por admitir certas liberdades, diferentemente dos tempos em que controlava os plantões por telefone ou pelo sistema de rádio, quando estava na granja do Jiqui.

Como administrou a Maternidade com mão de ferro, tinha lá os seus poucos desafetos, mas todos reconheciam nele, capacidade administrativa, solidariedade humana e dedicação integral à Universidade, ao Departamento de Toco-ginecologia e à Maternidade Escola Januário Cicco, o que levava muitos a dizer que ali era um verdadeiro oásis, um dos poucos lugares da Universidade que funcionava pra valer, com verba ou sem verba, não tinha tempo ruim.

Sempre admirou e reverenciou os antepassados e sofria intensamente quando via um amigo, no ocaso da vida, sem receber visitas. Comentava:

- Tem gente que pensa que não vai ficar velho... tem gente que pensa que não vai adoecer e, por isso, não tem a menor atenção com quem quer que seja.

Após a sua aposentadoria visitei-o várias vezes, conversávamos muito, sempre acompanhados por um bom vinho.

Fica a saudade do Professor, do Coronel, personalidade fortíssima e inimitável. Amigo solidário, sabia separar bem os problemas do trabalho para não arranhar as amizades. Conversa agradável, gostava de misturar vários idiomas.

Sobre Iaperi ele dizia, em pleno anfiteatro, lotado de professores, funcionários e alunos:

- Qualquer um de vocês pode substituir um ao outro. Mas ninguém pode substituir Iaperi, porque o que ele faz, além da medicina, vocês não sabem fazer. A essa altura Iaperi já esboçava um sorriso de imodéstia e convencimento, quando era surpreendido pelo Professor:

- Por isso temos que suportar esses seus lundus e essas suas crises infanto-juvenis.

No final do ano passado, quando entrei para a Academia Norte-rio-grandense de Medicina, Iaperi, que dela ainda não faz parte, abespinhou-se:

- Na Academia de Medicina tem você, Araken Ilerê Pinto, Ivis Bezerra e Maciel Matias, mas na Academia Norte-rio-grandense de Letras, aqui do Departamento, sou o único!

Pois, quis a inescrutabilidade do destino, que Iaperi só tomasse posse depois de dez anos da sua eleição, para que neste dia 14 de novembro, eu tivesse a honra de saudá-lo, em nome da nossa magna Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Dessa forma, como observou o nosso atual chefe de Departamento, Kleber Moraes, após extenuante pesquisa, o Departamento de Toco-ginecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte é o único

do mundo a ter dois de seus professores numa Academia de Letras.

A arte / ciência da obstetrícia, é a especialidade que Iaperi exerce e ensina com maestria.

Inicialmente as mulheres pariam sozinhas, depois receberam a solidariedade das mais velhas, as matronas dos clãs. No livro *Gênesis* há referência aos partos de Raquel e Tampar, assistidos por obstetizas. No Pentateuco alude-se à profissão exercida por duas mulheres, Séfora e Fua, no cativeiro do Egito.

Desde a *A Lex Regia* de Numa Pompílio (715 a 613 a.C.) que determinava a retirada do feto pelo ventre materno, *post-mortem*, também chamada de **Lei Cesárea**, até Scipião de Mercúrio, que introduziu a cesariana em mulheres vivas na Itália, passando por muitos séculos em que foi vedada ao homem a prática da obstetrícia, esta evoluiu com Hipócrates, Celso, Sorano de Éfeso, Oribasio, Paulo de Egina, Avicena, Eucário Rösslin, André Vesálio, Leonardo da Vinci e Gabriel Fallópio, anatomistas, Amboise Paré, Luiza de Bougeois, François Mauriceau, Beudelocque, La Chapelle, Semmelweiss, Pasteur, Simpson, Lister e no Brasil Fernando Magalhães e Jorge de Rezende.

Iaperi Soares de Araújo além de médico e professor universitário é escritor, pintor, artista plástico, compositor e pesquisador da cultura popular. Conviveu com Luís da Câmara Cascudo por quase duas décadas, freqüentando sua casa e sua biblioteca. Autor das capas dos seus livros de memórias (*Ontem, Pequeno Manual do Doente Aprendiz, O Tempo e Eu* e a segunda edição da *História*

do Rio Grande do Norte, de que foi também autor da orelha).

Pelo incentivo do mestre Cascudo, elegeu a Cultura Popular do Estado como tema principal de suas pinturas e a partir daí, a inspiração para todos os seus trabalhos de pesquisas, inclusive na área médica. É autor dos livros: *A Medicina Popular, A Medicina do Povo, Elementos da Arte Popular, Abençoa meu Padim, O Mensageiro Del Rey* - no qual Iaperi resolveu cognominar um tabelião de Armando Negreiros -, álbuns sobre xilogravuras populares (cordel) e santos populares. Mais de trinta artigos em revistas médicas, mais de quatrocentos artigos em jornais de Natal, duzentas e doze exposições de pintura, individuais e coletivas, cinco prêmios literários - Prêmio de Poesia Universitária, 1966; Prêmio Jorge Fernandes de Literatura, UFRN, 1973; Menção Honrosa no Prêmio Câmara Cascudo e duas Menções Honrosas no Prêmio Othoniel Meneses. Ao final, deixo o registro da bibliografia completa de Iaperi, com cinquenta obras relacionadas.

Iaperi nasceu em São Vicente, então município de Florânea, no Rio Grande do Norte em 21 de julho de 1945 - portanto *está dentro* dos 58 anos de idade -, sendo um dos doze filhos do comerciante, agropecuarista e grande reprodutor Joaquim Araújo Filho, seu Quincas, e da professora Milka Soares de Araújo, por quem foi alfabetizado.

Entre o Colégio 7 de setembro, dirigido pelo Professor Antonio Fagundes, e o Marista, teve como professores Alvamar Furtado, Álvaro Torres, Arnaldo Arsênio de

Azevedo, Natécia Maranhão, José Guará, Carriço, irmãos Armando e Pedro.

Sempre ligado aos movimentos culturais, publicou a sua primeira poesia em 1957, foi sócio da Arcádia Natalense, integrante do coral do marista e participante de concursos de declamação, juntamente com seus contemporâneos, José Agripino, Garibaldi Filho e Ney Lopes.

Em 1962, aos 17 anos, a convite do jornalista Nei Melo, foi revisor e depois redator do Diário de Natal, onde conviveu com Luiz Maria Alves, Leonardo Bezerra, Aderbal de França, Cristóvão Dantas, João Neto, Newton Avelino, Paulo Macedo, entre muitos outros.

Após freqüentar o pré-vestibular do Professor Joel Dantas foi aprovado em 1964 para a Faculdade de Medicina da UFRN em 25º lugar - num universo de mais de 200 candidatos para apenas 25 vagas -, graças ao dez com que se destacou na prova de redação.

Em 1964, com o apoio do jornalista João Ururahy, publicou seu primeiro livro de contos, Canções da Terra. Ainda no mesmo ano participou do primeiro concurso literário da cidade do Natal, intitulado Câmara Cascudo, obtendo o terceiro lugar e que teve como vencedor o poeta Newton Navarro, seguido por Sanderson Negreiros.

Participou do *movimento dos novíssimos* com Dailor Varela, Marcos Sá e Walter Varela. Com Rejane Cardoso e Isa Freire fez o *movimento de valorização da MPB*, pela Rádio Rural. Com Zuleide Teixeira, Elizabeth Bittencourt, Margarida e Candinha Bezerril, Vitória Santos Costa, buscou valorizar a cultura dentro da Universidade. Com

Márcio Tassino, Mirabô Dantas, Marcos Silva, Adrimaria Rocha e o Impacto Cinco, batalhou pela valorização da vanguarda cultural, envolvendo-se no movimento tropicalista. Na poesia esteve ao lado de Moacyr Cirne, Anchieta Fernandes, Marcos Silva, Franklin Capistrano e Falves Silva.

No teatro encenou as peças *Aruanda*, um texto seu, e as *Troianas de Eurípedes*, com a participação de Selma Bezerra, Rosa Massena, Fátima Galvão, Tereza Neuman, José Bezerra Marinho, Gileno Guanabara, Diva Cunha, Adrimaria Rocha, sob a direção de Carlos Furtado, com imagens de Frederico Marcos, com cenário / objeto manipulado de Marcos Silva e música incidental de Joel Carvalho. A encenação rendeu uma séria polêmica ideológica com o zeloso diretor Meira Pires, que discordava do texto de Sartre, modificado pelos universitários do grupo *Tônus*, que procuravam dar uma idéia, durante o espetáculo, da crítica situação política brasileira.

Por participar de todos esses movimentos culturais, Iaperi foi rotulado, pasmem os senhores, de **perigoso comunista**, tendo que responder a seu primeiro IPM – o terrível Inquérito Policial Militar -, ao qual sucederam-se vários outros, uma característica da nada saudosa época do arbítrio.

Vejamos os depoimentos de alguns amigos, com os quais concordo:

Iaperi, segundo Diógenes da Cunha Lima, “é uma dessas pessoas que tudo que faz, fica bem feito. Faz

medicina, artes plásticas, registros da sabedoria popular, poesia, amizade. O talento é um bem de família.”

Augusto Severo Neto: “Como é facilmente difícil falar sobre Iaperi. Homem polímorfo, multifacetário e outros coletivos mais que buscam exprimir a medida exata de sua personalidade rica. Iaperi trazendo ao mundo gentes, versos, telas, estórias e sonhos. Cósmico e eclético na inquietude de sua faina criadora. Onipresente até onde permite a sua condição humana. Célula motora no seu orbe lírico-íris. Locatário das fábulas, das tradições e dos mitos e, por isso mesmo, tão bem sabendo dizer deles todos. Os que o vêem de longe, mesmo a contra-gosto, percebem essas coisas. Os que convivem com ele tem certeza de tudo que foi dito aí em cima.”

Américo de Oliveira Costa: “Homem de muitos engenhos, também escritor, artista plástico, professor universitário, médico, - e de outras virtualidades paralelas, ainda, - Iaperi Araújo não cessa de nos surpreender e comover, exatamente por essa sua condição plural, tanto de espírito como de sensibilidade. Eis um poeta que possui em índices expressivos, sentimento das coisas e a inteligência da vida.”

Newton Navarro: “Iaperi é um rapaz do sertão e sabe estórias do sertão. Seu primeiro livro de estórias tem o sabor das narrativas do povo, como se contadas ainda na alpendrada coberta de lua. A linguagem pura, emocional, quase cantante, como as toadas dos cegos de feira. A despreziosa narração prendendo personagens no entrançado dos casos, alguns deles fantasmas, mas outros simples detalhes do cotidiano. Todos

porém desenhados com a rudeza do traço árido, da coloração queimada pelos grandes sóis nordestinos.”

Edgar Barbosa: “Em um mundo batido por explosões seriadas, quando a alucinação se racionaliza e obriga a um povo inteiro roer as entranhas da terra para sobreviver, não é surpresa que as plantas de Hiroshima cresçam contra as leis da botânica. O livro de Iaperi Araújo, na simplicidade de sua mensagem, é um desses sinais do tempo.”

Pedro Simões: “Iaperi são vários. Reencarnações de Soares de Araújo múltiplos no Seridó. Cada qual com sua visão estética ou existencial do universo sertanejo. Para fundi-los e resgatar sua dívida de geração, Iaperi se multiplicou: fez-se médico, desenhista e pintor estudioso da cultura popular, compositor, escritor. Até **arcanjo** na mitologia de Inácio Magalhães. Prefiro todos os Iaperis. Nenhum é excludente. Ou acessório. Todos são principais e necessários.”

Roberto Pontual: “E neste setor de grande carência de pesquisa direta, que é o da arte popular, a presença de Iaperi Araújo vai-se transformando em marca e exemplo.”

Seria cansativo e extenuante enumerar as exposições e os prêmios ganhos por Iaperi no território nacional e no exterior. Mas foram muitos.

Foi superintendente do Teatro Alberto Maranhão de 1985 a 1988, Secretário Municipal de Cultura de Natal de 1989 a 1990, Presidente da Fundação José Augusto de 1991 a 1995, chefe do Departamento de Toco-Ginecologia de

1996 a 1997 e Diretor da Maternidade Escola Januário Cicco em 1999.

A sua atuação como intelectual e artista plástico é das mais intensas, tendo, recentemente, na Bienal de Pintura Primitiva do Brasil em Piracicaba, sido homenageado com Sala Especial, pela segunda vez.

Atualmente chefia a disciplina de Clínica Obstétrica, como titular, e coordena o programa de Residência Médica.

Meus Senhores, Minhas Senhoras, Meus Amigos, essa é uma pequena amostra desse grande laperi que tive a honra de saudar em nome da Academia, no momento em que esta completa 66 anos, e finalizo com uma citação de Fernando Pessoa, ao se referir a uma frase gloriosa proferida pelo navegadores antigos – **“Navegar é preciso; viver não é preciso”** –, afirmava:

“Quero para mim o espírito dessa frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: viver não é necessário; o que é necessário é criar.”

Muito obrigado pela atenção.

Armando Aurélio Fernandes de Negreiros
Ocupante da cadeira 14

**BIBLIOGRAFIA
DE
IAPERIARAÚJO**

1. CANÇÕES DA TERRA (contos). Ed. Dep. Est. Imprensa. Natal, 1965 (40 p);
2. POESIA UNIVERSITÁRIA (poesia). s/Ed. Natal, 1966 (6 p);
3. MARIA DO SANTÍSSIMO, UMA PINTORA POPULAR (ensaio). Gráfica Manimbu. Natal, 1966 (12 p);
4. ROMANCEIRO DO JAGUNÇO BARRANOVA (poesia). Ed. Diretório Acadêmico Januário Cicco. Natal, 1968 (16 p);
5. JOSÉ LEITE & OUTROS CANTOS (contos). Ed. Universitária. Natal, 1968 (66 p);
6. SANTOS DO NORDESTE (album de desenhos) s/Ed. Natal, 1968 (12 p);
7. OFÍCIO DE MORTE (poesia). Ed. Universitária. Natal, 1973 (62 p)
8. EXPERIÊNCIA DO RGN COM UM PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA MÉDICA SIMPLIFICADA NO MEIO RURAL (ensaio). s/Ed. Natal, 1975 (10 p);
9. A ASSISTÊNCIA AO PARTO NO MEIO RURAL DO RN (ensaio). s/Ed. Natal, 1975 (8 p);
10. MECANISMO DE PARTO (ensaio). Ed. Universitária. Natal, 1975 (34 p)
11. CORDEL (album de desenhos). S/Ed. Natal, 1975 (22 p);
12. A ASSISTÊNCIA AO PRÉ NATAL NO MEIO RURAL DO RN (ensaio). Ed. Universitária. Natal, 1975 (14 p);

13. MECANISMO DE PARTO (ensaio). Ed. Universitária. 2º Ed. Natal, 1977 (34 p);
14. A GUERRA DOS REINOS (contos). Ed. Acqua. São Vicente, 1977 (16 p);
15. MINI POSTOS (poesia). Ed. EMATER. Natal, 1977 (12 p);
16. PROPEDEUTICA OBSTÉTRICA I: ANAMNESE E EXAME FÍSICO (ensaio). Ed. Universitária. Natal, 1977 (30 p);
17. MINI POSTO: UMA POLÍTICA INTEGRADA DE SAÚDE PÚBLICA (ensaio). s/Ed. Natal, 1977 (16 p);
18. ELEMENTOS DA ARTE POPULAR (ensaio) Ed. Universitária. Natal, 1978 (72 p);
19. PROPEDEUTICA OBSTÉTRICA: AMAMNESE E EXAME FISICO (ensaio) Ed. Universitária. 2º ed. Natal, 1978 (30 p);
20. JUBILEU DE PRATA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFRN (ensaio). Ed. Universitária. Natal, 1980 (88 p);
21. A MEDICINA DO POVO (ensaio). Ed. Universitária. Natal, 1980 (26 p);
22. A MEDICINA DO POVO (ensaio) Ed. Universitária. 2º ed. Natal, 1980 (26 p);
23. A MEDICINA POPULAR (ensaio). Ed. Universitária. Natal, 1981 (132 p);
24. MARIA DO SANTÍSSIMO: UMA PINTORA POPULAR (ensaio). Ed. Universitária. 2º ed. Natal, 1981(12 p);
25. OS CONSELHOS DA COMADRE SOBRE PREVENÇÃO DO CANCER (poesia). Ed. Universitária. Natal, 1982 (10 p);

26. A MEDICINA POPULAR: MITOS E TABUS (ensaio). s/ Ed. Natal, 1981 (8 p);
27. MECANISMO DE PARTO (ensaio). Ed. Universitária. 3° ed. Natal, 1982 (34 p);
28. A VIA SACRA (album de desenhos). Nossaeditora. Natal, 1984 (20 p);
29. A MEDICINA DO POVO (ensaio). Ed. Universitária. 3° ed. Natal, 1984 (26 p);
30. A MEDICINA POPULAR. (ensaio). Nossaeditora. Natal, 1985 (132 p);
31. ELEMENTOS DA ARTE POPULAR (ensaio). Ed. Universitária. 2° ed. Natal, 1985 (86 p);
32. JANUÁRIO CICCIO, UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO (ensaio). Ed. Fundação José Augusto. Natal, 1985 (114 p);
33. BRASIL: ARTE DO NORDESTE (ensaio). p. 56-69. Ed. Spala. Rio, 1986 (14 p);
34. BRASÍLIA, PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE (ensaio). p. 128-129. Ed. Spala. Rio, 1988 (138 p);
35. VENHA VIVER São João em Natal. (poesia). EDUFRN. PMN/Sec. Cultura. Natal, 1989 (8 p);
36. HOMENAGEM ao Professor Leide Morais. (ensaio). (p. 1-6). Ed. Fundação José Augusto, Natal, 1989 (32 p);
37. PAZ (ensaio) p. Ed. Spala. Rio, 1989 (1 p);
38. TRATADO DO PRÉ-NATAL (ensaio). p.345-353. Ed. Manole. Rio, 1990 (9 p);
39. O LIVRO POPULAR (ensaio). Ed. FGD/ESAM. Mossoró, 1992 (14 p);

40. OS HABITANTES DO SONHO (poesia).Ed. Fundação José Augusto.Natal, 1992 (70 p);
41. 41 . A BENÇA MEU PADIM (ensaio). Ed. Fundação José Augusto. Natal, 1994 (38 p);
42. ANESTESIOLOGIA PEDIÁTRICA (ensaio). Capítulo: Dos aspectos culturais. Ed. Revinter. Rio, 1996 (3 p);
43. O MENSAGEIRO DEL REY (romance). EDUFRN. Natal, 1997 (134 p);
44. CIDADE DE SÃO VICENTE: Vida e memória (ensaio). EDUFRN. Natal, 1997 (70 p);
45. A MEDICINA POPULAR (ensaio). EDUFRN 3ªed. Natal, 1999 (118 p);
46. MEDICOS DE ONTEM por Médicos de hoje.(ensaio). p. 43-49. EDUFRN. Natal, 1999 (p);
47. HISTORIA DA MATERNIDADE ESCOLA JANUARIO CICCOC(ensaio). EDUFRN. Natal, 2000 (140 p);
48. JANUARIO CICCOC, UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO (ensaio). EDUFRN. 2ª ed. Natal, 2000 (114 p);
49. ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DO PARTO (ensaio). Ed. Acqua. Gráfica Nordeste. Natal, 2000 (78 p);
50. 50 .ASPECTOS CULTURAIS DA DOR in ANESTESIA PERIDURAL. Ed. Atheneu. Rio, 2000. (00 - 00)

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO CÔNEGO JOSÉ MÁRIO DE MEDEIROS

Exmo. Sr. Dr. Diógenes da Cunha Lima, presidente desta Academia, Exmas. Autoridades presentes ou representadas, meus Familiares, Amigos, Convidados, meus Senhores e minhas Senhoras,

Nesta noite, ao transpor os umbrais desta nobre Academia de Letras do Rio Grande do Norte, entro numa atitude reverente a todos os que me precederam na Cadeira 22 e em profundo respeito e admiração aos que neste momento compõem este invejável Sodalício, onde não poucos nomes gozam do mais reconhecido valor e prestígio de seus admiradores potiguares e demais apreciadores e cultores das Letras.

Em seguida, devo dizer de minha gratidão intensamente reconhecida aos meus pares por me terem eleito e a eles associado, para num só objetivo e numa caminhada comum levar ao futuro e já iniciar no presente, o devido conhecimento dos luminares da cultura que constituíram até hoje esta Casa.

Por último, porém, não menos importante, como ao ingressar num templo sagrado, tomo posse numa das cadeiras, das estalas ocupadas desde o início por cônegos e escritores e cônego como eles, mantenho nesta hora, a tradição a partir do patrono e dos que me precederam.

Tudo o que eu tentar tracejar nesta noite, sobre inconfundíveis figuras humanas que aqui me antecederam, será um pálido esboço de uma tela, obra-

prima de arte e beleza, de um renomado pintor, que só será completada pela preciosa moldura de ouvidos atentos e pacientes deste seletto auditório e a sensibilidade dos senhores egrégios acadêmicos.

- Começemos pelo

CÔNEGO LEÃO FERNANDES

Patrono da Cadeira 22

Nasceu aos 11 de abril de 1881, na Vila de Pau dos Ferros/RN. Era caçula da família. Teve um irmão sacerdote, o Pe. Agnelo Fernandes. Seus pais foram o Sr. Francisco das Chagas Fernandes e Dona Liberalina Gomes de Queiroz.

Foi batizado aos 02 de maio de 1881, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Foram padrinhos, os seus tios maternos, o Sr. José Vicente Queiroz, Tenente da Guarda Nacional e sua irmã solteira, a Srta. Delmira Gomes de Queiroz. Celebrou o seu batismo o vigário Côn. Bernardino José de Queiroz.

Em 1886 foi crismado pelo Côn. Arcipreste Pedro Soares de Freitas, e sendo seu padrinho o Pe. José Paulino Duarte da Silva.

Infância em Pau dos Ferros.

Adolescência em Ceará-Mirim.

Em 1891 com a seca que ficou na história, o seu padrinho Pe. José Paulino Duarte foi transferido para a freguesia de Ceará-Mirim.

Mais forte do que a seca era a profunda amizade que ligava seus pais ao estimado vigário e compadre.

Assim, nove pessoas da família se mudaram:

Dona Maria, avó

Sr. Fernandes, pai

Dona Liberalina, mãe

Dona Delmira, tia e madrinha

Leão e Agnelo, filhos

Toinha, filha adotiva

Petro e Sainha, empregados.

Adolescente em Ceará-Mirim, gozou da amizade do seu pároco e padrinho o Mons. José Paulino Duarte da Silva que muito cedo percebeu que a vocação do jovem era para o sacerdócio.

Segundo o Pe. Manoel da Costa, Leão revelou desde pequeno o gosto pelas letras. Estudava sozinho as Humanidades, nas quais mais tarde teve como professores José Paulino Barroca e Zózimo Platão de Oliveira Fernandes.

A figura do Mons. José Paulino marcou para sempre a carreira eclesiástica e literária de Leão Fernandes. Foi este já referido Monsenhor um pai e um mecenas para o jovem afilhado, seu irmão Agnelo e toda a família deles.

É o próprio Leão que escreve:

“Profundamente comovido, orvalho de lágrimas e beijo reverente as sagradas mãos do estremecido padrinho, insigne benfeitor e desvelado amigo, Cônego José Paulino Duarte da Silva: os benefícios de sua proteção a mim, a meu irmão e a minha família, a influência moral de seus cuidados, e exemplos na formação de meu espírito e caráter, a inexcedível dedicação de sua amizade jamais poderei agradecer devidamente”.

Quando em abril de 1901 foi conduzido pelo padrinho ao vetusto e venerável Seminário da Paraíba, foi confiado ao zelo do Cônego Joaquim de Almeida, reitor naquele tempo, logo cedo demonstrou sua inteligência ao apresentar os exames de admissão obtendo o segundo lugar na turma. À esta altura já se mostrou bastante capaz em português e aritmética, fruto das sólidas lições recebidas em Ceará-Mirim. Nunca deixou de ser um dos primeiros da classe.

Dois meses depois de sua chegada ao Seminário da Paraíba, Leão Fernandes foi escolhido pelos colegas para saudar o reitor numa festa íntima. Neste primeiro ano, por três vezes, teve a mesma incumbência. Fato único, algo de inusitado num seminário onde havia tantos seminaristas.

Fez no Seminário da Paraíba o curso ginásial, filosofia e teologia. Foi aluno de professores de renome como Dom Adauto de Miranda Henriques, Bispo diocesano; de Mons. Joaquim de Almeida, reitor do Seminário e futuro bispo do Piauí e de Natal; de Mons. Santino Coelho, futuro

arcebispo de Belém do Pará e de Maceió; de Côn. Moisés Coelho, seu diretor espiritual, futuro bispo de Cajazeiras e arcebispo da Paraíba; de Mons. Manoel de Paiva, futuro bispo de Ilhéus e de Garanhuns; de Mons. Odilon Coutinho; de Mons. Alfredo Pegado; de Pe. Fernando Lopes e Pe. Álvaro César.

Ouçamos atentamente o testemunho dado pelo Pe. Manoel da Costa:

“No Seminário, era sempre dos primeiros de sua classe. De saúde precária, não consentiam os superiores que estudasse todo o tempo, e obedecia prontamente aos companheiros que lhe fechavam o livro, por ordem do reitor. Mesmo assim nunca perdia o seu lugar distinto. Era consultor de todos os colegas, que se sentiam atraídos pela modéstia e bondade nunca desmentidas. Mesmo sem terminar o curso, já era consultado nos debates de filologia, em que se tornou emérito”.

O Côn. Adelino no seu discurso de posse nesta Academia, a ele se referindo assim falou:

“Na grei humana, surgem às vezes vultos que se alteram, como a cabeleira soberana dos cedros. O Seminarista Leão Fernandes foi, no seu tempo, na doce comunidade do Seminário da Paraíba, o cedro real, dono da floresta”.

Dom Adauto ordenou-lhe de fazer sermões quando diácono, na igreja do seminário, nas matrizes do interior da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

O jornalista paraibano Hortensio de Sousa Ribeiro num artigo de “A União” de 1º de outubro de 1938 escreve ainda emocionado a recordação do panegírico do

diácono Leão, pronunciado na festa da Conceição em Campina Grande.

Ele assim escreve:

“Foi do alto da cadeira sagrada que o padre Leão Fernandes se nos revelou. Creio que era a sua voz estentórica o único atributo que sobressaía de seu todo de menino, a que ainda mais minusculizava a sua humildade sem par. Nossa memória fiel seria capaz de repetir sendo posta em função, os trechos principais de seu notável sermão, proferido numa noite de festa, a convite do vigário Sales, diante do altar da Virgem Maria, iluminado e coberto de rosas dos jardins campinenses”.

Disso, se conclui que não se conhece todo o acervo literário do Cônego Leão. Há muita coisa dispersa e desaparecida. Muitas dessas jóias de que fala o colega e contemporâneo de seminário, parecem achar-se em lugares inacessíveis e desconhecidos.

Dos vinte e oito trabalhos coligidos, apenas seis, ele os pronunciou como sacerdote, sem ter alcançado ainda o meio dia de sua maturidade intelectual.

O Cônego Adelino sobre Leão assim se expressa:

“Conhecedor emérito e cultuador zeloso dos clássicos portugueses, o Cônego Leão modelava sua frase no talhe puro dos estilistas e estetas da língua mãe, trazendo deles ressonâncias e afinidades, como as Bucólicas Virgilianas repercutem os idílios de Teocrito na voz doce de Titiro, dialogando com Melibeu à sombra da faia amiga. Colhe-se de seus discursos a nota dominante da valentia e da vivacidade tão comum em Vieira”.

Em 1907 foi ordenado sacerdote e em seguida foi nomeado professor de português no Seminário e no Colégio Pio X.

O Cônego Leão, como seminarista e sacerdote viveu sempre na Paraíba e pertenceu sempre ao seu clero. A ela se doou sem porém jamais esquecer suas origens potiguares nem perder o amor à terra natal.

Usando um pensamento do Mestre Cascudo poder-se-ia dizer que o Côn. Leão criara asas majestosas, voara por ares longínquos e ensolarados, sem nunca, porém, se envergonhar nem se julgar indigno do ninho onde emplumara. Como o herói troiano, do alto de suas quilhas, lançando o olhar sobre os campos pátrios, assim também, ele, nunca perdia a oportunidade de evocar em seus discursos a visão amada dos céus natalenses.

Ouçamos atentamente a leitura de uma verdadeira peça poética e literária da saudação por ele feita a um sacerdote norte rio-grandense, no Seminário da Paraíba:

“Na mansa correnteza das límpidas águas que se espreguiçam plácidas no leito do Potengi, reflete com intenso brilho o sol de outubro, escrevendo com seus lampejos fulvos, no espelho das vagas, o nome de um filho querido da terra de Camarão. E o Potengi gigante, rasgando as brancas montanhas das praias natalenses, saltando, por sobre alterosos arrecifes, que bordam as vetustas e gloriosas muralhas do Forte dos Santos Reis, vai açoitar o oceano indômito para num esforço hercúleo, abrir passagem e, invadindo os domínios da Paraíba, trazer a mensagem de saudação que a Terra dos Potiguares envia ao filho de seus palmares”.

Não foi menos bela a conclusão do discurso, por ele proferido como paraninfo dos concluintes do Colégio Santo Antonio em 1916 ao dizer:

“Todos os dias, meus caros colegiais, se desenha diante de vossos olhos uma das mais belas paisagens da natureza: é o porto de Natal. Ali, em baixo, corre o Potengi. Nas suas águas mansas e tranqüilas, muitas vezes, se espelharam os nossos lábios em risos, as vossas faces em flor. Aquelas águas vieram do mar e para ele vão voltando. Aqui, ao pé da cidade, ao pé destes templos, elas correm serenas; mais além, transpondo a barra, se defrontam com arrecifes que alterosos, se levantam, como quisessem interceptar-lhes o curso, impedir-lhes a comunicação com o mar e, na fúria doida de inimigos, os arrecifes desesperados atiram contra os céus a blasfêmia de suas espumas”.

Fisicamente era um homem frágil, de saúde precária e quase sempre doente.

Em fins de 1915 deixa definitivamente a Paraíba e vem repousar em Lajes, Martins e finalmente em Angicos.

Aos 13 de setembro de 1920, em Angicos, veio a falecer. O Pe. Manoel da Costa diz que ele era de estatura reduzida, magro e de olhar vivo e penetrante. Cabelo liso e abundante, invadindo a testa pequena. Suas sobranceiras, escuras e espessas, eram lateralmente cortadas por duas quedas.

Em 1924, o Côn. Pedro Anísio, coligiu e enfeixou uma série de vinte e oito sermões e discursos do Côn. Leão, vinte e dois deles foram pronunciados ainda quando seminarista.

Ele, companheiro de ordenação sacerdotal de nosso Patrono da Cadeira 22, prefaciando a coletânea e seus discursos afirma: “Conhecia bem a Língua Portuguesa, que manejava com facilidade, como aparece de seus trabalhos, ainda os mais antigos, e conversava os clássicos, de preferência Vieira, cujas belezas e louçanias, sem excetuar os próprios trocadilhos, fez passar algumas de suas composições. Só nos foi possível recolher os seus discursos, sermões, e uma conferência, restando por publicar muitos de seus artigos, alguns dos quais são jóias de fino labor. Muito maior fora a sua atividade literária, dada a sua facúndia e os tesouros de saber, que acumulou, se o labor do magistério não lhe consumira quase todo o tempo”.

Não chegou a completar 40 anos. Contudo em poucos anos deixou marcas de sua fulgurante inteligência, de uma sólida cultura clássica, de grande orador e respeitável professor e filólogo.

CÔNEGO LUIZ GONZAGA DO MONTE

Fundador da Cadeira 22

Nasceu aos 03 de janeiro de 1905, em Vitória de Santo Antão/PE. Filho de Pedro Alexandre do Monte e D. Belarmina Ferreira do Monte. Primogênito de família. Teve como irmãos: Judite, Orígenes, Severino, Sebastião, Oswaldo e Nivaldo.

Parte da infância a passou em Vitória de Santo Antão e a outra na Paraíba onde freqüentou a primeira escola tendo como professora Odete Vieira. Aos 9 anos veio com

os pais morar no lugarejo “Recanto”, município de Currais Novos. Ali, Luiz estudava sozinho já que não havia escolas na localidade

Em 1917, a família se mudou para Natal e em 1918, Luiz já tendo 13 anos, é matriculado no Colégio Diocesano Santo Antônio. Um ano depois, ingressa no Seminário de São Pedro. Aos 17 anos já se dedicava à filosofia.

Aos 18 de setembro de 1927 foi ordenado sacerdote.

Cônego honorário da Igreja Catedral de São Luiz do Maranhão em 1941 pelo então bispo, Dom Carlos Carmelo Mota, futuro Arcebispo Metropolitano e Cardeal de São Paulo.

Vivia entre os livros. Em duas horas, como ele próprio afirmava, lia um livro. No seu modesto laboratório pesquisava as riquezas do subsolo do nosso Estado. Grande estudioso de matemática e antropologia.

Tinha uma memória prodigiosa. Um dia disse ao Pe. Luiz Teixeira que, se encontrasse, “a esmo, num livro qualquer, uma passagem que lhe chamasse a atenção, 10 anos depois seria capaz de citar de memória o nome do volume e a página em que se encontrava a questão”. Dom Jaime de Barros Câmara, então bispo de Mossoró, soube de sua afirmação, resolveu fazer um teste e Côn. Monte comprovou o que dissera.

Alguns depoimentos de seus contemporâneos:

“ O homem que sabia tudo tinha como norma dar a impressão de que o interlocutor estava sempre acima do nível do seu imenso saber, de tal sorte habituou-se a cultivar a humildade, a mais alta de todas as virtudes”.

Cônego Adelino – A ORDEM 03/03/1944.

“Ainda bem que o Cônego Monte com as obras que deixou a publicar não nos abandonou com a morte”.

Dom José Delgado – A ORDEM 10/03/1944.

“Ao festejar o seu jubileu, o seminário ofereceu a Deus o melhor dos seus frutos, o primeiro sacerdote formado entre suas humildes paredes, um padre nimbado com as auréolas de santo e de sábio”.

Mons. Paulo Herôncio – A ORDEM 13/03/1944.

Cônego Monte:

encantava como pessoa

edificava como cristão

impressionava como sacerdote

contagiava como santo

a todos imprimia respeito e confiança

e demonstrava uma autoridade

moral forte, firme e convincente.

Se era vulnerável no físico, era

Igualmente invulnerável na virtude.

Nilo Pereira em discurso pronunciado nesta Academia Norte-rio-grandense de Letras no dia 28 de fevereiro de 1969, fez uma feliz descrição de sua pessoa como:

o homem de ciência

o homem de letras

o homem de Deus.

Era ele um obstinado cientista e incansável pesquisador. Não se consegue saber, o que ele não sabia. Com poucos recursos se munia de uma boa biblioteca. Sabe-se que muitos dos seus artigos deveriam se encontrar em revistas especializadas. No seu tempo e com as condições de que dispunha, dominou todas as atividades da ciência.

“Creio que o orador – o orador que Natal tão intensamente aplaudiu – foi em Monte a grande realização do seu espírito de homem de letras tão apurado como no homem de ciência, tão clássico e tão hierático como nos melhores momentos da cultura antiga, e tão novo e singular como se impunha ao orador, ao conferencista, ao professor, ao humanista que se ajustava ao seu tempo para sentir as ânsias e perplexidades da hora que estava vivendo”.

Edgar Barbosa no seu livro “Imagens do Tempo” diz: “Entretanto, uma das impressões mais fortes que Monte nos deixou, talvez porque não coincida com o seu temperamento arredo e o seu modo de evitar a primeira fila, é a impressão de orador. Ouvimo-lo em diversas nuances da oratória e ao compasso daquelas mãos brancas e descarnadas cresciam as imagens como ondas de um lago revolto”.

Cônego Monte na arte de escrever, discursar e ensinar a verdade lançou sempre mão da polêmica na melhor acepção da palavra. Aliás é ele próprio que define polêmica. “A polêmica é a arte que nos habilita ao manejo seguro dos argumentos, à conscienciosa discussão das idéias e à defesa desinteressada da

verdade". O seu gosto dialético não era de modo algum um mero jogo de frases. Era uma unidade entre o homem de ciência, de letras e de Deus.

No Seminário de São Pedro, os colegas uma vez perguntaram uns aos outros o que desejariam ser se não fossem criaturas humanas. Um queria ser ave, outro; pedra, outro; água. o seminarista Luiz Monte queria ser luz. E dizia: "A luz tudo vê, tudo penetra e a tudo é útil".

Ele de fato foi luz. Luz que projetou sua claridade, portador que era de uma inteligência ímpar, muito além do que permitiam os recursos da época, na extensão de um saber enciclopédico.

Só esboçar o retrato do Cônego Monte já significa enaltecer a magnitude desta Academia com a figura do fundador da Cadeira 22.

Foi "monte" na humildade, "montanha" na genialidade, "cordilheira" no saber.

Maria Gurgel em discurso aqui pronunciado no dia 27/02/1969 diz: "Cônego Monte era vulnerável no físico, maciço pela estrutura psicológica, superou obstáculos quase a brincar, alteando-se acima das limitações e até por causa delas".

Como professor era brilhante. Motivava a matéria e cativava os alunos. Conquistava-os pela clareza na exposição. Na cátedra, era contagiante a sua palavra. Ensinava em vários estabelecimentos o latim, a matemática, a física e ainda outras matérias. Seus ex-alunos afirmavam: "Não se sabe o que ele não sabia". Não era apenas professor e sim um mestre. Aquele nos dá aulas no período escolar, este nos acompanha até o fim

de nossos dias. O seu livro escrito há meio século “Fundamentos Biológicos da Castidade”, segundo os mais competentes experts no assunto, em nada carece de ciência.

Dom José Pereira Alves expressou sua grande admiração pelo Côn. Monte ao dizer que a primeira impressão do seminarista Luiz ocorreu quando este, por meios químicos conseguiu obstar de vez ao gotejamento e respingos de telhas francesas do Seminário São Pedro.

O nosso Cônego forte admirador de Einstein, chegou a discordar, no entanto, de uma de suas teorias – a do campo unificado – mostrando que esta “conduzia a conclusões falsas, incompatíveis com a lógica e a física”. Sabemos que posteriormente a dita teoria foi reformulada, numa revisão efetuada pelo próprio criador da teoria da relatividade.

Matemático, físico, desenhista, conhecedor profundo da História Antiga e da Idade Média, leitor assíduo das obras fundamentais da Literatura Clássica e Moderna não se descuidou de estudar o Direito chegando a refutar teses sobre Criminologia por não se adequarem aos seus conhecimentos de psicologia social. Escreveu vários versos em latim e redigiu elevados pensamentos para quadros de formatura

Faleceu em Natal, vítima de tuberculose, no dia 28 de fevereiro de 1944.

Srs. Acadêmicos,

Encerrando minhas palavras sobre a inconfundível Pessoa do Cônego Monte presto a minha mais sincera e reconhecida homenagem ao ilustre Acadêmico Jurandir

Navarro pelo seu inestimável serviço prestado à esta Casa e a todas as gerações que sucederão ao Cônego Monte trazido constantemente em cores vivas e sempre novas, à memória de todos nós, pelo escritor, pesquisador e historiador acima mencionado.

O Cônego José Adelino elogiando a magnífica iniciativa de Hélio Galvão, arrancando do esquecimento quase uma centena de lições do Cônego Monte, assim escreveu: "O Cônego Monte foi uma grande lâmpada que se acendeu, entre nós, e suas obras literárias, projeção fiel daquela luz, que ele ampliou, devem luzir em candelabros de ouro, no altar de nossa admiração e de nossa saudade".

"Placita erat Deo anima illius; propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum".

"Porque a sua alma era agradável a Deus, Ele se apressou em tirá-lo do meio das iniquidades".

CÔNEGO JOSÉ ADELINO DANTAS

Segundo ocupante da Cadeira 22

Nasceu aos 17 de março de 1910, na povoação de "Luíza", também, conhecida pelo nome de "Saco da Luíza", anteriormente Flôres, hoje, município de São Vicente, neste Estado.

Filho de Antônio Adelino Dantas e Jovelina de Oliveira Dantas. Seus pais geraram 16 filhos, dos quais só 12 sobreviveram. Foi batizado no dia 21 de abril de 1910 na capela de São Vicente, pelo padre Antônio Brilhante de Alencar.

Cinco anos depois, seu pai sofreu uma queda de um cavalo e veio a falecer. A mãe com todos estes filhos vem morar num sítio que adquiriu no município de São Paulo do Potengi. A viagem foi toda feita a cavalo. Tempos depois a viúva com os filhos se transferiram para a povoação de São Paulo do Potengi, onde foram viver de renda de um pequeno hotel.

Em 1925 por ocasião da visita de Dom José Pereira Alves àquela cidade, foi-lhe feito um convite pelo antístite para seu ingresso no seminário, o que de imediato foi aceito, já que era antes o seu desejo. Não obstante toda a pobreza material de nosso jovem, aos 05 de fevereiro de 1925 estava ele matriculado no Seminário de São Pedro.

Quatro anos depois, por ocasião da inauguração do Grupo Escolar “Coronel Maurício Freire” feita pelo Governador Juvenal Lamartine de Faria, estava presente José Adelino Dantas já demonstrando talento invejável e dotes de bom orador, no discurso por ele pronunciado. Tratava-se da palavra convicta e quente de um ex-aluno da ex-escola chamada “Rudimentar Mista”, agora transformada e elevada a Grupo Escolar.

Foi ordenado sacerdote, no dia 18 de novembro de 1934, no Santuário de Nossa Senhora das Graças e Santa Teresinha no Tirol.

O Cônego Adelino escreveu sempre nos jornais: A Ordem, no Diário de Natal, Tribuna do Norte, a Folha de Caicó e O Monitor, de Garanhuns.

Em 1945, escrevendo no jornal A Ordem, depois de ter lido críticas de um jornalista ao Humanismo, baseado

na constatação de que o número de alunos matriculados no curso científico era cada vez maior, ao passo que no curso clássico era patente a sua diminuição, assim escreveu: "Os que, porém, acreditam nos valores eternos do Espírito, sabem que o monumento erguido pelos Humanistas, num trabalho perene e fecundo de muitos séculos, há de ter sempre, aquelas características de eternidade que o Humanismo de Fídias, de Demóstenes, de Aristóteles, de Cícero, de Virgílio, de Terêncio, de Horácio e de Ovídio, reivindicou, para as glórias da Arte, da Eloquência, da Filosofia, da Ciência e da Poesia, glórias que a Fama haveria de perpetuar, no tempo mais esplendidamente, do que a sonância do bronze, eternizando os vultos e feitos dos Heróis".

O Cônego Adelino foi até agora o maior latinista de nosso Estado. Conhecia os clássicos romanos, dominava a literatura do Lácio e versejava até em latim. Durante o Concílio Vaticano II, conseguia se comunicar com a maioria dos Padres Conciliares e com muitos deles manter serenamente e com segurança, uma excelente conversação na língua que tanto amava.

O Cônego Adelino foi sobremaneira um polemista. São por demais conhecidas suas polêmicas na imprensa com o Dr. Lourenço Branco.

Livros publicados:

"Formação do Seminarista" – Editora Vozes, Petrópolis, 1947,

"Homens e Fatos do Seridó Antigo" – Editora "O Monitor", Garanhuns, 1962 e

"O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia, CERN, Natal, 1977.

Concluo estas rápidas pinceladas sobre aquele que foi pesquisador, latinista, amante da música clássica articulista, orador sacro, ensaísta e professor, com a mais profunda gratidão àquele que tanto marcou minha adolescência por tudo o que nele via e admirava, no convívio diário, a cada manhã na sua residência que nada tinha de palácio, não obstante nela habitar um verdadeiro príncipe da Igreja, soberanamente alto na mais baixa humildade.

CÔNEGO JORGE O'GRADY DE PAIVA

Terceiro ocupante da Cadeira 22

Nasceu no município de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, em 26 de maio de 1909, filho de José Ribeiro de Paiva e de Alzira O'Grady de Paiva. Estudou no Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense e no Colégio Marista de Natal. Foi ordenado presbítero em 18 de novembro de 1934 por Dom Marcolino Dantas, após os cursos de Filosofia e Teologia feitos no Seminário de Natal. Foi pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Canguaretama e da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Macau e, mais tarde, diretor do Colégio Diocesano Santa Luzia, em Mossoró e Capelão do Colégio Sagrado Coração de Maria, na mesma cidade.

Em 1944 foi para o Rio de Janeiro, onde foi incardinado a 04 de junho de 1945. Ocupou os cargos de Coadjutor da Paróquia Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, Capelão do Colégio Sion, Capelão da Sede

Residencial da Associação das Senhoras Brasileiras, Capelão da Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo, Capelão das Irmãs de Jesus Crucificado (Casa da Empregada) e Capelão da Irmandade do Divino Espírito Santo da Lapa do Desterro. Foi também Capelão Militar da Marinha.

O Cônego O'Grady foi membro da Academia Carioca de Letras e escreveu diversas obras:

“Verdade e Vida”, esboço biográfico do Côn. Luiz Monte - 1948 e 1996;

“João Gualberto, Varão da Eternidade” - 1952;

“Excelências do Rosário Pregadas por Vieira” - 1957;

“Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência” - 1968;

“Dicionário de Astronomia e Astronáutica” - 1969, 1975 e 1979;

“Prédicas e Miniprédicas” - 1977;

“Nos Domínios das Letras e da Ciência” - 1977;

“Prédicas, Saudações e Necrológios” - 1983;

“Arte e Beleza” - 1992;

“Interpretação Integral da Poesia de Augusto dos Anjos”;

“Florilégio de Vieira”;

“Viagem ao Oriente”;

“Dicionário de Nomes de Pessoas”. As quatro últimas listadas estão inéditas

Faleceu no dia 24 de janeiro de 2001, depois de longa enfermidade, no Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. O corpo foi velado na Igreja São Pedro, onde o Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales

celebrou missa de corpo presente. As exéquias foram também celebradas por Sua Eminência, no Cemitério do Caju, onde foi sepultado na Quadra da Irmandade de São Pedro.

CÔNEGO JORGE O'GRADY E A ASTRONOMIA

Profundo conhecedor de Astronomia num país que já contava com mais de 100 milhões de habitantes Jorge O'Grady traz ao público o primeiro dicionário de Astronomia no Brasil. O inusitado é que se poderia esperar tal fato de um homem inteiramente voltado para as ciências exatas ou até mesmo tecnológicas, jamais de alguém com toda formação direcionada para as Humanidades, Filosofia, Teologia e Letras.

Há 31 anos, em conferência por ele proferida aqui em Natal sobre Kepler, a quem ele acrescentou: Legislador do céu, comentava, que este julgava ser tal a força de natureza magnética, comportando-se os planetas quais ímãs, com imantação oriunda do Sol, em sua rotação (teoria dos vórtices) e chegou a dar nome a essa força: anima motrix (alma motora). Intuei a atração entre os astros sem lograr apreendê-la corretamente nem menos ainda, formulá-la – glória que caberia a Newton, em 1682, o qual, baseando-se na imagem geométrica do movimento planetário concebido por Kepler, descobriu a gravitação universal. Disse o sábio inglês: “Se vi mais longe é porque o fiz de ombros de gigantes” (alusão a Galileu e Kepler).

APRECIACÕES SOBRE A 2ª EDIÇÃO DO DICIONÁRIO DE ASTRONOMIA E ASTRONÁUTICA (EM CARTAS AO AUTOR)

Do Dr. Othon Costa, prefaciador da 2ª edição:

“Seu dicionário está destinado a ocupar a mais alta posição na bibliografia científica e literária do país”. (Em 16.10.75).

Do Gal. Aurélio de Lira Tavares, da Academia Brasileira:

“Nova e magnífica edição, ainda mais rica em verbetes e documentário num campo da linguagem que cresceu, e crescerá ainda, para enriquecer a Língua Portuguesa com a terminologia que de outra forma, vamos herdar de maneira confusa, nas traduções dos livros técnicos”. (Em 17.10.75).

De Carlos Drummond de Andrade, poeta e cronista:

“ O seu excelente dicionário merecia essa 2ª edição, mais atraente, a realçar-lhe os méritos, que são muitos. E merecerá outras, que o popularizem em benefício da cultura, com a aceitação em escolas, bibliotecas, etc., assim consagrando e compensando seu grande esforço”. (Em 28.10.75).

De Edgar Barbosa, da Academia Norte-riograndense de Letras:

“...belíssimo exemplo de alto estudo com o qual v. distinguiu nossa geração. O consagrador e justo prefácio de Othon Costa diz tudo quanto ao acervo de pesquisas e meditações que o A. construiu silenciosamente, como é próprio aos raros homens que lidam com a harmonia das esferas. Parabênizo-o pelo imenso conteúdo literário e didático dessa obra; pelo mundo que põe nas mãos dos

leigos e sonhadores; pela simplicidade com que defronta os enigmas que tentamos descobrir toda vez em que a vida nos leva a olhar para cima, em um mundo onde os homens andam de cabeça baixa”. (Em 9.11.75).

De Jean Nicolini, do Observatório do Capricórnio, SP:

“Confesso que esta obra me surpreendeu. Abarca tão numerosos detalhes, que não é de leitura superficial, mas de raciocínio! Faz o interessado não cair em interpretações errôneas ou mal dimensionadas acerca da ciência do céu. Lamento não ter tido conhecimento desse trabalho há mais tempo...”(Em 9.12.75).

De José Libindo de Azevedo, diretor do Observatório do Cruzeiro do Sul, Porto Alegre:

“Fiquei deveras surpreendido pela magnífica obra de sua autoria. É um livro para todos: professores, amadores e leigos. Às vezes eu precisava consultar dois ou três volumes para me inteirar de um assunto. Agora está tudo resumido em toda a extensão da obra”. (Em 9.12.75).

Do Prof. Caio Tácito, ex-reitor da UERJ:

“Obra singular e pioneira que, pela difusão dos conceitos, torna acessível a todos a compreensão científica do universo”. (Em 22.12.75).

De D. Antonio de Almeida Morais Jr., ex-arcebispo de Niterói:

“Nesta época agitada por tantas solicitações, romper com esse ruído universal para se fixar em um grande trabalho de pesquisa e investigação, qual o que realizou, constitui verdadeiro heroísmo. Que Deus lhe

conceda produzir novas obras que ilustrem e glorifiquem a Santa Igreja e honrem nosso clero". (Em 29.12.75).

Do Dr. Onofre Lopes, ex-reitor da UFRN e presidente da ANRL:

"Seu dicionário está me prendendo como nenhum outro: estamos vivendo um mundo novo, de nova linguagem e de muitas curiosidades que v. com admirável síntese, mostra claramente, para todos os níveis de cultura". (Em 6.2.76).

Do Gal. Tácito T. Gaspar de Oliveira, ex-chefe do EMFA:

"Alegrei-me de ver seu valioso trabalho compreendido e aceito. Em seis anos, quanta diferença para melhor! Cresceu e se enriqueceu, acompanhando a evolução das ciências de seu objeto. E ainda tem apêndices de indiscutível valor prático". (Em 7.3.76).

Do Boletim do Observatório Estadual do Paraná:

"Os melhoramentos introduzidos na presente obra a tornam um complemento ideal para todos, seja como exuberante fonte de consulta, seja como delicioso passatempo, principalmente pela maneira clara com que são apresentados os conceitos desse trabalho de fôlego, em 444 páginas bem impressas. Congratulações a esse batalhador da causa da astronomia, que é o Pe. Jorge O'Grady de Paiva". (Nº de Março de 1976).

De Esmeraldo Siqueira, escritor e membro da ANRL:

"Seu belo dicionário honra as letras e a cultura nacionais; atingiu uma altura bem merecida". (Em 30.12.76).

Do Prof. Roque R. Mendes, diretor do Observatório Betelguese (BA):

“No Brasil não conhecemos obra similar, protótipo de utilidade incomensurável, de grande adjutório para trabalhos científicos. Obra indispensável aos pesquisadores”. (Em 3.2.77).

O professor João Lyra Madeira, pioneiro da divulgação dos estudos das ciências espaciais no Brasil, entusiasta da Astronomia e fundador da Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro (SIRJA) diz:

“Como membro fundador da Sociedade Interplanetária Brasileira de São Paulo, tive acesso a quase todos os dicionários publicados no mundo sobre o assunto. Ao comparar o Dicionário Brasileiro com outras obras de igual destinação, fui agradavelmente surpreendido quando constatei a superioridade desta obra sobre as demais, algumas delas pioneiras mas, talvez por isso mesmo, incompletas e de didática duvidosa”. E acrescenta, ainda: “Nada de parecido existe em Língua Portuguesa e são muito escassas as obras do mesmo tipo em qualquer língua; creio, mesmo, que nenhuma delas inclui um número tão elevado de verbetes, todos eles tratados em linguagem clara, precisa e agradável à leitura”. Rio, 10 de agosto de 1968.

CÔNEGO JORGE O'GRADY E AS LETRAS

Descrever o nosso Jorge O'Grady é tarefa por demais difícil. No que ele foi maior, é impossível dizê-lo:

Homem das ciências

Orador sacro

Filólogo

Articulista
Escritor
Historiador
Poeta
Crítico literário
Conhecedor de vasta literatura universal

Em tudo, nos empolga. Permitam-me, só para ilustrar, citar um trecho do discurso por ele proferido na Academia Carioca de Letras aos 20 de setembro de 1973, por ocasião do centenário de nascimento de Alberto Santos Dumont.: “Neste ano centenário de seu nascimento veja-lhe o perfil mais alongado do que ele próprio divisou, das alturas imaculadas a que ascendeu, na atmosfera. E como, naquela memorável ocasião, ouviu o som álcacre dos carrilhões de Paris, a tocarem o **Angelus** do meio-dia, assim ora ouvimos, no Brasil, qual angélico e alvissareiro acento de magia, a saudação que lhe prestamos todos os brasileiros – Salve, herói nacional!

Novo Prometeu roubaste, no céu, o fogo sagrado e, mais feliz do que o lendário protagonista, não foste acorrentado à rocha; rompeste, pelo contrário, os grilhões que prendiam o homem à superfície da terra, tirando-o de sua condição de pássaro recluso para a do vôo livre, belo, sereno e altaneiro. Por ti singra o homem a terceira dimensão. E toda vez que, sempre ousado, transpuser a atmosfera terrestre e penetrar no espaço cósmico, ainda estarás presente, lembrando que astronáutica é ultra-aeronáutica. E presente estarás no avião-foguete, a combinação que tornou seu invento mais perfeito e que,

em breve, transportará passageiros, carga e correio simplesmente descrevendo arcos de elipse ou de circunferência, entre dois pontos do globo; como conduzirá, também, de regresso ao planeta doméstico, os que chegarem das rotas siderais ao cosmódromo ou plataforma espacial.

Em tua honra e memória ora inaugurou o Brasil, ao mesmo tempo no parque do Anhembi, em São Paulo (exposição) e em São José dos Campos (demonstração de vôo), o I Salão Aeroespacial, integrado por seis nações estrangeiras e numa demonstração de que a nova idade tecnológica também é fruto de nossas mãos.

Salve, ínclito pioneiro!”

Sabia como ninguém fazer literatura comparada. Observava na poesia as aliterações ocorridas e com exatidão ver o efeito onomatópico, de por exemplo um Euclides da Cunha. Quando pôs em paralelo os versos de Segundo Wanderley e Otoniel Meneses assim fala: “E, assim o que fizera, em belas estrofes emparelhadas, Segundo Wanderley com a glória de Severo, fez Otoniel, em não menos belas parselhas, com a glória dos jangadeiros. Um navegou pelo azul do firmamento singrando estoutros o azul das águas...”. Ele se refere à ida, em vinte e seis dias, de nossos jangadeiros em toscas jangadas, ao Rio de Janeiro por ocasião do centenário da Independência.

Quando analisa, para citar apenas um caso, a poesia modernista e polirrítmica de Otoniel Meneses que fez deste o maior representante desta escola em nosso Estado, democratizando a poesia e derrubando dinastia

do “verso medido”, já que pode haver poesia sem rima e sem métrica, nunca porém sem ritmo. Na poesia dele o modernismo vai abrindo novos horizontes ao senso estético dentro da filosofia da liberdade, igualdade e fraternidade, apregoados pela Revolução Francesa, e diz O’Grady:

Liberdade valendo por libertação do metro, da rima, da pontuação e maior variação do ritmo,

Igualdade, quanto ao tratamento poético das palavras, já não as havendo apoéticas; e

Fraternidade com relação aos temas, pelo universalismo e solidarismo humanos.

É outrossim, notável, uma página de beleza ímpar, a interpretação estilística de Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos, trabalho inédito de nosso antecessor, traçando paralelo entre “Os Sertões” e o “Eu”, pondo a descoberto o sortilégio estilístico de dois grandes homens de letras do Brasil.

Euclides da Cunha (“Os Sertões”) e Augusto dos Anjos (“Eu”), ambos, sem o saber, uniram-se para dar o máximo de sonoridade e fulgor verbal ao idioma, Euclides; na prosa e Augusto; na poesia, compuseram, com os fonemas, harmonias; transformaram-nos em notas musicais; fizeram, um dos capítulos de “Os Sertões” e, o outro, de seus poemas, partituras literárias. Aquele, o mais pujante expressionista. Este, o maior verbalista da poesia.

Mesmo sendo contemporâneos não chegaram a se conhecer, nem tão pouco mantiveram a menor correspondência. Augusto, no nordeste e Euclides, no sul. Nenhum imitou ou plagiou o outro. Nenhum teve a

intenção de se completar com escritos do outro, muito embora se tenham de fato completado. Ambos traziam já do berço excepcional talento para escrever deste modo. Tiraram da língua o máximo que puderam de belos efeitos rítmico-musicais como nunca ninguém antes dos dois o fizera.

Nosso homenageado antecessor com muita sensibilidade lamenta e chega a dizer que “Euclides espera quem faça, com “Os Sertões”, o que fez Carlos Gomes com o Guarani, de José de Alencar; porque sua obra não é menos digna de orquestração que lhe confira a imortalidade da ópera. Se o Guarani exalta o selvícola, a exuberância das matas, o canto dos pássaros, exalta “Os Sertões” a raça em caldeamento, a terra adusta e hostil, a luta titânica travada pelos sertanejos. E merece, também, ser transportado para tela, não podendo o cinema nacional desconhecer, por mais tempo, tão grandiosa obra”.

Não pretendi descrever completa e perfeitamente personagens tão insígnies. É tarefa muito acima de minhas modestas possibilidades. Para apresentar figuras de escol como as que vimos, a palavra é impotente e toda retórica deixa ainda a desejar, diante de homens retilíneos na conduta e mestres, com clareza meridiana, no uso da palavra, como em remígio de águia alçando o mais alteroso vôo nas regiões altaneiras da ciência e da eloquência, da planície onde me encontro maravilhado, os admiro.

Alguns deles não sabiam apenas “de tudo um pouco”, mas sobretudo “muito de tudo”. Foram

irrefutáveis, eruditos e áticos e enramaram de loiros a nossa Academia e quase dispensam encômios às suas mais ilustres pessoas. Seu opulento cabedal de conhecimento e mestria, em tantos ramos das letras e da ciência, deles faz o firmamento de nosso Estado, onde se destaca a figura inconteste e inconfundível do Mestre Cascudo, de cultura enciclopédica e estrela maior da constelação austral do Cruzeiro do Sul, característica do nosso hemisfério, a olho nu, composto de cinco estrelas, quatro delas dispostas em forma de cruz, e uma situada sob o braço da mesma, esta, representando o sempre homenageado desta Academia e as quatro outras, os acadêmicos juntamente com ele. Esta, senhoras e senhores é a imagem que me ocorre, em se tratando de quatro homens, entregues totalmente à Igreja, à Cultura e à Pátria. Todos ad lucem versus.

29/11/2002.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO CONÊGO JOSÉ MÁRIO DE MEDEIROS

Jurandyr Navarro

O eco do discurso de posse do homenageado desta noite, pronunciado há instantes, ainda ressoa qual hino jubiloso, atravessando arcos triunfais. É o hino consagratório do triunfo acadêmico. O verbo alado da sua eloqüência exprimiu o alto valor da formação em que se reveste a sua cultura humanística.

Senhoras, meus Senhores,

José Mário de Medeiros, Cônego da Igreja Católica, se adentra neste cenáculo das letras potiguares, exibindo as legítimas credenciais de embaixador da filologia.

Nascido na assolardada região do Seridó onde sedimentou, desde a infância despreocupada, o caráter bronzíneo de uma forte personalidade. Não imaginava, nessa idade, que o espírito curioso, em futuro próximo, se tornasse sonhador e especulativo, encetando longa caminhada peregrinatória pelas terras do mundo, atravessando, interminantemente, mares e continentes.

Na própria cidade-berço, que um dia chamou-se Vila do Príncipe, fez os primaveris estudos escolares, no então Grupo Escola “Senador Guerra” e no Seminário Diocesano Santo Cura d’Ars. O Curso Clássico faria em seguida, no Seminário São Pedro, em Natal; e, o Superior – Licenciatura em Filosofia, concluiria no Seminário Regional do Nordeste,

no Recife. E, nesse prolongamento pedagógico se especializaria em Língua e Literatura Francesas, na Universidade Federal da Paraíba.

Riquíssimo o seu *Curriculum Vitae*, em humanidades. Raros os docentes qualificados na Universidade Brasileira que o igualam, em cursos de pós-graduação e extensão universitária.

Cursou Exegese Bíblica e Arqueologia, em Israel; fez Bacharelado em Artes, na Bélgica; participou de Semana Cultural Luso-Brasileira, em Lisboa; conquistou o pomposo título de Maitre és Arts, na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica; estudou Parapsicologia; realizou curso de reciclagem bíblica em Jerusalém.

O novo acadêmico é poliglota versado em Hebraico, Grego, Latim, Francês, Inglês, Italiano e Espanhol.

Suas obras publicadas, dentre outras: “Decreto-lei do Sinai”, “Panorama Bíblico”; “Tentativa de Compreensão da Obra”; “O Pequeno Príncipe”; “Bem-Aventuranças” e “Topônimos da Terra Santa”.

No ministério sacerdotal inúmeras as responsabilidades assumidas, além de Vigário Universitário. Assumiu encargos de ordem religiosa e social, dentre outros: Foi ele o Primeiro Diretor espiritual da Renovação carismática Católica da Arquidiocese de Natal; Juiz do Tribunal Eclesiástico da citada Cúria; construiu, há anos passados, o Centro de Promoção Humana “Charles Foucaud”, que hoje atende cerca de quinhentas crianças e adolescentes na faixa etária de dois a dezoito anos; Edificou o Educandário “Venera Dantas de Medeiros”, para atender o Ensino Regular de primeira a oitava série

da Comunidade de Mangabeira, em Macaíba; construiu o Eremitério do Santo Lenho, provido de Capelas, alojamento, auditórios, destinado a receber Grupos das diversas Pastorais; construiu o Museu Sacro “João XXII”.

Empenha-se, presentemente, em edificar a Capela dedicada à Nossa Senhora, a João XXIII e ao Padre Pio Pitrelcina.

O Cônego José Mário de Medeiros foi Pregador de quarenta e dois Retiros, no Brasil e do Exterior.

Como se constata, teve ele o espírito plasmado pela nobreza de um ideal; - o ideal de servir através de marcantes empreendimentos de caráter religioso e social.

O ilustre Cônego sucede, nesta Cadeira, uma linha sacerdotal, toda ela impregnada de espiritualidade, de cultura e de grandeza moral.

Chama a tenção dos Senhores Acadêmicos, a singularidade desta Cadeira nº 22. o seu Patrono, Leão Fernandes; o primeiro ocupante e sócio-fundador, Luiz Monte; o segundo ocupante, Adellino Dantas; depois Jorge O’Grady e, agora, José Mário. Todos eles, sem exceção, políglotas e estudiosos da Lingüística. Eles todos, consumados cultores do humanismo clássico. Enquanto nas demais Cadeiras, desta Academia, inexistente esta uniformidade em sua sucessão, relativa à natureza de conhecimentos cognitivos, dos seus integrantes, na Cadeira 22, ela a exhibe em plenitude.

Essa preparação lingüística no manuseio do hebraico, do grego e do latim, habilitou à ilustrada plêiade sacerdotal a decifrar a esfinge de outros idiomas.

E José Mário de Medeiros, esteta da palavra, alteou-

se em conhecimentos filológicos no estudo exaustivo da sua Pós-Graduação no Exterior. Durante longo período, palmilhou a senda áspera da investigação das letras vivas e mortas. E nelas penetrou até os refolhos mais recônditos de suas raízes, em profundas cogitações.

Todos nós que compomos o quadro desta Academia, na sua pluralidade de saberes, devemos nos orgulhar de aquisição tão preciosa na notável cultura clássica do novo Acadêmico.

Evocar o classicismo literato é recordar a cultura lírica greco-romana, evocar o seu primado intelectual, os eu pensamento, a sua filosofia, a poética, a prosódia, a sua educação, a sua paidéia...

Embora tenha havido uma tendência modernista, uma transformação nas diversas manifestações da intelectualidade, no decorrer da história cultural dos povos: na oratória, no vernáculo, na métrica e outras vertentes da comunicação humana; podendo, mesmo, resultar em proveito cultural, porque tudo evolui sob pena de se fossilizar; a verdade é que as Letras Clássicas jamais foram relegadas ao museu das relíquias ultrapassadas ou mumificadas em sarcófagos dos túmulos históricos.

Essas Letras Clássicas desabrocharam na Helênia. Os epinícios de Simônides “transformaram o canto de lamento em canto de louvor, quando cantou os mortos das Termópilas” e entoou o celebrado hino: - “a sua morte é gloriosa, o seu destino é belo, o seu sepulcro um altar, em vez de lamentos, a recordação, em vez de compaixão o canto de louvor”.

Dele, a frase candente: ` “A pintura é poesia silenciosa; a poesia, uma pintura eloqüente”.

Louvando a grandeza de Atenas, declamou Píndaro, no seu “Ditirambo”: - “Oh! Atenas resplandecente, coroada de violetas, envolta em cânticos, gloriosa Pólis, baluarte da Grécia, cidade divina”.

A imagística de Píndaro é repleta de misticismo: Diz ele: - “Dos deuses nasce a força da capacidade humana, deles provém os sábios, os fortes, os eloqüentes”.

E o grande trágico Ésquilo? Autores categorizados assinalam ser a sua “Orestéia”, o maior empreendimento do espírito humano, igualando-se, somente, à arte divina de Miguel Ângelo.

Os “Epitalâmicos” e “A Prece a Afrodite”, de Safo, a sacerdotisa do amor, são outras relíquias literárias da antiguidade clássica.

A lira de Orfeu não aquietava a agitação da floresta e não silenciava a melodia dos pássaros?

E a latinidade clássica romana? Ela esplende com Ovídio, Horácio, Virgílio, Sêneca, com suas obras-primas respectivas: “Arte de Amar”, “Epístolas”, “Eneida” e “Da Tranqüilidade da Alma”.

A latinidade, dentre outros, deu um grande nome que encheu todo o século XIII, no final do Medievo – Dante Alighieri. Em Alexandria, a luz do seu famoso Farol, uma das sete maravilhas do mundo antigo, foi ofuscada pelas luzes do seu Museu e da sua Biblioteca. Da mesma forma, “A Divina Comédia” ofuscou a primazia da Apoteose artística da grandiosidade das Catedrais Góticas!

E, depois de um sono multissecular, espaço de tempo

que separa o século IV a.de Cristo, ao século XVI, da nossa Era, na aurora da Renascença Italiana; elas, as Letras Clássicas a arte pictórica, ressurgiram qual Fênix mitológica, para humanizar, com Petrarca e admiradores do Belo artístico, o espírito humano atordoado pela parafernália e o sincretismo de uma multiplicidade de seitas, de escolas, filosofias e religiões reinantes. Esse humanismo serviu pra higienizar, deleitar e enobrecer a alma humana atribulada. Até hoje, o humanismo ameniza o rigor da tecnocracia dominante.

O notável Acadêmico José Mário é um dos representantes dessa linha clássica, no Rio Grande do Norte. Pertencente a uma instituição que há séculos tem priorizado a erudição da Teologia, da Filosofia e da Filologia, ele se dedicou a esses estudos transcendentais, a ponto de especializar-se em Mestrado, feito no Exterior, nas Universidades européias de Louvain, e na Pontifícia Universidade Salesiana, em Roma. Nelas, concluiu o curso de Teologia; o bacharelado e Mestrado em Línguas Clássicas – Grego e Latim e Doutorado em Latim Clássico.

Entre 1991 e 1993, na Cidade Eterna, o Cônego José Mário teve o grato ensejo e a alta responsabilidade de ser tradutor de Documentos Pontifícios, tendo tido assessor direto do Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o Eminentíssimo Cardeal Ratzinger.

Consagrado ao sacerdócio religioso, o emérito acadêmico José Mário foi iluminado nas suas prolongadas vigílias, cuja fonte irradiava dois focos. Um desses reflexos luminosos clareou o seu entendimento para a Razão, o que fez entender a ciência idiomática; o outro reflexo,

alumiado pela Mente Divina, fez espargir o clarão da revelação. O sacerdote intelectual depara-se com essa dupla visão luminosa, harmonizando a Fé com a Ciência. Ambas, a Ciência e a Fé, iluminam o caminho da Verdade, por ele perlustrado e direcionado para a Luz eterna.

Esse aprendizado antepõe-se qual o invencível escudo de Aquiles, para os embates da vida; pugnando, sempre pugnando pela afirmação do Direito, opondo-se à Ignorância e pelo primado do Espírito, opondo-se à Matéria.

Ao homem é-lhe prometido fadário imortal pelos planos da Providência: Declarou um grande pensador: um educador notável, levando a mão, num gesto simples, da frente ao coração, dizia: - nesta pequena distância se encerra todo o homem. Uma alma perfeita é uma grande inteligência e um grande coração.

É o que se depreende da formação intelectual, moral e religiosa do homenageado da noite, toda ela revestida desse caráter de responsabilidade, fruto de contínua abnegação aos elevados ditames do cristianismo.

A criação literária é resultado de longa maturação para ser absorvida pelos sentimentos, pela imaginação e pela inteligência. Daí entender-se ser a linguagem, também, uma expressão espiritualizada.

Dos livros do Cônego José Mário, recolhi dois testemunhos de personalidade de nossa cultura. Um deles, de Dom Nivaldo Monte, que assim se expressou em período final do Prefácio, do livro "Bem-Aventuranças": "...O Pe. José Mário com seu estilo didático, com sua erudição filosófica, teológica e mística, com seu

humanismo universal, quer nos apresentar em figuras novas e vozes originais as Bem-Aventuranças de Jesus Cristo. Místico por vocação, ele se permite incursionar, com plena liberdade, de um poeta nato, no mistério da graça que lhe foi dado contemplar e viver, ajudado por uma erudição vasta e profunda numa alma telúrica e humanista nos meandros, por vezes intrincados, da psicologia humana”.

O outro testemunho é do pedagogo e poliglota Waldson Pinheiro, de saudosa memória, escrito na Apresentação da obra intitulada “Panorama da História da Bíblia”. Ei-lo: “José Mário de Medeiros é *expert* em Bíblia, com láureas neste campo obtidas no exterior. Seu nome ultrapassa já as fronteiras do seu Estado natal, o Rio Grande do Norte, e até as do País.

Em sua presente contribuição, na esfera da cronologia bíblica, adaptou, do original francês, para o vernáculo, este precioso Mapa, em que se visualiza a História Sagrada, patrimônio dos judeus e cristãos, na sua inserção no tempo e no espaço. Oferta, assim, ao estudioso das Escrituras, utilíssimo Guia Sinótico, que lhe permite divisar, em sua simultaneidade histórica, eventos de importância basilar para a toda civilização ocidental.”

Assim falou o pedagogo de grandeza ética Waldson Pinheiro.

A estes valiosos depoimentos, que comprovam o valor cultural do homenageado, outros poderão se juntar para cantar, pela voz de novos Simônides, a glória literária de todos aqueles que receberam o “fogo do céu” de Prometeu.

O nosso homenageado desta noite, imortalizou-se em vida celebrando, no altar da Cultura, a aliança das Letras com a Religião.

Seja bem vindo a esta Casa, Acadêmico Cônego José Mário de Medeiros, pelos altivos méritos conquistados.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO LENINE PINTO

CASCUDO. Três são as louvaminhas que a praxe exige sejam entoadas pelos candidatos à dignidade acadêmica, no instante em que se introduzem à imortalidade. A primeira, dirigida ao fundador desta Casa, Luís da Câmara Cascudo - gratificante encargo, posto que tive a sorte, comum à maioria dos meus contemporâneos e confrades no ramo das letras, de desfrutar da amizade pessoal desse grande incentivador, fonte freqüente de consulta para os rapazes do meu tempo, generosidade da qual eu abusava, permitindo-me importuná-lo pelo telefone. Lembro um fato da época em que cursava o primeiro ano do Clássico, e, não me acertava com o professor de espanhol sobre o significado da palavra "Jondo" num título de Garcia Lorca, telefonei a Cascudo, que me perguntou o contexto no qual se inseria a referida palavra. Disse-lhe que no "Llanto por Ignacio Sanchez Mejías" (o *Poema del Cante Jondo*) e ele destrinchou em cima da bucha:

- É Canto Chão, Lenine, Canto Chão!

* * *

Cheguei a partilhar com Cascudo e Albimar Marinho uma fase fugaz de bebedores de Brahma Porter, no período em que Newton Navarro nos trocara por sinecura na Instituto do Açúcar e do Alcool. A degustação dessa

cerveja exigia um pequeno ritual: que fossem mantidos pedaços de queijo do reino nos copos, para abrandar a espuma rebelde, negra, amarga, fortíssima. Que a conversa de mestre Cascudo adocicava...

Esses encontros ocorriam cedo da tarde, no calor do "reservado" da Confeitaria Delícia, propriedade do português Ovídio, o saudoso "destá q'eu chuto," que mandara Navarro pintar ali um belo mural. Bebericávamos até quase a hora em que, cessado o movimento comercial, mesas e cadeiras eram transferidas para a calçada da loja, e a confeitaria tornava-se propriedade privativa de Ticiano Duarte, de Alexandre Garcia, de Limarujo, da turma da pesada. Esse convívio boêmio foi interrompido em 1955, quando me mudei para o Rio de Janeiro.

Devo confessar que, por escolha de temas específicos de estudo - e, portanto, à exceção das histórias da Cidade do Natal e do Rio Grande do Norte - sou completo analfabeto na temática cascudiana, sobre a qual, aliás, Oswaldo Lamartine diz *não se atrever*: "É uma carretilha, um nunca acabar de artigos, ensaios, estudos, palestras, conferências, plaquetes, monografias e livros, emendado como cantiga de grilo..."

Sinto-me porém, em razão dessa imperdoável ignorância, impedido de falar sobre a obra do inextinguível Mestre, e, de qualquer forma, não desejo importuná-los estendendo este discurso além do tempo essencial ao registro do ato de posse, uma vez que a íntegra deste texto está sendo distribuída em separado.

* * *

JOSÉ DA PENHA. O capitão José da Penha Alves de Souza terá sido o último grande guerreiro potiguar. Nasceu em Angicos, ao pé do Cabugi, no dia 13 de maio de 1875, mas radicou-se em Fortaleza, onde cursou o Colégio Militar, constituiu família e, apesar da bem sucedida carreira nas Armas, ingressou nas lides político-partidárias. Era atuante deputado na Assembléia Legislativa cearense, quando das atribuições que promoveu no nosso Estado, por ocasião do término do governo Alberto Maranhão.

As arruaças oposicionistas desaguaram no tiroteio ocorrido aos primeiros minutos do dia 20 de julho de 1913 – não se sabendo, até hoje, de que lado partiu a fuzilaria em torno da casa de José da Penha, cuja luz fora cortada dias antes, e da qual resultou, depois de 40 minutos de fogo, em ferimentos num soldado do Batalhão de Segurança, e na morte de um incauto transeunte. Ainda assim o presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, tirou de cena o belicoso capitão, num único e recriminatório telegrama: “A vossa situação nesse Estado é insustentável (,) pela incontinência de vossa própria linguagem (,) traduzida em atos de violência, provocadores de conflitos, represálias e reações.” Termina determinando, taxativo: “Na qualidade particular de vosso velho camarada e superior, desaprovo formalmente os processos empregados para conseguirdes vossos intuitos (,) e vos aconselho a tomardes novo rumo, mais consentâneo com o vosso amor às instituições e à pátria.” Conforme estampou o jornal **A República**, do dia 4 de agosto daquele ano.

De volta ao Ceará, José da Penha engajou-se na

resistência do governador Marcos Franco Rabelo aos sediciosos de Juazeiro, instigados pelo Padre Cícero, a soldo do caudilho gaúcho Pinheiro Machado. O destemido capitão foi morto numa refrega “nos arraiais” de Miguel Calmon, à margem da via férrea de Baturité, sendo seu corpo encontrado na manhã de 22 de fevereiro de 1914. “Vitimado - relata Holanda Cavalcanti - pelas balas da corja de mercenários e de criminosos a serviço da politicalha pinheirista.” Penha fora “vilmente abatido pelo trabuco de um sentenciado, posto em liberdade para engrossar as hostes dos que diziam agir em defesa dos princípios da pura democracia...” complementa. Pura democracia? Só podia estar brincando...

Para Frederico Pernambucano de Mello, “um dos episódios de maior audácia da guerra do padre Cícero foi, sem dúvida, a morte do desse valente oficial das Forças legalistas, que tombou crivado de balas a ele dirigidas por um dos mais famosos cabecilhas juazeirenses, o célebre Zé Pinheiro (que) logo após o término da revolução, organiza um grupo - sem dificuldade alguma, já se vê - e passa a se entregar ao puro cangaço de profissão.” Irineu Pinheiro em *O Juazeiro do padre Cícero e a revolução de 1914*, p. 143, relata um dos fatos atribuídos a esse facínora: “à frente de numeroso grupo atacou Quintino Feitosa, delegado de Juazeiro, e após várias horas de luta matou-o, arrancando-lhe a faca o bigode, em um requinte de ferocidade. No dia seguinte à façanha (.) andava pelas ruas a mostrar o sinistro troféu. Nas bodegas, mergulhava-o na aguardente que depois bebia.”

ALVAMAR. Alvamar Furtado de Mendonça, que é a principal figura nesta tríade evocativa, nasceu no dia 13 de abril de 1915, no areento Tirol, ao qual já atendia uma linha de bondes, sendo ele descendente de uma linhagem de “funcionários públicos e professores primários, gente ordeira, temente a Deus e orgulhosa do seu nome de família.” Realmente, os Furtado de Mendonça, galardoados com títulos da nobreza lusitana, estão nos livros de história das navegações e, particularmente, da colonização do nosso país.

Alvamar teve o zelo de deixar para a posteridade, na contra-capa de **Jazz, Cinema e Educação**, pequeno registro bibliográfico pelo qual ficamos sabendo de sua vida escolar. “Pelo itinerário incontornável de muitas gerações” – conta-nos – chegou ele ao Atheneu, na fase turbulenta dos cinco anos de convivência com colegas depois espalhados por todo o Brasil, embora o curso “não tenha revelado gênios nem predestinações excepcionais...”

Informa, ainda, o nosso homenageado, ter jogado futebol, remado, e “querendo ser Johnny Weissmuller” nadou no rio Potengi. Ele e minha tia Cora eram namorados, “batiam” um *crow* cadenciado (não se dizia nadar para essa modalidade) e, com freqüência – para admiração dos outros banhistas da Redinha, e, para escaparem à bisbilhotice – iam refugiar-se na crôa que emergia diante da praia do mar nas marés vazantes. Antes que a tragassem as obras de dragagem e contenção na boca da barra.

Na pelota, era ele um do mais destacados craques

do Morte Futebol Clube, o time da turma conhecida como a “dos errados” do Atheneu. No remo, integrava, como *voga*, a guarnição de *out-rigger-a-4* do Centro Náutico Potengi (,) que durante anos levantou todos os campeonatos da categoria (,) até que, com a Guerra, os gigantescos Boeing 314 da Pan American, as lanchas torpedeiras da Navy norte-americana, e o tráfego ininterrupto dos petroleiros da Moore McCormick, fecharam as raias do Potengi às atividades desportivas.

Alvamar caminhava diariamente no percurso Praia do Meio-Forte-Praia do Meio, ao lado de abnegados dessa prática salutar. De começo, o grupo incluía José Waldenício de Sá Leitão, Odilon Garcia, Gilson Ramalho e outros. Nos últimos tempos, estava reduzido a quatro ou cinco partícipes: o próprio Alvamar, Dalton Melo, Álvaro Alberto Barreto, e o abnegado Carlos Lira. Quando mais jovem, ele chegou a viver uma fase vegetariana, propagando entusiasticamente a abolição das carnes vermelhas e das massas.

Na última visita que lhe fiz, para levar o livro sobre José Gonçalves, conversamos sobre nossos problemas de saúde e eu lhe reiterei que ele possuía o *handicap* de veterano desportista. Concordou, porquanto guardava a esperança – talvez recôndita certeza – de que o seu preparo físico, o histórico de uma vida saudável sem os excessos da culinária de muitas gorduras, sem os venenos do cigarro e do álcool, haveria de ajudá-lo, se não a vencer a insidiosa moléstia, pelo menos a retardar o amargo desfecho. Confiava na sua pujança e chegou a contar-me, com indisfarçável júbilo, que o filho Roberto

confidenciara a um dos médicos que o atendiam fora de Natal, que ele - apesar da idade e dos pesares - mantinha intacta a atividade sexual.

* * *

Mas voltemos aos anos de sua juventude.

Alvamar estudou na Faculdade de Direito do Recife durante o período que ele declina como “agitado” pela ascensão do nazi-fascismo, da guerra civil espanhola, e do estabelecimento, entre nós, da ditadura do Estado Novo. Bacharelou-se em 1939, ano em que rebentou a 2ª Grande Guerra e, de volta a Natal, foi nomeado professor de geografia, no mesmo Atheneu que viria a dirigir aos vinte e poucos anos de idade, e onde promoveu um dos mais importantes movimentos culturais já vividos pela Cidade - o ciclo de conferências aberto por Antonio Pinto de Medeiros com palestra sobre Anatole France, uma iniciativa logo apoiada e prestigiada pelo Dr. Juvenal Lamartine, então presidente desta Academia de Letras, e que chegou a ganhar título na obra *Presença de autores e de livros*, do nosso confrade João Wilson Mendes Melo, evocativo dos nomes que abrilhantaram aquele ciclo. Além do próprio Alvamar, e do já citado Antonio Pinto de Medeiros, João Wilson chama à colação Luís Maranhão Filho, Rivaldo Pinheiro, Américo de Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira e Edgar Barbosa. Isto é, a *nata* da intelectualidade natalense nos anos 40.

Alvamar manteve uma coluna de crítica

cinematográfica em **A República**, e ingressou no curso de oficiais da reserva do Exército, chegando a submeter-se a exames médicos (,) “entre temeroso e quixotesco” – como reconhece – sendo declarado apto para a “fornalha da guerra.” Felizmente maio de 1945 estava próximo, e, com a vitória Aliada, diz ele, “... a minha vida vestiu-se à paisana, até hoje.” Não apenas ele, mas toda uma *companhia* de jovens tenentes do NPOR, escapou da sagração de heroísmo com a FEB, na frente italiana: Escaparam, porque o navio que veio buscar o “escalão” potiguar, havia passado no ano anterior, 1944.

* * *

Com a queda da ditadura Vargas e a redemocratização, Alvamar fez sua primeira e talvez única incursão às atividades políticas, ajudando a fundar no Estado a *Esquerda Democrática*, um movimento socialista cujos integrantes rejeitavam as diretrizes ditadas por Moscou aos comunistas, daí serem taxados de espiroquetas (ou *enrolões*) pela linha dura do chamado “partidão” de Luís Carlos Prestes. Essa *Esquerda Democrática* (,) à qual se filiaram em todo o país os mais lídimos representantes da elite intelectual – uma espécie de PT sem sindicalistas – abrigava no comitê natalense, além de Alvamar, as figuras de Américo de Oliveira Costa, Omar Medeiros, Raimundo Nonato Fernandes, Rivaldo Pinheiro, Francisco Nogueira Fernandes, Joaquim Luz, e José Eurico Alecrim, segundo o registro de Moacyr de Góes em **Entre o rio e o mar** (p. 37.)

A *Esquerda Democrática*, a nível nacional, transformou-se no Partido Socialista, a que pertence a atual governadora do Estado.

* * *

Alvamar sempre foi o homem refinado que conhecemos. Mandava talhar seus impecáveis ternos na Alfaiataria Amazonas, de Amadeu Grandi; introduziu o laço de gravata com duas voltas, chamado “príncipe de Gales.” No final dos anos quarenta, começo dos cinqüenta, à exceção de Oswaldo Medeiros com a limousine Lincoln de doze cilindros, Mozart Romano com o Henry Jr. introdutor do estilo “rabo de peixe”, e Olavo Galvão, que trocara o futurístico Studebaker por gracioso conversível Nash – os automóveis da moda eram os Morris, Hillmanns, Renault “rabo quente” e Fiats “pulga.” Eis quando Alvamar introduz o elegante Ford Taurus, que ao término do século viria desbancar nos Estados Unidos o predomínio dos Honda *Accord*.

Certamente por influência do convívio com Sylvio Pedroza, por curto período de tempo e apenas em ocasiões especiais, Alvamar adotou o *slack* - a camisa que os americanos introduziram na época da Guerra, leve, folgada, que se usava por fora das calças. Afora essa exceção à regra, não abdicava do terno e gravata.

Sem jamais usar a carapaça da sizudez, Alvamar era um homem de inflexível seriedade. Essa seriedade teria sido péssima se alimentasse alguma veleidade eleitoral, o que não era o caso. Por outro lado, nunca perdeu o

charming, a esprituosidade e a gentileza, traços que encantavam as pessoas do seu círculo, ampliado nos últimos anos (,) com a adesão de amigos novos, como Álvaro Alberto Barreto e do nosso confrade Cláudio Emerenciano.

Grande *causer*, prendia as atenções, dominava as conversas. Era um excelente observador do cotidiano, repórter de coisas, pessoas e fatos. Lembro-o relatando no Conselho Estadual de Cultura o estilo das novas livrarias de Curitiba, e só então me dei conta de já conhecer tais inovações em filiais da Barnes & Noble, nos Estados Unidos, sem que tivesse dado a elas o condão de novidade que encantara Alvamar.

Por outro lado, mostrei-lhe certa vez um mocassim típico de pele-vermelha, adquirido na Argentina, pensando em surpreendê-lo. Ele me deu uma aula sobre esse tipo de sapato, igualmente familiar a aborígenes de outros países frios.

Alvamar tinha maravilhosas tiradas inventivas, como dizer que se conhece um alcoólatra por “beber em horas certas”, ou reconhecer um homem idoso porque os velhos não têm bunda, “perdem-na com a idade.” E, embora aceitasse o uso dos gorros americanos tipo baseball, condenava peremptoriamente os bonés baixos, padrão francês, usado pelos jogadores de golfe, e as boinas bascas, símbolos da Europa ibérica. Achava tais modelos *démodés*...

Ele não faltava aos encontros cotidianos com Eutiquiano Reis e Humberto Nesi à porta da Casa Vesúvio, em frente à parada dos bondes na rua João Pessoa, para

bater papo enquanto observavam o movimento dos passageiros de Petrópolis e do Tirol. Todavia, o lazer vespertino e as atividades desportivas jamais o distraíram da preparação para a magistratura como juiz do trabalho, e o magistério do Direito, que viria a exercer, com invulgar competência, na cátedra universitária.

No seu batismo como escritor, com a publicação de *Jazz, Cinema e Educação*, pela Imprensa Oficial do Estado, durante o governo Aluizio Alves (em 1961) confessa que “as responsabilidades dos meus cargos públicos não sufocaram minhas predileções literárias e artísticas.”

Esse livro estivera “engavetado” desde de julho de 1945, e, ainda hoje é fonte fundamental sobre os temas nele desenvolvidos, posto que Alvarado o construiu com energia de pesquisador e virtudes de estilista, englobando o sistema educacional dos Estados Unidos, que tanto tem influenciado as nossas “reformas”; e ainda a história do Cinema - mais precisamente do período de transição do cinema mudo para o cinema falado - sem misturar seu rico manancial de informações com os *gossips* - ou fofocas - que ilustram, a falta de melhores argumentos, grande parte dos painéis sobre os primórdios de Hollywood...

Preliminarmente, Alvarado vai fundo ao discorrer sobre a história do Jazz, entrelaçada umbilicalmente aos outros dois temas, e a qual constitui uma daquelas “predileções” que o acompanharam até o fim da vida. Eu tive oportunidade de participar na Casa Thomas Jefferson, em Brasília - onde estudei inglês do básico ao pré-Michigan -

de inúmeros simpósios sobre jazz, alguns com duração de semana inteira, sempre ilustrados com exceções ao vivo de artistas famosos, e até assisti à projeção, comentada, do extraordinário filme *Rag Time*, mas nada que se compare com a análise desenvolvida por Alvamar, nessa preciosa *plaque*.

Enquanto os americanos limitam-se a tratar das manifestações jazzísticas ocorridas no início do século XX em New Orleans e Chicago, Alvamar foi desencavar as origens da música eminentemente negra no hinário religioso - a salmodia protestante - trazida pelos colonos que chegaram a Plymouth, na Nova Inglaterra em 1620. Uma longa história que decorre "da aproximação do homem de cor com os salmos luteranos", desse "extraordinário pendor do negro para a música" - o que, conforme salienta - "permitiu-lhe efetuar transformações no canto religioso, usando-o para suas lamentações (...) imprimindo-lhe um ritmo novo, trepidante, de um contágio irresistível, que deturpava seriamente os salmos regulares."

Acontece que, tendo os escravagistas proibido as conversas no trabalho e, sendo "proibidos de falar," os negros cantavam. "Cantando, começaram a se comunicar uns com os outros", conforme relata Sérgio Porto, acrescentando: "Todo um código verbal nasceu dessa limitação da necessidade de falar, hoje perdido, mas cuja história chega até nós. Foi esse um dos primeiros sinais de revolta que nunca mais abandonaria o povo negro dos Estados Unidos. Quanta conversa de amor, quanta senha de aviso, quanto plano de fuga não deve ter corrido a pauta invisível (,) estendida sobre o algodão

em flor! Que poder de inflexões novas não deve ter acrescentado à voz crestada de sofrimento e revolta, nos solos, duetos e coros campestres.” Tudo isto está na pequena porém valiosa obra de Alvamar.

Das *slaves songs* os negros passaram aos *spirituals*, aos *shouts* (gitaria) aos *hot* (ritmos apimentados) (,) aos tristonhos *blues*. O jazz escapou das ruas de New Orleans para as *house renty parties* (festinhas de vizinhança dos pobres de Chicago) e, já sob a forma de *rag-time* (o estilo de jazz caracterizado pelo ritmo melódico caprichosamente sincopado) tomou conta de New York. Começava a era da Dixieland.

De toda essa algarvia musical Alvamar acumulou farta literatura – parte dela concedida por ele ao exame do musicólogo Ernani Rosado – e, principalmente, seleta acervo de gravações, que esperamos seus filhos e netos continuem a enriquecer.

* * *

Há ainda que se ressaltar o grande mérito de Alvamar como memorialista - e sua verve - apimentada com pitadas de exagero que davam a graça aos seus comentários. Apresentando meu livro “Natal, RN” na Livraria de Walter Pereira, nos idos de 70, salientou que os presentes não seriam tocados, como ele, pelo texto evocativo, porquanto o lera no Rio de Janeiro - longe e saudoso de Natal - e se deparara com o fato de que ali estava, *inteira*, toda a nossa Cidade, com seus personagens e seu bulício... (Quem me dera!)

De outra feita, ao concluir em Brasília - no mesmo dia em que viajaria para Natal - uma prova escrita na cadeira de Direito Comercial, do exigentíssimo desembargador Hugo Auler, lembrei-me de copiar algumas questões e as respostas que dera, para submetê-las a Alvamar.

Devolveu-me com uma massagem no ego, dizendo que, aqui, aquelas seriam perguntas de concurso para Juiz de Direito!... E eu acertara todas.

* * *

Há ainda a ressaltar, na bibliografia alvamariana um trabalho de 1952, que tem estado à sombra de *Jazz, Cinema e Educação*, porém não menos importante - **Graça Aranha em duas perspectivas** - no qual reporta-se à deflagração do movimento modernista (,) bem assim a influência das "bases espirituais do fascismo" sobre este escritor. Alvamar está se referindo à pregação de Marinetti, Felippo Tommaso Marinetti, autor egípcio-franco-italiano ao qual se deve o edito de um Manifesto Futurista, publicado no *Le Figaro* de 20 de fevereiro de 1909, no qual celebra o poder das máquinas (o dinamismo, a velocidade, a energia) e a vitalidade das mudanças na vida da sociedade moderna.

Graça Aranha, esquecido pelas novas gerações, foi peça fundamental no desabrochar e na consolidação da Semana de Arte Moderna de 1922, um revolucionário que terminou renunciando, para espanto geral, à imortalidade da Academia Brasileira de Letras, da qual fora fundador.

Alvamar, com aquela precisão que se convencionou

chamar de “cirúrgica”, faz a análise da transição do “escritor verboso, dado a abstrações, carpinteiro de uma construção literária tantas vezes artificial” de 1902 – quando lançou seu romance **Canaã** – para a fase na qual o “velho Graça”, sob influência de Tobias Barreto, na Faculdade de Direito do Recife, viria a transformar-se num dos líderes vanguardistas da mencionada Semana de Arte Moderna.” Um trabalho imperdível.

* * *

Para não vos cansar além do que seria tolerável, resta dizer que conheci Alvamar muito jovem, como acompanhante de minha tia Cora na ida deles ao cinema e até mesmo para os passeios na “pracinha,” posto que moça de família naquela época não podia sair com o namorado, salvo se estivesse acompanhada de algum familiar. Depois, fui aluno do Atheneu quando ele era o Diretor, e assim, para além da admiração pelo tio e mestre – a cuja apreciação viria a subordinar, de futuro, os meus escritos – fixou-se uma estima fraternalíssima.

Sabe Deus o quanto me sinto honrado em poder substituí-lo na vaga desta cadeira, mas não no grande vácuo que deixou não apenas aqui, mas na paisagem natalense, tanto humana quanto intelectual, e por poder saudá-lo, parafraseando Lorca, como *um cavalheiro tão c laro, tão rico de venturas...*

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO LENINE PINTO

Nilson Patriota

Lenine de Barros Pinto, a quem nos coube a honra de saudar em sua posse nesta Academia, é autor de livros famosos e consagrados pela crítica especializada e pelo público. É o segundo a ocupar cadeira n. 34, patronato do capitão José da Penha, na vaga deixada pelo inesquecível mestre e acadêmico Alvarado Furtado de Mendonça.

Lenine é intelectual lido e corrido, conhecer dos idiomas e da literatura de países como a França, a Espanha, a Inglaterra e os Estados Unidos. Desde sua juventude, ele colabora em publicações do Rio Grande do Norte e de outros Estados. Seus livros começaram a aparecer por volta de 1975, quando publicou a obra intitulada NATAL, em que cuida, como ele próprio afirma, *de evocar ao lado das figuras mais antigas de suas reminiscências, aqueles a quem deve o melhor de sua atividade nas várias áreas em que se destacara*. O livro, em espécie, corresponde a uma viagem, não sem lucidez e emoção, pela Natal ainda provinciana de sua mocidade. Nele, narra e relembra fatos e figuras; evoca, comenta, enaltece e fixa no espaço e no tempo o que era | Natal e aqueles que a habitavam em sua infância e juventude.

Vinte anos depois desse auspicioso livro de estréia, Lenine Pinto ressurgiu com um outro em que põe o título de NATAL, USA, reportando-se ao relacionamento súbito

e memorável da cidade nordestina e precária, de 50 mil habitantes, carente de infra-estrutura e de progresso, com a vasta problemática da guerra que para cá foi transportada com a necessária parafernália tecnológica e os complexos interesses da mentalidade política dos Estados Unidos da América, país que se obriga a transformar-se em guardião da civilização cristã ocidental ameaçada pelo nazi-fascismo daqueles tempos obscuros.

Seu livro é primoroso, um vasto e árduo trabalho de estudo e pesquisa que recebe a atenção da crítica especializada e sobre o qual refere-se o genial historiador Luís da Câmara Cascudo, saudando seu autor com palavras de júbilo e de incentivo.

Gratas saudações pelo ensaio movimentado, colorido, feiticeiro de atração e originalidade, em que fixou a presença norte-americana na Cidade do Natal e onde estão figuras, datas, fatos, seqüências, atividades bélicas, administrativas, sociais e sexuais, que não supunha de possível condensação divulgativa, e que se apresenta em forma de uma delícia de segurança, leveza, nitidez e bom-humor.

Cascudo encerra sua nota –de estilo leve, enxuto, culto e amável – parabenizando os leitores pela oportunidade de conhecer o tema que Lenine Pinto analisou a fundo e extensivamente com propriedade e competência.

Em 1998, três anos depois do lançamento de NATAL, USA, Lenine volta a atrair para si a atenção da crítica literária nacional enquanto instiga, estarrece e provoca a ala conservadora da historiografia brasileira com a

REIVENÇÃO DO DESCOBRIMENTO, obra que brindamos com artigo publicado na imprensa natalense e que consideramos uma das mais autênticas, embora inusitada e intrigante, de quantas em qualquer tempo foram publicadas a respeito de assunto tão polêmico e delicado. Com seu livro da REIVENÇÃO Lenine inicia, praticamente, o processo de revisionismo da história de nossa terra. Não ocultamos que o tema abordado não é para ser enfrentado por qualquer um, daí lhe ter consumido tempo e estudo e a consulta a mais de uma centena de fontes e algumas viagens à Espanha, Estados Unidos e Portugal. Com a publicação da REIVENÇÃO, Lenine deixa em pânico e *suspense* uma parte de nossos historiadores, todos reconhecidamente honestos e competentes, que preferem continuar fiéis à narrativa oficial do Descobrimento da bacia amazônica. É obra consagrada aos leitores de e que dispensa comentários. Pela erudição e clareza a é abordado, esclarece de uma vez por todas a questão, ampliando largamente a dimensão do assunto.

Lançado em Lisboa e em Natal, o livro não mereceu apenas a aceitação da crítica, tendo empolgado leitores e leitores.

No ano 2000, num exaustivo trabalho de pesquisa, Lenine Pinto volta ao tema que o tornou nacionalmente comentado, com o livro por ele intitulado: AINDA A QUESTÃO DO DESCOBRIMENTO, que se destina a levar ao conhecimento de seus leitores numerosas evidências náuticas e fontes documentais que apontam a área do Cabo de São Roque, em Touros, como provável

ancoradouro de Pedro Álvares Cabral. Livro pródigo em informações, merece ser lido, não só por historiadores ou interessados no assunto, mas sobretudo pelos leitores, que se ressentem de uma visão mais ampla e nítida da história polêmica de uma de nossas principais questões.

Ainda no ano 2000, Lenine Pinto ofereceu a seus leitores, mas desta feita em forma de brinde literário, por ele organizando e apresentando, o que intitulou de COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES, livro que resgata e põe em evidência um dos ícones poéticos de sua geração, ainda hoje querido e admirado pela intelectualidade natalense.

Grande significação tem para nós a obra de Lenine Pinto, que é feita de prosa, de história e de poesia em cadência vibrante, intensa, que chega a lembrar o sonoro e apaixonante ritmo de Walt Whitman, se, como Emerson, quisermos admitir que a linguagem é poesia fóssil transformando as palavras em símbolos abstratos, em idéias, metáforas e em verdades.

A história da literatura universal é disso o melhor exemplo, pois não é só o relato dos fatos narrados a partir de mitos, lendas e tradições, mas a própria poesia contida na manifestação de cada acontecimento. Jamais diria como Joice, que “a história é um pesadelo do qual desejo despertar”. Para mim a história é um ato poético, e é preciso lembrar que os nossos primeiros historiadores foram bardos e rapsodos, que com as sagas épicas construíram o acervo do que hoje conhecemos a história das civilizações.

Não há como não ser controversa ou contraditória a História.

Em matéria de conhecimento, mas sobretudo dos fatos acontecidos nas longas singraduras pelos vastos mares da terra. Em história é sempre impossível se determinar qual seja a última palavra. Os exemplos estão por toda parte. Presumivelmente, Roma teria sido fundada por Eneas a partir de 758 antes de Cristo, mas a lenda insiste em que aos gêmeos Rômulo e Remo, que teriam se alimentado com o leite de uma loba, deve-se a fundação daquela a que se convencionou chamar Cidade Eterna, embora saibamos que nada é tão duradouro para que se torne eterno.

Fatos irrisórios e simples, como os que se referem ao nascimento de governantes, poetas e artistas, apresentam contradições e geram, muitas vezes, discussões polêmicas. Na verdade ainda restam dúvidas acerca dos lugares em que nasceram os poetas Shakespeare, Dante e Ferreira Itajubá. A dúvida não persegue os biógrafos e historiadores, mas todo o orbe literário gira pleno de contradições.

A história é uma busca que nunca termina.

Não por acaso, os historiadores são suas vítimas comuns. Muitas vezes são envolvidos pela aparência e a pressa, outras vezes são levados a acompanhar o equívoco da maioria. Nada menor e mais comezinho que a incerteza do que o lugar de nascimento de autores famosos. Entretanto, para que isso aconteça, só é preciso que alguém, por incúria ou desleixo, haja entregado o próprio batistério, ou registro civil, à obscuridade de um gaveta esquecida.

Poucos registros históricos merecem a confiança de serem verídicos ou terem se passado como foram narrados. Geralmente a lenda e a realidade se confundem. Fatos que julgamos irrefutáveis, incapazes de serem contestados, de repente são dados por apócrifos ou inverídicos. As pessoas mais simples sabem que um equívoco histórico pode acontecer. Por isso mesmo não são raros os indivíduos que não acreditam que os astronautas norte-americanos hajam pousado na face fria da lua, mesmo quando a televisão nos demonstrou esse feito em seus mínimos detalhes. Em contrapartida, há pessoas que tem como certa a existência dos *liliputianos* de Jonathan Swift, autor das *Viagens de Gulliver*.

A tantos mitos criamos e a tantos derrotamos, que se contam aos milhares os que nascem e desaparecem no transcorrer de cada civilização.

É próprio do ser humano deixar-se dominar pelo fascínio de obscuras crenças, de fantasiosas cosmogonias. Ideologias religiosas, as mais estranhas, em geral são aceitas, dependendo somente do carisma ou dos métodos dos que as teorizam. Fácil de penetrar é o material metafísico, do Shakespeare dizia possuir a consistência dos sonhos.

Vejamos a filosofia e seus vários sistemas.

Quanto mais misteriosas e tanto mais extravagantes, admiradas são as teorias que não conseguem afirmar absolutamente nada, e que, no entanto, impressionam. Certas teorias, de profeta idade, ainda hoje se acham profundamente arraigadas ao nosso pensamento. Algumas delas, profundamente arraigadas ao pensamento oriental,

chegaram-nos ao longo do tempo através de gregos e romanos. Seus veículos foram as brilhantes mentes de Pitágoras, Empendócles, Zenão, Xenófanés, Platão, e se referem à transmigração da alma, à catástrofe e afundamento da Atlântida. A do Eterno Retorno, após amplamente discutida por estóicos e pitagóricos, refutada por Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, voltou a ser vitalizada, dois mil e quinhentos anos depois, pelo gênio de Nietzsche que, sem se importar com o que as futuras gerações venham a pensar a seu respeito, assegurou que a referida teoria lhe pertence.

Outras, não menos surpreendentes, chegaram a impressionar cérebros tão racionais quanto o de Shopenhauer, que então desenvolveu a teoria de que o mundo não passa da representatividade e da vontade. Sua mais importante obra trata deste assunto.

E, para não deixar sem registro a mais estudada e talvez de todas a mais conhecida, a dos Arquétipos platônicos.

Que verdade existe ou poderá existir em cada uma dessas teorias que formaram como que a espinha dorsal da metafísica moderna, sobre a qual se debruçam as mentes mais inteligentes do planeta?

Há uma teoria, bem próxima da história, que não devemos esquecer de citar. A teoria pré-nazista da superioridade da raça ariana e conseqüente inferioridade das raças mestiças, chamadas de sub-raças pelo farsante conde Gobineau. Pois essa teoria, tão insensata e carente de base científica, foi acolhida como correta por nossos historiadores, sociólogos, antropólogos, etnográficos,

naturalistas e, de resto, homens de letras do século XIX, até que apareceu Gilberto Freire, que a deitou por terra com a modernidade de sua argumentação científica e fundada em irrefutáveis experimentos.

Despertada de seus pressupostos racistas induzidos por Gobineau, os homens de ciência felizmente abominaram, por absoluta falta de base científica, essa impostura da superioridade racial, que tanto instigou nazistas e fascistas na pretensão de escravizar os povos não arianos do mundo.

O homem é criador nato de idéias e coisas. E, às vezes, as mais inacreditáveis afirmações nos levam a ver o foco luminoso da verdade. Vates e homens de ciência (e o historiador não deixa de ser um deles), viveram sempre a criar ou a recriar partes do universo mental que compõe a *etnobiótica* do planeta.

Lenine Pinto, a quem com orgulho recebemos nesta casa, também tem sua teoria. Esta se fundamenta em estudos aprofundados das condições geográficas e ambientais do litoral de Touros. Ele, como grande estudioso do assunto, não desconhece o persistente trabalho dos ventos e das correntes marinhas. Estas, conforme se conhece, naquele ponto específico da costa produzem uma situação ímpar de navegabilidade. As singraduras dos que penetram nos Baixos de São Roque, transitando entre urcas, parcéis e arrecifes, geralmente são dificultosas. Daí a quantidade de sinistros marítimos que pontilharam aqueles páramos pedregosos em épocas em que os navios tiravam sua velocidade e potência da força das marés e dos ventos. É que, em toda a extensão desse

canal, que a Natureza construiu, os ventos e as correntes tendem a encaminhar as embarcações ao encontro do saliente costeiro. E, naquele trecho específico, a plataforma marinha avança e se aprofunda no oceano, enquanto abaixo da superfície marulhante se ocultam lajedos, andurriais medonhos, disformes socavões.

A teoria de Lenine Pinto é a de que o litoral de Touros esconde a verdade sobre o Descobrimento. Não é isto verdade? E por que não é verdade, se não se pode provar que não é verdadeiro?

Eis aí um tópico ostensivamente polêmico de nossa história que somente o tempo poderá esclarecer. Um fato, porém, torna-se terrivelmente evidente: querendo ou não, vamos ter de conviver com sua tese; aceitando-a ou não, vamos tê-la presente em nossas preocupações históricas. As teorias têm seu caráter, que jamais é unânime, e, mesmo incomodando não se deixa esquecer. A não ser que alguém, munido da verdade –se é que existe esse alguém –consiga refutá-las de forma absoluta, cabal.

Ao criar sua teoria o historiador não procura enganar. De modo consciente, o que ele persegue é a verdade. Seu desejoso não é o de prefigurar uma realidade, mas o de estabelecer a verdade que não foi vista, apesar dos homens e do tempo. Ambicioso, não lhe interessa algo momentâneo ou passageiro. O que ele procura incorporar ao seu nome é algo capaz de resistir aos séculos.

Sou adepto da idéia de acreditar que com a REIVENÇÃO DO DESCOBRIMENTO, o historiador Lenine Pinto encontrou seu momento. Eu o invejo, pois suspeito que a existência humana vale, em sua grandeza ou

pequenez, pelo que se passa na mente do indivíduo que atinge o ápice de um momento. É aí que ele sabe –de forma definitiva –o que pode e o que é no contexto do tempo e do meio a que pertence.

Precisamos refletir sobre esse momento mágico ou quase mágico. O homem que formula sua tese só se sentirá recompensado com o reconhecimento daqueles que o conhecem e que o cercam. Essa coisa, porém, tão desejável, nem sempre vem enquanto ele vive. Mas poder testemunhar que estava certo, quando todos ou quase todos o negavam, é a maior –e talvez única – recompensa do criador de teorias. Se, vivo ainda fosse, talvez o próprio Cristo teria se sentido glorificado ante o terremoto que pôs por terra o templo daqueles que o levaram à cruz por heresia.

Mas, se a frase é lícita, não é muito lembrar que é sempre a posteridade, e não a contemporaneidade, quem se encarrega do julgamento da verdade das idéias, das teses, das descobertas e dos acontecimentos que não puderam ser compreendidos e analisados sem uma forte carga de paixão. Somente a posteridade tem visão absoluta e a linguagem própria para dirimir as dúvidas e os procedimentos, principalmente quando controversos.

As palavras existem para explicar, mas nem sempre conseguem desnudar uma idéia que contradiz de seu revestimento. Em alguns casos, acham-se ocultas pelo invólucro abstrato que lhes modifica o sentido, dificultando o próprio enunciado. Muitas vezes, as palavras chegam à verdade simbolizam metáforas, ou vice-versa.

Por que não o descobrimento em Touros?

Pensemos na aventura que levou à saga dos portugueses relativa ao Brasil no mês de abril de 1500. Uma coisa logo fica clara: a ausência de pretensão hedonista, de tons verdadeiramente religiosos e morais, e confirmações científicas que justifiquem o épico desafio –que para nós continua lendário –de se alcançar o desconhecido através de mares tão vastos e temerários como eram aqueles sulcados pelas caravelas portuguesas ao se depararem com a novidade da *Terra Brasílis*. Primeiro, na forma de um monte, depois, de pessoas que pareciam afáveis e descontraídas ao mostrarem “suas vergonhas” , como escreve o cronista. A história dos descobrimentos, não só do Brasil, mas das outras terras conquistadas na época das grandes navegações, continua sendo um relato lendário e histórico, pois só se meditando em tudo que ocorreu é possível acreditar na loucura que foi o consórcio da ambição da aventura com a ânsia de riqueza e de glória. Esses, seus verdadeiros intentos, devem ter sido, antes de quaisquer outros, os intentos das viagens.

É sabido que há muito se sonhava com o achado de tesouros. Com a descoberta de ilhas ou porção de terra firme. Em alguma parte de sua obra, Borges lembra que tudo o que move os homens –o desejo, o temor, a ira, o prazer carnal, as intrigas, a felicidade – é passível de tornar-se matéria de conquista. Esta, por sua vez, integra o legado intelectual da espécie humana. Lenine Pinto não é o único a pintar com novas cores a descoberta da terra brasileira, que nos permite observar de perto, aqui mesmo

no Rio Grande do Norte, pois em Touros, o resultado de uma aventura incomparável. Publicando seu livro, Lenine torna próximo, embora polêmico, o descobrimento, mas também o torna importante. Primeiro, porque não escreveu um livro de afogadilho, mas de erudição. Em sua obra são citados mais de cem autores de grande conhecimento náutico; pessoas habituadas a velejar por esses vastos mares, e algumas até que já fizeram a circunavegação da terra algumas vezes.

Por ser diferente, com o passar do tempo seu livro vai adquirindo maior importância. Recebe mais e mais a manifestação dos que desejam expressar que sua pesquisa não foi inútil, pois é algo admirável e verdadeiro.

Para muitos de seus leitores um livro é tanto mais importante quanto maior for o anseio com que foi produzido, já que não deve ser apenas a revelação pura e simples de um fato. Se assim concebido, nesse livro há de haver maior valor que o que está sendo percebido pela historiografia contemporânea. Há, certamente, imprecisões nesse livro, como em qualquer outro que se apresente ao público. Mas não há razão para que as coisas sejam estritamente perfeitas, quando há claras evidências de que a própria Criação trabalha a perfeição com lamentáveis omissões.

Uma coisa, porém, quero deixar bem clara: não será uma prudente imprecisão, fator de desmerecimento de uma obra que contou com o fervor de tornar lícita a arte de fazer, refazer e revisar honestamente a história.

Sobre o livro de Lenine, muitos já se pronunciaram. Uns, de forma favorável, outros, negando seus

fundamentos básicos, coisa esta sem a mínima importância, já que o verdadeiro julgamento só virá com o tempo, e não com os acasos circunstanciais.

Serão tempo e circunstâncias que se encarregarão de falar de sua inutilidade ou de seu valor. Esperemos.

Por enquanto o autor vem enfrentando a oposição dos meios mais tradicionalistas da historiografia brasileira. Alguns não vêm com bons olhos a inovação que o livro de Lenine trouxe. Resta, porém, o consolo de que não será a opinião desses senhores a invalidar uma obra, muito menos uma idéia.

É quase certo que em certos casos o que dizemos nem sempre se parece conosco nem tampouco com o que somos. Lenine não cometeu esse pecado: toda sua obra é a sua forma de ser. O escritor pensa e fala com espontâneo ardor. Continua sendo como no tempo em que se iniciou no rabisco de seus primeiros escritos.

Ninguém menos parecido com Proteu, o deus das muitas faces. Não é capaz de delibêrar apenas para contrariar ou afirmar o oposto de tudo quanto pensam os demais. Não alimenta o gosto de irritar e confundir. Ora, é bom que se diga: um escritor não está obrigado a vestir a camisa do partido dos bem comportados, nem de seguir, à unanimidade, a praxe estabelecida. Segundo o dramaturgo Nelson Rodrigues, a unanimidade é sempre burra, tendo ele uma certa razão. O escritor não está obrigado a seguir o comportamento da maioria de seus contemporâneos, mas a atender seu instinto analítico e seguir o espírito crítico que o acompanham. O que tem a fazer é buscar a natureza das coisas, penetrar em seu

âmago, sem temer profaná-las ao revelar o que em seu mistério se oculta.

É dessa forma que nos identificamos como seres racionais. Se não formos capazes de entender e de modificar valores e fatos, sempre que nos ocorre entender como falsa a perenidade da casuística ou do prognóstico dos homens, estaremos falhando conosco e com os outros.

Quero revelar minha simpatia pela tese que inclui o litoral de Touros, no Estado do Rio Grande do Norte, como ponto privilegiado do descobrimento da terra brasileira, conforme é postulado pelo historiador e agora acadêmico Lenine Pinto. Por isso faço deste discurso, não o princípio da santificação de Touros como relicário da primeira missa, a Bahia, mas declarando, alto e bom som, que acho possível, por mais extravagante que a novidade nos pareça, que o descobrimento de 1500 tenha acontecido em vários pontos da costa. Primeiramente em Touros, por sua oceanografia favorável e circunstâncias geográficas, depois em outros pontos da costa e em seguida na Bahia. Mas, se em Touros, tal como pretende Lenine Pinto, a quem saúdo em nome desta casa, melhor que em outro lugar qualquer e porque a Touros convém ter acolhido aquela estropiada expedição de navegantes que se encaminhava para da carreira das Índias quando para lá julgava navegar. Há certamente uma história de registros não escritos, perdidos, camuflados e ainda não descobertos que não foi até hoje contada. Daí a polêmica que envolve o descobrimento da Terra Brasilis, na qual, segundo alguns autores, pelem o Ceará, o Rio

Grande do Norte e a Paraíba contra o açambarcamento da Bahia.

Sei que as conseqüências de meu postulado em prol de Touros na história do descobrimento não vai mudar o que prefigura a face incrédula ou risível daqueles cuja crença na palavra antiga e escrita é tão elementar que nenhum argumento, por arguto que seja, poderá demovê-los ou encaminhá-los no sentido de uma concessão menos rígida ou de uma outra variante menos intolerante. Quase sempre prevalece a imutabilidade daquilo que foi enunciado primeiro. Dessa forma a tese de Lenine Pinto continuará, talvez por longo tempo, como um livro aberto mas insuspeitável em sua verdade histórica, sem que a contingência e o mecanismo de propósitos que orientam e dominam as lendas e as idéias há muito estabelecidas consigam ser mudados.

Enquanto isso, para certos pesquisadores a história do descobrimento do Brasil permanecerá secretamente patética, dela não se conhecendo senão a aventura e o acaso que guiam as velas daqueles ousados marujos que cegamente a empreenderam.

A mais importante descoberta é feita, como sabemos, enquanto se projeta trocar produtos ocidentais por ricas especiarias de países tanto desconhecidos quanto lendários, do exótico Oriente, de quem tudo se ignorava ou pouco ou nada se sabia. Mas acontece, que desde o século XIII as mentes aventureiras de italianos e bretões andavam povoadas pela magnífica e falsa visão do *Eldorado*, cujos rios de prata bordejavam as montanhas de ouro e de rubi, à espera de quem quisesse encontrá-

las. Imagens fomentadas por cérebros amedrontados e sequiosos de liberdade e de espaço, ansiosos por se libertarem da hipócrita moralidade de Corte carola, da calamitosa e obscura conduta de um Clero que se mantém às custas do terror forjado nas oficinas de terror do Santo Ofício.

Entre rascunhos de cartas de marear que o descuido e o desuso por acaso legaram ao abandono de velhas gavetas, umas poucas mentes curiosas e avisadas acabaram recompondo no tempo a seqüências, geralmente incompletas, da saga dos navegantes lusos e suas descobertas. Então foi-nos possível conhecer quão pouco era sabido do mundo que se escondia no lado oposto do Mar Tenebroso. E, enquanto em sua inocente soberba, príncipes e burgueses impulsionavam homens para o desconhecido, sonhando com dilatados reinos, não importando quantas vidas perdessem os que disso eram encarregados, acabaram coroando com a deslumbrada visão de novas terras as suas ilusórias mas ao mesmo tempo consistentes ambições.

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO
PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO**

Falamos,
em línguas de homens
e de anjos,
de armas depostas
em sepulcros junto ao mar
e lírios do campo.

De câmaras seguras
de alabastro
e do sabor de amar.
Boas noites
a príncipes suaves
desejamos.

Palavras pobres e essenciais
Pastoreamos.
Agora, faz descansar
em verdes prados
nossos corpos
pesados de pranto.

Este poema é um compósito alusivo a alguns dos grandes momentos da literatura: a primeira epístola de São Paulo aos coríntios, o episódio de Elpenor na Odisséia, o evangelho das bem-aventuranças segundo Mateus, os filamentos de ouro poético de Emily Dickinson, o provençal

nascimento do lírico em Arnaut Daniel, a invenção do humano no incomparável Hamlet, a entrega à fé nos salmos de David e um retorno à terra mãe e a Homero.

Uma de suas afirmações lembra a destinação dos que fazem essa casa. Somos todos pastores de palavras. Principalmente e apenas isso. No entanto, com elas criamos o mundo.

“Na estrada longa da biblioteca” que palmilhei ainda uma vez para escrever este pronunciamento, senti-me em ocasião de inventário e recapitulação. Não raras vezes esta é uma operação de tema e voltas. Vozes de hoje invertem os caminhos conduzindo à vozes ancestrais. A literatura, “janela aberta para o mundo” nos traz às vezes de volta a viagens em torno do nosso quarto. Concluí que privilegio terras distantes e o tempo presente.

Fernando Monteiro, o novo e talentoso romancista brasileiro, me disse uma vez que as grandes alegrias de sua vida, devia à literatura. Concordei, lembrando o encantamento infantil com Monteiro Lobato, por exemplo. Quando, aos trinta e dois anos, me vi pela primeira vez frente à Acrópole, não foi de Renan que lembrei primeiro, mas de Dona Benta descrevendo o Partenon. Lembranças de infância são também Dickens e seus meninos infelizes, a Condessa de Segur, Stevenson, as gravuras e dísticos poéticos de Wilhelm Busch e o interminável Dumas.

A aventura adolescente se ilustra com Dostoievski, Sartre e Camus, o monumental Thomas Mann e Melville. Já é documentada por Carlos Newton Júnior a minha afirmação: “ninguém pode morrer sem ler Moby Dick”.

As mulheres começam a arrebatam a imaginação adolescente e continuam a fazê-lo pelo resto da vida. Emily Dickinson, Virginia Woolf, Karen Blixen, Marguerite Yourcenar e Clarice Lispector, Cecília Meireles, Rachel Jardim e Hilda Hilst.

Nascido em meio à segunda guerra, impressionaram-me as humilhações e ofensas ao povo judeu, incomparavelmente narradas por Primo Levi e Eli Wiesel, assim como a decadência do Japão pós-guerra em Yukio Mishima.

Estudante pós-graduado nos Estados Unidos, tomei conhecimento de Robinson e Frost e dos ficcionistas posteriores a Faulkner: Baldwin, Bellow, McCullers, Agee e da poética ficção científica de Bradbury.

Entre as raridades francesas pós-Bovary, estão Fournier e Villiers de L' Isle-Adam e Jean D' Ormesson.

Na Itália, lembro ainda Pratolini, Carlo Levi e Dino Buzzati. Em Portugal, Torga e Bessa-Luís.

Na Inglaterra, E. M. Forster e William Golding. No Uruguai, Eduardo Galeano; e surge na Albânia Ismail Kadaré, que Marguerite Yourcenar considerava o maior escritor do seu tempo.

A poesia é uma aventura à parte. Os clássicos greco-latinos são revividos por Kavafis, Leopardi e Montale. A aventura lusíada e a mensagem pessoal estão hoje em Antônio Gedeão e Manuel Alegre. Os metafísicos ingleses ressoam em Yeats, Auden e Hopkins. Pushkin continua em Pasternak e Mandelstan. Os prêmios Nobel Milosz e Zimbróska definem exemplarmente o fazer poético.

No Brasil, acrescento ao "jogo dos quatro cantos" de Merquior, Bandeira, Jorge de Lima e Murilo Mendes.

Síntese perfeita no Novo Mundo fazem Emily Dickinson e Jorge Isidoro Francisco Luís Borges.

Esta interpretação da herança humana é interminável. Felizmente para nós. Ela nos completa e amplia, mesmo na condição provinciana contra a qual pretendemos nos insurgir nesta nossa sociedade literária, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

A cadeira n° 11, para a qual fui eleito, tem como Patrono Padre João Maria, canonizado informalmente pelos seus conterrâneos, e foi sucessivamente ocupada por outros bem-aventurados.

Albert Camus, uma das mentes formadoras da minha geração, dizia que existem santos independentemente dos preceitos das religiões. É o caso de todos os ocupantes desta cadeira. Santos pela generosidade e desprendimento de seus ideais, ultrapassando em muito o valor apenas literário. O primeiro deles, Januário Cicco, o mais legendário precursor da universidade em nosso Estado, a partir da Sociedade de Assistência Hospitalar que resultaria na Faculdade de Medicina. O segundo, Onofre Lopes, o fundador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição cujos benefícios são compartilhados hoje por milhares de pessoas. Em seguida, Seabra Fagundes, um paladino da justiça. Por último, um bem-aventurado poeta, Fagundes de Menezes, apóstolo de sua condição à frente da União Brasileira de Escritores. De todos eles, duas pobres virtudes, apenas, me aproximam: o fato de ter dedicado a minha vida ao ensino superior e o fado de escrever poesia com igual dedicação e seriedade. Ainda assim, é desproporcional

que a esses homens que buscaram denodadamente a santidade, o conhecimento, a justiça e a beleza, queira o destino que eu venha a suceder, embora sem a veledade ingênua de substituir a qualquer título.

Nesta Academia, a tradição do discurso de posse obriga ao elogio do Patrono e do antecessor imediato, além de uma institucionalizada referência ao fundador desta casa, Câmara Cascudo.

No caso da cadeira 11, no entanto, a significação comunitária de todos os seus ocupantes impõe uma aligeirada referência a cada um deles. Tal imposição resultou para mim em enorme dificuldade. Em dado momento, a pesquisa exaustiva teve que ser substituída por decisões que garantissem a harmonia do texto e a tolerância do auditório. Seria impossível pretender uma análise aprofundada da obra de cada um dos ocupantes. Até porque isso estaria além de minhas condições e formação intelectual. Graduado e pós-graduado em educação, como poderia aquilatar o trabalho de natureza teológica de Padre João Maria, o conteúdo médico-científico dos escritos de Januário Cicco e Onofre Lopes, o monumento jurídico de Seabra Fagundes? Mesmo a obra de Fagundes de Menezes é numerosa e polimorfa, indo muito além da poesia, em ensaios filosóficos, prosa de ficção, crônicas, reportagens e literatura infantil.

Decidi por perfis do Patrono e dos ocupantes, realçando aspectos menos conhecidos de suas biografias. Para isso, além de suas obras, sou grato aos que escreveram sobre eles no Rio Grande do Norte.

Uma menção especial faço ao desembargador e acadêmico Manoel Onofre Júnior, pelas palavras de saudação e boas-vindas. Crítico literário da minha geração, Onofre tem se revelado uma das mais constantes e sóbrias vocações da crítica no Rio Grande do Norte. A escolha que fiz dele para saudar-me é uma homenagem e reconhecimento desta condição. Todos os acadêmicos, principalmente os poetas, poderiam honrar-me com a apresentação. Preferi Manoel Onofre desde que não gostaria que outra coisa, que não o meu trabalho poético, fosse realçada e avaliada nesta ocasião. De igual forma, evito a citação de familiares e amigos queridos neste pronunciamento. Não quero fazer concessões ao biográfico que não sejam do Patrono e ocupantes da cadeira.

Numa viagem ao Oriente Médio, contemplava eu Jerusalém de um hotel estrategicamente colocado nos arredores da cidade. Jerusalém se oferecia ao olhar com seu aspecto dourado, integrando maravilhosamente sua arquitetura moderna aos muros ancestrais e ruínas arqueológicas, tudo isso envolto nas primeiras luzes da manhã cristalina do Iom Kipur. E eu perguntava angustiado à minha mulher alguma coisa que ela também não poderia responder: se esta cidade era tão bela como Paris, Viena ou Copenhagem ou se a formação e emoção cristãs me faziam vê-la assim? Semelhante pergunta venho me fazendo durante toda a vida em relação à literatura. Serão a primeira epístola de Paulo aos coríntios, o sermão da montanha segundo Mateus e o salmo 23 de David os mais belos textos literários ou a formação e emoção cristãs

influem nesta percepção? De qualquer maneira, estes textos me ajudarão a estabelecer o perfil de meu Patrono.

João Maria Cavalcanti de Brito nasceu na fazenda Logradouro do Barro, município de Jardim de Piranhas, então distrito de Caicó, na véspera da festa de São João, dia 23 de junho de 1848, ano do manifesto de Marx e Engels. Poderia ter se chamado Olinto. Foi João por influência de sua avó paterna Luciana, em casa de quem foi batizado.

Apesar de apenas remediados, seus pais conseguiram encaminhar aos estudos pelo menos os dois filhos homens, João Maria e Amaro Cavalcanti, na tradição do tempo, um padre e um doutor.

Em 1861, aos treze anos de idade, João Maria seguiu a cavalo, acompanhado de seu pai e de um amigo da família, para o Seminário de Olinda, tradicional estabelecimento fundado pelo Bispo Azeredo Coutinho. As condições da viagem foram semelhantes às de outro patrono desta Academia, o Padre Francisco de Brito Guerra.

Posteriormente, transferiu-se para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, cidade onde residia o irmão Amaro Cavalcanti. Lá é ordenado em 30 de novembro de 1871, ano da Comuna de Paris. Sua primeira missa é celebrada em Caicó, no dia 10 de dezembro do mesmo ano. Sua primeira paróquia foi Santa Luzia do Sabugi, na Paraíba. Em seguida, foi nomeado Pároco de Acari, depois cidade natal de Eugênio e Heitor de Araújo Salles. Em 1879, foi transferido para a freguesia de Papari, hoje Nísia Floresta. Em 1881, tomou posse da paróquia de Nossa Senhora da

Apresentação, onde passou vinte e quatro anos fazendo o bem pelos bairros pobres de Natal. Seu lema sacerdotal era *Omnia Onnibus*. Tudo para todos.

A figura de Padre João Maria logo se torna legendária, mítica, evangélica, a partir de seu meio de transporte, naquela Natal sem automóveis. Um burrico, semelhante ao da fuga para o Egito ou da entrada triunfal em Jerusalém no Domingo de Ramos.

Fatos outros da vida de Padre João Maria têm igualmente sabor evangélico. Na seca de 77 encontrou sua freguesia de Papari tomada de flagelados. Certa vez, chegou a dar seu almoço aos necessitados. Sua irmã Militana protestou:

– Joãozinho, não faça isso. Nós vamos ficar sem almoço.

– Militana, um dia só sem almoço não quer dizer nada na vida da gente. Faz pena ver esse povo com fome, sem comer durante vários dias.

João Maria vivenciava a poesia do sermão da montanha: “Não vos preocupeis com a vossa vida, pelo que comereis. Considerai as aves do céu. Não semeiam nem ceifam, nem recolhem em celeiros e vosso Pai celeste as alimenta”.

Em outra ocasião, seu irmão Amaro Cavalcanti mandou-lhe um corte de merinó para uma nova batina. Uma viúva veio dizer-lhe que não podia comprar um vestido para a Semana Santa. O Padre João Maria deu-lhe o corte de fazenda recebido do irmão. Ecoam nesta história algumas das mais belas palavras de Cristo: “Por que vos inquietais com as vestes? Olhai os lírios do campo

como crescem. Não se afadigam nem fiam. E eu vos direi que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu jamais como um deles”.

De outra feita, após a missa, alguém lhe deu um envelope contendo a espórtula. Um pobre aproximou-se e pediu uma esmola. Padre João Maria passou-lhe o envelope sem verificar o conteúdo. Ele vivenciava o salmo 23: “O Senhor é meu pastor. Nada me há de faltar. Ele me faz repousar em verdes prados. Leva-me para junto das águas de descanso. Refrigera-me a alma”.

Padre João Maria, que batizou Luís da Câmara Cascudo, justifica-se como Patrono desta Academia pelo jornal que fundou em 1897, o “Oito de Setembro”, tornando-se assim um pioneiro da imprensa no Estado. Lia e falava francês muito bem. Assinava a revista francesa “L’ Ami du Clerge”, a mais conceituada revista teológica do tempo. Estava sempre a par das novidades eclesiásticas e dos movimentos teológicos do mundo cristão. Não poucas vezes era consultado sobre assuntos doutrinários. Mas sabia que “ainda que falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse o amor, seria apenas como o bronze que soa ou o sino que tange”.

Sem retroceder ao jardim grego, as academias sempre agruparam identidades de interesses. Ainda era assim na Idade Média, quando se reuniam as corporações de ofício que vieram a desaguar nas universidades.

No Brasil, floresceram, desde a colônia, inúmeras academias que congregavam egressos de universidades européias voltados em favor de idéias inovadoras e reunidos contra a solidão intelectual.

Esta Academia, fundada em 1936, teve, até 1959, função e feição semelhantes. Na pequena cidade sem centro de formação superior, juntavam-se aqueles que a haviam ido buscar em outros estados e alguns admiráveis auto-didatas.

O fundador desta Academia, Luís da Câmara Cascudo, era, no dizer de Onofre Lopes, “uma universidade antes da universidade”.

Um dia desses, conversando com o jornalista e publicitário Cassiano Arruda, ele me recordava sua atuação aos dezesseis anos na *Vésper Publi*, pioneira agência de publicidade em Natal, de propriedade de Fernando Cascudo. Falava que a sua primeira obrigação diária, naqueles anos sessenta, era sair a pé da *Vésper*, na General Osório, passar em casa de Cascudo, na Junqueira Ayres, apanhar sua correspondência, postá-la no correio geral da Ribeira, esvaziar a caixa postal do Mestre e entregar-lhe a correspondência recebida na ladeirosa volta para a *Vésper*. “Mesmo assim”, conclui Cassiano, “as instruções para postagem das cartas e os comentários sobre o material recebido diariamente foram dos melhores cursos que fiz na vida”.

A história de Cassiano levou-me a pensar nos incontáveis meninos da nossa e de outras gerações natalenses que tiveram esta felicidade. Se aproveito a ocasião para acrescentar a minha história, é menos para falar de mim mesmo, que de um abstrato jovem natalense inumerável, e negar a afirmação, apressada e fácil, de que Cascudo não fez escola. Como poderia, no strictu senso científico e acadêmico, se a universidade no Estado

somente chegou para ele consagrado e sessentão? Mas, no sentido amplo de motivação e abertura de horizontes, quem não teve a influência de Cascudo?

Como bom natalense do meu tempo, vi Câmara Cascudo pela primeira vez aos nove anos de idade. Ele contava cinqüenta e seis e comparecia às reuniões solenes do Colégio Salesiano São José, a dois passos de sua casa. Nestas ocasiões, tinham lugar especialíssimo os comendadores da Santa Sé: Câmara Cascudo, Otto Guerra e Ulisses de Góes. Mas Câmara Cascudo já era anunciado como o “comendador seis vezes” e seus discursos incendiavam minha imaginação infantil.

A partir de então via-o intermitentemente, figura adulada e obrigatória nos grandes eventos comunitários. Lembro dessa época um discurso inesquecível apresentando a Natal o escritor Malba Tahan, um best-seller juvenil daqueles tempos.

Aos meus dezoito anos, Cascudo com sessenta e cinco, ainda no auge da vitalidade intelectual; a cidade pouco competitiva, Djalma Maranhão, Deus e o destino fizeram-me assessor cultural da prefeitura e foi aí que me tornei em relação a Cascudo mais um daqueles chatoboyes definidos por Oswald de Andrade. Um conscientemente honrado menino de recados como foram inicialmente o referido Cassiano e tantos outros. Os recados eram preliminarmente de Djalma, Moacyr de Góes e Mailde Pinto. A partir de então o acesso ficou tão fácil que muitos usaram a minha condição de porta-voz e até a de introdutor diplomático.

Não que eu tivesse nada de especial. Acontece que a afabilidade de Cascudo e D. Dhália era tanta que recebiam todo mundo fazendo cada um se sentir importante. Ultimamente foi republicada uma Acta Diurna falando de um pescador que era recebido “com doce em prata de porcelana, servido em bandeja de prata”. Era assim mesmo. É verdade, dou fé. Para prová-lo lembro que existe uma fotografia de Cascudo rodeado de meninos de escola. E no caso dos chatoboy, havia sempre a possibilidade de expulsão afetuosa: “vá baixar em outro terreiro que eu vou trabalhar”.

Ao entrar pela primeira vez, aos dezoito anos, na casa de Câmara Cascudo, descobri o castelo encantatório da juventude. A casa, em nível superior à rua, tinha acesso por um túnel ascendente e florido, a escada coberta por uma trepadeira de flores douradas. Perto da porta lateral e principal a placa de azulejos com citação em latim, abrindo para o vestíbulo e um choque: o retrato autografado de Monteiro Lobato, ídolo absoluto de minha infância.

Cascudo entendeu meu entusiasmo e fez o tour da casa. A mobília do vestíbulo, originalmente pertencente a Pedro Velho. Ao lado do sofá, o culto ao livro: em uma mesinha, sobre uma almofada de veludo, uma tradução de *A Dama de Espadas* de Pushkin totalmente impressa e encadernada em pura seda. A parede de autógrafos, nas visitas subseqüentes, tornou-se um dos meus passatempos prediletos. Se havia que esperar pelo Mestre, ficava decifrando as assinaturas antigas e descobrindo as recentemente noticiadas. Nesta sala estava também a

mais original foto autografada que já vi: um close do rosto de Villa-Lobos, realçando a calvície pronunciada, sobre a qual o maestro escrevera: “Uma boa testa para levar um Cascudo amigo”. Coisa de um gênio para outro. O intencional duplo sentido da dedicatória sempre me faz pensar no costume dos antigos árabes, no gesto saudatório e simbólico de que os amigos se devem levar na memória, nos lábios e no coração.

À direita de quem entrava, a biblioteca de livros inumeráveis pontuada de objetos exóticos, vindos de países distantes. Na porta de duas folhas da biblioteca, o cangaceiro pintado por Dorian Gray e a outra folha em branco, esperando o vaqueiro prometido que Newton Navarro nunca pintou, longa espera que terminou por virar homenagem.

À esquerda ficava a sala de jantar ou varanda. Opalinas antigas, telas de Lula Cardoso Ayres. No canto, a cadeira de balanço das conversas informais que não precisavam se desenrolar na biblioteca.

Meu primeiro recado era coisa importante. Djalma queria restabelecer as cores originais da bandeira e do escudo da cidade, àquela altura incompreensivelmente confundidas com as cores do Estado. O caminho mais rápido era perguntar ao Mestre. Lembro um episódio desta pesquisa e reflito hoje sobre o rigor científico de Cascudo, exercido com tão poucos recursos e nas difíceis condições da época.

- As armas da cidade constam de uma estrela cadente sobre fundo blau - disse ele.

- Mestre, o que é blau?

– É uma cor heráldica, vou lhe mostrar.

Se fosse hoje, acessaria a internet e pronto. Nos anos sessenta, procurou demoradamente na biblioteca e não conseguiu localizar o livro sobre o assunto. De repente, pediu que o acompanhasse e começou literalmente a correr pela casa procurando um objeto que exemplificasse exatamente a tonalidade referida. Não encontrou. Apelou para que D. Dhália procurasse nos armários da casa objetos entre os quais ele escolheria o que mais se aproximasse da cor que tentava descrever com palavras. E eu terminei aprendendo o que era azul heráldico a partir de uma toalha de mesa. Hoje eu sei que na convivência com Cascudo o cotidiano se transfigurava em ciência e revelação.

De outra feita, Moacyr de Góes sonhava em fazer figurar nas placas das ruas antigas da cidade o seu nome primitivo sob a denominação atual. Lá vou eu perguntar a Cascudo. A jovialidade, graça e malícia com que falava do assunto eram encantadoras e inesquecíveis:

– Os antigos nomes das ruas de Natal eram muito simples. Rua Nova, porque não existia antes. Rua da Palha, porque todas as casas eram de palha. Rua do Fogo, porque lá houve um incêndio. Mas esta – piscava o olho – comporta uma controvérsia teórica: dizem que antes do incêndio já chamavam Rua do Fogo porque as moças suas moradoras eram muito namoradeiras...

Referência a uma das que chamávamos “tardes de recados” está em *Na Ronda do Tempo*. Foram inúmeras e constantes, não seria o momento de lembrá-las em detalhe. Por qualquer motivo se levantam na memória,

como aquela em que me apresentou ao poeta José Bezerra Gomes, que Cascudo chamava afetivamente “Seo” Gomes. Ou uma outra em que perguntei como se sentira quando Mário de Andrade anunciara a famosa visita: “como uma pedrinha de gelo no liquidificador, meu filho. Ligado”.

Na parte lateral da biblioteca havia duas janelas daquelas chamadas “conversadeiras”. Projetavam-se para a frente e o degrau também era utilizado para armazenar livros, já lidos ou aqueles recebidos sem despertarem maior interesse. As janelas eram o paraíso dos “chatoboy”. Os livros poderiam ser emprestados sine die ou até levados definitivamente. Às vezes o Mestre presenteava-nos livros, até autografados. No meu caso, como gostava de poesia, de grandes poetas brasileiros. Quando protestávamos, à vista de algum famoso autógrafo, respondia: “faz de conta que esqueci na conversadeira”...

Assim eram aquelas tardes de doação de conhecimento, sem receber nada em troca. Quanto, tantos de seus jovens contemporâneos que nos dedicamos posteriormente ao conhecimento ou à criação literária, devemos a Cascudo. Newton Navarro dizia que bastava chegar perto dele e dizer “pedra” ou outra palavra qualquer para receber em troca uma bonita aula. Nei Leandro de Castro reclamava, mas reconhecia em frase lapidar: “A literatura norte-rio-grandense se limita a norte, sul, leste e oeste, por Luís da Câmara Cascudo”. Concordava Berilo Wanderley e Moacyr Cirne.

Desconfio que eles, eu e muitos outros, estudamos, viajamos, vimos lugares distantes, freqüentamos ou visitamos algumas das grandes universidades de que nos falava, tudo por influência de Cascudo. Quantas vezes nos lembramos dele, vida e mundo afora.

Da minha meia dúzia de livros publicados, três fazem referência explícita ao Mestre. Volta e meia, lembrando a lição de Tolstoi, Cascudo sugeria: "escreva poesia sobre o Rio Grande do Norte. Pinta a tua aldeia e serás universal".

Se dizem que neste mundo todos têm quinze minutos de glória, eu já escolhi os meus, a saber: ter sido aluno de Jorge Luís Borges e ter sido referido em um livro de Luís da Câmara Cascudo.

O primeiro ocupante da cadeira nº 11 foi Januário Cicco. Ele é o mais legendário dos precursores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalhava como um herói lendário. Até os dramas de sua vida pessoal deram origem a lendas.

A 23 de agosto de 1909 é nomeado médico do Hospital de Caridade Juvino Barreto, primeiro nome do hoje Hospital Universitário Onofre Lopes, o jovem médico Januário Cicco, formado em 1906. Inicialmente, o hospital contava com apenas dezoito leitos, todos atendidos por Doutor Januário com a colaboração de apenas um enfermeiro e uma enfermeira parteira.

Em 1927, é fundada a Sociedade de Assistência Hospitalar, que assume, além da direção técnica, a administração do estabelecimento. Em 1928, o nosocômio passa a denominar-se Hospital Miguel Couto. Doutor

Januário Cicco já transformara a antiga casa de veraneio do Governador Alberto Maranhão, onde se instalara originalmente o hospital, em prédio atualizado, contando com o exercício profissional de vários médicos. A partir de então, além de melhoramentos sucessivos no hospital, Doutor Januário empreende a construção da Maternidade de Natal.

O terreno escolhido ficava na Av. Nilo Peçanha, vizinho ao hospital modernizado. Alto dos morros do Tirol, soprado por salubres ventos marinhos, ainda em frente a uma pequena porção remanescente da Mata Atlântica, cenário de eventuais idílios fortuitos. Por conta disso, Doutor Januário, além das dificuldades ainda enfrentava o típico humor brasileiro que sentenciava: “Agora teremos a maternidade em frente à paternidade...”

Em 1939, concluída sua construção, a Maternidade de Natal, antes de inaugurada, é requisitada para servir como hospital militar durante a segunda guerra mundial. A função, inteiramente diversa daquela para a qual tinha sido planejada, poderia até danificar as instalações carinhosamente construídas por Doutor Januário, com fachada lembrando um palacete da Toscana de seus ancestrais.

Conta-se que procurou o comandante local das forças armadas e tentou demovê-lo da requisição. Não conseguiu. Nesta ocasião teria Doutor Januário pronunciado a famosa frase: “Não construí a Maternidade para abrigar homens na guerra e sim para que mulheres pobres do Estado dessem à luz em paz”.

A Maternidade só foi inaugurada em 1950.

Em 1952, o Governador Sylvio Pedrosa propõe a doação do Hospital Miguel Couto à Sociedade de Assistência Hospitalar. A 1º de novembro deste mesmo ano falece inesperadamente Doutor Januário. Onofre Lopes, já anteriormente seu braço direito, sucede-o na direção da Sociedade de Assistência Hospitalar, origem da Faculdade de Medicina, uma das cinco primeiras faculdades da UFRN.

Trabalhador incansável, Doutor Januário se dedicou a outras atividades, além da área da saúde. Escrevia literatura e foi o primeiro ocupante desta cadeira. Seu livro *Eutanásia*, que chamou de "romance científico", deixava entrever a preocupação com um drama pessoal. Sua única filha, Yvette, sofria de congênita má-formação cardíaca, incontornável para os recursos médicos da época. Doutor Januário levou-a a grandes centros de tratamento. Diagnóstico unânime: a menina não ultrapassaria a adolescência. Se o fizesse, jamais poderia ter uma vida normal, casar-se, ter filhos. Doutor Januário escondeu piedosamente o diagnóstico tanto da esposa como da filha. Queria que ela tivesse tudo, enquanto vivesse. A menina chegou à mocidade e chegou a noivar. O pai chamou o noivo, um jovem médico, e revelou-lhe o drama. O casamento teria de ser adiado até o desenlace fatal. Yvette não poderia ter desilusões.

A desculpa dos sucessivos adiamentos era a construção do sobrado, ainda hoje existente, na esquina da Rua Juvino Barreto com a então residencial e aristocrática Rua São Tomé, que seria oferecido como presente aos noivos. Quando foi concluído, a desculpa

tornou-se mobiliá-lo, também completa e confortavelmente. O tradicional enxoval se fazia vultoso e interminável.

Quando a moça faleceu, a mãe não resistiu um ano. Doutor Januário viveu muito tempo de solidão na casa requintada da Av. Duque de Caxias. Aqui vale recordar que sendo meus pais amigos de familiares de Doutor Januário, dele tenho vívida lembrança. Eu, meu irmão e os filhos dos amigos comuns corríamos pelo jardim daquela casa e tratávamos Januário, atrevidamente, pelo primeiro nome. Ele se deliciava com tal atrevimento. Após o seu falecimento e a precoce partida de Ernani, seu sobrinho e nosso médico familiar que passou a residir no mesmo endereço, voltei àquela casa, quando a Secretaria de Educação do Município ali se instalava. Não havia sido desfigurada ainda e na oportunidade pude reconstruir “o imenso edifício da lembrança”: consultório no pavimento térreo. Escada lateral de ferro fundido inglês, conduzindo à residência, no primeiro andar. Jardim de inverno com piso de mármore em forma de rotunda, onde caía a luz de três vitrais franceses. Corredor barrado em cerâmica italiana. Sala apainelada em madeira entalhada, com lustres de Lalique.

Na viuvez, apelando para o seu inegável ímpeto construtivo, mandou edificar para a esposa e a filha um mausoléu no cemitério do Alecrim. Granito cor-de-rosa com duas estátuas romanas em tamanho natural. O povo o conhece como o túmulo da filha que morreu jovem e da mãe que morreu de saudade. Sepulcro tão monumental que se dizia conter todo o mobiliário da casa

da noiva. Nos dias de finados os populares se acotovelavam no portão de bronze rendado da escura cripta: “Lá está o piano...”. Mas isso é lenda.

O jazigo chegou a ser violado, porque se acreditou que continha as jóias da extinta. Outra lenda, pura lenda. Todas as jóias da família foram vendidas por Doutor Januário para financiar o primeiro equipamento do berçário da Maternidade. Por isso ele se chama até hoje Berçário Yvette Cicco.

Onofre Lopes também sucedeu Januário Cicco nesta cadeira da Academia. Onofre Lopes deixou a direção da Faculdade de Medicina para ser o primeiro reitor da Universidade Federal. Durante dois anos e meio ela funcionou como Universidade Estadual, constituída inicialmente pelas faculdades de Farmácia e Odontologia, Direito, Medicina, Filosofia e Serviço Social, anteriormente existentes como estabelecimentos isolados.

Onofre Lopes foi reitor da Universidade durante doze anos, ou seja, três mandatos consecutivos. Durante esse período não somente federalizou as faculdades de Filosofia, Economia e Serviço Social como foi o artífice direto de tudo o que existia na Universidade até a sua transferência para o campus em 1974.

Vinte anos após a instalação da Universidade, dizia seu criador Dinarte Mariz:

“A luta pela criação da Universidade foi uma batalha sem quartel, travada dia a dia, hora a hora, contra todos os obstáculos. Nela devo destacar, colocando num plano distinto e isolado, a figura sobre todos os títulos digna de respeito e gratidão dos contemporâneos e dos pósteros,

do seu primeiro reitor, o Doutor Onofre Lopes, artífice e consolidador desta que poderemos, com justiça, chamar de 'A Obra Século'. Revejo na memória as dificuldades que tivemos de superar, que foram de toda ordem, desde a inexistência de recursos específicos, a carência de instalações físicas e a deficiência de meios materiais”.

Todas estas limitações foram pessoalmente superadas por Onofre Lopes. Fera os pés na *via crucis* burocrática do Rio de Janeiro e Brasília. Conseguiu, durante um período de sua administração, fazer o orçamento da Universidade maior do que o do Estado do Rio Grande do Norte. Apesar disso, alguns de seus auxiliares diretos queixavam-se de que ele fazia economia de parafusos e palitos nos gastos institucionais. Ansioso, quando se tratava de providências relativas à Universidade, disfarçava com bom humor: “Não acredito em comissão, mas em missão. A melhor comissão é aquela de apenas um integrante”.

Profundamente humano, toda a cidade de Natal o ouviu declarar várias vezes em discursos oficiais: “Dediquei-me à Universidade para que os jovens da minha terra não tivessem de enfrentar os árduos estudos superiores longe de suas família”.

Por ocasião do movimento de 1964, Doutor Onofre Lopes deu um dos mais belos exemplos de coragem em defesa da Universidade e sua autonomia. Respondeu aos representantes do movimento que lhe participavam a intenção de invadir salas de aula, em busca de estudantes e professores considerados subversivos: “Sou responsável por todos os alunos e professores da Universidade”.

A afirmação foi complementada pelo angélico Vice-Reitor Otto Guerra, que acumulava a função de diretor da Faculdade de Direito, nos seguintes termos: "Na Faculdade de Direito só entra quem faz vestibular".

Doutor Onofre foi reitor agregado da UFRN até morrer, em 1984. Dois anos depois, o reitor do período mandou colocar seu busto em bronze no jardim interno da Reitoria. Lá está, à sombra de palmeiras, entre folhagens tropicais.

Alguns velhos professores e ex-alunos chamam o monumento, carinhosamente, o altar.

Sucedeu Onofre Lopes na cadeira nº 11 uma nossa glória internacional das letras jurídicas: Miguel de Seabra Fagundes.

Esta Academia, desculpada pelos moldes da Brasileira, por sua vez ao modelo da Academia Francesa, abriga um espectro amplo de atividades. Ainda assim, vejo na sombra de seu fundador, Câmara Cascudo, um direcionamento para acolher historiadores. Também como perspectiva minha, responsabilizo a restrição do meio ambiente e a ausência de editoras e de um público para a produção literária local, pela tendência a acolher, também, juristas, jornalistas, sociólogos e outros tipos de autores não especificamente voltados ao fazer literário *strictu sensu*. Essa variedade, no entanto, a enriquece e aos seus integrantes.

No caso de Seabra Fagundes, é de lamentar que não tenha escrito mais da simples, vã e despreocupada literatura. Quando isto se dá, embora tangencialmente, se faz de um sabor incomparável. Refiro-me aqui à longa entrevista concedida ao programa Memória Viva,

enriquecida de textos adicionais memorialísticos de sua autoria. A coleção Memória Viva, uma das grandes realizações de Diógenes da Cunha Lima como reitor da UFRN e a reclamar continuidade, constituiu a fonte quase exclusiva para o perfil ora proposto. Lá estão além da evocação lírica da cidade de Natal no seu tempo, as narrativas deliciosas de férias em várias cidades do interior do Estado.

Avulta uma revelação e uma coincidência: em 1927, Seabra Fagundes vai estudar em Recife, não Direito, mas Medicina. Três outros norte-rio-grandenses estavam entre seus companheiros de turma. Um deles era Onofre Lopes. Ao final do primeiro ano, Seabra Fagundes sofre um revés e abandona o curso: foi reprovado em Anatomia. Era titular da matéria um professor, Luís de Góis, que tinha na cabeça, inteiramente decorado, o *Tratado de Testut*, e queria que os alunos o tivessem também. Numa turma de oitenta e cinco alunos, reprovou oitenta. Segundo o próprio Seabra Fagundes, esse revés lhe deu grande remorso porque seu pai tinha feito um enorme sacrifício para fazê-lo estudar Medicina e ele achou que não podia perder uma matéria. Ficou muito magoado com aquele acontecimento e resolveu estudar Direito, segundo ele, “sem nenhum entusiasmo”. Nunca explicou ao seu pai nem a ninguém a decisão, motivada pelo fato de que a Faculdade de Direito pesaria menos no difícil orçamento paterno.

Tal decisão dá a medida definitiva do homem Seabra Fagundes, confirmada em outras situações ao longo de sua vida. No curso de Direito encontra vários norte-rio-

grandenses, entre eles o legendário, "brilhaníssimo, primus inter pares", Afonso Bezerra, falecido antes de concluir o curso e hoje um dos patronos desta Academia. A Afonso é atribuída a idéia de escrever livros jurídicos, o que viria resultar no famoso *Controle dos Atos Administrativos pelo Poder Judiciário* e outras obras. Outros companheiros de turma eram Edgard Barbosa e Heitor Lopes Varela, com os quais viria a instalar o primeiro escritório de advocacia, na Rua Doutor Barata. Da turma fazia parte, também, Djalma Marinho, definido por Seabra Fagundes na época como "já brilhante e distraído".

Miguel de Seabra Fagundes foi juiz do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte de 1935 a 1950; juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte e seu Presidente em 1945; Interventor Estadual do Rio Grande do Norte em 1945; Ministro da Justiça do governo Café Filho em 1954; Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil no biênio 54-55 e Presidente do Instituto dos Advogados do Brasil em 1970.

Em todas estas condições sua atuação tem lances exemplares. Vale destacar as chamadas, por ele mesmo, "medidas a meu modo", tomadas por ocasião de sua infelizmente curta permanência da interventoria do Estado:

- 1- Proibição do adjetivo em A República. Explica-o ele mesmo. O jornal não poderia acolher elogio a ninguém. Nem ao Interventor, nem ao Governo, nem aos chefes militares, nem a políticos.
- 2- Extinção da mordomia.

Segundo ele, “parecia um desaforo que, somente porque interventor, eu passasse a ter os meus gastos domésticos custeados pelo dinheiro do povo.

3- Redução do subsídio do interventor.

“O General Fernandes Dantas”, como refere Seabra Fagundes textualmente, “quando Interventor do Estado aumentara seus próprios subsídios muito além do compatível com o modesto orçamento estadual e com os parcos vencimentos do funcionalismo. Achei por bem reduzir os subsídios do interventor que foram diminuídos de um terço, volvendo, praticamente, ao nível anterior”.

Seu período interventorial se reduziu ao mínimo, segundo ele porque “seria preciso que alguém soubesse se desinteressar de permanecer”. Em outra ocasião, ao final do período ministerial, preferiu volver ao lugar de onde saíra para a função, o seu escritório, “pois assim acreditava fixar um bom exemplo para os meus filhos”.

Miguel de Seabra Fagundes, que confessadamente “não sabia assistir à injustiça de braços cruzados”, se qualifica como outro bem-aventurado da cadeira nº 11.

João Fagundes de Menezes, o quarto ocupante desta cadeira, nasceu no dia 28 de janeiro de 1922, em Macau, cidade na costa oeste do Estado. Cidade nomeada a evocar o oriente distante no espaço e a colonização portuguesa longínqua no tempo. Porto imaginário de mar aceso em lua e gamboas misteriosas. Pagos onde encalharam embarcações e emigrantes. Lugar de

naufrágios e fantasmas. Cidade de legendário alimentado por antigos faustos e suntuosos declínios. Abrigo de aventureiros, poetas e proscritos, Macau fez de Fagundes de Menezes um nome conhecido como escritor do mar.

O curso primário foi feito no Grupo Escolar de Macau. As primeiras letras havia aprendido com sua mãe Maria da Conceição Fagundes de Menezes, que ensinara a várias gerações adotando métodos modernos de ensino, em época na qual as crianças aprendiam a ler soletrando.

Não fique esquecido que a família Fagundes marca presença nesta Academia. Um tio-avô de Fagundes de Menezes é Joaquim Fagundes, Patrono da cadeira nº 14, poeta, morto aos vinte anos de idade. A esta Casa também pertenceram quatro primos, entre eles o Professor Antônio da Rocha Fagundes, não somente uma lembrança querida de várias gerações, mas também um precursor da vocação de teórico educacional no Estado, autor de alguns dos primeiros de nossos livros didáticos, como *Leituras Potiguares* e outros manuais pedagógicos.

Devido a precariedade de meios educacionais em Macau, continuou Fagundes de Menezes os estudos em Recife, onde fez os cursos ginásial e pré-jurídico no Colégio Oswaldo Cruz. Já atraído pela literatura, lia Monteiro Lobato e Júlio Verne e os poetas românticos Castro Alves e Casimiro de Abreu. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela antiga Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro, Fagundes volta ao Recife, onde leciona e exerce a advocacia. Inicia a publicação de crônicas, artigos e poemas nos jornais recifenses, sob o estímulo de Gilberto Freyre e Mauro Mota. Seu ingresso

na imprensa, entretanto, ocorreu ainda em Natal, onde, quase uma criança, cursando o primeiro ano ginasial, começou a escrever em O Debate, jornal dirigido por Antônio Alves. Seguiu colaborando regularmente no Diário de Natal.

Após a passagem pela imprensa recifense, volta ao Rio de Janeiro, onde passou pela redação de jornais como o Correio da Manhã, Jornal do Comércio, A Última Hora e O Globo, e das revistas O Cruzeiro e Manchete, chegando a secretário de redação do Diário de Notícias e do Jornal do Brasil, além de ter sido repórter e cronista parlamentar da Folha de São Paulo. Dirigiu a Rádio Nacional no período presidencial João Goulart.

Murilo Melo Filho, no discurso de boas-vindas a Fagundes de Menezes, nesta Academia, refere a respeito desta última fase: “A coerência da vossa posição e das vossas convicções políticas é um exemplo e uma lição para todos nós. Por elas, pagastes um preço muito alto. Demitido e perseguido, nunca renunciastes a vossas idéias mesmo prestando o tributo altíssimo de uma fidelidade e de um corajoso desassombro que são motivos de orgulho para todos os vossos contemporâneos e um item importante ao nível de vossa biografia”.

Em poema dedicado à sua mãe, refere Fagundes de Menezes:

“Ensinaste-me o exercício
da obediência sem subserviência,
da autoridade sem autoritarismo,
da brandura sem tibieza,

da tolerância sem transigência,
da coragem sem jactância,
da afirmação pessoal sem ostentação”.

A esta altura é interessante realçar outra característica comum ao Patrono e a todos os ocupantes desta cadeira nº 11, além da preocupação com o bem-estar comunitário. Todos eles, em diferentes épocas históricas e situações específicas, foram homens desassombrados e corajosos. Padre João Maria como protetor dos humildes e abolicionista. Januário Cicco enfrentando o poder militar de sua época, no caso da requisição da recém-construída Maternidade. Onofre Lopes se responsabilizando pelos alunos e professores da Universidade. Seabra Fagundes, defensor intransigente das liberdades democráticas e do estado de direito. Fagundes de Menezes, perseguido político digno e exemplar, defensor da condição e dos direitos do escritor no Sindicato dos Escritores do Rio e no Pen Club do Brasil. Foi também atuante Presidente, várias vezes eleito, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro e pertenceu ao Conselho Consultivo da Federação Latino-Americana de Sociedades de Escritores.

Da bibliografia pesquisada, podemos dizer que Fagundes de Menezes surge na cena literária nacional em 1942, com um ensaio inesperado e ambicioso: *Nietzsche e a Mística do Super-Homem*. É com evocação de Macau nos contos de *O Vale dos Cata-Ventos* que afirma sua vocação de ficcionista. Este livro foi publicado em 1960. Seguiram-se a novela *Os Enteados de Deus*, em

1969, e *Cárcere das Águas*, contos de sugestivo nome em 1983. *Alagamar* e *Capital do Paraíso* são romances. A crônica também foi cultivada por Fagundes de Menezes em *Território Livre*, de 1975, que inclui também reportagens. *A Dissipação da Aurora*, de 1984, seleciona crônicas. Ensaios são: *Jornalismo, Literatura e Liberdade* e *Três Papa-Jerimuns: Peregrino Júnior, Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes*. *As Árvores Cantantes*, de 1987, significa uma incursão na literatura infantil em sua diversificada bibliografia, que lhe valeu o Prêmio Carlos de Laet da Academia Brasileira de Letras.

Sua poesia guarda a lembrança do mar em *O Vagonauta*, de 1969. *Aurora Trucidada*, resultado das impressões traumáticas da perseguição política afasta-o um tanto da constante marinha de sua poesia e ficção. *Memórias de Longo Caminhar* são poemas de tom nostálgico. Em seu discurso de posse nesta Academia, declara Fagundes de Menezes:

“Espaço, em minha vida verdadeira, o Rio Grande do Norte sempre ocupou, onde quer que eu fisicamente me encontrasse (...) Natal é presença constante em minha mente e no meu coração. Natal como observei num poema:

Aqui as consoantes e vogais
 explodem em matizes tropicais:
 Petrópolis Alecrim Rocas Tirol
 ar alegria
 paisagem som e sol.

Macau da minha infância e da minha
 adolescência, com os banhos do Rio Açu, os

passeios nas salinas e as serenatas nas noites de luar”.

Toda a mitologia de Macau está presente no belo e estranho soneto Cidade Morta, cujas imagens são recorrentes na poesia de Fagundes de Menezes:

“Os fantasmas desfilam nas calçadas
erguendo sobre as mãos o tempo morto
resquício de uma outrora inda insepulto
transportado em galeras flamejantes.

O sol dardeja atrás de mangue esquelido
encardidas pirâmides de sal
destroços de moinhos na planície,
sem préstimo na praia as alvarengas.

O rio agonizante entre as coroas
nem apitos de barcos nem miragens
canto fúnebre ecoando nas salinas.

Garças emigram, fogem andorinhas.
É preciso partir antes que a noite
povoe todas as ruas de cadáveres”.

Concluído o perfil dos meus antecessores, eu, de mim mesmo, tenho a dizer que luto com a poesia desde a adolescência, o que significa, embora tão-somente em duração, um cerco duas ou três vezes igual àquele de Tróia. Inscrevo-me, portanto, aqui e agora, entre os dignos portadores destes milagres do homem e do tempo:

prodigiosos cantadores de feira, bacharéis parnasiando em noites silenciosas, moças agonizando entre jasmims.

Em seu louvor, declaro o indispensável. Quando, aos quarenta e sete anos, alguém afinal se rende à poesia, deve ter, no mínimo, uma proposta consciente.

Acredito na poesia como uma forma de conhecimento. Capaz de expressar as percepções mais finas, os passos do pensamento mais elaborado. Em todas as épocas, a poesia teve e terá sempre um caráter antecipatório. Não somente porque os grandes livros iniciais da humanidade foram escritos em forma poética, mas porque até hoje a poesia é uma busca de novas linguagens, uma premonição de novos conhecimentos, uma previsão de novos mundos. E também um registro e recuperação de linguagens passadas e uma recriação de mundos perdidos.

Assim sendo, nunca vi conflito entre o conhecimento poético e minhas atividades de educador ou rigor científico ao qual obrigava a condição de professor universitário. A poesia, antes enriqueceu e complementou estas formas de agir e pensar.

A melhor teoria sobre o poema é o poema. Isto é pouco, no entanto, para esclarecer uma proposta. Em princípio, proponho o reconhecimento de que a poesia possui uma linguagem própria, que não deve ser obscurecida ou substituída pela eventual incorporação excessiva de outras linguagens. Proponho a revalorização do texto poético, sem desprezo à sua oralidade, especialmente no caso de um país com significativa parcela de analfabetos. Proponho um poema em que o

apuro formal signifique a não percepção dos vigamentos de fatura: a erudição escondida pela magnificência do simples.

Acredito que os melhores poemas não dispensam os seguintes elementos: a) revalorização de palavras do discurso comum e expressões consagradas da linguagem coloquial; b) poder evocativo; c) sugestão, através de todo o conjunto do poema, de idéias, fatos ou situações não expressas especificamente em nenhuma de suas partes; d) compaixão, sempre sugerida e nunca apregoada, pela condição humana.

A aventura humana é a mesma em todos os lugares e tempos. Por isso já se disse: Pinta a tua aldeia e serás universal. Fala-se melhor do que está próximo e com palavras que todos conhecem. Até mesmo porque sempre sobrevivem ancestralidades e distâncias na vida do homem comum, aqui e agora.

Se a poesia é também harmonia de contrários, não se esqueça que o tempo atual é de proximidade e rapidez. Nele a poesia ressurge como a forma ideal para resumir uma reflexão ou um romance de mil páginas.

Penso e procuro ser fiel a tudo isso quando escrevo a minha poesia, onde a novidade é a linearidade textual, a alusão escondida no despojamento, o passado poético revisitado com ironia, o retrabalho de formas conhecidas, a aproximação entre o erudito e o popular, o esquema rítmico intencionalmente pobre; tudo visando reproduzir um discurso simples como uma conversa onde a poesia estivesse muito mais nas entrelinhas.

Na meia dúzia de livros de poemas que já publiquei

existe uma unidade, garantida pela preocupação com momentos diversos e específicos da cultura humana e da transformação cultural, a partir de uma visão local, embora universalista.

Talhe Rupestre é uma declaração de princípios, uma reflexão sobre o fato poético, suas origens, suas implicações com o idioma português. Como no caso de todos os principiantes, o âmbito do trabalho é ambicioso.

Vem desde a pré-história até a periferia de Natal.

Natal: Secreta Biografia é uma visão particular da cidade. Insurge-se contra o hábito generalizado de escrever poesia privilegiando estados de espírito ou um *locus* abstrato.

O Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim é o primeiro tratamento literário da presença dos americanos em Natal durante a segunda guerra. Já se disse que procura retratar a mistura de gasolina com açúcar. O encontro entre a civilização americana, evoluída, sofisticada e tecnológica, e a nossa, rudimentar, ingênua e doce. A forma procura mesclar a poesia dramática inglesa ao folheto de cordel nordestino.

Romances de Alcaçus é uma reescrita e atualização de romances ao modo do século XVII, ainda cantados por rendeiras analfabetas na localidade de Alcaçus, próxima a Natal, romances descobertos e registrados por Défilo Gurgel.

14 Moedas Antigas, publicado em separata da Revista da ANL é um estudo da figura do herói através do tempo.

Rio dos Homens, publicado em Recife, é um fabulário de freguesia, o legendário de uma cidade imaginária localizada entre a costa do Maranhão e a Baixada Fluminense, santos lugares do Brasil onde se plantou cana-de-açúcar, retrato da decadência sócio-econômica de uma típica cidade interiorana e canavieira.

Casa da Metáfora, publicado recentemente, outra vez em separata da Revista da ANL, é uma tentativa de demonstrar que a metáfora fixa é característica da poesia popular, à qual não escapa a poesia popular nordestina. O caminho de comprovação é laborioso, como se fosse uma migração desde um alto e distante medievo.

Resumindo: os motores de toda esta poesia são o tempo, o fazer humano e a mudança.

Tenho, de hoje em diante, um ideal que sei de antemão inatingível, o de estar à altura de cada um de meus antecessores e tornar-me digno de suas memórias. É por isto que respeito a Academia e acredito, com Machado de Assis, que ela é "uma glória que fica, eleva, honra e consola". Sei como o poeta Robinson que esta honraria não enriquece no sentido material nem me impede de declarar: "A vergonha de cantar é toda minha. O ouro que perco cantando é todo vosso". Mas mesmo assim tal honraria é a forma de realizar as melhores expectativas de meus pais, familiares e amigos; uma dádiva digna e preciosa que deponho nas mãos de Ana Maria e um legado de tal maneira especial e delicado que apenas posso passar às mãos imateriais dos filhos que não tive.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO

Manoel Onofre Jr.

Quando Paulo de Tarso convidou-me para fazer a saudação acadêmica de praxe, fiquei a matutar sobre os motivos da escolha, sendo eu, como sou, reconhecidamente, a mais completa negação do orador. Mas, logo compreendi tudo: Eu e Paulo pertencemos à mesma geração, e isso de sentimento geracional tem muita força - perdoem-me o truismo. Pertencemos, com efeito, a geração que viveu a juventude nos anos 60, a década mais agitada, em termos culturais, de todo o século XX. Época de Sartre e Bertrand Russell; de Manuel Bandeira e Guimarães Rosa; de Câmara Cascudo e do melhor Jorge Amado, cujos livros devorávamos noite adentro, em longas vigílias. Época da Bossa Nova, do Cinema Novo, dos Beatles e do Tropicalismo. Sim, pertencemos a uma geração privilegiada, da qual também fazem parte escritores como Moacyr Cirne, com quem Paulo de Tarso estreou no jornalismo, assinando, ambos, na "Tribuna do Norte", a coluna "O Mundo e Nós", e outros nomes não menos importantes: Francisco Sobreira, Jarbas Martins, Tarcísio Gurgel, Nelson Patriota e tantos mais que muita falta fazem entre nós, no convívio acadêmico, e que hão de vir enriquecer o patrimônio cultural desta casa.

Somos eu e Paulo de Tarso remanescentes não saudosistas, mas saudosos da efervescência cultural dos

anos 60. Na verdade, somos quase os únicos desse tempo, nesta augusta casa. Está explicada, pois, senhoras e senhores, a intimação afetiva para o honroso encargo, de que ora tento desincumbir-me, com satisfação e alegria.

Como primeiro passo, devo apresentar sucinta nota biográfica sobre o homenageado, tendo em vista que a mesma será publicada na Revista desta Academia, tornando-se, assim, fonte de pesquisa para estudantes e estudiosos das nossas letras.

Nascido em Natal, no dia 5 de abril de 1944, Paulo de Tarso Correia de Melo fez o curso primário no Colégio Salesiano São José; o secundário no Colégio Sete de Setembro e no Ateneu Norte-rio-grandense.

Em 1967 graduou-se em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da UFRN. Algum tempo depois, cursou a pós graduação na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, onde obteve o título de *Master of Arts in Education*. Foi, durante longos anos, Professor do Departamento de Educação da UFRN. Aposentando-se, passou a dedicar-se à literatura, sua verdadeira vocação, em que pese o brilhantismo com que sempre exerceu o magistério. Eis, em resumo, a trajetória intelectual de um dos mais importantes escritores norte-rio-grandenses.

Mas, estes simples dados não bastam, como é óbvio, para dizer de sua relevância na cena literária contemporânea. Faz-se necessário apreciar, ainda que de modo sumário, um tanto de sua personalidade e de sua obra literária.

Que direi eu sobre a figura humana, o cidadão, o amigo?

Um dos traços de sua personalidade, que maior impressão me causa, é a sua seriedade. Quando falo em seriedade não quero dizer sisudez. Paulo é uma pessoa em paz com a vida, está quase sempre de bom-humor. Admiro o seu jeito descontraído, brincalhão, por vezes, irreverente, capaz de atitudes pour épater le bourgeois. Assim é o Paulo de Tarso que todos conhecemos. Mas, é sério sobretudo por sua inteireza e pelo seu apurado senso de responsabilidade. Assim, se lhe pedem para fazer um prefácio, jamais improvisa. A prova, do que afirmo: seus prefácios para livros de poemas de Zila Mamede, Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães e outros autores patrícios, prefácios estes que, na verdade, são verdadeiros estudos críticos. Nestes ensaios ele revela grande aptidão para a crítica literária, atividade em que, todavia, não quis aprofundar-se, preferindo entregar-se por inteiro à poesia.

Outro aspecto do lado humano, este, aliás, ligado àquele a que acabo de me referir, é a lhaneza - permitam-me usar esta palavra um tanto demodée -, a lhaneza não apenas no trato com os amigos, mas, também, com todas as pessoas de suas relações.

Estejamos certos de que a Academia ganha um valoroso intelectual, e nós, acadêmicos, de modo particular, ganhamos um bom companheiro - confrade, na perfeita expressão da palavra (do latim medieval confratre, v. Aurélio).

E o poeta? Que dizer dele?

Paulo de Tarso revelou-se como tal na maturidade, quando já firmara reputação como ensaísta bissexto e professor. Seu primeiro livro de poemas - "Talhe Rupestre" - saiu em 1993, contando, então, o seu autor quase 50 anos de idade. É obra maturada, embora de estreante. Ao contrário de tantos outros escritores e poetas, que se apressam, temerariamente, em lançar seus trabalhos, no afã de aparecer, Paulo de Tarso retardou ao máximo a publicação dos seus poemas, talvez porque receasse proceder como quem colhe uma fruta de vez. Resultado desse comedimento: surgiu poeta feito, no pleno domínio dos instrumentos do seu ofício.

A receptividade da crítica animou-o a lançar, em 1994, seu segundo livro de poemas - "Natal: Secreta Biografia"-, escrito vinte anos antes, conforme suas próprias palavras. Vieram, sucessivamente, dois novos títulos, do mesmo gênero: "Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim" (Natal: Editora Universitária, 1994), visão bem-humorada da presença dos norte-americanos em Natal, quando da 2ª Guerra Mundial; e "Romances de Alcaçus" Natal: EDUFRN, 1998), reinvenção de romances à maneira do século XVI, ainda cantados por mulheres do povo, na localidade de Alcaçus, RN.

No livro "Literatura do Rio Grande do Norte" (Natal: Governo do RN, 2001) as pesquisadoras Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo observaram, com argúcia, na poesia de Paulo de Tarso, duas grandes vertentes, aparentemente opostas, que ele, habilmente, concilia: "Uma, de caráter extremamente

erudito, remonta às fontes gregas da poesia ocidental, muito bem representada em “Talhe Rupestre”; a outra resgata traços da poesia popular nordestina, e tem nos livros “Folhetim Cordial da Guerra em Natal” e “Romances de Alcaçus” sua melhor exemplificação” (pg. 540).

A estas vertentes juntou-se, posteriormente, uma obra de cunho autobiográfico: “Rio dos Homens” (Recife: Edições Bagaço, 2002). Não se trata - é bom ressaltar - de autobiografia poética, do tipo “Boitempo”, por exemplo. Não. Mas, há nesta obra de cinquentão um tom memorial, uma proustiana busca do tempo perdido. Por outro lado, a oralidade, o aproveitamento da linguagem coloquial, característico do autor, está bem presente.

“Rio dos Homens” - confesso - é o livro de minha preferência em toda a obra poética de Paulo de Tarso. Tenho um exemplar de cabeceira, para releituras salteadas. Abrindo-o ao acaso, encontro pérolas, como esta :

AQUARELA

Enterrar os Mortos

Lulu era um santo,
 Não teve mulher, não ligava pra dinheiro,
 morava de favor em casa de parente.

Era habilidoso pra tudo,
 mas vivia mesmo de fazer
 balões de São João.

Como foi bonito, de tardezinha,
quando ele enterrou-se e soltaram de uma vez
todos os balões que tinha prontos.

Outro livro seu com algo de autobiográfico é “Natal: Secreta Biografia”, do qual, aliás, foram selecionados diversos poemas para nada menos de cinco antologias: “Literatura do Rio Grande do Norte” de Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo (Natal: Governo do RN, 2001); “A Poesia Norte-rio-grandense no Século XX”, de Assis Brasil (Natal / Rio de Janeiro: FUNCART /Imago Editora, 1998); “Informação da Literatura Potiguar”, de Tarcísio Gurgel (Natal: Editora- Argos, 2001); “Poesia Circular”, de Aluízio Mathias (Natal: CENARTE, s/ data) e “Um Dia, a Poesia”, de Ayres Marques (Natal: Produção Artística e Cultural Babilônia, 1996).

A julgar pela preferência dos antologistas, seria “Natal: Secreta Biografia” a sua melhor obra. Devo salientar, no entanto, que à época da publicação das referidas antologias, Paulo de Tarso ainda não dera a lume dois dos seus trabalhos mais interessantes.

Ambos saíram encartados na Revista desta Academia; a eles me reportarei em seguida.

Voltando a “Natal: Secreta Biografia”: há neste livro um poema, verdadeiramente, antológico, aliás, incluído em duas das mencionadas antologias. Vejamos

PRAÇA AUGUSTO LEITE : Ubi Ilion est

Numa luta de gregos e troianos

Por Helena, a mulher de Menelau

*Conta a história que um cavalo de pau
Terminava uma guerra de dez anos*

Otacílio Batista

Cantador Popular do Nordeste

Na quadra daquele bairro de periferia
do fim dos 1950 depois de Cristo,
os cavalões que ainda não tinham
emprego de condutor ou mercador ambulante,
pelejavam ao cair da tarde
o Tróia Futebol Clube,
grupo organizado e imbatível
que tinha até estojo de camisa e caixa-médica.
Eles tinham Heitor, que planejava e liderava,
irmão de Palocha, que tomara a Leninha
do Nelau, um cara que jogava em nosso lado.
Havia tardes em que ela vinha vê-los vencer,
sentada no muro de frente.
Nestas ocasiões, havia bravura e cortesia.
Havia espáduas largas e peitos como escudos,
havia Jacques e Diomedes
Sic e outras coincidências.
Houve Lissinho, o astuto,
artífice de nossa única vitória
antes que demolissem a quadra,
depois que pisaram o calcanhar de Quico,
o de ligeiros pés, e ele foi engessado um mês
por entorse de tornozelo.
Havia também Zezo, Toré, Briva
e outros guerreiros de nomes esquecidos.

Ninguém passava quando cerravam fileiras,
nada podia contra suas muralhas,
e continuava o cerco
até o cansaço bom da mocidade
chegar e a noite prateada.

Note-se a graça, o senso de humor, o lirismo mesclado de ironia, com que o autor, em tom de paródia, contrapõe um quadro de sua juventude a um episódio célebre da História Universal..

Paulo de Tarso explora, como poucos, a antinomia tempo/memória, compreendida esta não só no espaço existencial do autor, como também num contexto muito mais amplo. Isto é uma constante também n'outros livros seus, mas atinge a sua melhor expressão em "14 moedas Antigas", incluído na Revista desta Academia, nº 32, vol. 44 - Julho/Dezembro de 2001. Sirva de exemplo o poema

OSLO

Os olhos de Eric, o Ruivo
e os cabelos de Olaf, louros,
restos de idades de ouro,
ainda andam pelo mundo.

Eles navegaram sob os astros.
Sabiam caminhos de ir e voltar.
Mudaram árvores em mastros
e plantaram florestas no mar.

Inverno e distância despojaram
sua forma de ornato. Inventaram
sagas de aventura e conquista.

Guerreiros do cotidiano continuam
a ser e mercadores de sonho:
conduzem barcos para turistas.

Este mesmo soneto consta de outro livro não menos interessante, do autor – “Casa da Metáfora” – que também saiu encartado na Revista desta Academia (nº 33, vol. 45 - Janeiro/Junho de 2002). Aí está presente mais uma vez, o poeta lido e corrido, sempre fascinado pela antinomia tempo/memória, a que já me referi.

Tendo em vista, com certeza, este e outros poemas do mesmo jaez, disse o escritor Carlos Newton Júnior estas palavras-chave: “Integrar o ancestral ao regional, reinterpretando, hoje, os mitos formadores do Ocidente - talvez seja esta a intenção que melhor defina o projeto estético de Paulo.” (“Romanceiro e Romances de Alcaçus” “O Quinto Naípe do Baralho” - Recife. Artelivro Editora., 2002 - p. 55).

Ainda com referência ao poema “Oslo” registre-se que o mesmo deverá constar da segunda edição revista e ampliada, da antologia “14 versus 14” de autoria de Jarbas Martins

Senhores acadêmicos,
Senhoras e Senhores:

Não tenho a pretensão de estudar em profundidade a obra poética de Paulo de Tarso Correia de Melo. Para tanto falta-me qualificação, e mesmo que a tivesse, não seria a ocasião adequada. Basta-me, portanto, apresentar esta breve notícia, que me parece suficiente para situar o poeta no cenário das nossas letras.

Estamos felizes porque a Academia acolhe, neste momento, um verdadeiro escritor, um artista da palavra.

Entendo, Senhor Presidente, senhores acadêmicos, que a Academia de Letras, e não só esta, mas toda e qualquer Academia de Letras, deve ser uma casa de escritores.

Quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, era esse o entendimento de Machado de Assis, seu primeiro Presidente, a quem, todavia, se contrapôs o seu confrade Joaquim Nabuco. Político e diplomata, além de grande escritor e orador, Nabuco, segundo Daniel Piza, em seu livro "Academia Brasileira de Letras – Histórias e Revelações," foi o maior defensor da idéia de que a academia, tal qual na França, não se limitasse a escritores e abrisse vagas para homens públicos (...), mesmo quando não tivessem obra literária digna do nome. A presença de "expoentes" serviria para dar relevo público à ABL, nascida banida como foi". (São Paulo: Dezembro Editorial, 2003 – p. 37).

Machado de Assis, que era, essencialmente, escritor, terminou por conformar-se com a presença dos "expoentes". Mas, no íntimo, ao que tudo indica, repugnava-lhe a idéia de ser a Academia uma espécie

de panteão, que, ao invés de urnas funerárias, abrigasse notabilidades já perto destas.

Todo este circunlóquio, senhoras e senhores, para enfatizar o que todos nós já sabemos: Paulo de Tarso Correia de Melo é um escritor consumado, e, como tal, vem prestigiar esta casa de escritores.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO PEDRO VICENTE COSTA SOBRINHO

A esta Casa de Câmara Cascudo e Henrique Castriciano, solidamente edificada neste espaço graças ao trabalho, persistência e tenacidade do ilustre Manoel Rodrigues de Melo, chego movido e embalado pelos sonhos. Confesso que cultivei muitos sonhos, e posso dizer com toda segurança que não radicalizei esses sonhos e, portanto, pude colher bons frutos. E para isso fui paciente, humilde e obstinado, com a certeza de que, conforme Nietzsche, “No processo dos seus sonhos o homem se exercita para a vida futura” (BORGES, 1994, p. 90).

Senhores Acadêmicos.

Como todos os homens simples, um certo dia, fiz a desejada viagem de busca das lembranças, guiando-me ao encontro delas como se fossem sonhos congelados que tentava perenizar na memória, consoante com as palavras do poeta Antonio Machado: “De toda a memória somente vale o dom esclarecido de evocar os sonhos” (BORGES, 1994, p. 62). E conduzido pelos ditames da memória, como se pudesse voltar a começar, regressei em 1982 a Jaboatão, cidade na qual vivi parte da infância; e nela cultivei os meus primeiros sonhos intelectuais, convivendo com o núcleo de poetas que ensinaram em Pernambuco a geração 65: Alberto da Cunha Melo, Jaci Bezerra Lima, José Luiz de Melo e Domingos Alexandre. Logo ao chegar, dirigi-me aos locais onde pudesse melhor evocar a minha presença, como o fez o personagem Bentinho, no Dom Casmurro de Machado

de Assis: “corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim” (ASSIS, 1992, v. 1, p. 885).

O oratório, capela onde costumava ir à missa, foi o primeiro ponto de parada e também de amarga desilusão. Ao deparar com a nova realidade, tudo que até aquele instante era sólido e estável na memória se esfumou (MARX, 1977, v. 3, p. 24). Do velho oratório não restava nada, e sobre ele erguia-se um prédio de inusitado mau gosto, que ocupava o espaço e aterrava as lembranças.

Dominado pelo espanto, pois da velha paisagem contida na memória restou para mim a pungente realidade das lembranças destruídas, conclusão a que chegara também Tônio Kroeger, personagem de Thomas Mann: “E o presente não se diferenciava em nada das visões enganadoras e ilaceráveis do sonho, no qual nos perguntamos se isto é ilusão ou realidade, e, forçados pela convicção, nos decidimos pela última, para, no fim de tudo, acordar...” (MANN, 1971, p. 52). No entanto, senhores acadêmicos, diante dos meus olhos um fato me chamou a atenção: a presença de muitas crianças, em trajes humildes, sentadas à sombra ou correndo no pátio ensolarado do velho oratório. Aproximei-me de um indivíduo adulto que me pareceu criatura afável e bondosa. Era um ex-padre, que orientava o grupo de crianças. Disse-me, com voz terna porém determinada, que ali, hoje, era um abrigo e escola para crianças de ruas, que já não tinham mais sonhos. E o trabalho que ali realizavam tinha por objetivo devolver a elas o direito de sonhar.

Diante dos fatos, contive minha contrariedade, penitenciei-me diante do que vi e passei a amar aquela obra, pois, em que pesem todas as pedras que tive que carregar e remover pelos caminhos do mundo afora, jamais deixei de sonhar. E, portanto, “se não tive ouro, se não tive gado, se não tive fazendas, e hoje sou funcionário público aposentado”, posso no entanto afirmar que em momento algum a vida me pareceu inútil, enfadonha e sem horizonte (DRUMMOND, 1975, p. 36-37).

Senhores acadêmicos. Antes que passemos à parte que cumpre as exigências protocolares do ritual acadêmico, quero lhes confessar que, igualmente ao patrono padre Brito Guerra e ao fundador da cadeira 31 desta Casa, escritor José Melquíades de Macedo, sou um homem que se considera vitorioso e de bem com a vida.

O PATRONO

A cadeira 31, recebeu como patrono o padre Francisco de Brito Guerra, em 31 de março de 1957, quando da ampliação de 30 para 40 do número de cadeiras acadêmicas. O fundador da cadeira, José Melquíades de Macedo, eleito em outubro de 1964, quando de sua posse, em 26 de agosto de 1967, já havia escrito a biografia do Padre Brito Guerra. Esta biografia, publicada em 1968, passou a ser obra de referência, a mais abalizada, para o estudo da ilustre e destacada personalidade da política e da vida cultural do Rio Grande do Norte, no século 19.

O Padre Brito Guerra nasceu em 18 de abril de 1777, em Campo Grande, hoje município de Augusto Severo. No estudo das primeiras letras foi orientado pelo padre Luiz Pimenta de Santana. Aos doze anos, seu pai, Manuel da Anunciação Lira, entregou sua educação aos cuidados do mestre Manuel Antonio, residente em Pasmado, povoado, à época, integrante da cidade de Igarauçu, Pernambuco.

Após sua estadia de aprendizagem em Pasmado, o adolescente Brito Guerra voltou ao Seridó, daí saindo para o Ceará, onde em Baturité lecionou latim. Em 1800, ingressou no Seminário de Olinda, e dois anos depois, em 1802, aos vinte e cinco anos, ordenou-se padre. Período de tempo relativamente curto, segundo seu biógrafo. No início do mesmo ano celebrou sua primeira missa em Campo Grande, onde nascera, e onde permaneceu como capelão durante nove meses.

Registre-se o fato de que há uma certa lacuna ou desencontro de informações quanto à trajetória de vida do Padre Brito Guerra, entre os anos de 1802 e 1810. No Rio de Janeiro, em 1810, submeteu-se ao concurso de provas e títulos para o posto eclesial de Vigário Colado de Caicó, e foi aprovado. No exercício de suas funções sacerdotais foi, por duas vezes nos anos de 1815 e 1833, designado Visitador Apostólico e Delegado do Crisma nas Províncias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

O Político

Padre Brito Guerra foi suplente de deputado geral

pela província do Rio Grande do Norte, vindo a ocupar o cargo na condição de titular na Câmara de Deputados do Império, em 1831, por morte do padre José Paulino. Elegeu-se deputado, em 1833, para o período legislativo 1834 – 1837. Em julho de 1837, o seu nome foi incluído em lista tríplice para cargo vitalício no Senado do Império, em substituição ao senador Afonso de Albuquerque Maranhão, que havia falecido. Sendo escolhido e designado senador, exerceu o mandato no período de 1837 a 1845, quando veio a falecer no Rio de Janeiro.

No exercício da atividade política, na Câmara de Deputados e Senado do Império, o Padre Brito Guerra foi muito atuante, creditando-se a ele iniciativas com relação a políticas de açudagem; aos limites de terra entre as províncias do Rio Grande do Norte e Paraíba; na criação de cadeira de ensino de Latim em Caicó; ao salário de professores, entre outros. Brito Guerra também presidiu a sessão de instalação da Assembléia Provincial do Rio Grande do Norte.

O intelectual e educador

O Padre Brito Guerra dedicou-se ao magistério durante grande parte de sua vida. Preocupado com a instrução e formação intelectual dos jovens de sua paróquia, e de modo extensivo com toda região do Seridó, fundou escola para o ensino de latim. Segundo o mestre Cascudo:

“A escola do Padre Brito Guerra foi o núcleo irradiante da sabedoria sertaneja em toda região do Seridó. De longes

terras vinham rapazes a procura do padre, que ensinava gratuitamente e hospedava os alunos pobres. A pequenez do Instituto não diminui a projeção fantástica, como elemento precípua de formação mental de muitas gerações” (MELQUIÁDES, 1968, p. 47).

A produção intelectual do Padre Brito Guerra, pelo menos em registro, inicia-se com sua participação entre os autores do livro “A gratidão pernambucana”. Livro que o seu biógrafo qualifica de: “espécie de florilégio perfumado em incenso e turíbulo”. Adiante, ainda o definiu “como um tratado de bajulação” (MELQUIÁDES, 1968, p. 65). Sua poesia dos vinte anos, também no livro contida, não revela qualidades literárias de um verdadeiro poeta em nosso ilustre patrono. No entanto, na quarta parte do livro “Gratidão pernambucana”, na qual estão os discursos formais, escritos em latim pelos seminaristas, encontra-se a peça intitulada “Oratio Academica”. Essa peça literária e mais o primeiro discurso redigido em 1800, que também mereceu registro no referido livro, para Melquíades, realçam e atestam o mérito de orador e sermonista de Brito Guerra, sendo, portanto, segundo seu biógrafo, as primeiras peças de qualidade literária, produzidas por autor norte-rio-grandense.

O orador Brito Guerra, revelado nas suas primeiras obras, construiu e consolidou seu domínio e mestria na arte retórica, através dos muitos sermões que proferiu no púlpito da igreja de sua paróquia, além de outros pronunciados em núcleos religiosos da província. Na ordem da política, muitos devem ter sido os discursos que

pronunciou na condição de candidato, deputado geral e senador vitalício do Brasil Império.

O intelectual Padre Brito Guerra também foi pioneiro com relação à imprensa e ao jornalismo no Rio Grande do Norte. "O Natalense", jornal político, moral, literário e comercial, começou a circular em 1832, impresso inicialmente em tipografias instaladas em outras províncias: Maranhão, Ceará e Pernambuco e outras, peregrinando suas páginas por essas plagas até que fosse, em Natal, inaugurada a "Typografia Natalense da Sociedade Typográfica" criando às condições para regularizar a periodicidade em suas edições.

Francisco de Brito Guerra, o padre, o educador, o jornalista, o epistológrafo, o orador, o político; enfim, o intelectual de corte renascentista, cujo perfil não estaria completo se lhe faltassem realçar o seu lado profundamente humanitário e o zelo com relação aos interesses de sua Província e do Brasil. Fecho a parte protocolar desse discurso usando as palavras de José Melquíades: "Assim era o padre Guerra: bom, caritativo, pensador e humano" (MELQUÍADES, 1968, p. 146).

O fundador

Se o nosso patrono alimentara sonhos não realizados de merecida ascensão na carreira eclesial, o acaso e a fortuna na política todavia lhe foram sobejamente compensadores. O padre Brito Guerra assumiu mandato na Câmara de Deputados do Império, por morte do titular do cargo. Próximo da corte, foi escolhido para o cargo

de senador vitalício do Império, também por morte do antigo ocupante.

No que diz respeito a José Melquíades, posso afirmar, com certeza, que foi um homem feito de sonhos, que soube transformá-los em efetiva realidade graças a sua competência, perseverança e obstinação. Ao recuperar de modo rápido e superficial o curso de sua vida pessoal e intelectual, procuro demonstrar, com sobras, que Melquíades foi um homem vitorioso.

Nascido em Igreja Nova (Macaíba), teve sua origem em uma família de poucos recursos, "... órfão muito cedo e teve de ganhar a vida duramente. Foi trabalhador de salinas no Açú, cozinheiro de barcaças em Areia Branca e pracista em Macaíba." Daí, como decorrência do estimulante convívio e amizade com Dom Joaquim Antonio de Almeida, primeiro bispo de Natal, convenceu-se a entrar para o Seminário São Pedro, no qual permaneceu entre os anos 1945 a 1948. A descoberta da falta de vocação para a carreira eclesial, levou-o a deixar o seminário e reingressar na vida profana.

Melquíades aproveitou plenamente os duros anos de Seminário. E no convívio instigante com mestres e seminaristas, à saciedade, soube cultivar as bases para uma cultura humanista sólida e erudita. Daí por diante removeu pedras e abriu caminhos, indo do colegial no Atheneu Norte-rio-grandense ao curso de Direito, concluído em 1956 na Faculdade de Direito de Alagoas. Depois diplomou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia de Natal.

Registro digno de realce, na vida de Melquíades, foi

o fato que ocorreu quando de sua ida aos Estados Unidos. Na ocasião, deixara sua esposa grávida, a mais ou menos 60 dias do trabalho de parto. O amor, a cumplicidade terna, afetiva e solidária de Dona Gizelda deram o suporte para manter sob controle a preocupação e a ansiedade naturais, permitindo ao marido, com a viagem, realizar o sonho por muitos anos acalentado.

Melquíades foi um notável professor, por vocação. Lecionou em várias escolas de Natal e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, consagrando-se como mestre no ensino do Latim, Inglês e Literatura anglo-americana. Da UFRN recebeu o título de Professor Emérito. Foi sócio-efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e fundador da cadeira 31 desta Academia, sendo eleito em 8 de outubro de 1964, com posse em 26 de agosto de 1967.

Para além de sua reconhecida cultura erudita e humanista, nos marcos de exigência da província, Melquíades teve, de certo modo, uma produção intelectual alentada e versátil, pois centenas de páginas de sua lavra foram publicadas em diversos jornais e revistas nos quais colaborou. E foi também autor de cerca de dez livros, entre os quais, dois romances.

Não tive a honra de conhecer pessoalmente Melquíades, e sequer a oportunidade de me relacionar com seus familiares, no entanto, privo da amizade com muitos que foram seus amigos, no convívio intelectual e boêmio. Deles pude colher depoimentos convincentes de que era uma criatura generosa, solidária e pródiga de

amigos. As qualidades, virtudes e méritos a ele atribuídos o tornam diferente, distinto e o enobrecem. Afinal: um homem de bem com a vida!

Veríssimo de Melo, em curto perfil que traçou dele, registrou a frase de um norte-americano que morou em Natal, Mr. Robert Lindquist: – Melquíades não tem um osso ruim! (MELO, 1974, v. 2, p. 301).

Se assim foi o homem, cabe-nos agora nos aproximar da obra.

O AUTOR

Como fruto de sua curta permanência de seis meses nos Estados Unidos para estudo da língua e literatura inglesa, Melquíades escreveu seu primeiro livro: “Os Estados Unidos, a mulher e o cachorro”, com duas edições, 1961 e 1963. Livro de viajante que, com certeza, o alinha com a melhor tradição de autores da literatura de viagem, brasileiros e estrangeiros: Jean de Léry, Koster, Burton, Lobato, Érico Veríssimo, entre outros. Câmara Cascudo prefaciando o livro disse:

José Melquíades colabora na campanha realística do conhecimento com este episódio, de casos, de notas absolutamente suas, legítimas, puras, leais. Com um vida trabalhada e estudiosa, arguto e lépido, tendo o que muita glória literária desdenha de possuir, uma sólida e segura cultura humanística..., de formação incomprimível e autenticamente democrática, viajou pela terra e conviveu com os norte-americanos sem dobrar os joelhos

e sem fazer caretas agressivas... E não lhe faltam os efeitos decorativos da linguagem tranqüila e própria, segurança de visão direta, clara e nobre... Um livro em que se pode confiar" (MELQUÍADES, 1961, p. 11).

Li este livro com redobrado interesse, pois sou leitor entusiasta e contumaz da literatura de viagem. Nele pude encontrar qualidades inegáveis de bom observador, que soube registrar literariamente suas impressões no que diz respeito aos fatos vivenciados no cotidiano de suas relações com a sociedade americana. Realcem-se ainda o humor e a leveza da ironia contidos no texto, que lhe dão sabor todo especial à sua leitura. A exemplo, Melquíades dá novo conteúdo semântico para a frase "Levo uma vida de cachorro". Se for nos Estados Unidos, diz ele, é uma vida boa.

Livro de estréia, sem dúvida, com os defeitos naturais decorrentes da ausência da chamada "imaginação sociológica" para uma leitura mais rigorosa e substantiva da sociedade americana. No entanto, faço coro com Cascudo, por ser livro no qual se pode confiar. E mais, literariamente se incorporou ao patrimônio da nossa boa literatura de viajante, pois feito para permanecer e resistir incólume à voragem do tempo.

O segundo livro publicado de Melquíades foi a biografia do patrono da cadeira 31, cujo título é "Padre Francisco de Brito Guerra, um senador do Império", edição de 1968.

A biografia pareceu-me uma decorrência direta da necessidade de informações para o preparo do seu

discurso de posse nesta Academia. Melquíades não se dera por satisfeito com o material já disponível para traçar o perfil do patrono da cadeira 31. Pôs mãos à obra, buscou novas fontes, farejou documentos e revirou arquivos, fez viagens e assim construiu seu livro.

O ensaio biográfico de Melquíades sobre o padre Brito Guerra é, segundo Veríssimo de Melo, "... a mais brilhante e minuciosa pesquisa que existe sobre o fundador de nossa imprensa" (MELO, 1972, v. 1, p. 188). No entanto, ressalvada a condição de pesquisa pioneira, e mais completa por trazer novo acervo de informações a respeito do biografado, o texto é desigual, carecendo de maiores cuidados do ponto de vista da estrutura narrativa e da construção literária.

Os autores do ensaísmo biográfico no Brasil já nos deram obras literariamente consagradas. Obras primas que podem ser comparadas com o melhor ensaísmo biográfico realizado por escritores franceses e, especialmente, ingleses. Dentre eles destaquem-se Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, Francisco de Assis Barbosa, Edgar Cavalheiro, Tristão de Athayde, Gilberto Freyre, entre outros.

Na província, nosso paradigma é Câmara Cascudo, com dezenas de biografias e perfis; alguns longos e outros mais curtos, todos eles, entretanto, preñes de informações e literariedade. A biografia do padre Brito Guerra, por sua vez, se tem o mérito de atenuar a grave carência de informação sobre o proeminente personagem, não se realiza enquanto obra literária. No

entanto, vai ficar, pois suponho que não haverá uma outra de igual cariz e alcance.

Os perfís: de Padre Brito Guerra, Dom Joaquim de Almeida e Auta de Souza, reunidos em livro e publicado em 1978, são dois deles frutos de duas palestras. O primeiro ensaio foi decorrente de obra de maior envergadura; o terceiro, escrito sem nenhuma pretensão de originalidade. O segundo perfil trata-se de um pequeno texto anos antes elaborado (o autor informa que em 1948), e se constitui num belo ensaio, no qual é feito o resgate para a história do Dom Joaquim Antonio de Almeida, primeiro bispo de Natal. Nele se traça de modo denso e com objetividade o perfil desse homem humilde, virtuoso e de rara grandeza; um personagem até esquecido mas emblemático da igreja católica nordestina. Melquíades fez um texto com amor para quem, disse ele, "... devo tudo o que sou e lhe tenho respeitosa recordação irmanada ao imperioso dever de gratidão" (MELQUÍADES, 1978, p. 7).

Deixo neste discurso uma lacuna, porque não comento o ensaio que se enquadra como perfil biográfico: Armando Fagundes, uma vida dedicada à maçonaria, publicado em 1997. Peço desculpa aos senhores acadêmicos por essa omissão, pois confesso, não tive o devido zelo na busca de acesso ao referido texto.

Os livros encimados com a palavra história revelam com propriedade o historiador amador, isto é, o bom e competente leitor, o devotado pesquisador: farejador de documentos e arquivos, no entanto desprovido da teoria

e técnicas indispensáveis ao profissional da ciência e da arte da história.

O livro “História de Santos Reis: a capela e o bairro, edição de 1999, que contém uma outra publicação de 1998: “A capela de Santos Reis – resumo histórico”, tem o mérito de ser obra pioneira e original por iniciar, entre nós, monografias sobre a história dos bairros da cidade de Natal. Ninguém melhor do que Melquíades para escrever sobre o bairro de Santos Reis, pois nele morou por mais de meio século, e reunia, com excesso, duas condições básicas: o amor pelo enclave e a capacidade intelectual para realizar o empreendimento.

Ao ensaio devem ser creditados outros méritos, realço todavia no texto a objetividade e a delicadeza da linguagem ao traçar perfis de personagens simples, porém de importância relevante no cotidiano do bairro. Sem este resgate esses tipos anônimos ficariam nas sombras, sem o menor registro de sua presença na história dos homens.

Há fatos controversos narrados no ensaio, porém não houve em vida a necessária resposta ao autor. Por isso, deixo de comentar esses fatos, por não ter condições de submetê-los ao crivo do contraditório na história.

“Historia do Seminário de São Pedro” (1999) é um pequeno livro proustiano. Uma busca dos idos tempos de seminário, com sua marca indelével na vida do autor. Considero imprópria a denominação de história a esse livro, pois, a meu ver, são crônicas reunidas que resgatam momentos da existência daquela instituição eclesial, com

perfis de personagens que a edificaram e nela conviveram. O talento literário de memorialista de José Melquíades, já presente no seu primeiro livro, neste, sem retoques, apresenta-se de modo acabado e definitivo.

Livro publicado em 1992, "Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes" é o ensaio que marca de modo definitivo o ingresso de Melquíades no círculo dos bons memorialistas. Na orelha, deste, que é uma bela peça literária, Diógenes da Cunha Lima relata: "Leio os originais do 'Clube dos Inocentes'. A cada página a memória boa me acode trazendo alegria intensa e quase lágrima". Adiante, cita em inglês versos do poeta W. B. Yeats e transcreve: "Em verdade, nada do que amamos demais pode ser avaliado pelos sentidos comuns" (MELQUÍADES, 1992, orelha 1).

A recepção ao livro pode ser melhor apreciada por esses extratos de depoimentos que citamos:

"José Melquíades, nesse admirável trabalho, fixa o componente humano do etéreo "Clube dos Inocentes" no tempo e no espaço, possibilitando aos contemporâneos e pósteros, a contemplação descontraída de uma das mais pungentes épocas da história lúdica, social e cultural do Rio Grande do Norte" - João Batista Cabral (MELQUÍADES, 1992, s.n.).

"A sua leitura nos prende e nos fascina, pelo estilo ameno e envolvente. Lendo-o, da memória jamais se apagará..." - Enélio Petrovich (MELQUÍADES, 1992, s.n.).

"Esse livro tem a delícia da lembrança e faz perpétuo o Clube dos Inocentes" - Diógenes da Cunha Lima (MELQUÍADES, 1992, s.n.).

Que mais tenho a acrescentar? Alio-me, pois, enquanto contumaz leitor do memorialismo nativo e forâneo, ao que está contido nesses expressivos depoimentos.

“Literatura japonesa: ficção, poesia, música, teatro, mitologia”, teve duas edições: 1983 e 1993. É uma obra circunstancial, motivada pela carência de material bibliográfico no Brasil, e em particular no Nordeste, referente à rica e milenar cultura do Japão.

Em entrevista ao jornalista Nelson Patriota, publicada no Jornal “O Galo”, Melquíades confessou que não dominava a língua japonesa. Portanto, as informações que dão corpo ao texto vieram de fontes secundárias. A bibliografia elencada na obra demonstra que suas fontes foram autores de reconhecido valor como especialistas que se expressaram em língua inglesa.

Apesar de sua pretensa extensão e abrangência, que o torna epidérmico e superficial, o pequeno livro tem um valor todo especial decorrente do esforço acadêmico de organização, e por seu didatismo. Segundo Luís Carlos Guimarães: “A linguagem de fácil compreensão, com a preocupação de clareza aliada ao seguro domínio do assunto, faz sua leitura amena e empolgante” (MELQUÍADES, 1992, capa 2).

Melquíades foi um polígrafo. O escritor cultivou com mestria uma obra predominantemente ensaística, sem no entanto deixar de aventurar-se por outros gêneros da arte literária. A ficção foi um deles, com dois romances: “Juca Porfiro,” menção honrosa no concurso literário

(1967) Câmara Cascudo, publicado em 1977, e “A morte do goitizeiro”, primeiro lugar no concurso literário (1997) Câmara Cascudo.

“Juca Porfiro”, romance de estréia, tem o mérito, segundo Manoel Onofre Jr, “... como exercício, adestramento, para o autor. Com a experiência adquirida, Melquíades alcançou a maturidade necessária para maiores vãos” (MELQUÍADES, 2001, orelha 1).

“A morte do goitizeiro”, por sua vez, teve boa recepção entre seus muitos leitores, vejamos os depoimentos:

“... é um romance universalmente elogiado e bem acolhido pela crítica. Nele o autor demonstra que possui autoridade de sobra para vãos altíssimos das altitudes machadianas” – João Batista Cabral (CABRAL, 2002, p. 6).

“... A linguagem enxuta, despojada de adjetivos supérfluos, confere agilidade e dinamismo à narrativa, que encanta pelo lirismo e transforma prosa em poesia. À semelhança de Machado de Assis, a ironia é sutil, o enredo bem constituído. As personagens transitam livres, serenas e transparentes” – Diógenes da Cunha Lima (MELQUÍADES, 2001, capa 4).

“... Sugere um clima de autobiografia; a forma do romance acrescenta a reflexão, questionamentos existenciais, a busca de um sentido para ser e estar no mundo. A linguagem ao mesmo tempo simples e rica oferece informações sobre temas que ampliam o horizonte do leitor. Muito mais que um romance, José Melquíades escreveu um livro de aprendizado de vida” – Luís Carlos Guimarães (MELQUÍADES, 2001, capa 4).

“... trata-se de um romance, em tom memorial, na melhor tradição do gênero. Todavia não lhe falta modernidade. Se a estrutura é um tanto desusada, o mesmo não se pode dizer da linguagem e do estilo. Clareza, agilidade, vigor são virtudes que muito dignificam o texto” – Manoel Onofre Jr (MELQUÍADES, 2001, orelha 2).

O percurso que tracei para acompanhar a produção intelectual múltipla e naturalmente desigual do fundador da cadeira 31 não foi construído cronologicamente. Procurei, grosso modo, agrupá-la tematicamente: narrativas de viagem, perfis e biografias, memórias, ensaios e ficção. A produção literária compulsada restringe-se todavia ao conjunto de obras editadas sob a forma de livro, pois não foi possível reunir o muito que Melquíades publicou em jornais e revistas.

Que a obra de José Melquíades consiga o estatuto do permanente. Que a ela se cumpra o vaticínio do personagem Quincas Borba, de Machado de Assis: “...Vês este livro? É “D. Quixote”. “Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino” (ASSIS, 1992, v. 1, p. 649).

E fecho este esboço de perfil de José Melquíades, citando Jorge Luis Borges: “... Cada vez que repetimos um verso de Dante e Shakespeare, somos, de algum modo, aquele instante em que Shakespeare ou Dante criaram esse verso. Enfim, a imortalidade está na memória

dos outros e na obra que deixamos. Que importa que essa obra seja esquecida? (BORGES, 1996, p. 19).

Senhores Acadêmicos.

Peço-lhes mais um pouco de paciência, pois tenho certeza que, no texto desse modesto discurso, não me comportei como o agregado José Dias, personagem machadiano no Dom Casmurro, que amava os superlativos: “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases” (ASSIS, 1992, v. 1, p. 812). Nem acho que incorri, tampouco, em falta que motivou a censura do mestre Machado de Assis: “Nada mais feio que dar pernas longuíssimas a idéias brevíssimas”.

Portanto, aproveito esta oportunidade, para lhes dizer que me sinto sobejamente recompensado pela fortuna, por ter sido aceito nesta CASA, com a complacência dos 27 votos que obtive dos senhores, sem que fosse registrado dentre os 31 votos válidos nenhum voto confessadamente em contrário. Fato este, que se me eleva e muito me honra, no entanto, é emblemático, pois aumenta o peso da minha responsabilidade para com esta Academia e para com os senhores.

Confesso também a minha incontida alegria por ser conduzido ao interior deste recinto por três personalidades de reconhecido valor intelectual. Dois velhos amigos: Dorian Gray e Vicente Serejo; e ainda Nilson Patriota, de quem me tornei mais próximo e aprendi a admirar nos últimos quatro anos.

Por ser o momento propício para as confissões, quero ainda no decurso deste ritual quase litúrgico, realçar, com orgulho indisfarçável, o fato de ser saudado em nome da CASA, pelo meu amigo Manoel Onofre Jr.

Manoel tem o seguro e a garantia de quase 40 anos de convívio. Na praça Kennedy, onde nos conhecemos, e que ficou conhecida como a praça das cocadas pelos seus contumazes freqüentadores, instaurou-se um raro ambiente de clima intelectual instigador, no qual a literatura, a música, a poesia, o cinema, sem faltar o tempero da política, eram temas exaustivamente discutidos, e davam asas à imaginação para vôos de longo curso, em busca da terra do sonho distante.

Nas cocadas, onde Manoel era regente, com um belíssimo livro de contos publicado, se não chegamos a nos constituir de modo coeso e afinado em grupo que pudesse ser denominado de geração, de lá saíram ou passaram poetas, cronistas, ficcionistas, ensaístas, juristas, políticos, entre outros, que ao seu modo, e nos limites da província, asseguraram "Esta glória que fica, eleva, honra e consola" (ASSIS, 1992, v. 3, p. 206).

Para o meu amigo Manoel Onofre Jr, que não denomino de irmão porque amigo nós somos livres para escolher, ficam os meus agradecimentos por ter aceito a incumbência de me fazer a saudação nesta CASA. E, com o sentimento do dever cumprido, fecho este discurso com as palavras do poeta Alfred de Vigny: "... Uma vida atingida é um sonho de adolescente realizado na vida madura" (BORGES, 1994, p. 120).

Referências

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, v. 1, 8ª impressão, 1992.

_____. Quincas Borba. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, v. 1, 8ª impressão, 1992.

_____. Crisálidas. Versos a Corina (Fragmento de III), verso 13. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, v. 3, 8ª impressão, 1992.

BORGES, Jorge Luís. Livro dos sonhos. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 5ª edição, 1994.

_____. Cinco visões pessoais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª edição, 1996.

CABRAL, João Batista. Discurso proferido na Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 26.04.2002. Natal: Jornal "O Galo", ano XIV, n. 5, p. 6, maio, 2002.

DRUMMOND, Carlos. Antologia Poética. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, (poema "Confidência do itabirano", versos 15 e 16), 1975.

MANN, Thomas. Tônio Kroeger – A morte em Veneza. São Paulo: Abril Cultural, 1ª edição, 1971.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Edições Sociais, Textos, v. 3, 1977.

MELO, Veríssimo. Patronos e acadêmicos – patronos. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, v. 1, 1972.

_____. Patronos e acadêmicos – acadêmicos. Rio de Janeiro: Pongetti, v. 2, 1974.

MELQUÍADES, José. Padre Francisco de Brito Guerra, um senador do império. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

_____. Os Estados Unidos, a mulher e o cachorro. Natal: Edição do Autor, 1ª edição, 1961.

_____. Centenários: Padre Brito Guerra. Dom Joaquim de Almeida. Auta de Souza. Natal: Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte, 1978.

_____. História de Santos Reis: a capela e o bairro. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1999.

_____. História do Seminário de São Pedro. Natal: Fundação José Augusto; Departamento Estadual de Imprensa, 1999.

_____. Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes. Porto Alegre: CEP SENAI de Artes Gráficas "Henrique d'Ávila", 1992.

_____. Literatura japonesa: ficção, poesia, música, teatro, mitologia. Natal: Editora da UFRN, 2ª edição, 1993.

_____. Entrevista. Natal: Jornal "O Galo", ano XIII, n. 2, p. 7, fev. 2001.

_____. Juca Porfiro. Brasília: Edição do Autor, 1977.

_____. A morte do goitizeiro. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.

NEGREIROS, Armando. Na companhia dos imortais. Natal: AS Editores, 2003.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO PEDRO VICENTE COSTA SOBRINHO

Manoel Onofre Jr.

O Professor Pedro Vicente ingressa nesta Academia à sua maneira: sem “pompa e circunstância”. Isso não surpreende a quem o conhece de perto e bem sabe de sua simplicidade e modéstia.

Eu me julgo privilegiado por ser seu amigo, há longos anos. Conheço-o desde os bons tempos das “Cocadas”, quando, ainda mal saídos da adolescência, fazíamos de uma praça, assim apelidada, no centro de Natal, a nossa primeira Universidade. Vivíamos os anos 60, a mais bela década do século XX. Tempos de Sartre e Bertrand Russell; tempos da Bossa Nova, dos Beatles e do Tropicalismo; de Guimarães Rosa, Drummond, Bandeira e Cascudo; tempos do Cinema Novo...

Em meio à agitação política, mesmo nos primeiros anos da Ditadura Militar, debatíamos do alto das “Cocadas”, os grandes temas na crista da onda, inclusive os de natureza político-ideológica. Um jovem, então, destacava-se pela palavra fluente, já prenunciando o grande *causeur*. Seu nome despertou-me especial atenção: Pedro Vicente. Macauense, tivera larga vivência no Recife antes de vir morar em Natal. Dava gosto ver como ele discorria sobre os mais variados assuntos, agitando idéias, criticando autores e livros, comentando os fatos do dia. Indicou-me autores de quem eu nunca ouvira falar, como, por exemplo, Bulgakov, de

“O Mestre e Margarida”. Convém salientar que nos debates em que se envolvia, com paixão, mantinha-se sempre no plano das idéias; nunca resvalou para retaliações pessoais. Falar mal da vida alheia, jamais! Sem duvidas, foi um dos melhores professores “naquela Universidade do Grande Ponto”.

Depois, perdi-o de vista. Tinha ido estudar na União Soviética - disseram-me. Mais tarde tive notícia do amigo: estava no Acre. Fascinado pela Amazônia, ali - já graduado em Ciências Sociais, área de concentração em Sociologia e Ciência Política, pela UFRN - ocupou cargos de relevo - Diretor do SENAC (1978/1981), Diretor do SESC (1978/1982), além de exercer o magistério e desempenhar importantes funções na administração da Universidade Federal do Acre.

De volta a Natal, em começos da década de 1990, retomou o exercício do magistério - Professor Adjunto 4, da UFRN - e foi, algum tempo depois, Diretor da Editora da UFRN. Nestas funções, em dois períodos, realizou notável trabalho, tendo, inclusive, implementado plano editorial que marcou época. Dezenas e dezenas de livros e publicações outras vieram a lume graças ao editor *doublé* de escritor. Uma destas obras, pela edição da qual, aliás, foi bastante criticado, por ser livro de autor pernambucano!, classificou-se entre as 10 finalistas do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira - 2003, o que, sem dúvidas, elevou o nome da EDUFRN perante todo o país.

Também na condição de Diretor da Editora da UFRN, o Professor Pedro Vicente prestou relevante serviço a esta

Academia, possibilitando a edição de quatro números de sua Revista.

Eleito por unanimidade, para ocupar a cadeira nº 31, cujo patrono é o Pe. Brito Guerra, essa escolha teve o sabor de uma consagração. Com efeito, deixou implícito o reconhecimento da totalidade dos acadêmicos a toda uma obra literária, da qual sobressaem quatro livros solo e três coletâneas organizadas pelo autor. Duas das mencionadas obras - vale frisar - constituíram-se, originariamente, em teses acadêmicas: "Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental." (São Paulo: Editora Cortez, 1992) e "Comunicação Alternativa e Movimentos Sociais na Amazônia Ocidental" (João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2001), ambas, como as demais bem recebidas pela crítica.

O sociólogo e ensaísta Sebastião Vilanova assim se pronunciou:

"... concluí a leitura detida e atenta do seu Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental (...) é seguramente um marco na literatura sobre o assunto naquelas paragens do nosso país."

Já no dizer do professor e ensaísta Celso Frederico, trata-se de "obra séria e competente, guiada por pretensões modestas, que gerou resultados importantes."

"Como um bom pesquisador - aduz - o autor é modesto: apresenta uma descrição minuciosa do processo de trabalho nos seringais acreanos, com sua violência e brutalidade terríveis, em vez das eternas discussões abstratas e vazias sobre capitalismo e pré-capitalismo.

Outra opinião consagradora, a do crítico literário e jornalista Nelson Patriota sobre “Comunicação Alternativa e Movimentos Sociais na Amazônia Ocidental”:

“Uma leitura absorvente e ilustrativa da problemática que envolve essa importante região brasileira. O fundo épico do livro - acrescenta o escritor - é representado pela expansão da frente agropastoril, decorrente do conjunto de políticas e de medidas estratégicas implementadas pelos governos militares pós 64, visando à integrar o espaço amazônico a economia e a sociedade nacional. A luta desigual do trabalho contra o grande capital multinacional é contrabalançada pela entrada em cena da Igreja, através de seu boletim diocesano “Nós Irmãos” e do jornal alternativo “Varadouro”, que se tornam aliados importantes na defesa dos mais fracos.”

Essa luta de David versus Golias constitui por assim dizer o leit motiv da obra, uma das mais significativas contribuições para o estudo da História da Igreja Católica no Brasil em fins do século XX, como bem ressaltou o antropólogo Roberto Mota.

Muito ainda poderia ser dito a respeito das duas obras em foco. É preciso, porém, ser breve... No entanto, um comentário não devo omitir. Quero referir-me ao fato de que, ao contrário da maioria dos amazonólogos, quase todos fascinados pelo “Inferno Verde”, Pedro Vicente sensibilizou-se com as lutas sociais e as condições políticas e econômicas, abrindo caminho num campo ainda pouco trilhado.

Senhores acadêmicos

Senhoras e senhores:

Quando o amigo Pedro Vicente convidou-me a fazer a saudação acadêmica de praxe, combinamos que, em nossas falas, deveríamos primar pela brevidade. É que nenhum de nós dois é dado à oratória, e até pensamos, como Mallarmé, “que se deveria torcer o pescoço à eloqüência.”

Faz-se necessário, todavia, dar cumprimento ao disposto no arte. 26, do Regimento Interno desta Casa, in verbis:

“O acadêmico encarregado de saudar o novo empossado apreciará, em nome da Academia, a personalidade e a obra literária do recipiendário.”

À luz deste dispositivo, devo ressaltar um aspecto que me parece de grande importância na personalidade intelectual do novo acadêmico, além das virtudes óbvias - inteligência e integridade. É que em sendo um scholar, um professor-doutor voltado para o estudo das ciências humanas e sociais, também é um artista em potencial, um poeta, embora nunca tenha cometido versos, que eu saiba. Tais qualidades estão presentes, de modo especial, em dois dos seus livros menos divulgados - “Exercícios Circunstanciais” (Natal: Edições Coivara, 1997) e “Outras Circunstâncias” (João Pessoa: EDUFPB, 2002).

Confesso que são os livros de minha predileção, em toda a sua obra. Seus títulos sinalizam uma despreensão, que só pode ser entendida como prova de modéstia. Pois,

de circunstanciais no sentido de coisa datada ou de interesse transitório, esses escritos não têm nada.

A temática é variada, e bem demonstra a versatilidade do autor, indo, com desenvoltura, das “Reflexões de Marx sobre o Estado no Livro I de “O Capital” a “Um Olhar sobre o Olhar de Morse”; de “Chico Mendes: a Trajetória de uma Liderança” a “Johnny Guitar”; entre outros assuntos, no primeiro livro; e de “O Escritor Nordestino - um Itinerante à Procura de Editor” a “Uma Culinária Revisitada” e “Casado, historiador da comida”, no segundo.

Os “exercícios” também revelam qualidades especiais do autor, como, por exemplo, o gourmet e o cinéfilo, no admirável “Cinema e Gastronomia: A Festa de Babette”, sem dúvidas, ponto alto do seu ensaísmo.

Há tanta coisa mais a dizer, mas tenho de cumprir a promessa de ser conciso, breve.

A Academia de Letras, senhoras e senhores, é uma casa de escritores, de artistas da palavra.

Em nome de todos os acadêmicos, digo com alegria: Bem-vindo, escritor Pedro Vicente Costa Sobrinho. A casa é sua.

Permita-me, Senhor Presidente, já fugindo ao tratamento protocolar, e numa paródia a famoso verso de Manuel Bandeira, dizer:

Entra, Pedro. Você não precisa pedir licença.

**GALERIA
ACADÊMICA**

GILBERTO AVELINO

Jurandyr Navarro

Escrevemos esta página dominados pela emoção. A penível sensação de perda fere mais, quando lembrada, à medida que o tempo passa. A voz silenciada cria um vazio incômodo, que a amizade teima em não acreditar na sua ausência.

Fomos amigos fraternos durante longos cinqüenta anos. O velho Atheneu foi o palco do nosso primeiro encontro.

A sua inteligência já despontava radiante e curiosa, comprovando a passagem bíblica, de que não se pode deixar de vislumbrar uma cidade plantada sobre um monte. Já se iniciara ele na Poesia, encantadora musa da sua existência. Por essa época, que já vai longe, podemos evocar o nosso interesse pelo jornalismo: ele, Aderbal Morelli, Ticiano Duarte e nós, tirávamos um jornal intitulado “A Expressão”. Jornal lítero-cultural, como o grafamos no seu sub-título. Todos nós, além de escrevermos cada um a sua matéria, acompanhávamos a sua composição, pela madrugada, em tipografia particular, cuja tiragem era paga com os anúncios conseguidos no Comércio. Tratávamos, também, da sua circulação, que ficava a cargo de Benedito Maia, distribuindo-o no Atheneu e pelo “Grande Ponto”.

As matérias jornalísticas de Gilberto versavam temas palpitantes de literatura, em prosa e outras de inspiração poética. Nesse período ele se encontrava leitor assíduo

das produções literárias da época e costumava citar, de memória, trechos escolhidos de autores de sua preferência. Desde cedo fora fascinado pelas Letras e pelo seu encanto espiritual. Sempre portou-se como um intelectual autêntico, desprezando divertimentos da idade como as praias, esportes e as molecagens de rua. Daí a sua consagração pelo valor literário, por todos conhecido e proclamado, que o credenciou penetrar, triunfante, nos umbrais desta Academia.

O seu saber pensante direcionou-o em várias vertentes: por dom Inato fez-se Poeta e Orador. E por virtude adquirida, tornou-se Advogado e Político.

Várias as sua obras, citando algumas delas: "Elegias do Mar Aceso em Lua", "O Vento Leste". "As Marés e a Ilha". "Os Pontos Cardiais"; "O Navegador e o Sextante".

Dias antes de sua morte inesperada, confidenciou-nos ter em mente a publicação do seu novo livro: "Diálogo Náutico".

A alma sonhadora era atraída pelos mistérios das Águas do Mar, o grandioso milagre da Criação, dito por eminentes pensadores como a mais impressionante imagem da eternidade.

Sanderson Negreiros considerava Gilberto Avelino um lírico em estado selvagem, que alçou vôos elevados no firmamento poético.

A sua ausência, embora cruel, não impediu que o seu nome se eternizasse na sua obra. Em vida, já cantara a sua glória poética. A sua presença permanecerá na atmosfera cultural desta Academia de Letras, podendo ele ter dito como Augusto dos Anjos:

“Quando pararem todos os relógios
Da minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,
Voltando à pátria da homogeneidade
A minha sombra há de ficar aqui”.

Além dessa inclinação natural, por via genética, pela Poesia, Gilberto Avelino, espírito atilado de raciocínio lógico, direcionou seus estudos, na instrução formal, para as lides do Direito. Nesta profissão, a inteligência vivaz e a vontade indomável pelo trabalho pertinaz, conduziram-no a alcançar inúmeras vitórias na liça forense. As questões por ele ajuizadas, a sua grande maioria, foram objeto do elogio ponderado de magistrados eminentes, tanto pelo silogismo da argumentação doutrinal, quanto pelo arrimo jurisprudencial a ela acostado.

Trabalhou infatigavelmente. O ardor pela vocação abraçada prolongou-se até o derradeiro dia de sua existência. Soube-se que o aviso da morte surpreendeu-o preocupado com um processo em grau de recurso. Raros os causídios dotados dessa obstinação pela nobre profissão.

Exibiu-se como um dos melhores advogados do Rio Grande do Norte, em todos os tempos.

Outro dote que cingiu-lhe a fronte iluminada, foi o de Orador. Nas tribunas da Praça Pública, do Tribunal do Júri e dos salões culturais, a oração inflamável prendia a atenção dos que a ouviam, magnetizados pela magia da palavra erudita e convencidora.

Espírito atento aos problemas sociais da sua terra salineira, interessou-se, outrossim, pela política, empregando o seu valor intelectual, a saúde e o acendrado civismo pátrio, sonhando com uma sociedade mais igualitária e fraterna. E desse modo, participou da política partidária, por longos anos.

Tais vãos de pensamento e ação caracterizaram o talento, o brilhante talento, do beletrista coestaduano Gilberto Avelino.

Nesta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o intelectual ora reverenciado, foi eleito na vaga do seu genitor Edinor Avelino, poeta como ele, honrando com sua cultura literária e humanista, a Cadeira nº 35, cujo Patrono é Juvenal Antunes.

Constata-se, assim, ter sido riquíssima a vida intelectual de Gilberto Edinor Cabral Avelino, refletida na Literatura, no Direito, na Oratória e na Política. Vida marcada intensamente pela ética, pelo idealismo, pela Fé cristã e de fidelidade à sua distinta Família, pelo exemplo de pai amantíssimo e esposo dileto.

Por todos esses méritos reunidos, numa só vida, concluamos esta página, cuja inspiração foi tolhida pela emoção, com o verso do famoso poeta universal Manoel Maria Barbosa d Bocage:

“Chorai-lhe a morte, - e celebrai-lhe a vida”.

Natal, 17 de outubro de 2002

**PALAVRAS DE AGRADECIMENTO PROFERIDAS PELA
VIÚVA DO ACADÊMICO GILBERTO AVELINO POR
OCASIÃO DO SEU NECROLÓGIO NA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS,
NO DIA 17 DE OUTUBRO DE 2002.**

Eu pediria aos meus queridos ouvintes, bondade e compreensão. Não vai ser um discurso, porém, como prefiro chamar: palavras do coração.

Inicio estas simples palavras de agradecimento, utilizando um conceito muito usado pelo nosso homenageado:

"Aqueles a quem amamos e que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão sempre onde estamos".

E poderia este ser um momento feliz, de confraternização e júbilo, se não fosse pela ausência do homenageado. Ele agradeceria com sua notável oratória se aqui estivesse. Mas, poderemos compensar se possível esta lacuna pelas suas palavras tecidas com magia e arte de lírico nestes versos quase proféticos:

Volto

Ao meu chão de sal

Sempre volto

Ele agasalha

Sara
Encanta
Embala

E nutre-me

Com a mesma seiva
Do leite materno

Estou consternada pela perda irreparável do meu marido Gilberto Avelino, porém, neste momento, sensibilizada e com muita emoção, em meu nome e da minha família, agradeço de coração a todos aqui presentes, à Academia - Norte-Rio-Grandense de Letras, ao acadêmico Jurandyr Navarro pela sincera oração. Gilberto o chamava carinhosamente de Jurinha. E como disse o poeta Vinícius de Moraes:

"A gente não faz amigos, reconhece-os"

Eles se conheceram desde os anos da juventude no velho e amado Atheneu e cuja amizade perdurou até o final da sua vida. Agradeço ao amigo Jurandyr, também pela lealdade da amizade e que agora a confirma com tanto ardor, lembrando e homenageando sua memória nos trazendo uma saudade dolorida, no entanto confortada.

Há alguns anos estava eu nesta Academia de Letras, juntamente com os meus familiares e o nosso Gilberto Avelino para juntos vivermos a emoção da sua posse

nesta augusta Casa da Cultura. Mas, hoje a vida que nos surpreende quase sempre, estou aqui, vivendo o paradoxo da alegria que nos cedeu lugar à dor de saber que não o temos mais entre nós. A intelectualidade que o leva à imortalidade, ameniza esta perda.

Portanto, mais uma vez agradeço esta homenagem para aquele que escreveu esta elegia:

Elegia

Não é a mesma voz, nem mesmos os gestos,
 Soltos aos ventos e ao rumo das marés.
 Não é a mesma voz, a de antigamente,
 Trazendo no canto o adeus dos marujos.
 Entre sombras e fantasias inúteis,
 Presos às mãos esquisitos violinos,
 Partem-se os sonhos de barcos e marés,
 E as rosas vê fugirem dos cabelos.
 Em tardes de sois e de claros moinhos,
 Quando as mãos eram bússolas e velas,
 Sentia desejos de calmas enseadas.
 Hoje, desfeitos os sonhos, morta a paisagem,
 Espera partir, branca de neblinas,
 Para longe, além do tempo.

Ele amava e contemplava o seu chão salgado pelo mar de sargaços. Mar este que jamais será o mesmo para nós familiares e admiradores da sua obra poética. Mar este que não será o mesmo sem a voz sonora e vibrante do seu timoneiro que tanto o amou e o consagrou. Mar,

tão seu. Mar que o traz ao nosso convívio novamente através das lembranças como certa vez ele disse:

“É inútil pensar que as lembranças se apagam da memória. Elas permanecem intactas e sempre revolvidas pela incansável vigilância dos sentidos”.

A imortalidade a que falei pereniza a sua obra literária. São 11 livros: O Moinho e o Vento; O Navegador- e o Sextante, Os Noturnos; Os Pontos Cardeais, Elegias do Mar Aceso em Lua; O Vento Leste; Além das Salinas; As Marés e a Ilha, Os Tercetos e Um Canto às Vozes do Mar e os dois últimos: Diário Náutico e A Palavra e o Gesto ainda inéditos. Os seus poemas têm uma temática marinha. São poemas cheios de sal, cantados por quem experimentou a grandeza e a beleza de um mar vivido à beira do cáis desde menino, onde foi arquitetado seu futuro de sonhos e ideais. Mar de onde brotou a sua poesia telúrica. Falar em profundidade sobre sua obra poética, nem será necessário. Prefiro sintetizar como o fez o poeta Diógenes da Cunha Lima na apresentação para o livro “As Marés e a Ilha”.

“A poesia de Gilberto Avelino tem o sal, a limpidez e a emoção da lágrima”.

Gilberto escreveu também textos e crônicas. E como não poderia fugir à regra. Mesmo em prosa é aquela conotação marinha que já conhecemos. Poemas seus figuram nas seguintes antologias:

1. Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense, Rômulo C. Wanderley. - Edições do Vai Ltda., Rio de Janeiro.

2. A Poesia Norte-Rio-Grandense. no Século XX, Assis Brasil. - Natal - Funcart - Imago, Rio de Janeiro.
3. Nordestinos (Coletânea Poética do Nordeste Brasileiro), Pedro Américo de Farias (Organizador). Editorial Fragmentos, Ltda., Lisboa.
4. Ave, Myriam, Celso da Silveira (Organizador), Co-Edição: Editora Universitária - Edições Clima, Natal.
5. Lendas do Brasil, Gumercindo Saraiva (Editora Itatiaia Limitada), Belo Horizonte.
6. Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte, Constância Lima Duarte. Diva Cunha Pereira de Macedo (Organizadoras), Limiar - Edições Belo Horizonte.
7. Literatura do Rio Grande do Norte, Constância Lima Duarte. Diva Cunha Pereira de Macedo (Organizadoras), - EDUFRN, Editora da UFRN.
8. Poesia Circular (Antologia da Poesia do Rio Grande do Norte), Coordenação Geral- Aluizio Mathias, Editora Universitária - UFRN.
9. Poesia Viva de Natal, Organização de Manoel Onofre Jr., Capitania das Artes – Nordestal Editora - Recife.
10. Roteiro Poético de Natal, Organização de Manoel Onofre Jr.
11. Enciclopédia de Literatura Brasileira Contemporânea - vol, li, Reis de Souza - Rio de Janeiro.
12. Amor nos Trópicos, Beatriz Alcântara, Lourdes Sarmiento - Orgs. NFC - Casa de José de Alencar (Programa Editorial).
13. Águas dos Trópicos, Beatriz Alcântara - Lourdes Sarmiento - Orgs. Secretaria de Cultura do Ceará - SECULT.

14. Rio Grande do Norte - Oradores (Biografia e Antologia) Jurandyr Navarro (1889 - 2000).

Eis que inesperadamente como o pássaro que alçou vôo para vencer a distância dos céus, o nosso lírico poeta nos deixou para ir em busca de outros horizontes para cantar os seus versos junto “às coisas superiores”. E tomando por empréstimo as palavras de Byron direi:

“Adeus, palavra esta que nos faz demorar; contudo, adeus”,

Nos resta que ele permaneça presente nos corações dos que o amam, na onda do mar, nos verdes mangues e em toda a paisagem talássica do seu fazer poético.

Muito Obrigada

Gilda Avelino

PROFESSOR JOSÉ MELQUÍADES DE MACÊDO

João Batista Pinheiro Cabral

A Academia Norte-rio-grandense de Letras encontra-se reunida nesta solene ocasião para reverenciar a memória do Professor José Melquíades de Macêdo. O faz em cumprimento a uma praxe acadêmica, mas o faz – também e sobretudo – para, respeitosamente, expressar a tristeza e a imensa saudade que se apossou de todos nós em conseqüência de seu desaparecimento.

Embora acreditando que o professor José Melquíades merecesse alguém mais qualificado para tecer-lhe o epicédio, aceitei a incumbência para, nesta noite de lembranças suaves e de nostalgia, resumidamente rememorar alguns de seus méritos pessoais e uma ou outra de suas virtudes intelectuais, na tentativa de amenizar parte do soturno sentimento que envolve as nossas mentes e os nossos corações nesta ocasião.

Conheci o Professor José Melquíades de Macêdo em fins de 1958, quando ele se prepara para viajar aos Estados Unidos da América onde iria fazer um curso de especialização no San Francisco State College, na Califórnia, e eu cursava o 2º ano do Científico no Colégio Estadual Atheneu Norte-rio-grandense. Nossa amizade e nosso convívio, muitas vezes em lugares diferentes como a vida o quis, estendeu-se por mais de 40 anos.

Ao longo desse tempo, desenvolveu-se uma bem-faseja amizade entre nós, forjada e moldada na bigorna

do magistério, embora eu tenha sido um dos poucos habitantes desta mui leal e invicta Cidade dos Reis Magos e Capital da Potiguarânia a quem ele não podia chamar de “meu aluno”, como gostava de se referir aos seus ex-estudantes. Mesmo assim, José Melquíades e eu éramos mais do que colegas de magistério; éramos amigos íntimos e fraternalmente dividíamos nossos ônus e bônus, a agonia e êxtase do magistério, onde estivéssemos, sem embargo de eventuais distúrbios crono-topo-cinéticos, impostos pelo destino. Posso, Senhor Presidente e Senhoras e Senhores acadêmicos, nesta noite de saudades, dizer-vos que ao longo de duas vintenas de anos, para utilizar as sentidas e metafóricas expressões de Augusto dos Anjos, que “choramos bilhões de vezes com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos” de nossos gloriosos labores magisteriais, pouquíssimas vezes recompensados pecuniariamente, porém suavizados nas macias tardes atlânticas no bar do Lourival e outras clínicas informais de repouso, onde costumávamos dar “uma prega no tempo” como dizia o Mestre José Saturnino de Paiva.

José Melquíades de Macêdo nasceu em Igreja Nova, distrito de Macaíba às margens do Rio Potengi, próximo ao Poço das Pedras, no dia 29 de outubro de 1925. Seus pais, pessoas simples e de modesto nível de instrução formal, eram Antônio Melquíades de Macêdo e Arminda de Oliveira Macêdo. José teve um irmão de nome Irineu e duas irmãs que se chamaram Iracema e Julieta, respectivamente.

Na luta pela sobrevivência, a família mudou-se para Macau, onde seu pai trabalhou nas salinas e nas

embarcações que transportavam sal. Em Macau José, como eu na intimidade o chamava, fez o curso primário na Escola Pública da cidade das alvas pirâmides de sal. Nessa época, a pedido do pai, o jovem José Melquíades lia a noite versos de feira e romances de cordel para os trabalhadores das salinas e das barcaças que, embevecidos, escutavam as narrativas rimadas das aventuras de Oliveiros contra o Gigante Ferrabrás, “de corpo descomunal, que assolava o Reino do Almirante”, ou as aventuras do “Pavão Misterioso”, que tornou possível a um jovem apaixonado raptar, pelo ar, a filha de um orgulhoso conde que a aprisionara no alto de uma torre de seu castelo na tentativa de impedir o impetuoso e inevitável romance. Tudo isso era apresentado aos barcaceiros e salineiros na voz e na interpretação do jovem José Melquíades, um lídimo antecessor, em muitos aspectos, das novelas exibidas pelas nossas redes de televisão dos dias atuais em horário nobre.

Concluído o curso primário em Macau, Melquíades retornou a Macaíba. Ali chegando aproximou-se de Dom Joaquim Antônio de Almeida, bispo resignado, seu parente, que ao deixar a sua Diocese passou a residir naquela cidade às margens do Potengi plantada. O religioso, velho, doente e cego, freqüentemente pedia ao jovem José Melquíades que lesse a sua correspondência e lhe escrevesse as respostas que ditava. Pedia-lhe, também, que lesse capítulos inteiros de obras de seu interesse, proporcionando ao jovem Melquíades oportunidades de entrar no mundo maravilhoso dos clássicos.

Dessa aproximação com o velho Bispo resignado surgiu a oportunidade de José Melquíades entrar para o Seminário em Natal. Na Casa de Formação dos Levitas do Senhor, foi contemporâneo ou ex-aluno de figuras exponenciais do Clero Brasileiro. Por questão de tempo e pelas inevitáveis omissões involuntárias, esses ilustres prelados deixam de ser citados por mim nesta ocasião, mas encontram-se todos elencados na obra "O Seminário de São Pedro", de sua autoria, obra prefaciada por Monsenhor Expedito, o santo abnegado que dedicou sua vida a alertar as autoridades municipais, estaduais e federais para a tragédia das secas que criticamente flagelam as populações do Rio Grande do Norte e do Nordeste do Brasil.

José Melquíades conseguiu concluir o Seminário Menor, fundamento sobre o qual passou a construir uma sólida cultura humanista, com uma formidável base latinista. Nessa época, o jovem seminarista passou a debater-se numa profunda crise existencial ao apaixonar-se por sua jovem prima e futura esposa, Gizelda Paraguassu de Macêdo. Depois debater-se na crise existencial, José resolveu terminar sua carreira eclesiástica, deixando o seminário para sempre. Passou a estudar no Atheneu onde concluiu o curso científico e preparou-se para o casamento com sua amada eleita. Dessa união nasceram oito filhos que lhes deram treze netos.

Tendo concluído o curso científico, contemplando as responsabilidades futuras do matrimônio, de repente, não mais que de repente, José Melquíades se depara com a

dura realidade da maldição Adâmica, a praga Bíblica de que com o suor do rosto teria de comer o seu pão de cada dia. Como ex-seminarista enamorado, embora já conhecendo “As Confissões” e “A Cidade de Deus”, de Agostinho Aurélio, Bispo de Hipona e doutor da Igreja, mas não conhecendo ainda os versos de Juvenal Antunes, poeta do Vale do Ceará Mirim e patrono da cadeira nº 35 desta Academia, que dizem “...encontra-se na Bíblia essa doutrina sã, não vos preocupeis com o dia de manhã...”, Melquíades, afanosamente tratou de arranjar um emprego, uma ocupação remunerada, que lhe permitisse honrada e dignamente, como o fez até o último dia de sua profícua existência, sustentar sua família.

Na procura de emprego, conheceu o famoso Professor José Saturnino de Paiva que o contratou para lecionar Latim no “Externato Saturnino”. Conheceu, na mesma época, o não menos legendário Professor Eulício Farias de Lacerda, que o convidou para ministrar aulas no curso preparatório para exames supletivos, de sua propriedade que funcionava na rua Princesa Isabel. Após longas horas lecionando Latim e suas sinuosas declinações, o jovem Professor Melquíades não encontrava forças para dizer um peremptório não ao amável convite do Professor Saturnino que o levava, depois das aulas, ao bar e confeitaria Cisne, no Grande Ponto, para ensiná-lo a sorver o néctar dos deuses, cerveja bem gelada, caprichosamente servida por José Américo, uma espécie de ícone dos garçons de Natal de todos os tempos.

Na sublime arte teuto-brasileira de degustar o caldo de lúpulo e cevada fermentado e resfriado, em pouco tempo José Melquíades alcançou e ultrapassou o Mestre Saturnino, tornando-se, por seus próprios méritos, indissociavelmente ligado a essa refinada forma de ócio com dignidade, isto tudo sem haver ainda lido “O elogio ao ócio” de Bertrand Russel, nem “O Direito ao Ócio” de Paul Lafarge. No que diz respeito à cerveja José Melquíades conseguiu, entre outras proezas, desmentir – categoricamente – a teoria de que todo bebedor de cerveja é gordo e barrigudo, tornando-se protagonista de incontáveis e memoráveis episódios hilários associados à arte de bem beber em companhia de bons amigos.

A propósito, o Professor Protásio Melo, nosso colega de magistério, contou-me que certo dia José Melquíades convidou o vice-cônsul norte-americano e Diretor Cultural da Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, Bob Lindquist, para uma viagem a Poço Branco a fim de conhecerem a barragem que estava para ser inaugurada. Saíram de manhã cedo no jipe de Melquíades sob as recomendações de Dóris, esposa de Lindquist, que lhes entregou uma garrafa térmica de chá dizendo-lhes que não ingerissem bebidas alcoólicas na estrada, porque era perigoso. Ao passarem pela velha ponte de ferro de Igapó, José Melquíades convenceu – sem muita dificuldade – o nosso cônsul a jogar nas águas do Rio Potengi a garrafa térmica e seu potencialmente perigoso conteúdo e saíram à procura de uma bodega com uma placa que anunciasse “bebidas geladas”. Já perto de

Ceará Mirim, encontraram o que procuravam. Era uma pequena mercearia com uma geladeira doméstica em cujo congelador diminuto o dono esfriava algumas garrafas de cerveja. Melquíades entrou e foi logo perguntando: “tem cerveja Brahma?”. Naquele tempo todos preferiam cerveja Brahma e pouquíssimos eram os bebedores de Antártica. O proprietário, honestamente respondeu: “só tem Antártica, doutor.” E Melquíades perguntou – “está quente?”. Ao que o bodegueiro respondeu: “Está sim senhor, pois faz pouco tempo que cheguei da feira com as bebidas e ainda não deu tempo de gelar.” Melquíades então voltou à carga dizendo rapidamente: “neste caso traga as quatro que estão no congelador, antes que algum aventureiro lance mão delas”.

Mas, Senhor Presidente e Senhoras e Senhores Acadêmicos, o compromisso intelectual e as responsabilidades culturais e humanistas bem como a seriedade magisterial do Professor Melquíades jamais ficaram em segundo plano de suas atividades. Com o Professor Saturnino ele também aprendeu a lição áurea de que o trabalho precede o prazer. Como todos sabemos, o Professor José Melquíades lecionou em diversas escolas de nossa capital, sendo sempre considerado excelente professor, cumpridor dos seus horários e deveres.

Dando seguimento aos seus estudos formais, matriculou-se na Faculdade de Direito de Alagoas, colando grau em 1956. durante o curso de Direito tomou gosto pela atividade política, tendo se filiado ao Partido

Trabalhista Brasileiro, o PTB de Getúlio Vargas, participando ativamente das campanhas de Vargas em 1950 e de Juscelino Kubitschek de Oliveira em 1955/56. Foi promotor público na capital de nosso estado, mas nessa atividade pouco tempo permaneceu por estar muito envolvido nas campanhas políticas da época. Na política, tornou-se amigo de João Goulart, o Jango, padrinho de um de seus filhos. Em consequência de sua militância partidária exerceu alguns cargos públicos federais no Rio Grande do Norte, entre os quais o de Delegado do IAPM e do antigo SAPS. Após abandonar as lides políticas e os cargos públicos, advogou por algum tempo na companhia de Arnaldo Arsênio de Azevedo, mas logo deixou a advocacia para consagrar-se inteiramente ao magistério.

No magistério, em pouco tempo José Melquíades firmou-se como mestre de Latim, Inglês e Literatura anglo-americana, respeitado nacional e internacionalmente. Na volta definitiva às atividades docentes ensinou no Ginásio Sete de Setembro, no Colégio Marista, no Atheneu, no Instituto Padre Miguelinho, na Sociedade Cultural Brasil Estados Unidos, na escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, na Faculdade de Filosofia e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde se aposentou em consequência de deficiência visual. Em 1982, o então reitor da UFRN e hoje Presidente da Academia Norte-riograndense de Letras, Dr. Diógenes da Cunha Lima, seu ex-aluno, concedeu-lhe, em nome da instituição que dirige, o título de Professor Emérito.

A formação acadêmica do Professor Melquíades foi eminentemente humanista, como já vimos. Além dos

estudos no Seminário, no Atheneu e da Graduação em Direito, fez cursos de especialização nos Estados Unidos da América. De volta ao Brasil, revalidou os cursos americanos e concluiu o curso de Letras na antiga Faculdade de Filosofia, com concentração em língua inglesa e literatura anglo-americana.

José Melquíades dedicou-se também ao jornalismo. A começar pelo periódico católico “A Ordem”, escreveu para todos os jornais da Natal de sua época, tratando de assuntos variados, do sério e filosófico aos temas “light” ou jocosos. Lembro-me bem do magnífico artigo publicado no “Diário de Natal, intitulado “Dois Compadres”, que versava sobre a instituição do compadrio no Brasil e foi chamado de “página de antologia” pelo Mestre José Saturnino de Paiva devido a sua beleza e estilo literários. Melquíades publicou também inúmeros trabalhos nas Revistas desta Academia Nortério-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e em tantas outras. Nesses trabalhos, além de demonstrar sua vastíssima cultura Latinista, apresentava sempre um forte senso de humor e uma pronunciada tendência Voltaireana no que diz respeito à sátira e à ironia, características dos espíritos superiores. Mas seus escritos não agrediam a qualquer pessoa. Demonstavam, isto sim, erudição sem pedantismo e sem subscrevencia e eram, invariavelmente vazados em linguagem correta, de fácil leitura e assimilação, sendo - naturalmente - bem recebidos pela crítica. Melquíades

pertencia a um seleto grupo de escritores, como dizia o frade alemão contemporâneo de Tobias Barreto em Pernambuco, “uma meia dúzia de quatro ou cinco”, dos quais se pode dizer que jamais desperdiçaram o tempo ou frustraram as expectativas de seus leitores com textos maçantes, desinteressantes ou enfadonhos.

Seu livro de estréia chamou-se “Os Estados Unidos a Mulher e o Cachorro”. É o resultado de profundas e preciosas observações sobre a sociedade norte-americana ainda marcada pela guerra fria, debatendo-se para erradicar o racismo então institucionalizado anacronicamente em algumas regiões daquele grande país. Foi testemunha ocular da História na época em que os Estados Unidos se preparavam para a transição entre Eisenhower e Kennedy, com todas as implicações inerentes a esse importante momento da existência dos Estados Unidos da América do Norte. Suas observações sobre o porquê dos subúrbios, da classe média americana, da fotografia sempre presente em todas as ocasiões da vida de milhões e milhões de americanos, das máquinas de filmar amadoras e dos primórdios da Televisão nos Estados Unidos são, hoje, preciosas raridades reveladoras de tendências daquela época confirmadas pelo tempo.

Por falar em filmadoras, Melquíades pioneiramente trouxe dos Estados Unidos uma dessas máquinas juntamente com um projetor de cinema. Graças a esses instrumentos, ele gravou um celulóide cenas históricas do “Clube dos Inocentes”, de suas cândidas reuniões na casa do Mestre Cascudo e em outros lugares. Há um registro raríssimo do Professor José Saturnino de Paiva na Praia de

Ponta Negra, sem paletó, mas de camisa com mangas compridas, gravata e calças arregaçadas até os joelhos, sem sapatos, deliciando-se com o fluxo e refluxo das ondas na beira da praia. De vez em quando, nos bródios literários que promovia em sua residência de Santos Reis, essas raridades históricas eram exibidas e devidamente brindadas com entusiasmo, carinho e saudades. Mas, voltando a falar da obra literária de José Melquíades, dos livros que publicou, cumpre-me mencionar, além do já citado "Os Estados Unidos, a Mulher e o Cachorro", com duas edições (1961 e 1963) as seguintes obras:

"Padre Francisco de Brito Guerra, um Senador do Império", com duas edições (1968 e 1987);

"Três Ensaios - Auta de Souza, Padre Brito Guerra e Dom Joaquim Antônio de Almeida", (1963);

"Juca Porfírio" - Romance, (1977);

"Literatura Japonesa", com duas edições (1983 e 1993);

"Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes", em duas edições (1992 e 1998);

"Duas Palestras". (1968);

"Armando Fagundes, uma Vida Dedicada à Maçonaria". (1997);

"A Capela de Santos Reis - Resumo Histórico". (1998);

"História de Santos Reis - A Capela e o Bairro", (1999)

"O Seminário de São Pedro". (1998) e

"A Morte do Goitizeiro", (2001), que foi o seu livro de despedida.

Sem querer esgotar o assunto, cumpre-me dizer que, além da contribuição histórica, sociológica e política de obras como “Os Estados Unidos, a Mulher e o Cachorro”, “Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes”, “Armando Fagundes, uma Vida Dedicada à Maçonaria”, “História de Santos Reis”, “Três Ensaios” e “Padre Francisco de Brito Guerra”, José Melquíades fez duas significativas incursões no vasto e complexo mundo do Romance e da Ficção, ambas com sucesso.

Primeiro escreveu “Juca Porfírio” um romance psicológico premiado que lhe serviu como disse o Escritor e integrante desta Academia, Manoel Onofre Júnior, de indispensável exercício de adestramento na difícilíssima – e pouco praticada entre nós – arte da ficção literária, que viria à tona de forma esplendorosa no seu romance de despedida, “A Morte do Gotizeiro”, obra machadianamente exemplar.

Ocorre-me, neste momento, o que disse Gabriel Garcia Márquez, sobre as dificuldades da ficção:

“... o esforço de escrever um conto curto é tão intenso como o de começar um romance. Pois no primeiro parágrafo de um romance é preciso definir tudo: estrutura, tom, estilo, longitude e, às vezes, até o caráter de algum personagem. O resto é o prazer de escrever o mais íntimo e solitário que se possa imaginar, e se a gente não fica corrigindo o livro pelo resto da vida é porque o mesmo rigor de ferro que faz falta para começá-lo se impõe na hora de terminá-lo. O conto, por sua vez, não tem princípio nem fim: anda ou desanda. E se desanda a experiência própria e alheia ensina que na maioria das vezes é mais

saudável começá-lo de novo por outro caminho, ou jogá-lo no lixo". Com o romance, porém, tudo tem que ser definido – começo, meio e fim, logo de saída.

"A Morte do Goitzeiro" é um romance universalmente elogiado e bem acolhido pela crítica. Nele o autor demonstra que possuía maturidade de sobra para os vãos altíssimos das altitudes machadianas. Ainda nos originais xerografados, inéditos-, concorreu ao prêmio Prêmio Câmara Cascudo, instituído pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade do Natal e, merecidamente, conquistou o prêmio de 1997. Quando soube da premiação de "A Morte do Goitzeiro", Diógenes da Cunha Lima assim se manifestou:

"... é preciso que se parabeneze o autor e a sensibilidade da Comissão Julgadora que lhe conferiu o prêmio Câmara Cascudo de 1997. Nada mas se fez do que justiça à obra, mas é necessário que igual justiça estenda-se ao público leitor, permitindo-lhe que desfrute da agradável leitura. Impossível ficar indiferente ao relato de situações com as quais nos identificamos, seja pela realidade vivenciada por muitos, e revivida a cada capítulo, seja pela fantasia com a qual outros se vestem para colorir o dia-a-dia. A linguagem enxuta, despojada de adjetivos supérfluos, conferem agilidade e dinamismo à narrativa, que encanta pelo lirismo e transforma prosa em poesia. À semelhança de Machado de Assis, a ironia é sutil, o enredo bem constituído. As personagens transitam livres, serenas e transparentes em sua essência".

Luís Carlos Guimarães, com a sensibilidade que lhe era peculiar, escreveu o seguinte sobre "A Morte do Goitzeiro":

“... Sugere um clima de autobiografia. À forma do romance acrescenta a reflexão, questionamentos existenciais, a busca de um sentido para ser e estar no mundo. A linguagem ao mesmo tempo simples e rica oferece informações sobre temas que ampliam o horizonte do leitor. Muito mais do que um romance, José Melquíades escreveu um livro de aprendizado de vida”.

Na verdade, trata-se de um romance em tom de memorial, um dos mais lídimos representantes desse gênero entre nós, onde o autor esbanja talento na melhor tradição desse difícil estilo. Mesmo assim, não lhe faltam modernidade e atualidade, uma vez que o autor a todo momento se identifica com os personagens e as situações com que se depara ao longo do romance. A linguagem empregada é clara, cativante, e valoriza ainda mais o texto que, aqui e acolá, é permeado por citações em Latim, Francês, Inglês, Italiano, e outros idiomas além de uma abundante e continua torrente de referências a autores clássicos e contemporâneos que demonstram, à sociedade, a monumental erudição de José Melquíades.

E isso tudo o autor conseguiu com uma mistura de ironia e humor permeada com alguns momentos de amarga melancolia, essência de vida dos romances de inspiração machadiana, onde os personagens saltam das páginas do livro para vida do leitor. Este é o caso, por exemplo, para ficar apenas em um personagem, do Tio Rafael, um tipo sobre todos os títulos interessantíssimo que nas palavras do autor era “o homem do momento, irreverente e fleumático por natureza,” como muitas vezes o demonstra ao longo das filosóficas discussões com o

padre João, outro personagem central do romance. Suas orações, por exemplo, eram diferentes das invocações convencionais, especialmente das rezas dos beatos e carolas de todos os calibres. Tio Rafael rezava assim:

“...Senhor, enquanto poderes esquecer este teu servo aqui na terra, Senhor, esquece-o. Se o meu lugar já está reservado lá no céu, Senhor, não tenho pressa em lá chegar. Ainda não estou preparado para habitar o teu reino, Senhor. Prefiro propagar o teu Santo Nome aqui na terra, a qual te dignaste mandar Pedro Álvares Cabral descobri-la em companhia de Frei Henrique de Coimbra. Não quero que me concedas os anos de Matusalém, não Senhor. Contento-me com a idade de seu pai Enoque, arrebatando aos céus nos seus bens vividos trezentos e sessenta e seis janeiros”.

E ainda filosofava parafraseando George Bernard Shaw ao dizer que “a vida é um processo de interrupções e que essas interrupções geram interrogações e tudo isso dificulta a maneira de viver. Em duas palavras: complicam a vida”.

Mas, não devo me alongar nessa tímida tentativa de transmitir-lhes lampejos da essência da obra de despedida de José Melquíades. Tenho certeza de que isso seria “pregar para convertidos” pois todos aqui conhecem o conteúdo dessa magnífica obra.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Minha longa convivência com o Professor José Melquíades levou-me a desfrutar de sua companhia em três países distintos: Brasil, Estados Unidos e Canadá. No Brasil, aqui em Natal, desde o nosso primeiro encontro há

quarenta e quatro anos, e em minha casa e Brasília, onde minha esposa e eu tivemos a satisfação de hospeda-lo em companhia de dona Gizelda. Nos Estados Unidos hospedei-o quando participava de um programa de intercâmbio de Professores Universitários firmado entre a UFRN e a Universidade do Estado do Maine. Passou um mês em minha casa em Fredonia, New York. Durante essa visita levei-o para viajar pelo Canadá. Foram duas semanas passeando pelas belas e bem cuidadas terras daquele antigo Domínio Inglês na América do Norte. Estivemos em Niagara Falls, Toronto, toda a província de Ontário, Montreal, Quebec, Ottawa, e, "last but not least," conhecemos o majestoso sistema de navegação fluvial do São Lourenço. Aproveitamos nossa viagem ao Canadá para sorver todas as botelhas de Molsen Ale, uma cerveja especial canadense, que se colocaram diante de nós. Receosos de que esse precioso líquido viesse a faltar, por sugestão de José Melquíades, compramos na própria fábrica uma caixa com vinte quatro ampolas que ficaram guardadas no porta-malas do meu carro para qualquer eventualidade.

Enquanto nos Estados Unidos, apresentei José Melquíades a diversos Professores da Universidade onde concluí o meu mestrado, a State University of New York, campus at Fredonia, dos quais ele se tornou amigo e correspondente.

Em Fredonia levei-o também para conhecer os ênios candelabros da loja maçônica Forrest Lodge 195 e para participar de algumas reuniões da nossa sublime ordem no estado de New York, tudo no rito Escocês antigo e

aceito. Por falar em Maçonaria, aqui em Natal convivi com José Melquíades na Loja Bartholomeu Fagundes, onde nos confraternizávamos não somente durante as reuniões ritualísticas, mas – especialmente – na socialização que se seguia aos trabalhos, desde os velhos tempos da Rua Santo Antônio, nos bares e restaurantes da cidade onde a descontração e a mais cândida alegria de viver aflorava entre homens livres e de bons costumes. E José Melquíades era um deles de pleno direito. Senhoras e Senhores Acadêmicos, Senhor Presidente.

Tão fortes qualidades intelectuais e morais fundidas numa personalidade tão cativante de modos suaves e abertos relevando uma tal energia pensante, faziam de José Melquíades de Macêdo uma companhia agradável em qualquer ocasião. Muitas vezes, no meio da mediocridade espiritual e de outros tipos, da inconsiderada rudeza dos costumes e do reles materialismo argentário característicos do nanobe mental que incomoda os espíritos possuidores de sensibilidade, encontrávamos na intimidade de sua amizade e até mesmo em fugidia convivência um repouso semelhante ao que o corpo cansado e pisado do calor, dos encontrões das vaquejadas e das cavalgadas da vida encontra ao penetrar no clima ameno e na elevação espiritual de um templo tranqüilo. José Melquíades indubitavelmente possuía um espírito maior do que o corpo. Por isso, todos os intelectuais que uma vez os encontrassem, lhe conservam para sempre um nobre sentimento que era misturado de companheirismo, fraternidade, afeto e devoção. Encontrávamos ainda

nele um confortante e sadio orgulho, pois bem sentíamos que este homem tão simples – inveterado morador de Santos Reis, bairro que literalmente ajudou a construir – era um formidável e rijo elo de ouro puro que prendia essa nossa potiguarânia cósmica ao mundo do pensamento superior onde habitam, incólomes ao passar do tempo, os espíritos de Dante, Virgílio, Aristóteles, Platão, Homero, Marco Aurélio, Cervantes, Dostoiévski, Milton, Goethe, Tucídides, Rousseau, Swift, Molière, Voltaire, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Apparício Torelli, Erasmo de Roterdã, Machado de Assis, Silvio Romero, William Shakespeare, Mark Twain, Câmara Cascudo, José Saturnino de Paiva, Veríssimo de Melo, Ascendino Henrique de Almeida Júnior e tantos outros companheiros atemporais das jornadas intelectuais de José Melquíades.

Naquele homem humilde, pois ele se comprazia entre os humildes e brilhava entre os grandes por possuir intensa luminosidade própria, estava o somatório de uma das mais sólidas culturas humanistas de Natal do Rio Grande do Norte e do Brasil.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Acadêmicos. Gostaria de concluir estas despreziosas palavras sobre a imensidão da vida de José Melquíades de Macêdo, lendo o poema de nosso confrade Nilson Patriota a ele dedicado que corre assim:

A um homem irreverente

(Ao Mestre Melquíades, in memoriam)

“Com justo apreço a vida te prodigalizou

A luz, a inteligência, o saber,
E fez de ti um ser sensível.
Com privilégios múltiplos de amigo e de mestre
Deu-te latim e a fina ironia,
Insigne construtor do poema infinito
Que os homens escrevem desde que o homem é
homem

Sobre a face da terra.

Vã não foi retidão com que viveste teu papel

Distinto cavalheiro

Platão e Pitágoras incrementaram outras teorias
Que certamente não desmereceram tua fé na
cordura,

A límpida compreensão que tiveste da bonomia e do
afeto.

Viveste a ensinar, e em ti nenhum pensamento foi
irrelevante,

Nenhum gesto menos benevolente

Que aquele que de ti se esperou:

Ciente que foste da perenidade da palavra,

Do reinante equilíbrio da postura e da ordem.

Com seu golpe fatal feriu-te a morte,

Já que o acaso adverso assim o quis.

E, no entanto freqüentas, como hoje, o âmbito
boêmio,

Com sói acontecer a quem não desmerece

A saga das lembranças de que se orgulha a hora
renovada.

E, conquanto em nós outros a noite do tempo passe
Alheia às condições do ser e do não ser,
Em ti a eternidade tece uma outra existência
A partir da memória do coração dos que amaste.
Hoje o dia nasceu trazendo a atoarda ansiosa da vida
E o teu sorriso.

O calmo sorriso do mestre
A quem se devolve a cátedra e a rotina,
Constatando-se que morto não estás
E, mais que antes, vives.”

Discurso Proferido pelo Professor João Batista Pinheiro
Cabral, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, em
26 de abril de 2002.

Tarcísio Medeiros

João Wilson Mendes Melo

Foi em certo dia de sua própria escolha, nesta mesma hora de uma tarde assim, que recebemos Tarcísio Medeiros nesta Casa, com a simplicidade de quem recebe um grande amigo que vem com a sua modéstia e pelos seus merecimentos ilustrar os que cultuam todas as formas de manifestação da inteligência. E ele chegava com uma bagagem considerável de trabalhos de pesquisa e de conhecimento da História.

Hoje seria melhor se disséssemos que estamos comemorando sua entrada num mundo de eterna luz, sem terror sem violência, onde reside o autor de toda inteligência e de todo conhecimento.

Enquanto isso espiritualmente fazemos, realizamos este elogio póstumo para que fique registrado, agora e muitas vezes pelos anos que se seguem, o que ele deixou de sinal visível e eterno daqueles valores que são a prova do sopro divino sobre o homem perecível, que as academias de Letras assumem o compromisso de torná-los imortais até o limite de tempo que o cérebro e os braços dos seus sucessores possam alcançar.

Juntem-se a isso os valores morais de conduta na vida do homem que teme e ama a Deus que Tarcísio Medeiros foi, na família, na sociedade, nos meios de trabalho, na relação com os amigos e pelo prolongamento de tudo isto que foram os seus alunos que lotavam suas salas de aula, e os seus clientes que lhe entregavam com ilimitada

confiança a defesa de seus direitos nas várias instâncias do Judiciário em que lutou, com verdadeira paixão, pelas causas que sua consciência considerava justas.

A maneira como exerceu os três pólos centrais de sua vida – a família, a cátedra de professor e a toga de advogado – faz de tudo que possamos dizer de verdadeiro e grandioso de sua vida, apenas tênues traços de recompensa em comparação com aqueles que ele deverá estar recebendo de Deus porque reservados aos que viveram dignamente.

Aqui, terá direito a uma justiça gratificante de um eleito para o exercício da memória e de sua comunicação, com o talento que o faz merecedor de ter o nome gravado no rol dos que cultivam os dons superiores da inteligência.

Merece também um lugar entre os justos, pois justo ele foi no relacionamento da família, sobretudo; também no trato com os colegas e amigos, os clientes da profissão liberal, os alunos e os leitores com os quais exercia a honestidade de transmitir fatos e atos do passado, incontestes pelos testemunhos e pelas provas, estas adquiridas pelo pesquisador entusiasta que foi. Testemunhei algumas vezes sua imensa alegria quando encontrava a verdade sobre pessoas e acontecimentos sobre os quais pairavam dúvidas.

Na profissão de advogado queria ser, como de direito, um auxiliar da justiça. Antes de aceitar uma causa, interrogava o cliente autor ou réu, às vezes até como um inquisidor, mas isento do preconceito ou do fanatismo, para conseguir o que não era falso e aceitar ou não a

sua pretensão. Não usava de artifícios, não tinha o desejo único de ganhar a causa, mas sim de implantar uma justiça ou de reparar os danos já causados.

Seu maior campo de ação foi o direito de família, em cuja atividade foi seu companheiro na Procuradoria da Legião Brasileira de Assistência, onde ele era denominado pelos assistidos de “doutor juiz da Legião”, pois, quando previamente tentava uma solução conciliatória entre as partes, emitia, para facilitar um acordo, uma opinião de juiz que, na grande maioria das vezes, era acatada, aceita pelas partes, e a Justiça, afinal, vencia.

Para não correr o risco da omissão sigo, na enumeração de sua biografia sucinta, os passos registrados no Memorial que seus filhos em boa hora organizaram, num testemunho de zelo pela sua memória, verdadeiramente edificante.

Tarcísio Medeiros nasceu em Natal, em 8 de setembro de 1918, no bairro do Alecrim (Vila Maria), na Rua General Fonseca e Silva, nº 1125, da união legítima de Maria Isaura de Lemos Medeiros e Cândido Henrique de Medeiros, pertencentes a tradicionais famílias de Pernambuco radicadas no solo potiguar desde o início do século passado, sendo seus avós paternos Francisco Cândido Nunes de Medeiros e Umbelina Augusta de Mello Medeiros, da região de Jaboatão, e avós maternos o desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos (Vicente Lemos) e Maria Olindina Bulcão de Lemos, naturais da cidade de Recife.

Fez o curso primário na Escola de Dona Aguidazinha de Oliveira Sucupira, situada na Avenida Rio Branco, e

depois na Escola 29 de Agosto, do professor João Soares de Araújo. Em 1930 ingressou no Colégio Santo Antônio, sob a direção dos Irmãos Maristas, concluindo o curso ginásial no dia 23 de novembro de 1935. No Ginásio Pernambucano, situado na Rua da Aurora, em Recife, fez o curso Pré-jurídico de 1936 a 1937; em seguida, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. A partir de setembro de 1942, foi convocado para o serviço ativo do Exército brasileiro, servindo no 16º RI de Natal, onde, após vários cursos de adaptação com o Exército americano, já como segundo-tenente R/2, foi classificado para o 6º escalão da FEB. Desmobilizado em 1945, concluiu o curso na Faculdade de Direito do Recife, na turma de 13 de dezembro do mesmo ano.

Como atividades socioculturais e desportivas, participou, como fundador, do Grêmio Literário Afonso Bezerra, fundado pelos alunos do Colégio Marista Santo Antônio, em 21 de julho de 1935, tendo ocupado posição de direção. Dedicado aos esportes, como professor de Educação Física devidamente registrado no MEC, conforme curso feito no Exército de 1943 a 1944, desde os 15 anos praticou natação, remo e futebol no Esporte Clube Natal, e depois no Santa Cruz Futebol Clube. Aos 18 anos, então pertencente ao Alecrim Futebol Clube, foi fundador da Federação Norte-rio-grandense de Basquete e Voleibol, pela qual foi campeão em 1938 e 1939.

Desde jovem acadêmico, dedicou-se ao magistério lecionando História Geral, do Brasil, das Américas e do Rio Grande do Norte na Escola Técnica de Comércio de Natal e no Ginásio 7 de Setembro, por mais de 28 anos. Face

concurso prestado no MEC, em decorrência de cursos de especialização e aperfeiçoamento na área humanística, sobretudo em História, foi registrado na Divisão do Ensino Secundário do Ministério de Educação como professor daquelas disciplinas, conforme Reg. nº D.23886, de 4 de novembro de 1957; na Divisão do Ensino Comercial, Reg. nº 3896, de 16 de julho de 1958, e no Ensino Superior, na conformidade do Reg. nº 18996, livro D.20, de 1º de janeiro de 1957 da Divisão do Ensino Superior do MEC.

Participou, ao longo da atividade de magistério, da organização da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes de Natal e da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal, como também do corpo docente de ambas, depois adjudicadas à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desde 1963, nesta permanecendo como professor adjunto 4 do Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, até a sua aposentadoria como professor titular em 1988, aos 70 anos de idade.

Também concorreu para a criação da Fundação José Augusto, tomando parte no seu Conselho Curador; integrou a Comissão Organizadora da Biblioteca Pública de Natal; foi coordenador do Instituto Nacional do Livro para o Rio Grande do Norte, ao tempo da administração do General Umberto Peregrino; foi, ainda, coordenador, na qualidade de sócio-fundador da ANRA (Associação Norte-rio-grandense de Astronomia), do Primeiro Congresso Internacional de Astronomia Amador, durante sua realização em 1956.

Na advocacia, exerceu a atividade por mais de 30 anos, tendo prestado serviços em instituições privadas e públicas. Por 25 anos, foi procurador da LBA, Comissão do Rio Grande do Norte; advogado credenciado das antigas caixas e institutos de Previdência Social, antes de sua unificação, bem como de firmas comerciais e instituições bancárias de Natal, além do atendimento constante em seu escritório. Em razão de sua inscrição sob o nº 38 na Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Rio Grande do Norte, participou de seu respectivo Conselho Estadual.

Ingressou no serviço público como escriturário-auxiliar na Repartição de Saneamento de Natal. Mediante concurso público, foi nomeado para a Secretaria do Tribunal de Apelação (hoje Tribunal de Justiça) do Estado em 1938. Em junho de 1945, após a Segunda Grande Guerra, por ocasião da reconstitucionalização do país, foi requisitado pelo então desembargador e depois ministro de Estado da Justiça Miguel Seabra Fagundes para instalar e organizar a Secretaria do Tribunal Regional Eleitoral do Estado.

Foi sócio efetivo e redator da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; sócio efetivo do Instituto Histórico do Ceará; pertenceu ao Colégio Brasileiro de Genealogia; sócio correspondente da Academia de Letras Mossoroense e ocupou a Cadeira nº 24 desta Academia, que tem como patrono Gothardo Neto.

Foi condecorado com a Medalha de Guerra de Ex-combatente e a Medalha da Vitória de Ex-combatente

do Brasil; Broche de Ouro da LBA (Condecoração de Legiãoário); Comenda da Aeronáutica do Mérito Santos Dumont; a Medalha do Mérito Cultural Henrique Castriciano e a Medalha do Mérito Cultural Alberto Maranhão.

Casado com D. Ivone de Meira Lima Medeiros, teve da união cinco filhos: Ivoncísio Meira de Medeiros, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Natal e mestre em Ciências Sociais e Políticas pela Universidade Técnica de Lisboa (Portugal), casado com a odontóloga Zoraide Nóbrega de Melo; Taone Maria de Medeiros Campos Pinto, graduada pela Escola Doméstica de Natal e casada com o coronel do Exército e engenheiro civil Pedro Mauro Campos Pinto; Izabel Izaura de Medeiros Nunes de Carvalho, concluinte do Ensino Médio, casada com o industrial Franklin Nunes de Carvalho; Alexandre Henrique Meira Lima de Medeiros, engenheiro civil, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, casado com a economista e funcionária do Tribunal de Justiça Natália Carvalho Galvão de Medeiros, e Tarcísio Meira Lima de Medeiros, funcionário público da UFRN. Dos cinco filhos, nasceram doze netos e cinco bisnetos.

Faleceu em Natal, na Casa de Saúde São Lucas, aos 84 anos de idade, no dia 26 de maio de 2003.

Publicou os seguintes livros:

1. LBA – 20 Anos de Atividades no Rio Grande do Norte. Imprensa Oficial, Natal/RN, 1962;
2. Dois Estudos de Direito Social. Imprensa Universitária, UFRN, Natal, 1969;

3. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Imprensa Universitária, UFRN, Natal, 1973;
4. Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte (2º volume). CERN, Natal, 1980;
5. Proto-História do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto e Editora Presença, Natal, 1985;
6. Estudos de História do Rio Grande do Norte. Tipografia Santa Cruz, Natal, 2001.

E os seguintes ensaios:

7. Qual Foi a nossa Primeira Constituição? – Coisas da História I. Jornal Tribuna do Norte, 15 de junho de 1958, Natal;
8. Gibraltar – Coisas da História II. Tribuna do Norte, 22 de junho de 1958, Natal;
9. O Destino de Bartolomeu Dias – Coisas da História III. Tribuna do Norte, 28 de junho de 1958, Natal;
10. Abner de Brito. Tribuna do Norte, 1958, Natal;
11. Augusto Tavares de Lira: o Amigo do meu Avô. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – volume LII/fls. 55, 1959;
12. Ontem Hospital do Monte – Hoje Hospital Miguel Couto. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LIII/ Natal, 1960;

13. Segundo Vanderlei e o Instituto Histórico. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LIII/Natal, 1960;
14. A Avaria do “São Sebastião” fez Natal hospedar Caxias. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LIV/Natal, 1961;
15. A Terra Tremeu em Natal. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LV/Natal, 1962/1963;
16. Os nossos de Tuiuti. Jornal O Poti, 22 de maio de 1966, Natal;
17. Foi assim Tuiuti. Jornal A Ordem, 28 de maio de 1966, Natal;
18. Formação da Nacionalidade e o Sentimento de Independência do Rio Grande do Norte. ICH Revista. Editora Universitária – UFRN, 1972;
19. Bernardo Vieira de Melo e a Guerra dos Bárbaros. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vols. LIX, LX e LXI/1967, 1968 e 1969. Editora Universitária, 1974;
20. Bert Hinkler e o Atlântico Sul. ICH Revista – vols. 1 e 2/nº 4. Editora Universitária, 1974;
21. A Fortaleza, as Imagens dos Santos Reis e a Capela da Barra do Rio Grande. Revista Tempo Universitário – vol. 1/nº 2. Editora Universitária – UFRN, Natal, 1976;
22. Natal, ninho de Azes de todas as Bandeiras. Revista da Aeronáutica – nº 164, Rio de Janeiro;

23. Síntese Histórica da Educação no Rio Grande do Norte. Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte – vols. LXV, LXVI e LXVII. Gráfica Manibu, Natal, 1978;

24. O Negro na Etnia do Rio Grande do Norte. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – nº 70. Editora Universitária, 1978;

25. Há 50 anos, com os Maristas em Natal. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. LXXI. Natal, 1979/1980;

26. Escola de Farmácia e Odontologia de Natal, a Pioneira de 1920. Revista Tempo Universitário – vol. 6, nº 1. Editora Universitária, 1980;

27. Como Fomos Colonizados (por degredados?). Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vols. LXXV e LXXVI. Natal, 1983/1980;

28. Análise da Revolução de 30 (50 Anos depois). Revista Vivência – vol. II/nº 3. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN – Editora Universitária, Natal, 1984;

29. Abner de Brito – uma Vida Atribulada. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vols. LXXVII e LXXVIII. Natal, 1985/1986;

30. O Estudo de História no Currículo Escolar e na Titulação do Magistério do Rio Grande do Norte. Revista História/UFRN – ano I/vol. nº1. Departamento de História – Cooperativa dos Jornais de Natal, 1978;

31. O Negro Escravo: da Etnia à Abolição e os Remanescentes de sua Cultura no Rio Grande do Norte. Revista História/UFRN – ano II/vol. nº 2. Departamento de História da UFRN, 1988;

32. O Governo do Doutor Adolfo Affonso da Silva Gordo: a República e as Secas no Rio Grande do Norte. Coleção Mossoroense – série B/nº 1040. Fundação Guimarães Duque, Mossoró, 1991;

33. Lembrando o Tempo de Guerra. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras – vol. 41/nº 29. Gráfica RN/Econômico, dezembro de 1999;

34. Tenente Ulisses Caldas. Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras – vol. 42/nº 33. Natal, 2002;

35. Discurso de Posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras (Cadeira nº 24). Revista da ANL – vol. 42/nº 33. Natal, 2002.

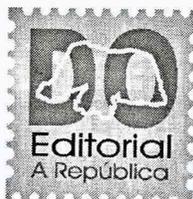
Esta obra está consagrada pela adoção de seus livros de História nos nossos estabelecimentos de ensino e por uma referência constante pelos professores e estudiosos; pelo ato do Tribunal Regional Eleitoral em designar “Professor Tarcísio Medeiros” o Centro de Memória da Justiça Eleitoral do Rio Grande do Norte, criado e mantido pelo referido colegiado eleitoral, ao qual tanto serviu. Por fim, pela sua admissão nesta Academia de Letras.

Esses são os fatos e as obras de um homem que serviu à sua terra como poucos o conseguiram numa atividade plural e que, por seus méritos, principalmente os intelectuais, escrevendo tantos livros e ensaios, ficará

como exemplo, de maneira a exaltar tudo aquilo que o homem realiza com esforço pessoal, vale dizer, com o suor do seu rosto, com paciência, com inteligência e, sobretudo, com amor.

Sua família nunca o esquecerá nem o deixará de amar; seus amigos, seus ex-alunos, seus leitores haverão de sempre admirar sua personalidade marcante, e esta Academia, representante legítima da intelectualidade do Rio Grande do Norte, haverá de louvá-lo para sempre, perpetuando a sua memória, proclamando a sua imortalidade na lembrança dos homens e mulheres de hoje e do futuro.

(Academia Norte-rio-grandense de Letras.
Em Natal, no dia 11 de novembro de 2003).



*Editoração Eletrônica, Fotolito Digital, Impressão
e Acabamento Gráfico:*

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Av. Câmara Cascudo, 355 - Fone: (84) 3232-6791 - Ribeira - Natal - RN





Rio Grande do Norte

Estado do Rio Grande do Norte
Wilma Maria de Faria
Governadora

Assessoria de Comunicação Social
Rubens Manuel Lemos Filho
Secretário Especial



D.E.I.

Departamento Estadual de Imprensa - DEI
Miranda Sá
Diretor Geral em exercício



Impressão e Acabamento Gráfico:

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA - DEI

Av. Câmara Cascudo, 355 - Fone: (84) 3232-6791

Ribeira - Natal - RN

Editoração Eletrônica: Edenildo Simões

Capa: Edenildo Simões

A N R L



Academia Norte-Rio-Grandense de Letras
Diógenes da Cunha Lima
Presidente

ISSN 0567-5995



9 770567 599002